



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

EDINEIA APARECIDA ISIDORO

**MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA TUPARÍ (FAMÍLIA TUPARÍ, TRONCO TUPÍ):
FLEXÃO RELACIONAL E CASUAL E O SISTEMA DE DÊITICOS
DEMONSTRATIVOS**

**Brasília, DF
2020**

EDINEIA APARECIDA ISIDORO

**MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA TUPARÍ (FAMÍLIA TUPARÍ, TRONCO TUPÍ):
FLEXÃO RELACIONAL E CASUAL E O SISTEMA DE DÊITICOS
DEMONSTRATIVOS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suely Arruda Câmara Cabral.

**Brasília, DF
2020**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

II81m ISIDORO, EDINEIA APARECIDA
MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA TUPARÍ (FAMÍLIA TUPARÍ, TRONCO TUPÍ):
FLEXÃO RELACIONAL E CASUAL E O SISTEMA DE DÊITICOS DEMONSTRATIVOS
/ EDINEIA APARECIDA ISIDORO; orientador ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA
CABRAL. -- Brasília, 2020.
360 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Língua Tuparí. 2. Morfologia e Morfossintaxe. 3. Dêiticos
Pronominais e Locativo. 4. Prefixos Relacionais.
5. Documentação e Descrição Linguística. I. CABRAL, ANA SUELLY
ARRUDA CÂMARA, orient. II. Título.

EDINEIA APARECIDA ISIDORO

**MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA TUPARÍ (FAMÍLIA TUPARÍ, TRONCO
TUPÍ): FLEXÃO RELACIONAL E CASUAL E O SISTEMA DE DÊITICOS
DEMONSTRATIVOS**

Esta tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutora em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília.

Brasília, DF, 10 de março de 2020.


Profa. Dra. Ana Suely Arruda Câmara Cabral, orientadora (presidente)
Universidade de Brasília


Prof. Dr. Quesler Fagundes Camargos (membro externo)
Universidade Federal de Rondônia


Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (membro interno)
Universidade de Brasília


Profa. Dra. Marci Fileti Martins (membro externo)
Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva (suplente)
Universidade Federal de Goiás

**Brasília, DF
2020**

*Aos Povos Indígenas de Rondônia aos quais
devo muito o Ser que sou hoje.*

Ao povo Tuparí pela amizade e confiança.

*Aos meus pais Wilson José Isidoro e Maria de
Lourdes Isidoro, pelo amor incondicional.*

Ao meu filho com amor!

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata!

À minha família pai, mãe, irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, avós (*in memoriam*) obrigada por tudo e por sempre me mostrarem o melhor de mim. Ao meu filho Pedro Henrique Isidoro dos Santos, obrigada pela paciência. Você é, e será sempre, meu pequeno grande amor.

Ao povo Tuparí e a todos os outros povos da Terra Indígena Rio Branco pelo carinhoso acolhimento em suas Casas.

A todos os professores da Terra Indígena Rio Branco: Raul Pat 'Awre Tuparí, Arlene Tuparí, Diego Tuparí, Edilson Tuparí, Carlos Tuparí, Maurício Tuparí, Juarí Tuparí, Morais Tuparí, Giovane Tuparí, Gilberto Tuparí, Nilson Tuparí. Armelinda Tuparí, Luis Tuparí. Aos professores: Alessandra Makurap, Valmir Makuráp, Valdemir Makuráp, José Porité Arikapú, Edimar Aruá, Messias Kampé, pelas valiosas trocas. Em especial aos professores Isaías Tarimã Tuparí e Raul Pat'Awre Tuparí pela confiança e por terem apostado na formação dos professores para garantir a qualidade do ensino da língua Tuparí nas escolas das aldeias, o que nos mobilizou a este estudo.

À Eva Tuparí e Cleuza Kampé pelo apoio na organização das oficinas nas aldeias e por terem nos acolhido com tanto carinho em suas casas. Aos seus filhos pela forma educada e prestativa com a qual nos acolheram.

Ao Sérgio Tuparí por sua importante contribuição e por seu interesse nos estudos do Tuparí.

À Edineia Tamaraiaká Tuparí, Cleide Orok Tuparí, Ranyeri Pesaría Tuparí, Edinele Tuparí por suas contribuições como mulheres falantes da língua Tuparí.

À Pedro e Eliete Tuparí, Joaquim Manhuhó e Luciene Tuparí, Julio Tuparí e Luiza Inez Macurap, Cesar Koai'bi Tuparí e Derenice Tamãrãika Tuparí, Gerson e Perla Tuparí e a todos da aldeia Colorado gratidão pelo apoio e amizade.

Ao Sr. José Mirin e Catarina Tuparí, Pedro Maniguali Tuparí e Eliana Tuparí, Juari e Marinalva Tuparí e à senhora Marilza Marisabá Tuparí, e a todos da aldeia Serrinha muito obrigada!!!

A todos os Tuparí de antes e de hoje, minha sincera gratidão!!!

À professora Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral por sua orientação cuidadosa, pelos ensinamentos, pela acolhida, pela amizade, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos comigo e pelo seu amor e respeito para com os indígenas. Grata também pelo seu empenho na formação dos indígenas.

Ao Jorge Domingues Lopes e à Poliana Maria Alves por suas contribuições na nossa banca de qualificação.

Aos professores Quesler Camargos Fagundes, Marci Fileti Martins e Rosana Reigota Naves, Maria do Socorro Pimentel da Silva pela generosidade em participar da banca de doutorado e pelas ricas contribuições a este trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de Rondônia por ter-nos concedido afastamento para me dedicar exclusivamente a essa formação e à PROPESQ pelo apoio e estímulo a nossa pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Rondônia (FAPERRO), pelas bolsas de estudo concedidas – CAPES/FAPERRO de 03/2017 a 06/2018 e CAPES/Pró-doutoral de 07/2018 a 12/2019 – que foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília e a todos os professores que contribuíam para a minha formação, agradeço pelo apoio.

Ao Departamento de Educação Intercultural (DEINTER) e ao Conselho de Campus que aprovou nosso afastamento para cursar a pós-graduação e por mais que tenha sido complicado e injusto esse processo, passou, e se eu estou nesse lugar de agradecimento foi porque venci essa etapa, então só gratidão.

Gratidão aos meus colegas de departamento pela dedicação ao curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural o que me trouxe bastante tranquilidade com relação a formação dos nossos alunos: Quesler Fagundes Camargos, Fabio Pereira Couto, Cristóvão Teixeira Abrantes, Luciana Castro de Paula, Josélia Gomes Neves, Vanúbia Sampaio dos Santos, Maria Lucia Cereda Gomide, Carma Maria Martini, Genivaldo Fróis Scaramuzza, Kécio Gonçalves Leite e a todos os professores que contribuíram com o Departamento após meu afastamento “muito obrigada!!!”

Grata por fazer parte do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI). Ao professor Dr. Aryon Dall’igna Rodrigues (*In memoriam*), grande mestre, pesquisador e estudioso das línguas indígenas, especialmente das línguas Tupí, obrigada por seu legado sem o qual este trabalho não seria o mesmo. Agradeço por dedicar sua vida aos estudos das línguas indígenas;

Aos colegas indígenas e não indígenas, do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas – (LALLI), Ariel Pleula da Costa e Silva, Andérbio Marcio Martins, Suseile Andrade Sousa, Lucas Barbosa de Melo, Sanderson Castro Soares de Oliveira, Gabriel Barros Viana de Oliveira, Eliete de Jesus Baraurá Solano, Maxwell Gomes Miranda, Rodrigo Guimarães Prudente Marquez Cotrim, Jorge Domingues Lopes, Rosileide Barboza, Dani Ramires, Tapi Walapiti, Armando Sopré, Marina Guajajara, Elizeu Waduiipi Xavante e Joaquim Kaxinawá, muito obrigada pela amizade e por compartilharem conhecimentos, sonhos e expectativas; aos colegas ex-alunos de Rondônia Iram Kav Sona Gavião, Tiago Iteor Suruí, Uraan Anderson Suruí pela alegria de ter compartilhado com vocês momentos de formação. Para mim vocês representam uma grande vitória como professora. A todos os Lalliandos, Gratidão!!!

Ao Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia – GPEA por proporcionar este espaço de pesquisa crítica, pelo apoio, pela torcida.

À Rosângela das Dores Reis, Carlos Tavares Passos, Maria Alice Krugel, Neusa Pessoas Rodrigues e Leila Barreiros (*In memoriam*) que partiram precocemente de nossas vidas deixando vazio seus lugares. Saudades e gratidão por tudo que deixaram para educação de Rondônia. Obrigada por todo o aprendizado. Gratidão infinita!!!

À Maricelma Almeida Chaves, Luciana Castro de Paula, Andreia Maria Pereira, Josélia Gomes Neves, Silas Ferreira Marques gratidão pela amizade sincera, que me fez companhia e aqueceu meu coração.

À Ruth Maria Fonini Monserrat, Betty Mindlin, Domingos Barros Nobre, Maria do Socorro Pimentel da Silva, Josélia Gomes Neves e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, vocês foram fundamentais nessa caminhada de formação, cada um de uma forma específica contribuiu muito para que eu pudesse chegar até o doutorado.

À Betty Mindlin, mais uma vez, pela amizade e generosidade em compartilhar o fruto de seus trabalhos com os Tuparí, comigo e com minha orientadora.

Sou grata à Brasília e às pessoas que nos acolheram diminuindo nossa solidão de “estrangeiro”. O apoio de todos deixou minha passagem em Brasília com jeito de “casa”, de “família”.

Ao Sharam Afrahi pela companhia, apoio e estímulo, ao Everton pelas longas conversas, ao Paulo Henrique (PH), à Taninha, à Célia (e família), à Selma e Zezé, à Claudia e à Cecília por deixarem nossos dias mais leves, à Maria do Carmo, Lene, Ioko por cuidarem de mim. À Pantoja por trazer Rondônia perto de nós por várias vezes.

À Família Gonçalves: Luis, Alessandra, Andreia e Adriana agradeço pelo acolhimento e pela força que me deram ao chegar à Brasília.

À Família Martins: Socorro, Karina, André, Lorena e a pequena Catarina obrigada pelo carinho e por fazerem me sentir parte da família.

Em Alta Floresta sou grata ao Sr. Rosinaldo Lucena de Lima da SESAI que sempre nos atendeu com muita simpatia, obrigada.

À Valéria Inácio Martins e ao seu esposo Roberto pelo apoio logístico e pelo carinho com o qual sempre nos acolheu em sua casa.

Enfim, agradeço a todas as forças superiores que me guiaram até aqui. Sou grata pela minha vida e por todos que dela faz parte.

As línguas naturais são não apenas instrumentos de comunicação social, mas também os meios de que dispõem os seres humanos para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo. (RODRIGUES, 1992, p. 3)

RESUMO

Esta tese consiste em uma descrição de aspectos da morfologia e morfossintaxe da língua Tuparí, com foco especial na flexão relacional e casual e no sistema de demonstrativos pronominais e locativos. A língua Tuparí foi classificada como pertencente à família linguística Tuparí por Rodrigues (1984, 1985, 1986, 1993, 1996). Esta tese foi desenvolvida em uma perspectiva tipológica e funcional, destacando padrões gramaticais que caracterizam a língua Tuparí e que se associam a funções discursivas específicas. A análise e descrição dos dados foram orientadas por estudos reconhecidos como guias valiosos na descrição básica de línguas, dentre os quais os de autoria de Berlin e Kaufman (1985), Dixon (1979, 1994, 2010a, 2010b), Payne (2007), Vogel e Comrie (2000) e Shopen (2007a, 2007b, 2007c). Lyons (1977, 1979) e Diessel (1999) foram de fundamental importância para a descrição dos dêiticos demonstrativos, e a literatura sobre línguas Tupí foi muito importante para o nosso estudo como um todo, principalmente Rodrigues e Caspar (2017) e Rodrigues (1953, 1964, 2000, 2001a, 2001b). Estudos sobre línguas da família Tuparí, como os de Alves (1991, 2004), Braga (1992, 2005), Galúcio (1996, 2001), Aragón (2014) e Singerman (2018a) foram todos muito instigantes, assim como estudos sobre outras línguas Tupí, como os de autoria de Solano (2009) e Silva (2001, 2010), e também estudos linguísticos de outros agrupamentos genéticos, tais como os desenvolvidos por Miranda (2014) e Costa (2015) para línguas da família Jê, tronco Macro-Jê. Os Estudos histórico-comparativos sobre línguas Tupí foram fundamentais para a nossa análise de padrões Tuparí, sobretudo de Rodrigues e Cabral (2005, 2012), Rodrigues, Cabral e Silva (2007), Rodrigues (2002) e Cabral (2001). A presente tese foi pensada como uma contribuição ao conhecimento linguístico da língua Tuparí, mas principalmente como material de apoio para os professores Tuparí, cada vez mais conscientes da necessidade de aprenderem os métodos de análise linguística para o seu protagonismo na documentação e fortalecimento de sua língua nativa.

Palavras-chave: Língua Tuparí. Morfologia e Morfossintaxe. Dêiticos Pronominais e Locativos. Prefixos Relacionais. Documentação e Descrição Linguística.

ABSTRACT

This thesis describes morphological and morphosyntactic aspects of Tuparí, with a special focus on relational and case inflection and on the system of pronominal and locative demonstratives. Tuparí was classified by Rodrigues (1984, 1985, 1986, 1993, 1996) as belonging to the Tuparí linguistic family. This dissertation was developed within a typological and functional perspective, highlighting grammatical patterns that characterize Tuparí and relate to specific discursive functions. The analysis and description of data followed well-known studies, recognized as valuable sources for the basic description of languages, as Berlin and Kaufman (1985), Dixon (1979, 1994, 2010a, 2010b), Payne (2007), Vogel e Comrie (2000) e Shopen (2007a, 2007b, 2007c). Lyons (1977, 1979) and Diessel (1999) were of fundamental importance for the description of deictics, and the literature on Tupí languages was very important for our study as a whole, particularly Rodrigues and Caspar (2017) and Rodrigues (1953, 1964, 2000, 2001a, 2001b). Studies on languages of the Tuparí family, such as Alves (1991, 2004), Braga (1992, 2005), Galúcio (1996, 2001), Aragón 2014 and Singerman (2018a) were all very useful, as well as studies on other Tupí languages, such as Solano (2009) e Silva (2001, 2010) and studies on languages of other genetic groups, as Miranda (2014) and Costa (2015) for languages of the Jê family, Macro-Jê. Historical-comparative studies on Tupí languages were vital to our analysis of Tuparí patterns, especially Rodrigues and Cabral (2005, 2012), Rodrigues, Cabral and Silva (2007), Rodrigues (2002) and Cabral (2001). The present thesis was conceived of as a contribution to the linguistic knowledge of the Tuparí language, but mostly as supporting material for Tuparí teachers, who are increasingly aware of the need to learn the methods of linguistic analysis for documenting and strengthening their native language.

Keywords: Tuparí Language. Morphology and Morphosyntax. Pronominal and locative Deitics. Relational prefixes. Language Documentation and description.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DO MUNDO TAL QUAL IMAGINADO PELOS TUPARÍ.....	34
FIGURA 2 – TERRITÓRIO TUPARÍ E SEUS VIZINHOS	35
FIGURA 3 – TSANYA PERFURANDO OS LÁBIOS DO SEU FILHO.....	36
FIGURA 4 – DEBULHANDO MILHO	36
FIGURA 5 – FEITICEIRO, LÍDER WAITÓ EXPULSA UM ESPÍRITO MAU DA CASA COMUNAL	37
FIGURA 6 – OS XAMÃS SOPRAM PÓ NARCÓTICO NAS NARINAS DOS PARTICIPANTES DO RITUAL	37
FIGURA 7 – MAPA DE RONDÔNIA, LOCALIZAÇÃO DAS T.I. RIO BRANCO E RIO GUAPORÉ.....	40
FIGURA 8– MAPA DAS ALDEIAS DA TERRA INDÍGENA RIO BRANCO	47
FIGURA 9 – MAPA DAS ALDEIAS DA T.I. RIO BRANCO ONDE ESTÃO LOCALIZADAS AS ESCOLAS INDÍGENAS	50

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO POR ETNIA DA T.I. RIO BRANCO.....	43
GRÁFICO 2 POPULAÇÃO TUPARÍ POR ALDEIA NA T. I. RIO BRANCO.....	45

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – POPULAÇÃO TUPARÍ T.I. RIO BRANCO (1934-2019).....	39
QUADRO 2 – POPULAÇÃO TUPARÍ DA REGIÃO DE GUAJARÁ-MIRIM, POR IDADE E SEXO.....	41
QUADRO 3 – ASSOCIAÇÕES DA TERRA INDÍGENA RIO BRANCO (2019).....	48
QUADRO 4 – ESCOLAS E PROFESSORES DAS T. I. RIO BRANCO NO ANO DE 2019	51
QUADRO 5 – DEMONSTRATIVO DE ENTRADAS DAS CLASSES GRAMATICAIIS NO DICIONÁRIO DE ALVES (2004)	57
QUADRO 6 – PARADIGMA DE PRONOMES PESSOAIS	60
QUADRO 7 – CRITÉRIOS PARA DISTINÇÃO DE CLASSES DE RAÍZES	67
QUADRO 8– PREFIXOS RELACIONAIS	68
QUADRO 9 – PARADIGMA DE FLEXÃO PESSOAL.....	68
QUADRO 10 – EXEMPLOS DE CLASSIFICADOR <i>AH</i> EM SURUÍ PAITÉR	75
QUADRO 11 – FLEXÃO DO MORFEMA -ET.....	81
QUADRO 12 – PRONOMES DA SÉRIE 1	132
QUADRO 13 – PRONOMES SÉRIE 2	134
QUADRO 14 – DEMONSTRATIVOS DÊITICOS DO TUPARÍ.....	136
QUADRO 15 – DEMONSTRATIVOS LOCATIVOS.....	137
QUADRO 16 – DISTRIBUIÇÃO DOS ALOMORFES DOS PREFIXOS RELACIONAIS EM TUPINAMBÁ	153
QUADRO 17 – PREFIXOS RELACIONAIS.....	154
QUADRO 18 – CLASSES NOMINAIS, ADAPTADO DE ALVES (2004, P 64)	155
QUADRO 19 – NOUNS WHICH REQUIRE INTRUSIVE H TAKE THE THIRD PERSON PROCLITIC I-, NOT S-	169
QUADRO 20 – PARADIGMA DE FLEXÃO PESSOAL.....	172
QUADRO 21 – PREDICADOS NÃO VERBAIS (PAYNE, 2007).....	200
QUADRO 22 – PREDICATE TYPES ACCORDING TO THE LIKEHOOD OF LACKING A SEMANTICALLY RICH LEXICAL VERB.....	200
QUADRO 23 – TIPOS DE PREDICADOS NOMINAIS	201
QUADRO 24 – TIPOS DE PREDICADOS ADJETIVAIS (ORAÇÕES ATRIBUTIVAS)	201
QUADRO 25 – TIPOS DE PREDICADOS, ADAPTADO DE DRYER (2007)	202

QUADRO 26 – PREDICADOS NÃO VERBAIS DO TUPINAMBÁ.....	203
QUADRO 27 – TIPOS DE PREDICADOS NÃO VERBAIS EM TUPARÍ.....	204
QUADRO 28 – DEMONSTRATIVOS DO TUPARÍ (RODRIGUES E CASPAR, 2017)	219
QUADRO 29 – DEMONSTRATIVOS DO TUPARÍ (ALVES, 2004).....	221
QUADRO 30 – DEMONSTRATIVOS DÊITICOS PRONOMINAIS DA LÍNGUA TUPARÍ.....	225
QUADRO 31 – DEMONSTRATIVOS LOCATIVOS DA LÍNGUA TUPARÍ.....	276

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
D.O.U	Diário Oficial da União
FAPERO	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Rondônia
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IAMÁ	Instituto de Antropologia e Meio Ambiente
JOCUM	Jovens com uma Missão
LALLI	Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
LIP	Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
PPGL	Programa de Pós Graduação em Linguística
UNB	Universidade de Brasília
PCHs	Pequena Central Hidrelétrica
PIBEX	Programa Institucional de Bolsa de Extensão
PIRB	Posto Indígena Rio Branco
PROEXT	Programa de Extensão Universitária
RO	Rondônia
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação
T.I	Terra Indígena
TIRB	Terra Indígena Rio Branco
TIRF	Terra Indígena Ricardo Franco

ABREVIATURAS DOS TERMOS LINGUÍSTICOS

1	primeira pessoa do singular
2	segunda pessoa do singular
3CORR	terceira pessoa do singular correferencial
1EXCL	primeira pessoa do plural exclusiva
1INCL	primeira pessoa do plural inclusiva
2PL	segunda pessoa do plural
ABL	ablativo
ACUS	acusativo
ANIM	animado
ARG	argumentativo
ASSOC	associativo
AUX	auxiliar
AUX.PL	auxiliar flexionado para o plural
AUX.INT	auxiliar intencional
AUX.SG	auxiliar singular
CAUS	causativo
CLASS.CIRC	classificador circunscrito
COL	coletivizador
CONT	continuativo
CONF	confirmação
CONTR.EXP	contra expectativa
DAT	dativo
DET	determinativo
DEIT/SENT	deitado/sentado
DES	desiderativo
DIST	distal
DUB	dubitativo
EM.PÉ	em pé
ENF	enfático
EST	estativo
EXIST	existencial

FH	fala de homem
FM	fala de mulher
FOC	foco
IDEOF	ideofone
IDEOF.ADM	ideofone de admiração
IDEOF.QUANT	ideofone de quantidade
IDEOF.SURP	ideofone de surpresa
IMI	iminentes
INAN	inanimado
INES	inessivo
INST.AL	instrumental alativo
INST	instrumentivo
ITER	iterativo
INV	invisível
LOC	locativo
LUS	lusivo
N.AT.PL	não atestado flexionado no plural
N.AT	não atestado
NEG	negação
NNA	nominalizador de nome de ação
NNP	nomilizador de nome de paciente
NNC	nominalizador de nome de circunstância
NAG	nominalizador de nome de agente
NNO	nominalizador de nome de objeto
NOM	nominalizador
PASS.DIST	passado distante
PAUC	paucal
PERT	pertence
PROJ	projetivo
PL	plural
PERF.IM	perfectivo imediato
POSS	posse
PRIV	privativo
PROX	proximal

R ¹	relacional de contiguidade
R ²	relacional de não contiguidade
REC	recíproco
RSLT	resultativo
RSLT.DEIT/SENT	resultativo deitado/sentado
RSLT.PL	resultativo plural
SENT.SING	sentado singular
SENT/DEIT	sentado/deitado
SING	singular
SUSP	suspenso
SG	singular
SUCS	sucessivo
ST	sufixo temático
T.IM	tempo imemorial
TRANS	translativo
VIS	visível
VRBL	verbalizador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	26
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	26
1.1 OBJETIVOS DA TESE	26
1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	27
1.3 METODOLOGIA.....	27
1.3.1 Percurso metodológico	27
1.3.2 Procedimentos metodológicos	28
1.4 A ESCRITA FONOLÓGICA ADOTADA.....	29
1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE	31
2. OS TUPARÍ	33
2.1 OS TUPARÍ, HISTÓRIA DE ANTIGAMENTE.....	33
2.2 OS TUPARÍ NA ATUALIDADE.....	38
2.2.1 A população	38
2.2.2 As aldeias da Terra Indígena Rio Branco	45
2.2.3 Atividades econômicas	46
2.2.4 A educação escolar na Terra Indígena Rio Branco	49
2.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	53
3. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE A LÍNGUA TUPARÍ	54
3.1 AS CONTRIBUIÇÕES DE POLIANA MARIA ALVES	54
3.2 AS INVESTIGAÇÕES DE LUCY SEKI	58
3.3 DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA COM OS TUPARÍ POR BETTY MINDLIN.....	62
3.4 OS ESTUDOS DE ADAM ROTH SINGERMAN.....	63
3.5 OUTROS TRABALHOS	65
3.6 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	65
4. CLASSE DE PALAVRAS	67
4.1 NOMES E VERBOS: MORFOLOGIA FLEXIONAL EXOCÊNTRICA	67
4.1.1 Prefixos Relacionais	68
4.1.2 Flexão pessoal	68
4.2 NOMES	69
4.2.1 Nomes atributos	69

4.2.2 Nomes e sua morfologia derivacional endocêntrica	71
4.2.2.1 -siro / -psiro ~ -msiro ‘conteúdo’	71
4.2.2.2 -’a ‘classificador de coisas percebidas como circunscritas, redondas, delimitadas’	73
4.2.2.3 -ato ‘aumentativo/intensivo’	75
4.2.2.4 -sin ‘diminutivo/atenuativo’	75
4.2.2.5 =iri ‘diminutivo’	76
4.2.2.6 Verbalizadores	76
4.2.2.6.1 O verbalizador -ka.....	76
4.2.2.6.2 O verbalizador -ne.....	79
4.2.3 Nomes – Morfologia flexional endocêntrica.....	80
4.2.3.1 Flexão casual	80
4.2.3.1.1 O caso determinativo.....	80
4.2.3.1.2 O caso Ablativo	84
4.2.3.1.3 O caso inessivo.....	87
4.2.3.1.4 O caso instrumental-alativo	88
4.3 VERBOS	89
4.3.1 Verbos intransitivos.....	89
4.3.2 Verbos intransitivos bivalentes (intransitivos estendido)	92
4.3.3 Verbos auxiliares	93
4.3.3.1 O auxiliar <i>ke e ko</i>	94
4.3.3.2 O auxiliar <i>e-</i>	95
4.3.3.3 O auxiliar <i>tet=e-</i> (<i>-tet?e</i>).....	97
4.3.3.4 O auxiliar -tero’ e ‘viver/existir/ser’	99
4.3.3.5 Os auxiliares posicionais <i>-yẽ /-a</i>	100
4.3.3.6 A expressão da modalidade projetiva.....	103
4.3.3.7 O auxiliar <i>-eka/-aka</i>	104
4.3.3.8 O auxiliar centrípeto <i>ia/a/e</i>	105
4.3.4 Verbos transitivos.....	106
4.3.5 Verbos e sua morfologia flexional endocêntrica	108
4.3.5.1 Verbos temático -a ∞ -Ø.....	108
4.3.5.2 Modalidade Epistêmica	109
4.3.5.2.1 O enclítico <i>-ne ~ -pne- / -psira~msira</i>	109
4.3.6 Verbos e sua Morfologia Derivacional Endocentrica.....	112
4.3.6.1 Nominalizadores.....	112

4.3.6.1.1 O nominalizador -o ~ -ro ~ -to	112
4.3.6.1.2 O nominalizador de nome de objeto i-	115
4.3.6.1.3 O sufixo -ap ‘nominalizador de nome de circunstância’	116
4.3.6.1.4 Nominalizador de nome de agente	117
4.3.6.1.5 Nominalizador de nome de paciente -msit ~ -psit	117
4.3.6.2 Causativos.....	118
4.3.6.2.1 Causativo.....	118
4.3.6.2.2 Causativo-comitativo.....	119
4.3.7 Clíticos Marcadores de Aspecto – morfologia endocêntrica	119
4.3.7.1 O enclítico -t	119
4.3.7.2 O enclítico resultativo -msã,-sã/-nã/-psira/-msira	121
4.4 UMA NOTA SOBRE AROP ‘PERTENCE’ E AROP ‘COMIDA’	126
4.5 PALAVRAS INTERROGATIVAS	127
4.6 PRONOMES	131
4.6.1 Pronomes da Série 1	132
4.6.2 Pronomes da Série 2	134
4.7 DEMONSTRATIVOS	135
4.8 POSPOSIÇÕES	137
4.8.1 tere – ‘em cima, sobre’, sem movimento:.....	137
4.8.2 osire –‘embaixo, sob’	138
4.8.3 warere – ‘atrás’	140
4.8.4 yam/sam – ‘dativo’.....	140
4.9 NUMERAIS	144
4.10 PARTÍCULAS	145
4.11 IDEOFONES	146
4.12 INTERJEIÇÃO.....	148
4.13 REDUPLICAÇÃO	148
4.14 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	151
5. MORFOSSINTAXE (SINTAXE)	152
5.1 FLEXÃO RELACIONAL.....	152
5.1.1 Flexão relacional na língua Tuparí	154
5.1.1.1 Paradigma Nominal	154
5.1.1.2 Mais sobre os prefixos relacionais do Tuparí.....	155

5.1.2 Outra interpretação dada aos prefixos relacionais do Tuparí	167
5.2 PREFIXOS PESSOAIS	172
5.2.1 Prefixo pessoal em verbo intransitivo	174
5.2.2 Prefixos pessoais em verbo transitivo	174
5.3 SINTAGMAS NOMINAIS	176
5.4 SINTAGMAS VERBAIS	179
5.5 APONTAMENTOS SOBRE PREDICADOS VERBAIS	180
5.5.1 Orações com predicados intransitivos	180
5.5.2 Orações com verbos transitivos	181
5.5.2.1 Outras ordens	182
5.6 EXPRESSÃO DE MODO EM TUPARÍ	183
5.6.1 Modo Indicativo	183
5.6.1.1 Modo indicativo I	183
5.6.1.2 Modo indicativo II	184
5.6.2 Modo Imperativo	189
5.6.3 Modo Subjuntivo	190
5.7 NEGAÇÃO EM TUPARÍ	191
5.8 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	198
6. PREDICADOS NÃO VERBAIS EM TUPARÍ	199
6.2 PREDICADOS NÃO VERBAIS SEGUNDO PAYNE (2007)	199
6.3 PREDICADOS NOMINAIS SEGUNDO DRYER (2007).....	202
6.4 PREDICADOS NOMINAIS EM TUPINAMBÁ, SEGUNDO RODRIGUES (2001)...	203
6.5 OS PREDICADOS NÃO VERBAIS DO TUPARÍ	204
6.5.1 Predicados nominais em Tuparí	205
6.5.1.1 Predicados com interpretação semanticamente inclusiva.....	205
6.5.1.2 Predicados nominais com interpretação semanticamente equativa:.....	207
6.5.1.3 Predicados com interpretação semanticamente atributiva:.....	208
6.5.1.4 A ordem dos constituintes em predicados nominais	212
6.5.2 Predicados locativos	213
6.5.3 Predicados possessivos	215
6.5.4 Predicados existenciais	216
6.6 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	216
7 – DÊITICOS DEMONSTRATIVOS EM TUPARÍ	218

7.1 DEMONSTRATIVOS EM TUPARÍ: UMA RETROSPECTIVA	218
7.1.1 Rodrigues e Caspar (2017).....	218
7.1.2 Alves (2004)	221
7.1.3 Seki (2002)	221
7.1.4 Adam (2018)	222
7.1.5. Resumindo o que diz a Literatura Linguística sobre os demonstrativos em Tuparí	222
7.2 UMA NOVA ANÁLISE DOS DÊITICOS DEMONSTRATIVOS DO TUPARÍ.....	223
7.2.1 Os traços semânticos dos demonstrativos Tuparí	225
7.2.2 O demonstrativo <i>ek-</i>	226
7.2.3 O demonstrativo <i>he-</i>	230
7.2.4 O demonstrativo <i>eka-</i>	237
7.2.5 O demonstrativo <i>heʔe-</i>	238
7.2.6 O demonstrativo <i>hoʔo-</i>	240
7.2.7 O demonstrativo <i>ho'o-rõ-</i>	252
7.2.8 O demonstrativo <i>he-</i>	255
7.2.9 O demonstrativo <i>ho'op-</i>	255
7.2.10 O demonstrativo <i>ho'o-rõ-ear</i>	258
7.2.11 O demonstrativo <i>heme-</i>	261
7.2.12 O demonstrativo <i>he-ear</i>	264
7.2.13 O demonstrativo <i>hà-</i>	265
7.2.14 O demonstrativo <i>há-rõ-</i>	274
7.3 DEMONSTRATIVOS LOCATIVOS.....	276
7.4 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	280
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	282
REFERÊNCIAS	283
APÊNDICES	294
APÊNDICE 1 – SÍNTESE DA FONOLOGIA TUPARÍ.....	294
APÊNDICE 2 – “KIRE'EAT ÀPSIMA'AM” (CONTANDO A HISTÓRIA DO INÍCIO (SEMENTE) DA HUMANIDADE)	315
APÊNDICE 3 – CRONOLOGIA DOS FATOS RELEVANTES DA HISTÓRIA DOS TUPARÍ ATÉ A DÉCADA DE 1990	349
APÊNDICE 4 – OS TUPARÍ E O ESTUDO DE SUA LÍNGUA	357

INTRODUÇÃO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese foi desenvolvida em uma perspectiva tipológica e funcional, destacando padrões gramaticais que caracterizam a língua Tuparí e que se associam a funções discursivas específicas. Foi pensada, como uma contribuição ao conhecimento linguístico da língua Tuparí, principalmente como material de apoio para os professores Tuparí, cada vez mais conscientes da necessidade de aprenderem os métodos de análise linguística para o seu protagonismo na documentação e fortalecimento de sua língua nativa.

A análise e descrição dos dados foram realizadas à luz de estudos reconhecidos como guias valiosos na descrição básica de línguas e na compreensão das mudanças históricas ocorridas no âmbito das famílias linguísticas do tronco Tupí.

1.1 OBJETIVOS DA TESE

O objetivo principal desta tese foi a realização de uma descrição da morfologia e da morfossintaxe da língua Tuparí, com foco especial na flexão relacional e casual e no seu Sistema de Dêiticos Demonstrativos, visando contribuir com o conhecimento linguístico da língua Tuparí, principalmente pelos Tuparí, ao mesmo tempo em que os dados que fundamentam a discussão dos temas centrais da tese contribuem para os estudos histórico-comparativos da família Tuparí e do tronco Tupí.

Dos objetivos específicos, destacamos:

- demonstrar a funcionalidade da flexão relacional na língua Tuparí;
- ampliar a descrição de predicados não verbais e dos sintagmas posposicionais da língua, não contemplados plenamente em estudos anteriores;
- ampliar a descrição das classes de palavras da língua Tuparí;
- apresentar uma primeira descrição do sistema Dêitico Demonstrativo da língua;
- ampliar a documentação de dados linguísticos da língua Tuparí.

1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a análise e orientação dos dados usados neste estudo, servimo-nos de estudos valiosos para a descrição básica de línguas, dentre os quais Berlin e Kaufman (1985), Dixon (1979, 1994, 2010a, 2010b), Payne (2007), Vogel e Comrie (2000), Campbell (1997), e nos inspiradores estudos que compõem os volumes de *Language typology and syntactic description*, organizados por Shopen (2007). Lyons (1977,1979) e Diessel (1999) foram de fundamental importância para a descrição dos dêiticos demonstrativos. A literatura sobre línguas Tupí foram essenciais, por este estudo tratar de uma língua desse tronco, principalmente Rodrigues e Caspar (2017)¹ e Rodrigues (1953, 1964, 2000, 2001a, 2001b), Solano (1999); foram de forma especial instigantes os estudos específicos sobre as línguas da família Tuparí (ALVES, 2004; BRAGA, 2005; GALÚCIO, 1999; ARAGÓN, 2014; SINGERMAN, 2018a). Contribuíram, ainda, para nossa análise, estudos sobre línguas de outros agrupamentos genéticos como, por exemplo, o de Miranda (2014) e o de Costa (2015). Também os estudos histórico-comparativos sobre línguas Tupí foram fundamentais para a nossa análise de padrões Tuparí (RODRIGUES, CABRAL, 2005, 2012; RODRIGUES, CABRAL e SILVA, 2006; CABRAL, 2001).

1.3 METODOLOGIA

1.3.1 Percurso metodológico

A proposta inicial desse estudo era realizar uma pesquisa dialetológica nas Terras Indígenas Rio Branco e Rio Guaporé. A opção de trabalhar com as duas Terras Indígenas tinha como motivação relações históricas, linguísticas e culturais que existem entre os povos que vivem nelas, e a escolha da abordagem dialetológica fora motivada por nossa participação no projeto “Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil²” do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília (UnB), pois a metodologia utilizada

¹ “Esboço da Gramática da Língua Tuparí”, tradução do texto Original: *Versuch einer Grammatik der Tuparí Sprache*, foi a primeira descrição realizada da língua Tuparí no ano de 1957, por Aryon Dall’Igna Rodrigues a partir dos dados coletados por Fraz Caspar junto ao povo Tuparí nos anos de 1948 e 1955. Manuscrito em Alemão foi traduzido no ano de 2017 por: Enrique Huelva Unterbäumen; Laura Wägerle, Ariel Pheula do Couto e Silva; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, e publicado pelo Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas LALLI/UnB. Laboratório criado por Aryon Dall’Igna Rodrigues, um dos legados deixados por esse grande cientista da linguagem.

² Os materiais coletados estão depositados no acervo do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) e compõem o acervo do Projeto Mapas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil.

naquele projeto dialogava com pesquisas dialetológicas. No entanto, à medida que nosso trabalho se desenvolvia, vimos por bem, delimitar a pesquisa à Terra Indígena Rio Branco e, depois disso, entendemos que deveríamos mudar o foco da pesquisa para a ampliação dos estudos descritivos da gramática Tuparí, por ser uma necessidade mais urgente, além disso, contribuiria para a formação linguística dos professores Tuparí e daria subsídios para a produção de material didático para as escolas, tendo os professores Tuparí como parceiros na pesquisa e estudo de sua língua.

Essa mudança de foco da pesquisa se justificava também porque desde 2011 desenvolvemos, a convite dos professores Isaias Tuparí e Raul Pat'Awre Tupari, atividades sistemáticas de formação para os professores dessa T. I., abordando os estudos da gramática da língua Tuparí e seu ensino na escola. Nesse sentido, um dos desafios do estudo seria o de continuar a responder às expectativas do povo Tuparí, alcançando resultados que retornassem às comunidades.

Os trabalhos de campo e as atividades de pesquisa foram desenvolvidos principalmente nas aldeias Nova Esperança, Boa Esperança, Serrinha e Colorado. Essas duas últimas aldeias foram escolhidas pelos professores para sediar as oficinas de estudo da língua Tuparí, por serem mais centrais e melhor estruturadas para receberem um número maior de participantes.

1.3.2 Procedimentos metodológicos

Utilizamos vários procedimentos metodológicos para desenvolver esta pesquisa. O primeiro deles foi observar o uso das línguas (Tuparí e português) nos vários contextos sociais das aldeias. Procuramos fazer uma etnografia das oficinas e das outras atividades que desenvolvemos no espaço da escola e da aldeia – nos estudos de natureza pedagógica, nas aulas, nas reuniões³ com a comunidade, nas festas, nas brincadeiras, nas conversas informais, na coleta de alimentos nas roças, nas oficinas de estudo sobre a língua, nos diálogos de adultos e crianças em suas casas, entre outros.

No ano de 2015 e 2016, realizamos duas oficinas com os professores Raul Pat'Awre Tuparí e Isaias Tarumã Tuparí para a correção final de textos escritos pelos professores e por seus alunos, em oficinas realizadas no período de 2011 a 2013.

³ Participamos de pelo menos três reuniões importantes no decorrer de nossa pesquisa de campo. Duas delas para discutir questões relacionadas às PCHs, uma no município de Alta Floresta, outra na aldeia São Luiz. |Por fim, uma reunião da Saúde na aldeia do Colorado.

Fizemos também uso de entrevistas pré-estruturadas e de eliciações de dados que somam aproximadamente 100 horas de gravação. As entrevistas foram realizadas junto a jovens e adultos, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. Todas as entrevistas, conversas e discussões sobre os dados da língua foram gravadas em áudio, em versão mp3 e wav. Registramos, também, em vídeos, entrevistas e atividades cotidianas e culturais; alguns desses registros foram editados para servirem de material de apoio didático aos professores.

Trabalhamos a transcrição do texto *Kire'eat àpsima'am*, “Contando a História (semente) da Humanidade” (Apêndice 2), em oficina realizada no ano de 2019, o qual havia sido narrado por Marilza Tuparí, gravado pela pesquisadora Betty Mindlin na década de 1990, generosamente disponibilizado para nós. A análise desse texto com professores colaboradores Tuparí foi fundamental para a compreensão de vários fenômenos linguísticos da língua Tuparí⁴.

Um dos espaços que mais contribuíram para a coleta de dados com a participação dos professores foram as quatro oficinas de estudo do Tuparí⁵, com protagonismo dos professores, realizadas para produção de material didático, correção e transcrição de textos, discussão de dúvidas dos participantes à respeito da língua escrita e sua padronização e ensino, assim como sobre temas pontuais da gramática da língua, tais como nomes, verbos, predicados verbais e não verbais e negação. Essas oficinas foram realizadas nos anos de 2015, 2017, 2018 e 2019.

Os dados levantados em todas as atividades foram organizados em acervo que será disponibilizado no Departamento de Educação Intercultural, a fim de servir aos Estudantes do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural⁶, assim como para qualquer membro da comunidade Tuparí. Será, também, disponibilizada uma cópia ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI).

1.4 A ESCRITA FONOLÓGICA ADOTADA

A síntese da fonologia da Língua Tuparí encontra-se no Apêndice 1 da presente tese. Consideramos principalmente o trabalho pioneiro de Caspar e Rodrigues (2017), base

⁴ Esta atividade de transcrição, além de contribuir muito com a análise da língua Tuparí, desdobrou-se em um projeto de pesquisa, em andamento, com objetivo principal de realizar a transcrição do acervo Tuparí da pesquisadora Betty Mindlin, para produção de material de leitura para as escolas Tuparí.

⁵ As oficinas realizadas no período da pesquisa desse doutorado dão continuidade ao ciclo de formação de professores no estudo de sua língua iniciado no ano de 2011. Algumas delas estão descritas no Apêndice 4 desta tese, no texto onde sistematizamos a história da escrita da Língua Tuparí, a partir da experiência dos professores com a sua formação e os estudos de sua língua.

⁶ O curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural foi criado no ano de 2008, na Universidade Federal de Rondônia com objetivo de formar professores e professoras indígenas para atuarem em suas escolas. Desde 2009 já se formaram três professores Tuparí e cinco estão cursando a Licenciatura atualmente.

fundamental para todos os trabalhos subsequentes. Mostra, também, as contribuições de Alves (1991, 2004), assim como a contribuição de Singerman (2016). A síntese elaborada torna-se, a nosso ver, importante para fundamentar a escrita fonológica adotada na presente tese.

Na presente tese, utilizamos uma escrita fonológica, mas usando os seguintes símbolos correspondentes aos fonemas da língua:

Fonemas	=	Grafemas
a	=	a
a:	=	à
ε	=	e
ε:	=	è
ẽ	=	ẽ
i	=	i
i:	=	ì
ĩ	=	ĩ
ϑ	=	u
ϑ:	=	ù
ũ	=	ũ
o	=	o
o:	=	ò
õ	=	õ
p	=	p
t	=	t
k	=	k
m	=	m
n	=	n
ŋ	=	ŋ
ts	=	s
tʃ	=	tʃ
h	=	h
r	=	r
w	=	w
j	=	y

1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese inicia-se com uma introdução que a apresenta como construída em uma perspectiva tipológica e funcional, destacando padrões gramaticais que caracterizam a língua Tuparí e que se associam a funções discursivas específicas. Nessa introdução, incluem-se os objetivos da tese, a fundamentação teórica, o percurso metodológico, uma justificativa da escolha do tema da tese, a apresentamos a escrita fonológica aqui adotada e, por fim, esta subseção que trata da organização da tese.

O Capítulo 2 traz uma breve contextualização sobre os Tuparí: um pouco da sua história passada e presente, sua organização em duas Terras Indígenas, as aldeias em que vivem, suas atividades econômicas e a educação escolar em suas aldeias.

O Capítulo 3 apresenta um panorama dos estudos linguísticos realizados até o presente sobre a língua Tuparí. Não tecemos comentários sobre o trabalho pioneiro de Rodrigues e Caspar neste capítulo por este já estar amplamente mencionado em todos os capítulos desta tese. Também não incluímos os trabalhos aos quais não tivemos acesso. Apresentamos nossas considerações sobre os estudos, focalizando as contribuições dos autores para o conhecimento linguístico da língua Tuparí.

O Capítulo 4 trata das classes de palavras do Tuparí, retomando a descrição pioneira e sólida realizada por Caspar e Rodrigues (2017), lastro fundamental de todos os estudos subsequentes da morfologia da língua Tuparí. Considerou-se a morfologia endocêntrica e exocêntrica das classes flexionáveis, permitindo a visualização da diferença entre essas classes.

O Capítulo 5 descreve alguns aspectos da morfossintaxe e da sintaxe da língua, com ênfase na flexão relacional. A nossa análise desse tópico se afina com as análises de Caspar e Rodrigues (2017) e de Alves (2004), e se difere da análise apresentada por Singerman (2018). Abordamos, também, a flexão pessoal, os sintagmas verbais e nominais. Tratamos, ainda, dos modos indicativo, imperativo e subjuntivo, e demonstramos que há duas variedades do modo indicativo: o indicativo I e o indicativo II. Finalizamos o nosso estudo da morfossintaxe da língua Tuparí descrevendo como a negação é expressa nessa língua.

No Capítulo 6, são descritos os predicados não verbais do Tuparí, um tema até então pouco explorado nos estudos anteriores sobre essa língua⁷.

⁷ Estudos anteriores aos quais nos referimos: Rodrigo e Caspar (1957), traduzido em 2017; Alves (2004); Seki (2002); Singerman (2018).

O Capítulo 7 traz a primeira descrição detalhada dos dêiticos demonstrativos pronominais e locativos do Tuparí, a análise se beneficia da primeira descrição, que foi de autoria de Rodrigues e Caspar (2017). Embora todos os dados do nosso *corpus* tenham sido coletados com a colaboração participativa de professores Tuparí, os exemplos linguísticos utilizados nesse capítulo foram aqueles em que houve maior protagonismo e interesse por parte desses professores.

Cada capítulo que constitui esta tese é seguido por considerações que resumem as ideias desenvolvidas em cada um deles. Ao final apresentamos as considerações finais sobre este estudo, onde colocamos também nossas expectativas e possíveis desdobramentos desse trabalho. Seguem a essas as referências utilizadas.

Por último, apresentamos nesta tese quatro apêndices. O Apêndice 1 é uma síntese da fonologia da língua Tuparí, mostrando a evolução do conhecimento sobre ela, com ênfase na importante contribuição de Caspar e Rodrigues (2017), que mesmo não contando com materiais sonoros para a análise, descreveram a fonêmica e morfofonêmica fundamental, posteriormente ampliada por Alves (2004) e por Singerman (2014, 2018). O Apêndice 2 contém o texto *Kire'eat àpsima'am* “Contando a História do início (semente) da Humanidade” em escrita fonológica, com tradução morfológica interlinear para o português. Este texto foi gravado pela pesquisadora Betty Mindlin na década de 1990, narrado pela Sra. Marilza Tuparí. O Apêndice 3 traz uma síntese dos fatos históricos do povo, interpretados, por nós, como os mais marcantes, constituindo-se assim em uma linha temporal da história dos Tuparí. O Apêndice 4 descreve em forma de cronologia a história de como os Tuparí construíram a sua escrita até os dias atuais.

2. OS TUPARÍ

Nesse capítulo apresentamos um pouco da história dos Tuparí, sua organização na atualidade em aldeias e territórios, algumas de suas atividades econômicas, a educação escolar nas duas Terras Indígenas em que vivem e o protagonismo dos Tuparí no estudo de sua língua.

2.1 OS TUPARÍ, HISTÓRIA DE ANTIGAMENTE

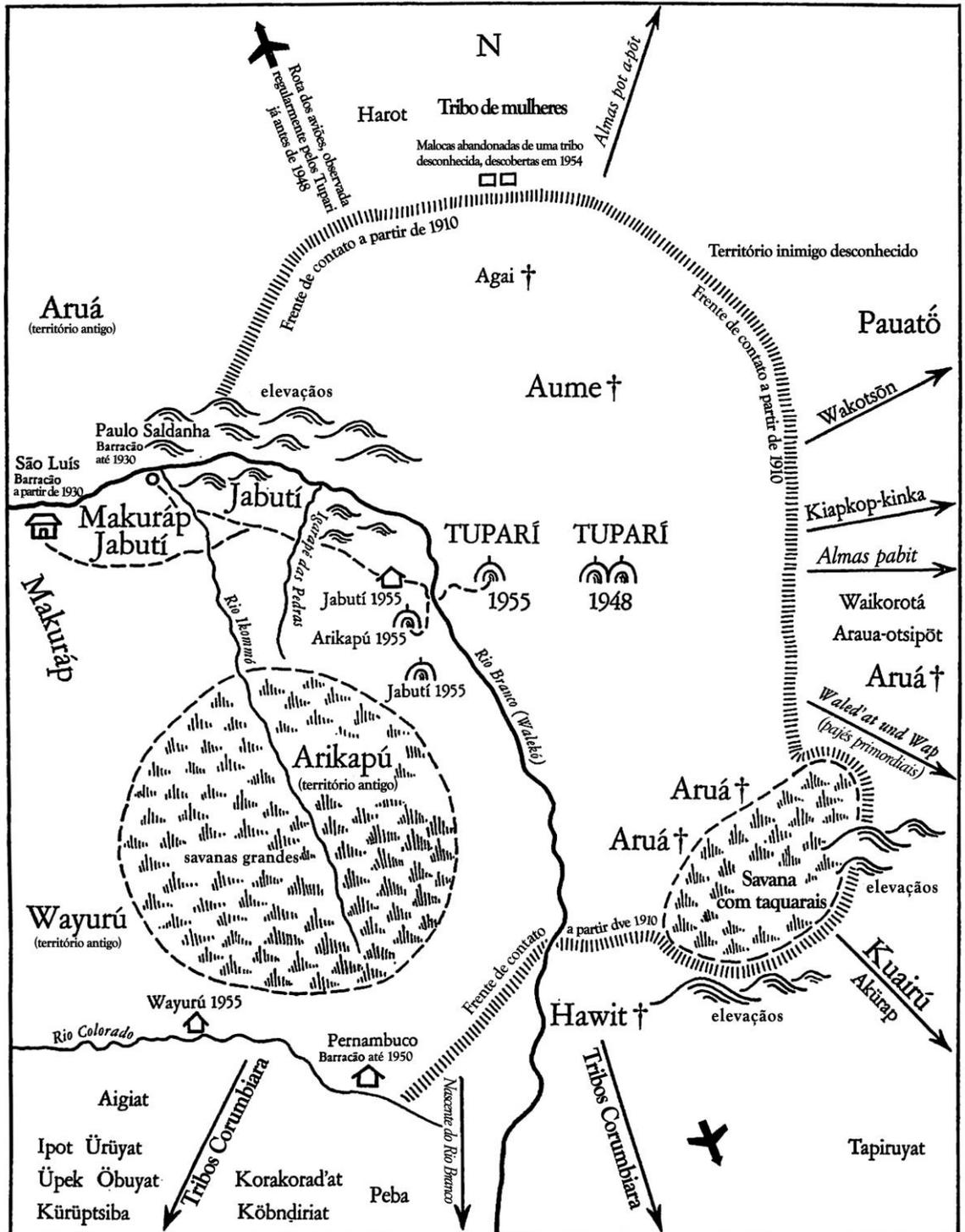
No meu tempo de criança, os Tuparí não sabiam que ao Oeste viviam homens brancos e pretos. Só nós, os Tuparí vivíamos nessa região, e, a nossa volta, as tribos vizinhas. Éramos todos amigos. Nossos pais só travavam lutas ferozes com os selvagens Hamno.
(WAITÓ apud CASPAR, 1958, p. 146)

Assim Waitó descreve para Franz Caspar, em 1948, o que era a vida dos Tuparí antes do contato com os não indígenas.

Em sua primeira estada nas aldeias Tuparí, Caspar conviveu em suas malocas e vivenciou práticas socioculturais, algumas das quais não existem mais nos dias atuais. É pela lente de Caspar que muitos Tuparí sabem hoje como viviam seus antepassados. Caspar descreve em seu trabalho de campo no ano de 1948 e 1955, o jeito de viver Tuparí, seu cotidiano, as relações de trabalho, as relações de gênero, a infância, as crenças e religiosidade, a relação com vizinhos indígenas e com os não indígenas. Esse trabalho, com tom de romance, traz uma descrição minuciosa e sensível do jeito de viver dos Tuparí. Também traz informações sobre a geografia do lugar onde viviam e como viam o seu mundo, além de nos informar sobre os outros povos que viviam próximos a eles.

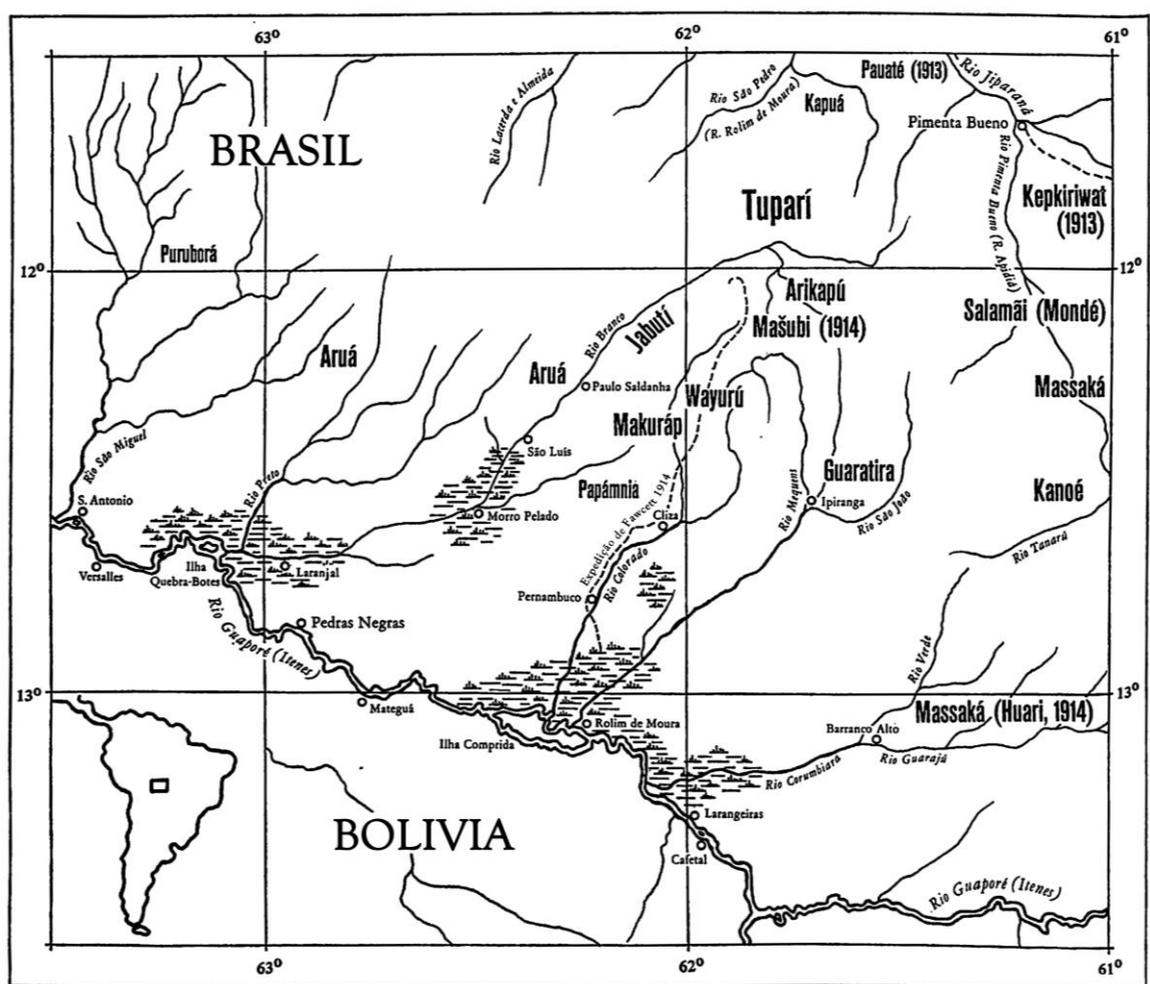
Os mapas seguintes, de autoria de Caspar (1958), apresentam informações sobre a região conhecida pelos Tuparí. Um dos mapas mostra “O território dos Tupari e seus vizinhos, assim como a área explorada pelos agentes da economia seringalista, próximo do Rio Branco” (CASPAR, 2015, p. 12). No outro mapa, é possível visualizar “O mundo tal como conhecido e imaginado pelos Tupari, com os rios, os campos, as serras assim como as tribos verdadeiras e imaginárias que o povoam e as moradias dos pajés ancestrais localizadas na terra conforme a tradição oral”. (CASPAR, 2015, p.13)

Figura 1 – Mapa do mundo tal qual imaginado pelos Tuparí.



O mundo tal como conhecido e imaginado pelos Tupari, com os rios, campos, serras assim como as tribos verdadeiras e imaginárias que o povoam e as moradias dos pajés ancestrais localizadas na terra conforme a tradição oral. Fonte: Caspar (2015, p. 13).

Figura 2 – Território Tuparí e seus vizinhos



O território dos Tuparí e seus vizinhos, assim como a área explorada pelos agentes da economia seringalista, próximo do Rio Branco. Fonte: Caspar (2015, p. 12).

Além das descrições de fatos e de longas conversas com Waitó, Caspar registra imagens que captam momentos singulares da vida dos Tuparí nas Malocas. Tanto em seu livro “Tuparí: entre os índios, nas florestas brasileiras” (1958), quanto em sua monografia “Os Tupari. Uma tribo indígena no Brasil ocidental” (1975) traduzida no ano de 2015 para o português, ele traz ricas ilustrações que mostram a vida dos Tuparí. Capta momentos do cotidiano: trabalhos, pescarias e brincadeiras; registra adereços que os Tuparí usavam; eterniza situações bem específicas como os rituais de cura. Por meio das imagens captadas pela lente de Caspar é possível supor o alto grau de intimidade que ele conseguiu construir com os Tuparí.

Figura 3 – Tsanya perfurando os lábios do seu filho



Figura 4 – Debulhando milho



Figura 5 – feiticeiro, líder Waitó expulsa um espírito mau da casa comunal



Figura 6 – Os xamãs sopram pó narcótico nas narinas dos participantes do ritual



A estada de Caspar entre os Tuparí foi um momento muito importante para o povo, visto que, nas nossas observações, nos dias atuais, ao se referirem sobre a vida na maloca, a visita de Caspar é sempre enfatizada pelos mais velhos. Os Tuparí passaram por grandes transformações desde a visita de Caspar. Naquele momento, eles já conheciam os tarupá (não indígenas) seringueiros e estes já os chamavam para os seringais.

As doenças tornaram os Tuparí vulneráveis e apesar da resistência “aos poucos” foram obrigados a abandonar suas malocas e assumir trabalhos nos seringais. No final da década de 1950 e início de 1960, foram transferidos para a aldeia Laranjal, onde muitas famílias permaneceram até a demarcação da T.I. Rio Branco (TARIMÃ TUPARÍ, 2014)⁸. Hoje a maior parte da população Tuparí vive na Terra Indígena Rio Branco. Na próxima seção passaremos a descrever, um pouco de sua história atual.

2.2 OS TUPARÍ NA ATUALIDADE

O povo Tuparí vive em duas Terras Indígenas: Rio Branco, localizada nos municípios de Alta Floresta, São Miguel e São Francisco, e Rio Guaporé, localizada no município de Guajará-Mirim, estado de Rondônia (ver mapa – figura 7)

A população da Terra Indígena Rio Branco tem maior acesso à cidade de Alta Floresta, onde se encontra o polo base da SESAI – Secretaria de Saúde Indígena e a Coordenação Regional de Ensino da SEDUC – Secretaria de Estado da Educação. A população de Ricardo Franco se desloca com maior frequência ao município de Guajará-Mirim onde estão localizados o polo base da SESAI, a Coordenação Regional de Educação da SEDUC e a Coordenação Regional da FUNAI.

2.2.1 A população

Para os Tupari, pessoas cuja amabilidade pude experimentar em momentos inesquecíveis, e as quais constituem o objeto do presente livro, minhas palavras de agradecimento provavelmente viriam tarde demais mesmo que pudessem alcançá-los. Sua comunidade compartilha o mesmo destino de outras inúmeras tribos da floresta amazônica que não conseguiram sair ilesas do contato com o mundo ocidental, e não é provável que hoje tenham sobrado mais do que alguns poucos membros do grupo. Assim sendo, este trabalho, ao contar sobre a vida de um pequeno povo, também se tornou um necrológio.

Franz Caspar (2015, XXII)

Apesar de todas as perdas humanas sofridas pelos Tuparí em sua história, desde o contato com os não indígenas, algumas conhecidas, outras apagadas pelo tempo e pela história, eles sobreviveram. Caspar chegou a não acreditar que isso seria possível conforme a epígrafe acima.

⁸ Os momentos importantes da história do povo Tuparí foram organizados cronologicamente e estão no Apêndice 3, deste trabalho. A cronologia foi organizada baseada em Caspar (1958, p. 146 – 149), Maldi e Leonel (1984a;1984b).

Leonel Júnior (1984a) ressalta que a falta de registros do número populacional dos povos que viviam à margem direita do Rio Guaporé e de seus afluentes dificulta realizar uma análise da evolução demográfica daquelas populações. Os Tuparí devido à presença dos pesquisadores que por ali passaram no início do século XX, possuem um maior número de registros de aspectos culturais, linguísticos e populacionais do que outros povos.

Já Snethlage obteve, em 1934, a informação de que, antigamente, o que ele considera ser antes da invasão dos rios Colorados e Branco por Seringueiros, existiam 16 malocas Tuparí e que em cada uma delas viviam 120 pessoas, o que ele calculou totalizar aproximadamente 2.000 pessoas (CASPAR, 2015, p.07). Caspar calculou a população Tuparí em aproximadamente 3.000 pessoas entre os anos de 1915-1920, baseado nas informações coletadas com o cacique Waitó. Não é de se admirar que este pesquisador tenha sido pessimista com relação à sobrevivência física desse povo, ao chegar à aldeia Tuparí no ano de 1955 e encontrar apenas 66 pessoas. De toda forma, a sobrevivência desse povo deve-se também à sua resistência física e cultural.

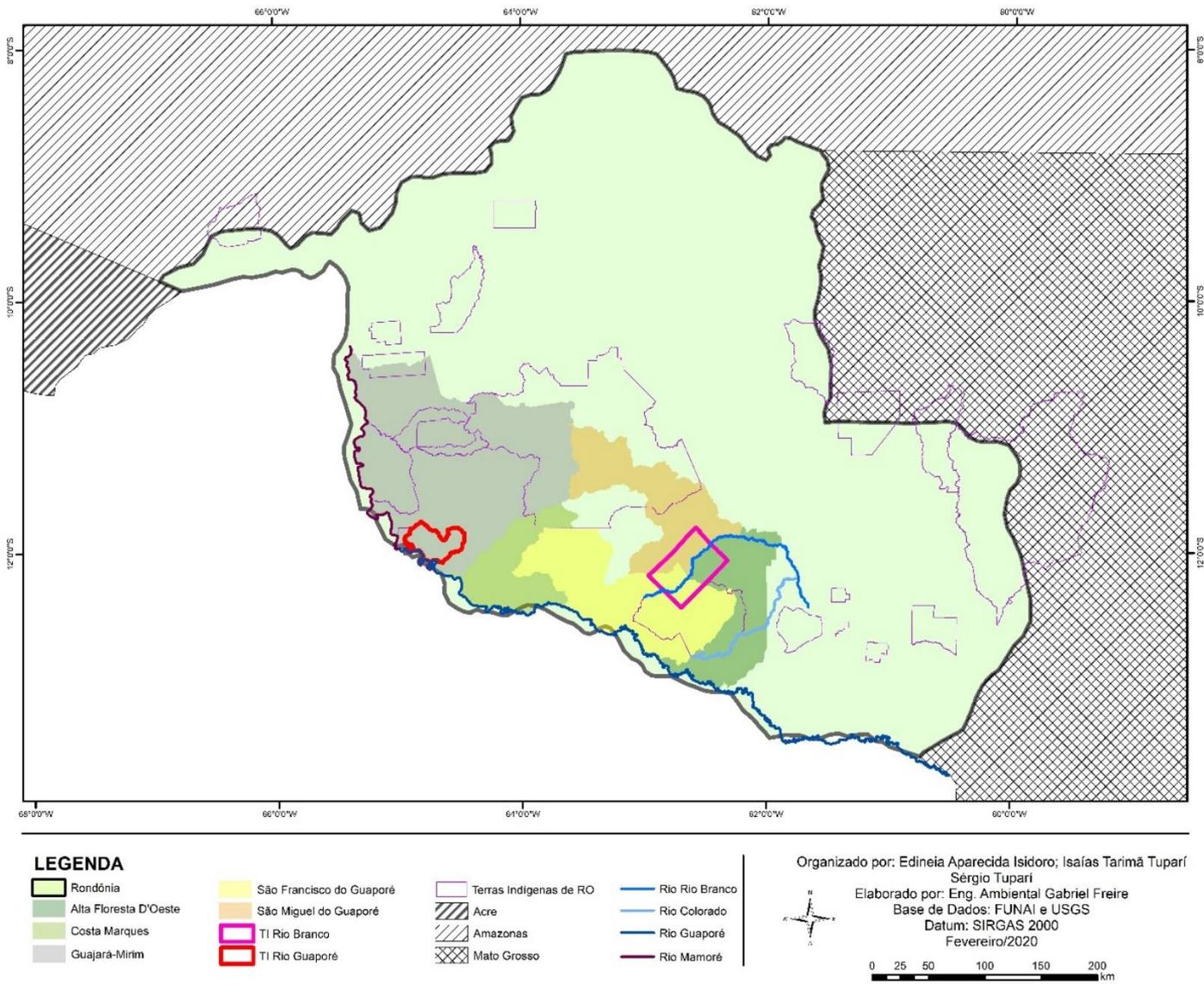
Com base nos registros de Caspar e de outros pesquisadores, assim como de relatórios do Polonoeste e dados da FUNAI e SESAI, aos quais tivemos acesso, sistematizamos um quadro populacional do povo Tuparí da Terra Indígena Rio Branco, em ordem cronológica.

Quadro 1 – População Tuparí T.I. Rio Branco (1934-2019)

ANO	POPULAÇÃO	INFORMAÇÃO
1915-1920	3.000 (?)	Caspar (2015, p. 8)
1934	250-300	Shethlage (apud CASPAR, 2015, p. 8)
1948	200	Caspar (2015, p. 8)
1955	66	Caspar (2015, p. 9)
1984	127	Leonel Junior (1984a, p. 24)
2005	382	Kanindé (apud ISA, 2019)
2010	776	DISEI PHV apud (FONSECA, 2011, p.33)
2014	688	SESAI (apud PAT'AWRE TUPARÍ, 2015)
2019	826	SESAI/Alta Floresta (2019) ⁹

⁹ Dados fornecidos pelo Polo Base da SESAI, município de Alta Floresta, no ano de 2019.

Figura 7 – Mapa de Rondônia, localização das T.I. Rio Branco e Rio Guaporé



Fonte Isidoro Org. e FREIRE Elab. (2020)

É evidente que esses dados não seguem a mesma metodologia, o que certamente poderia comprometer qualquer análise comparativa. Os dados de 2014 e 2019, por exemplo, incluem os Tuparí que vivem na cidade de Alta Floresta, mas não os que vivem em outros municípios, como São Miguel do Guaporé, Costa Marques, Guajará-Mirim. De toda forma, os dados ajudam a entender melhor sobre os Tuparí e sua história.

Grande parte dos Tuparí que vive na cidade é formada por jovens que saem da aldeia para terminarem o ensino médio, ou um curso superior. Alguns deles acabam se estabelecendo nas cidades após se casarem com não indígenas e adquirem empregos formais. Outros ainda retornam à aldeia. Contudo, deve-se destacar que mesmo aqueles que passam a viver na cidade não perdem seu vínculo com as suas aldeias.

A população Tuparí na região de Guajará-Mirim é de 86 pessoas, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 2 – População Tuparí da região de Guajará-Mirim, por idade e sexo

POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA											
ALDEIA	00-10		11-20		21-40		41-60		61-...		Total
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	
Deolinda	1	0	0	0	2	0	0	0	0	1	4
Sotério	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Sagarana	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Pedral	2	2	1	3	3	2	2	0	0	0	15
Ricardo Franco	1	0	2	4	3	1	1	1	0	0	13
Baia da Coca	3	1	1	2	1	3	0	0	1	1	13
Orosari ¹⁰	7	5	6	7	4	5	2	2	1	0	39
Total	14	8	11	16	14	11	5	3	2	2	86

Fonte: SESAI (2018).

As aldeias estão em Terras Indígenas diferentes: as aldeias Deolinda e Sotério estão na T.I. Pacaás Novos; a aldeia Sagarana na T. I. de mesmo nome; por fim as aldeias Pedral, Ricardo Franco, Baia da Coca e Orosari estão localizadas na T.I. Rio Guaporé. Esta informação é importante porque indica que as distâncias que as pessoas estão, uma das outras, são muito grandes e que não existe uma convivência sistemática entre eles, o que favorece o enfraquecimento da língua. A outra informação relevante desse quadro é a questão geracional. Observem que existem apenas 7 (sete) pessoas acima de 40 anos que estão em quatro aldeias

¹⁰ Encontramos a palavra Orosari grafada de várias formas: Orossari, Urossari, Urussari, Urusari. A forma correta é Orosari (cf. Raul Pat'Awre Tuparí), e não há uma tradução para o nome porque os nomes próprios em Tuparí geralmente não tem tradução para o português.

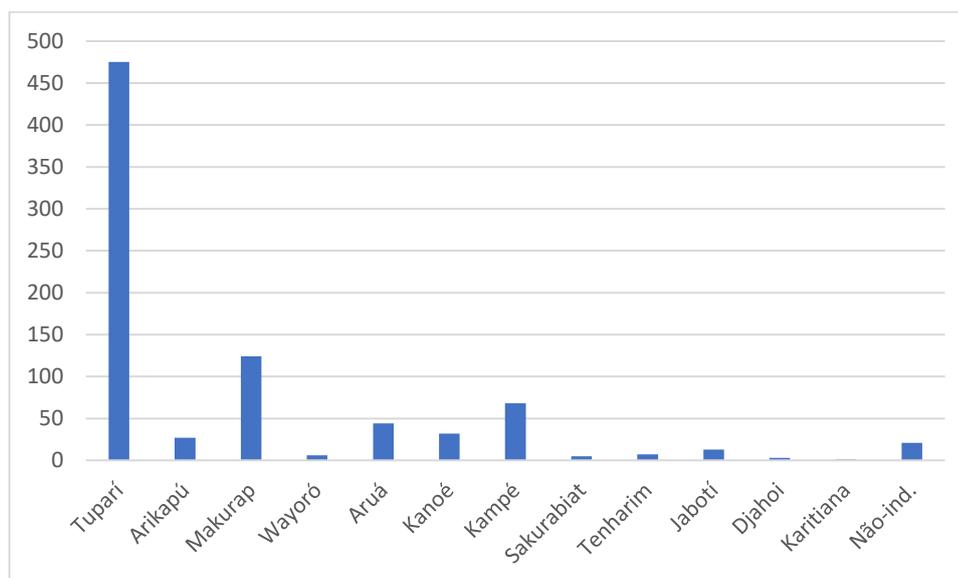
diferentes. Ora, geralmente são essas pessoas que ainda falam a língua. Se elas estão espalhadas, algumas solitárias em uma aldeia, como poderão utilizar a língua? Todas estas realidades impactam, e muito, na vitalidade das línguas

Na Terra Indígena Rio Guaporé, no ano de 1984 (LEONEL JÚNIOR, 1984a), a população Tuparí era de 16 pessoas. No ano de 2018, como observamos no quadro a população é de 80 pessoas da etnia Tuparí, que é uma população cinco vezes maior que a de 1984. Essa informação mostra também que o aumento da população de determinada etnia, não garante a vitalidade da sua língua étnica.

Um outro dado importante, presente no quadro, que impacta no uso sistemático da língua é o fato de que a aldeia Orosari onde vive a maioria dos Tuparí nessa T.I., fica próxima da aldeia Ricardo Franco, onde convivem com várias etnias. Este contexto multicultural também verificamos na T.I. Rio Branco. A diferença é que na T.I. Rio Branco a etnia Tuparí é a maioria. Existem várias aldeias em que vivem apenas famílias Tuparí. Além disso, a língua indígena é utilizada em todos os contextos sociais das comunidades. Já na T.I. Rio Guaporé os Tuparí são minoria e a língua não está mais sendo transmitida às crianças de forma sistemática. Assim, a maioria dos Tuparí dessa aldeia não fala mais a sua língua étnica. No ano de 2013, quando estivemos na aldeia Orosarí, havia algumas pessoas mais velhas que ainda falavam Tuparí, mas já naquela época, a língua não estava sendo transmitida para as crianças sistematicamente.

Logo abaixo apresentamos um gráfico comparativo da população da T.I. Rio Branco onde observamos que os Tuparí são maioria, o que contribui para uma maior vitalidade da língua Tuparí.

Gráfico 1 – População por etnia da T.I. Rio Branco



Fonte: Adaptado a partir de dados do Pólo base da SESAI (2019) – Alta Floresta D'Oeste.

A população Tuparí é de 475 pessoas, incluído nesse número, as 44 pessoas que vivem no município de Alta Floresta. Em quase todas as aldeias da T.I. Rio Branco vive pessoas da etnia Tuparí.

O número populacional de falantes é um fator importante na vitalidade da língua, mas apenas quando essa população utiliza essa língua na comunicação com sua família e amigos. Nos casamentos interétnicos, por exemplo, se a mãe é Kampé e o pai Tuparí, as crianças aprendem a língua do pai e o português, também com a mãe, que, no caso dos Kampé, não fala mais sua língua étnica. Dependendo da aldeia em que vivem, as crianças, também, aprendem o Tuparí na comunidade, convivendo com outras crianças. Mesmo que em determinadas aldeias a língua Tuparí não seja utilizada sistematicamente, a convivência entre a população da T.I facilita a transmissão da língua. Nesse sentido, as pessoas de outras etnias acabam aprendendo palavras, expressões e às vezes entendem bem a língua Tuparí, mesmo não falando essa língua. Um outro elemento importante que percebemos, mas precisa ser mais investigado é que existe uma certa resistência de algumas etnias em falar a língua indígena majoritária, no caso o Tuparí. São subjetividades que nos leva a supor que por questões políticas e afetivas isso ocorra.

É fato, também, que as etnias minoritárias em relação ao Tuparí e suas línguas encontram-se em uma situação bem mais crítica em relação ao uso. A etnia Makuráp, por exemplo, possui poucos falantes e poucas pessoas transmitem sua língua não para as novas gerações. Os mais velhos falam a língua, que é conhecida também por algumas pessoas mais

velhas da etnia Tuparí¹¹, mas quase não é utilizada como língua de comunicação¹². Apesar das dificuldades, os professores da etnia estão ensinando as crianças na escola.

Situação parecida, e ainda mais difícil, é a dos Aruá, pois apenas uma pessoa mais velha fala Aruá nessa Terra Indígena, embora tente ensinar sua língua nativa para seu filho, que é professor na escola. Tanto o Makuráp como o Aruá estão sendo retomados na escola, mas sem o uso das línguas no cotidiano é difícil que sejam aprendidas como meio de comunicação plena.

Existe apenas um falante de Kampé, de idade bem avançada. Os Kampé têm interesse em documentar sua língua e ensiná-la na escola¹³. Em função desse desejo, existe um projeto, em andamento, para documentação da língua Kampé

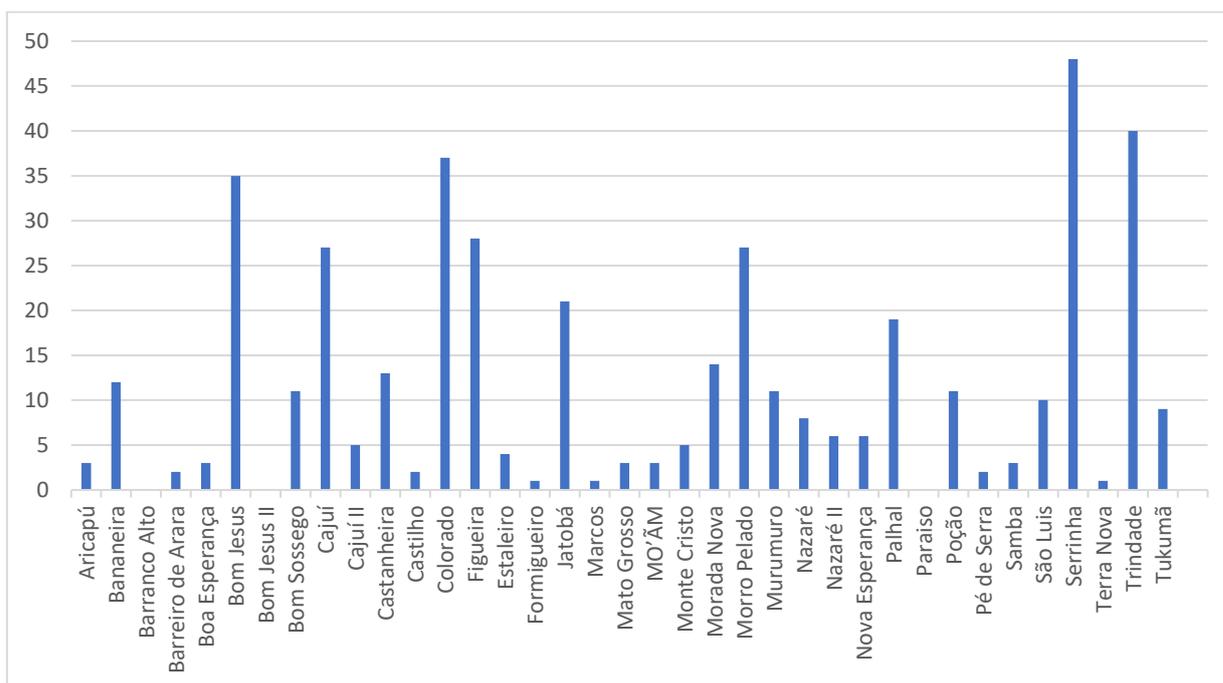
As línguas das etnias Jabuti, Arikapú, Sakyrabiat, Wayoró, Kanoé Tenharim, Djahoi não são faladas nas aldeias da T. I. Rio Branco. O português tornou-se língua franca, principalmente nas aldeias onde convivem várias etnias, como é o caso da aldeia São Luiz. Com uma população maior, os Tuparí estão presentes em quase todas as aldeias dessa Terra Indígena, como podemos verificar no gráfico seguinte:

¹¹ A língua Makuráp foi língua franca no período dos barracões, por este motivo muitos mais velhos falam, ou entendem Makurap.

¹² No ano de 2019, faleceu dona Juraci Makuráp, que ensinava a língua para todos que a procuravam, inclusive para os professores Makuráp.

¹³ Organizamos alguns materiais linguísticos, com os dados coletados junto ao Seu Pedro, os quais serão disponibilizados para as comunidades Kampé.

Gráfico 2 População Tuparí por aldeia na T. I. Rio Branco.



Fonte: Adaptado a partir de dados do polo base da SESAI – Alta Floresta D'Oeste. (2019).

Como observamos no gráfico os Tuparí estão presentes em quase todas as aldeias da T.I. Rio Branco, praticamente toda a população Tuparí é falante plena dessa língua; são poucas as pessoas que não a falam e menos ainda as que não a entendem, mesmo as de outras etnias. Há algumas famílias Tuparí que escolheram não ensinar sua língua étnica a seus filhos. Supomos que isso ocorre devido à forma avassaladora com que se deu o contato e, nesse processo, a intensa desvalorização da língua e da forma de viver indígena. Talvez seja esta uma forma de proteger seus filhos do preconceito pelos quais se submeteram

Das 39 aldeias da T. I. Rio Branco, com exceção de quatro aldeias, Bom Amigo, Bom Paraiso, Barranco Alto e Formigueiro, todas as outras têm pelo menos uma pessoa que é falante plena da língua ou pelo menos a compreende (PAT'AWRE TUPARÍ, 2015).

2.2.2 As aldeias da Terra Indígena Rio Branco

Na Terra Indígena Rio Branco há 39 aldeias, sendo que uma delas ficou fora da área demarcada, a aldeia Palhal.

Há 27 aldeias de acesso terrestre e 11 aldeias cujo acesso é fluvial. As aldeias têm se multiplicado no decorrer das últimas décadas. Na década de 80, eram aproximadamente 12 aldeias cadastradas pela FUNAI; em 2014 eram 28; e no ano de 2015, eram 36 aldeias.

A multiplicação de pequenas aldeias, principalmente na área terrestre, deve-se ao fato de o acesso fluvial ser bem difícil e dispendioso, além do mais, houve nessas décadas a partir do ano 2005, a ampliação da estrada de acesso interno à Terra Indígena. Na década de 1990 a estrada chegava até a aldeia São Luiz, uma das primeiras aldeias da Terra Indígena. Hoje a estrada chega até a aldeia Tukumã, perfazendo mais de 50 km de estrada. O acesso à energia elétrica foi outro fator relevante para a ampliação das aldeias com acesso terrestre. Isto porque a partir de 2012 iniciou-se a instalação de rede elétrica para atender estas aldeias e que, até o presente momento, a rede não foi ampliada para atender as aldeias mais distantes, cujo acesso é exclusivamente por meio do rio Rio Branco. Também, a partir do ano de 2019 foram instaladas, em algumas aldeias, torres para internet, adquiridas por alguns moradores, sempre beneficiando mais a área terrestre. Todos esses fatores e a facilidade de acesso à cidade por meio de transporte coletivo, motivaram as famílias a criarem aldeias mais próximas da estrada.

Segundo informação dos Tuparí, essas aldeias menores não interferem nos trabalhos coletivos, sempre que é necessário as pessoas se juntam para desenvolverem atividades coletivas de roçado, por exemplo, mas querem também criarem seus animais e sempre procuram terra fértil para as roças.

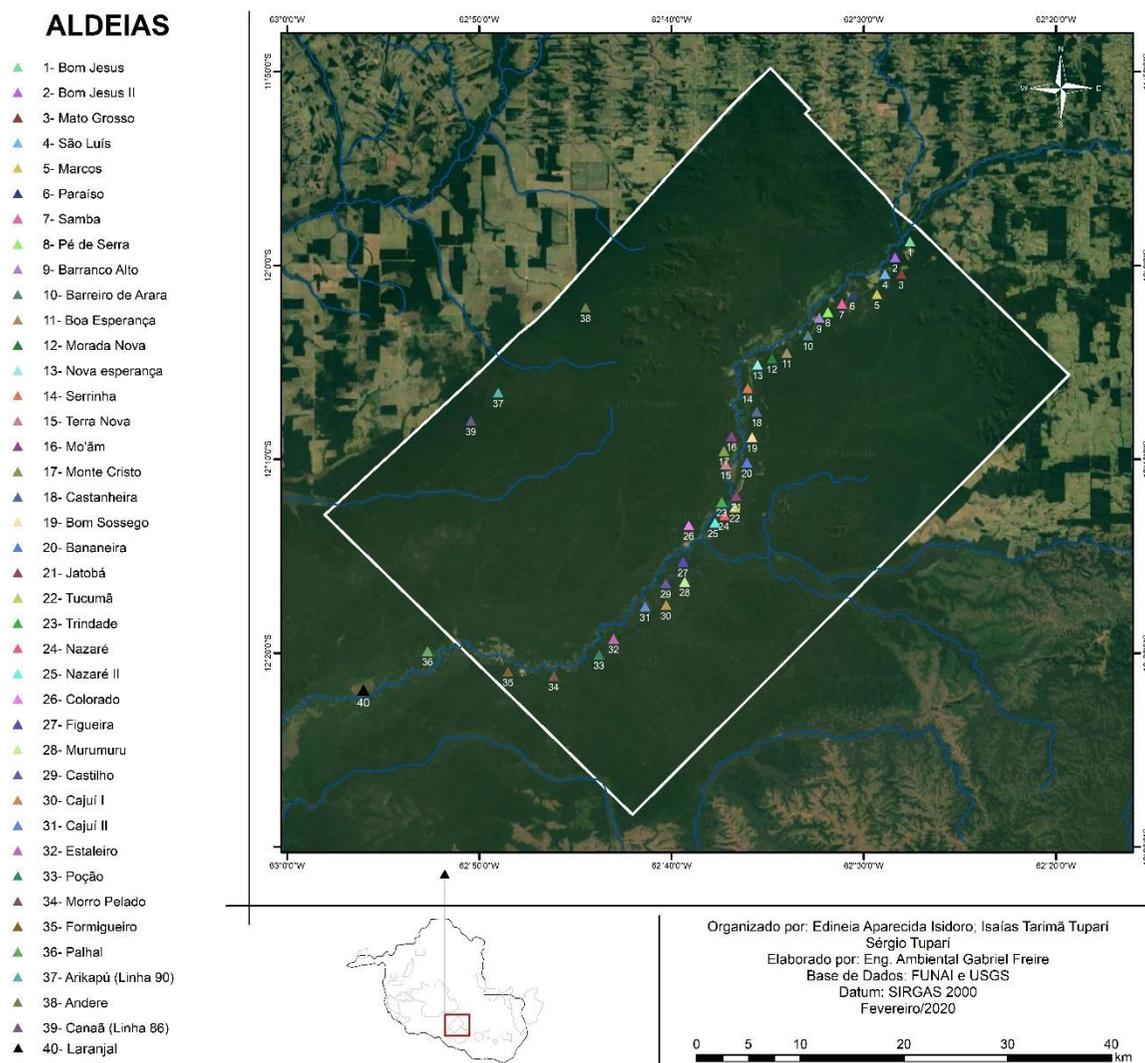
2.2.3 Atividades econômicas

Os Tuparí vivem da agricultura. Há muita fartura de alimentos. Plantam mandioca, amendoim, batata doce, cará, inhame, feijão, arroz, banana entre outros. Produzem farinha.¹⁴ Coletam açai e outras frutas da floresta. Cultivam alguns tipos de larvas que são bem apreciadas. Além disso, a caça e a pesca são bem abundantes.

Nos últimos anos, com a criação das Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), os peixes têm diminuído, o que tem causado um forte impacto no ciclo de vida tanto dos próprios peixe

¹⁴ A farinha não é um alimento tradicional dos Tuparí, inclusive emprestam a palavra para farinha do povo Makuráp *txau*

Figura 8– Mapa das aldeias da Terra Indígena Rio Branco



Fonte: Fonte: Isidoro; Tarimã Tuparí; Tuparí (Org.) (2020)

quanto das tartarugas e tracajás. Até o momento não foi tomada nenhuma medida para amenizar esses impactos.

A coleta de castanha é outra atividade que mobiliza todas as aldeias. A maioria das atividades econômicas dos Tuparí são de subsistência. Contudo a castanha, a farinha, o artesanato são itens comercializados também na cidade.

Os Tuparí criaram várias associações e uma delas tem se dedicado à compra e venda de castanha, trazendo uma margem de lucro maior aos coletores com relação ao que recebiam de “atravessadores”. Além da castanha vem sendo incentivada a plantação de café clonal, incentivado pela FUNAI¹⁵. As Associações têm um papel importante nessa atividade de comercialização, mas precisam de apoio logístico. Cabe ressaltar que, a burocracia que envolve a abertura e manutenção de uma associação é demasiadamente complexa e difícil. Os responsáveis pelas associações sempre precisam de apoio para mantê-las atualizadas.

Das associações criadas, a única que está desenvolvendo projetos é a Doa Txiato, presidida por Dalton Tuparí. No entanto as demais associações estão tentando se organizar. De toda forma os presidentes das associações sempre têm um papel político importante nas comunidades que representam. As associações são as seguintes:

Quadro 3 – Associações da Terra Indígena Rio Branco (2019)

Nome	Presidente
Wáypa surubim	Luis Tuparí Tuparí (Tupari fluvial)
Doa txiato	Dalton Tuparí
A Gruta	Adriano Tuparí (São luiz)
Ûtaibit	José Porité Aricapú

A associação Doa Txiato representa a maioria dos povos da Terra Indígena Rio Branco nas decisões políticas. De certa forma, as associações podem representar uma maneira de organização política que leva em consideração as etnias; o espaço geográfico, nesse caso as aldeias terrestres e fluviais que são as fronteiras bem marcadas na T.I.; os interesses econômicos entre outros. Também se percebe que os grupos se juntam por uma luta comum e se separam nas suas individualidades. Este assunto deve ser melhor explorado. Na nossa percepção, ultimamente, com o apoio da Organização não-governamental. Pacto das Águas as associações tem conseguido ganhar confiança da população da T.I. Rio Branco

¹⁵ Conforme conversa informal com o professor Isafas Tuparí.

Uma outra fonte de renda dos Tuparí são os empregos assalariados como os de professores, agentes de saúde e sanitário, e aposentados. Resumidamente são essas as atividades econômicas desenvolvidas entre os Tuparí.

2.2.4 A educação escolar na Terra Indígena Rio Branco

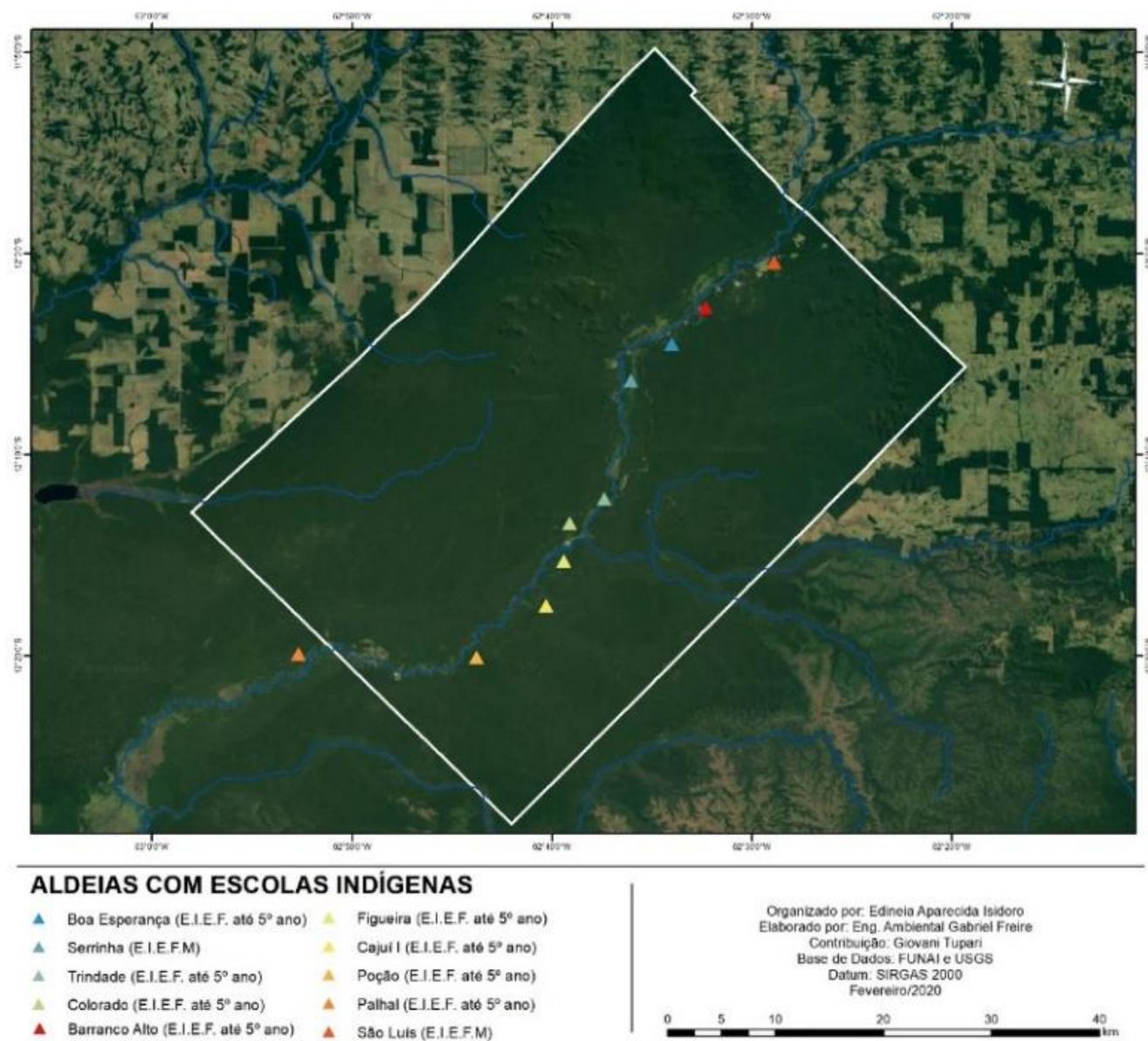
Os professores Tuparí construíram, junto às suas comunidades, respeito e autonomia¹⁶. Os professores Isaías Tuparí e Raul Pat'Awre Tuparí são bastante reconhecidos pelas comunidades por sua atuação responsável na Educação. Com respeito ao ensino da língua Tuparí, eles têm tomado iniciativas importantes no sentido de se aprofundarem nos estudos sobre sua língua, construindo uma valorosa trajetória nesse conhecimento. A história dos professores Tuparí com respeito ao estudo de sua língua se deu a partir da sua formação como professores. Este interessante processo que chamamos de “História da construção da Escrita da Língua Tuparí” foi sistematizado cronologicamente pelo professor Isaías, em apresentação oral no Primeiro Encontro de Linguistas Indígenas do Brasil, na Universidade de Brasília, no ano de 2018, que foi adaptado por nós e encontra-se no Apêndice 4 (quatro) desta tese.

Desenvolver trabalhos de organização e execução da educação escolar na Terra Indígena Rio Branco é um grande desafio, devido à especificidade sociolinguística de cada escola. Exige dos gestores compreensão da realidade e planejamento que contemple as especificidades de cada aldeia. Há alguns avanços como a contratação de professores de língua para cada etnia, por exemplo, e outros retrocessos como não contemplar o ensino das línguas indígenas no Ensino Médio. Passamos a descrever brevemente a organização das escolas da Terra Indígena Rio Branco e a educação escolar indígena.

Há 10 escolas para atender a toda demanda existente na Terra Indígena Rio Branco. As escolas estão localizadas nas aldeias São Luiz, Boa Esperança, Trindade, Serrinha, Cajuí, Palhal, Barranco Alto, Figueira e Colorado, conforme verificamos no mapa.

¹⁶ É comum nos depararmos com pesquisadores e missionários agindo como se fossem donos das línguas em diversos povos com os quais trabalhamos, a ponto de os falantes acharem que precisam pedir permissão a eles para desenvolver trabalhos com suas línguas. Isso não acontece entre os Tuparí.

Figura 9 – Mapa das aldeias da T.I. Rio Branco onde estão localizadas as Escolas Indígenas



Fonte: Isidoro; Tarimã Tuparí; Tuparí (Org.) (2020)

Seis escolas atendem apenas o Ensino Fundamental até o 5º ano, uma delas atende o Ensino Fundamental até o 9º ano e duas atendem o Ensino Fundamental e Médio.

São os professores indígenas que atuam nos anos iniciais até o 5º ano, com alfabetização em Tuparí ou em português, dependendo do contexto sociolinguístico da aldeia, da fluência do professor na língua e do conhecimento deste com relação à escrita do Tuparí. Graças à formação dos professores nos estudos de sua língua o ensino do Tuparí na escola está se fortalecendo.

Os anos finais do Ensino Fundamental é de responsabilidade dos professores indígenas que já terminaram o curso de Licenciatura em Educação Intercultural e de alguns professores não indígenas. Segue o quadro das Escolas Indígenas Tuparí e seus respectivos professores.

Quadro 4 – Escolas e professores das T. I. Rio Branco no ano de 2019

ORD	ALDEIA	ESCOLA	PROFESSOR	ATENDIMENTO
01	Aldeia São Luiz	Boat Gerainny	Valmir Makuráp Edmar Aruá Maurício Tuparí Ana Makuráp Alison Kanoé Maikon Aruá Alessandra Makuráp Geovani Tuparí	Ensino Fundamental e Médio
02	Barranco Alto	Erapoaron Makuráp	Valdemir Makuráp	Anos iniciais do Ensino Fundamental
03	Boa Esperança	Waibero Tuparí	Diego Tupari	Anos iniciais do Ensino Fundamental
04	Serrinha	Anomãe Tupari	Juarí Tuparí Raul Pat'Awre Tupari Alessandra Makuráp Geovani Tuparí Gilberto Tuparí Cleiton Tuparí Daiane Arikapú Paulo Tuparí Paulo Rossi Kanoé	Ensino Fundamental e Médio
05	Trindade	Kap'sogo Tupari	Edilson Tuparí	Anos iniciais do Ensino Fundamental

06	Colorado	Hapbit Tupari	Isaias Tupari	Anos iniciais do Ensino Fundamental
07	Figueira	Amêkoare Tupari	Carlos Tupari	Anos iniciais do Ensino Fundamental
08	Cajuí I	Konkoat Tupari	José Porité Arikapú Alessandra Makuráp Giovani Tuparí Messias M. Kampé Paulo Junior Tuparí	Anos iniciais do Ensino Fundamental
09	Poção	Mekit'om Tupari	Morais Moraí Tupari	Anos iniciais do Ensino Fundamental
10	Palhal	Sawd'io Tuparí	Arlene Tuparí	Anos iniciais do Ensino Fundamental

Até o Ensino Fundamental, as crianças estudam nas aldeias onde moram, mas a partir dos anos finais do Ensino Fundamental os alunos se deslocam para estudarem nas escolas polo¹⁷, pois apenas três escolas atendem esses anos escolares.

Com relação ao Ensino Médio, implantou-se no ano de 2014 a Mediação Tecnológica, um ensino à distância para atender a demanda de Ensino Médio nas aldeias. Esse modelo de Educação contraria tudo o que se discutiu, até o momento, sobre qualidade da Educação em uma escola específica, como é o caso das Escolas Indígenas, pois seu currículo não contempla as especificidades das escolas indígenas. Com isso, a partir do primeiro ano do Ensino Médio a Língua Indígena e as questões culturais não são contempladas.

Ao terminarem o Ensino Médio, alguns jovens desejam continuar seus estudos e procuram acessar as universidades públicas ou privadas dos municípios vizinhos à Terra Indígena, mas o acesso e a permanência não têm sido fáceis. Uma opção para quem deseja ser professor tem sido o curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia, no *Campus* de Ji-Paraná, que forma professores indígenas para atuarem nas escolas de suas aldeias. Desde 2009, três professores Tuparí concluíram a licenciatura e, atualmente, no ano de 2020 cinco estudantes Tuparí estão cursando essa licenciatura.

¹⁷ A Secretaria de Estado de Educação de Rondônia não conseguiu encontrar outra solução para este problema. As crianças precisam se deslocar por longas distâncias de barco e de ônibus para chegarem as escolas polos – Serrinha, São Luís, Cajuí.

2.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, tecemos algumas considerações sobre a história do povo Tuparí, sobre sua vida nas malocas e para isso trouxemos registros de Franz Caspar que viveu com os Tuparí e fez descrições minuciosas e sensíveis sobre como viviam.

Apresentamos, também, informações sobre os Tuparí na atualidade, a localização das Terras Indígenas e das suas aldeias, as atividades econômicas desenvolvidas por eles. Por fim, descrevemos, de forma breve, a realidade da educação escolar indígena e o protagonismo dos professores Tuparí no estudo e documentação de sua língua. Este último tema é relevante para a presente tese, pois contou com a participação fundamental dos Tuparí na coleta e análise dos dados, não como meros colaboradores, mas como principais interessados na aprendizagem linguística de sua língua nativa.

3. ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE A LÍNGUA TUPARÍ

Neste capítulo, apresentamos um panorama dos principais estudos linguísticos realizados até o presente momento sobre a língua Tuparí. Não nos demoramos em comentários sobre a gramática Tuparí de autoria de Rodrigues e Caspar (2017), por esta já ser amplamente mencionada em todos os capítulos desta tese. Não incluímos neste capítulo os trabalhos aos quais não tivemos acesso. Apresentamos nossas considerações sobre os estudos, focalizando as contribuições dos autores para o conhecimento linguístico da língua Tuparí.

3.1 AS CONTRIBUIÇÕES DE POLIANA MARIA ALVES

Poliana Maria Alves iniciou o trabalho com a língua Tuparí no ano de 1990, quando transcreveu os dados de fitas em Tuparí coletado pelo pesquisador Dennis A. Moore, em 21 de junho do ano de 1988, no posto indígena Ricardo Franco, com uma “informante” de aproximadamente 25 anos. Este material foi cedido para análise por intermédio do professor Aryon D. Rodrigues e serviu de *corpus* para a dissertação de mestrado¹⁸ de Alves, intitulada *Análise Fonológica Preliminar da Língua Tuparí* (1991). A sua dissertação consta de quatro capítulos básicos: apresentação dos seguimentos fonéticos e os ambientes onde ocorrem, análise dos fonemas consonantais e vocálicos com base nos critérios de variação livre, distribuição complementar e oposição; apresentação do padrão silábico da língua; e ensaio de apresentação sistemática dos fenômenos suprasegmentais ao nível da palavra (acento e tom). A análise fonológica que consta nesse trabalho foi retomada no capítulo 3 da tese de doutorado, atualizada em decorrência do aprofundamento do estudo pela pesquisadora após a defesa de mestrado no ano de 1991.

Alves conheceu pessoalmente os Tuparí durante uma pesquisa organizada pelo Prof. Dr. Valdemar Ferreira Neto, na Universidade de São Paulo (USP) para o qual alguns Tuparí foram convidados como “informantes”. Os Tuparí convidados foram Isaías Tarimã Tuparí e Nicolau Tuparí. Foi, também, a primeira vez que os Tuparí conheceram pessoalmente pesquisadores que estudavam sua língua e a primeira vez que participavam de uma experiência dessa natureza. Os Tuparí, até então, não tinham informações sobre o estudo de Rodrigues e Caspar, ainda manuscrito, datado de 1957. O professor Isaías menciona este curso na entrevista

¹⁸ Dissertação de Mestrado defendida no ano de 1991, orientada pelo Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues, pela Universidade de Brasília (UnB).

que concedeu a Raul Pat 'Awre Tuparí, para o seu Trabalho de Conclusão de Curso.¹⁹. Nesse evento, a pesquisadora pode ampliar a sua coleta de dados e aprofundar o conhecimento sobre o sistema fonológico da língua, organizando um *corpus* para investigação da gramática. A pesquisadora realizou posteriormente trabalho de campo no ano de 1994. No ano de 2000, Alves iniciou o doutorado e, em 2002, realizou mais um trabalho de campo, com o objetivo específico de elaboração do dicionário. Houve outros encontros com os Tuparí em Brasília, onde foi possível ampliar o repertório lexical, sanar dúvidas sobre questões relacionadas à fonologia e à gramática da língua. Alves destaca, em seu trabalho de doutorado, que o seu estudo se baseou, também, nos dados registrados nas décadas de 1940 e 1950 por Franz Caspar e analisados fonologicamente por Aryon D. Rodrigues.

O trabalho de doutorado Alves (2004) intitulado *O Léxico do Tuparí* foi defendido no ano de 2004 e foi o resultado de sua pesquisa de doutorado (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Faculdade de Ciências e Letras – *Campus* de Araraquara–SP), tendo como orientadora a prof. Dra. Maria Tereza Biderman e como coorientador o Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues. A tese apresenta uma proposta de dicionário Tuparí-Português, fundamentado em dados coletados em trabalhos de campo nas aldeias e em encontros com professores Tuparí em Brasília.

Quanto à sua estrutura, a tese divide-se em seis capítulos. O primeiro capítulo traz informações sobre o povo Tuparí, descrevendo de forma sucinta sua história, sua vida atual, sua língua e cultura. Apresenta dados populacionais e localização geográfica. Utiliza-se do trabalho etnográfico de Franz Caspar (1957, 1958, 1975), que é a referência etnográfica mais importante para conhecimento da vida dos Tuparí nos tempos da maloca. O segundo capítulo trata do levantamento de dados e estabelecimento do *corpus*. Além do mais, relata a sua trajetória de pesquisa junto ao povo Tuparí. O capítulo 3 é dividido em duas partes. Na primeira, Alves retoma análise fonológica da língua Tuparí, atualizando-a (ver Apêndice 1, em que citamos as principais contribuições de Alves à fonologia da língua Tuparí). Na segunda trata da morfofonologia da língua. No capítulo 4, a autora apresenta um esboço da gramática da língua Tuparí, em que “complementa as informações gramaticais fornecidas na microestrutura dos verbetes” (ALVES, 2004, p.10). Ela descreve as classes de palavras, raízes e partículas, basicamente seguindo Rodrigues e Caspar (1957), mas acrescentando contribuições importantes como a existência de expressão de evidencialidade e de flexão relacional na língua.

¹⁹ Trabalho de conclusão de curso de Raul Pat'Awre Tuparí intitulado “Ote Ma'ẽ – Reflexões sobre a Escrita da Língua Tupari”, apresentado no ano de 2015, no curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

No capítulo 5, a autora traz uma abordagem teórica sobre léxico e dicionário, fundamentada em Birdeman (1998); Barbosa (1986), Whorf (1958), Sândalo (2001), Rey Debove e Carvalho (2001, 1984). No capítulo 6, apresenta informações de como foi organizado o dicionário em termos de macroestrutura e de microestrutura (descreve como serão tratadas as entradas e de como as classes gramaticais, os empréstimos, os neologismos, os nomes científicos entre outros foram tratados no dicionário). Por fim, ainda no capítulo 6, traz os verbetes organizados em ordem alfabética.

O dicionário proposto por Alves (2004) é uma fonte de informação importante, tanto para pesquisas sobre a língua, quanto para outras áreas do conhecimento Tuparí. Está contribuindo para a produção de material didático-pedagógico e para apoiar o trabalho dos professores indígenas no ensino da língua Tuparí.

O dicionário registra o léxico organizado em ordem alfabética com 1.372 (um mil trezentos e setenta e duas) entradas. A título de exemplificação apresentamos abaixo o modelo adotado.

As entradas do dicionário proposto por Alves (2004, p.138

abi?'a s2. pama (<i>Pseudomedia laevis</i>). a abi?'a 'h-i?'-a on . Eu gosto de pama. (→ 'hi?'a, on)						
1	2	3	4	5	6	7

1. **Entrada**
2. *Classe gramatical*
3. Tradução em português
4. (*Nome científico*)
5. **Exemplo de frase na língua Tuparí.**
6. Versão em português.
7. (→Remissiva)

Algumas entradas são acompanhadas de ilustrações (ALVES, 2004, p.143)

amē'ko'~pa'gay s4. onça-pintada com manchas graúdas (<i>Panthera onca</i>). (→ amē'ko, upa'gay) amē'ko'~paga'it te-'wat-nã . A onça-pintada fugiu. (→ amē'ko, 'wara, upa'gay)



No caso dos verbos, como veremos no próximo exemplo em Alves (2004, p.157)., há, na entrada, três formas verbais, uma forma acrescida da **vogal temática -a** (forma esta reconhecida pelos falantes e dada como tradução direta para o verbo, a qual é indicada como remissiva nos outros verbetes), **uma forma na negativa** que é a base para receber o sufixo negativo -ʔom e a **raiz do verbo propriamente dita**, a qual serve de base para as outras formas (é importante constar a raiz verbal, uma vez que, pelo tema em -a, não há como reconhecê-la).

ata'mora, ata'morero-, ata'more *t1*. empurrar. **a'ramirã-n ata-'m-or-a on 'kyjt-o**. Eu empurrei a mulher no chão. (→ a'ramirã, kyjt, 'mora¹, on) **a'ramirã-n ata-'m-orare-ro-m on 'kyjt-o**. Eu não empurrei a mulher no chão. (→ a'ramirã, kyjt, 'mora¹, on) **a'ramirã-n ata-'m-orare!** Empurra a mulher! (→ a'ramirã, 'mora¹)

Ao analisamos as entradas da letra “A” para verificar a frequência das classes gramaticais nas entradas, foram constatadas as frequências apresentadas no quadro 5:

Quadro 5 – Demonstrativo de entradas das classes gramaticais no dicionário de Alves (2004)

Classe gramatical	Quantidade	Entradas em “A”
Sufixo	Suf.	5
Substantivo da classe 1	s ¹	50
Substantivo da classe 2	s ²	75
Substantivo da classe 4	s ⁴	31
Adjetivo	Ad.	15
Verbo transitivo classe 1	t ¹	10
Verbo transitivo classe 2	t ²	10
Verbo intransitivo	In	20
Prefixo separativo	Pref. Separativo	1
Total de entradas em “a”		217

Poliana Maria Alves deixou um material importante para os Tuparí. Este dicionário é um dos poucos materiais de consulta para os professores Tuparí. Em conversas com os professores nos cursos de formação continuada que aconteceram no ano de 2018, os professores demonstram desejo de retomar o trabalho iniciado por Poliana Maria Alves, para futura

publicações. Planejam, também, fazer dicionários destinados às crianças das séries iniciais do ensino fundamental, com ilustrações e atividades pedagógicas. Além desse valoroso trabalho Alves contribuiu com outros estudos que apresentamos a seguir.

Alves, (2001), em seu artigo *Flexão relacional em Tuparí em Tupí-Guaraní*, apresenta os paradigmas nominal e verbal da flexão relacional identificados em Tuparí, comparando-os com os paradigmas de duas línguas da família Tupí-Guaraní: o Tupinambá e o Guaraní Antigo. Fundamentada em Rodrigues (1981), trata a flexão relacional como “uma variação de forma utilizada para indicar se o determinante de uma dada palavra a precede imediatamente, dentro de um mesmo sintagma, ou não” (ALVES, 2001, p.269). Propõe que cada marcador tenha dois alomorfes cuja distribuição divide todos os nomes e verbos em três classes morfológicas: (1) na primeira classe, ocorre o prefixo Ø- para contíguo, e s- para não contíguo; (2) na segunda classe, há também a ocorrência de Ø- para indicar o determinante contíguo, mas de i- para o não contíguo e (3) na terceira classe, o prefixo h- assinala a contiguidade do determinante e i- indica a sua não contiguidade. Voltamos aos achados de Alves no capítulo devotado à sintaxe da presente tese.

Alves publicou outros dois artigos sobre flexão relacional: *A Flexão Relacional em Tuparí* (2000). e *Flexão à esquerda: um problema para a lexicografia?* (2001). Publicou também um artigo intitulado *Nominalizações em Tuparí* (2005), outro sobre *O envolvimento da comunidade indígena no processo de elaboração do dicionário Tuparí-Português* (2008) e *Nomeação lexical na língua Tuparí* (2016)

3.2 AS INVESTIGAÇÕES DE LUCY SEKI

Lucy Seki iniciou seu estudo da língua Tuparí em 1993 durante o curso de formação de professores Tuparí, promovido pelo Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMA). Na ocasião, os professores foram introduzidos ao estudo da fonética e da fonologia de sua língua e iniciaram a primeira proposta de ortografia da língua Tuparí. Seki realizou vários trabalhos de campo entre 2000 e 2004 e publicou os seguintes trabalhos: *Tupari ?ema?e* (2003) e *Aspectos morfossintáticos do Nome em Tupari* (2002).

Seki inicia seu artigo *Aspectos morfossintáticos do Nome em Tupari* apresentando algumas informações sobre a língua como, por exemplo, sua classificação genética, para o que se reporta a Rodrigues (1986). Observa também que a língua havia sido pouco estudada, com um único trabalho, até então, que consistia em uma análise fonológica, de cunho estruturalista (ALVES, 1991). Menciona, citando Alves (1991) um trabalho inédito de Rodrigues, ao qual

não tivera acesso e que, segundo ela, o autor apresenta uma análise preliminar da fonologia e morfologia da língua, elaborada com base em dados bastante limitados, constantes em anotações feitas pelo antropólogo Franz Caspar.²⁰ Acrescenta que a coleta de dados junto a distintos falantes e o trabalho com a língua foram realizados em diferentes oportunidades. Ademais, continuaram mesmo depois que o projeto educacional do IAMÁ foi interrompido em 1995, devido à falta de recursos. O *corpus* reunido é bastante amplo, incluindo itens lexicais, construções gramaticais e textos de diferentes tipos.

A autora explica que o trabalho em tela é de natureza descritiva e apresenta “uma abordagem preliminar de aspectos da morfologia nominal Tupari, focalizando conjuntos de morfemas utilizados na língua para marcar a pessoa do possuidor e as funções sintáticas dos nominais” (SEKI, 2002, p.298). Ela faz, também, algumas considerações a respeito da fonologia da língua a partir da análise proposta por Alves (1991). Seki afirma que as oclusivas orais [p], [t], [k], [ʔ] e nasais [m], [n], [ŋ] se realizam em alofones não explodidos em coda de sílaba ao preceder pausa ou consoante. A autora coloca que conforme Alves (1991) nessa situação “os segmentos oclusivos surdos não explodidos variam livremente com os correspondentes semivozeados não explodidos” (p.298). Seki coloca que em seus registros, as realizações são de vozeadas e semivozeadas, mas não surdas. Acrescenta ainda, que há na língua uma série de segmentos consonantais implosivos e ejectives, os quais, segundo a autora, “ocorrem em variação livre entre si e com as sequências constituídas de segmentos oclusivos homorgânicos correspondentes (não explodidos) e oclusiva glotal.” (2002, p. 299). A autora afirma que, de acordo com suas observações, nesse contexto, os segmentos oclusivos se realizam como vozeados ou semivozeados.

Com relação as vogais Seki (2002) não descreve vogais longas para o Tuparí, mas admite, como fizera Alves (1991), que vogais orais e nasais são laringalizadas, quando contíguas à oclusiva glotal ou a segmento consonantal nasal.

Seki concorda com quase todos os elementos da análise fonológica de Alves (1991), em relação ao Tuparí e aponta algumas exceções:

1. Ausência, no quadro de fonemas consonantais, das oclusivas vozeadas bilabial /b/ e velar /g [...] No que respeita ao primeiro ponto, em todos os testes feitos, os falantes não aceitaram a substituição de [b] por [p] ou de [p] por [b] em várias palavras.

²⁰ O trabalho inédito mencionado por Seki provavelmente é *Versuch einer Grammatik der Tuparí Sprache* (1957), que foi traduzido para o português no ano de 2017.

2. Os segmentos oclusivos não explodidos são vozeados ou semivozeados, e em geral o segmento [k] se realiza como [g] em fronteira de morfema, precedendo vogal:

3- Registramos a presença de uma africada alveo-palatal [tʃ], cujo estatuto não está completamente claro. Em certas situações parece tratar-se de uma realização da seqüência k + i+ V não alta

4-No que respeita às vogais, discordamos da interpretação do segmento [i], considerado por Alves (1991, pg. 28) como “central não-arredondado alto fechado”. As verificações por nós feitas junto a distintos informantes e falantes Tupari mostram que se trata de um segmento alto não posterior arredondado [ɨ]. Uma evidência adicional disso é o fato de que, ao precedê-lo, o fonema /p/ realiza-se como [ɸ], alofone que, como visto, ocorre diante de vogais labializadas.

5-Persistem ainda dúvidas quanto à interpretação, dos segmentos nasais [ɲ] e [ɲʰ], quanto ao status da duração vocálica e do acento, considerados como não distintivos por Alves, bem como quanto ao status do segmento fricativo pré-consonantal [h]. (SEKI, 2002, p.300-301)

Importante ressaltar que Seki (2002) descreve vários fenômenos já descritos por Rodrigues e Caspar (1957), como a existência de vogais arredondadas centrais.

Sobre os nomes em Tuparí, tema central de seu artigo, descreve suas funções sintáticas e os analisa morfológicamente, classificando-os como possuíveis e não possuíveis. Os nomes possuíveis vêm, segundo a autora, “precedidos de um modificador (possuidor), expresso por um nome ou por prefixos pessoais” (SEKI, 2002, p. 302). Descreve o sistema pessoal, mas não inclui a distinção entre singular e plural com respeito à primeira pessoa inclusiva. Entretanto, observa o uso enfático de um paradigma de pronomes pessoais, analisados por nós, como flexionado pelo caso determinativo.

Quadro 6 – Paradigma de Pronomes Pessoais

	Prefixos	pronomes	
		Simples	enfáticos
1 SG.	o- ~w-	õn	orẽn
2 SG.	e-	ẽn	ẽrẽn
1 INCL.	ki- ~ ky-	okit /kit	okit /okitwat
1 EXCL.	ote-	ote	otet
2 PL.	wat-	wat	waret / wat'et
3	i ~ y s- ~ si- te-	he / e	het
relacionais	h- ~ ø		

Fonte: Seki (2002, p. 302-303)

Seki reconhece a existência de flexão relacional em Tuparí. Segundo a autora, o “prefixo h- ~ Ø ocorre frequentemente na locução genitiva, codificando um possuidor expresso por um nominal precedente, numa função similar à do prefixo relacional {r-} de línguas Tupi-Guarani” (p. 304)

A autora exemplifica²¹ o uso desse prefixo com os seguintes exemplos:

- (15) a kat'are i-er-et
 Como 3-nome-Nom
 ‘como é o nome dele?’
- b o-mên h-er-et Hiroshi
 1sg-marido 3-nome-Nom hiroshi
 ‘meu marido, o nome dele é Hiroshi’
- c jose h-eg-et pakop
 José 3-casa-Nom nova
 ‘a casa de José é nova’

Seki descreve cinco sufixos marcadores de caso em Tuparí, segundo ela: nominativo {-et}, comutativo {-erem}, alativo/instrumental {-o}, ablativo/locativo {-ere}, locativo {-pe}. Contudo trata no artigo apenas dos dois primeiros.

Para a autora, o sintagma nominal “nas funções de A, S e O vem marcado pelo sufixo {-et} ‘Nominativo’ (Nom), o qual se realiza em quatro alomorfes: -et, -t, -en e -n.” (p. 305)

Possivelmente o uso feito pela autora de “nominativo” não se refere ao caso morfológico de sujeito, mas relativo a nome, visto que em seus dados, o objeto direto vem também flexionado pelo sufixo. Vejam os exemplos a seguir (SEKI, 2002, p.305):

- (16) a. amêko-t kur-et ôpopna(cf. kut ‘menino, criança’)
 onça-Nom menino-Nom matar
 ‘a onça matou o menino’

- b. aramirã-n o-mêr-em toa

²¹ Numeração dos exemplos segue a ordem do trabalho da autora.

mulher -Nom 1sg-marido-Nom ver

‘a mulher viu meu marido’

c. opa-et kaa ’õn (cf. opap 'milho')

milho-Nom comer eu

‘eu comi milho’

Segundo a autora:

Dado que as funções de A e O recebem a mesma marca morfológica, a distinção entre elas é marcada pela ordem, que nas construções transitivas independentes é AOV, nas situações em que A e O são expressos por nominais e em que não há evidência de influência de fatores contextuais. (SEKI, 2002, p. 305)

A autora conclui seu artigo, ressaltando que, “Apesar de escassas, as considerações aqui feitas permitem apontar lacunas na análise fonológica existente e apontar fatos cuja análise deverá ser aprofundada” (p. 308) Ressalta também que os seus dados permitem mostrar diferenças entre o Tuparí e o Mekéns, citando Galúcio (1996), como a inexistência nessa língua de um sufixo correspondente ao do Tuparí, analisado por Seki como “Nominativo”.

Seki foi muito importante para os Tuparí, pois foi a primeira a se preocupar com a alfabetização em língua materna, com a formação de professores Tuparí e com o registro de narrativas Tuparí na língua do povo, estimulada por Betty Mindlin que a convidou para o primeiro Curso de Formação dos Professores Tuparí. Mindlin também se preocupava com o registro na língua das narrativas que ela própria coletava e que hoje constituem uma raridade, em termos de documentação da língua, literatura e história dos antigos do povo Tuparí.

Seki reuniu vários textos transcritos pelos professores indígenas, sob sua orientação. Em 2000 ela organizou com professores Tuparí um material didático para alfabetização na língua, intitulado *Tupari’ema’e*, foi o primeiro material didático para as escolas, produzido na língua Tuparí, este material foi publicado em 2003.

3.3 DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA COM OS TUPARÍ POR BETTY MINDLIN

Mindlin foi fundamental para que deslanchasse o interesse dos professores Tuparí para o estudo linguístico e documentação de sua língua. A convite dela, participou dos cursos do IAMA a Dra. Lucy Seki. Mindlin coletou várias narrativas junto aos Tuparí incluídas em seus livros, como *Moquecas de Marido: contos eróticos* (1997) reeditado em 2015, em que reúne 17 narrativas Tuparí, Makurap, Djeromitxi, entre outros. Outro livro de mitos importante é *Tuparis*

e Tarupás: narrativas dos índios Tuparis de Rondônia. Sabiamente registrou na década de 1990, várias narrativas sobre antigas histórias em língua Tuparí, que recentemente doou aos Tuparí, deixando cópia, com Edineia Aparecida Isidoro e com Ana Suelly A. C. Cabral que estão atualmente realizando oficinas para publicação de um livro bilíngue contendo essas narrativas.

3.4 OS ESTUDOS DE ADAM ROTH SINGERMAN

Singerman desenvolveu sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado sobre a língua Tuparí. Sua dissertação de mestrado *Nasal Harmony in Tupari* foi publicada em forma de artigo sob o título *Nasal harmony and phonotactic well-formedness in Tupari*. Nele o autor apresenta uma descrição tipologicamente orientada do sistema de harmonia nasal do Tupari, focalizando na nasalização de consoantes em posição de coda, que fora descrito pela primeira vez por Caspar e Rodrigues (2017). Singerman analisa o fenômeno considerando-o desafiador das alegações tipológicas feitas por Walker (2000, 2003), Piggott (2003) e outros sobre o comportamento de oclusivas surdas em sistemas de harmonia nasal. O autor propõe que a nasalização da coda em Tupari deve ser analisada separadamente da propagação nasal, devido ao fato de ser orientado por um princípio fonotático independente, exigindo que todos as rimas são uniformemente nasais ou orais.

Em sua tese de doutorado intitulada *The morphosyntax of Tuparí, a Tupian language of the Brazilian Amazon*, Singerman (2018a, p.19) considera a sua tese como a “descrição e análise mais extensa já disponível para Tuparí”. Para o autor trabalhos anteriores sobre Tuparí: Rodrigues e Caspar (2017), Seki (2001); Alves (2004) discutiram apenas fonologia e morfologia básicas. Uma visão, ao nosso ver, minorizada dos trabalhos realizados por esses pesquisadores brasileiros. Segundo o autor, a sua tese, ao contrário, “[...] trata de uma ampla gama de questões gramaticais com foco especial na organização sintática da cláusula Tupari” (p.19). O autor, que se beneficiou enormemente dos trabalhos precedentes de autoria de brasileiros, inclusive produzindo um material de alfabetização, a partir de coletâneas organizadas por Seki e professores Tuparí no ano de 2000. Este material para alfabetização denominado *Wan Tupari Ema'en Nka! Nova cartilha de alfabetização e leitura na língua Tupari*. Foi organizado no ano de 2016.

Nos capítulos 2, 3 e 4, Singerman (2018a) descreve a morfologia, contribuindo sobretudo com a descrição de auxiliares, um tema muito bem explorado pelo autor. Algumas de suas conclusões com respeito a esses capítulos são:

Além da negação / privação, o domínio nominal mostra pouca evidência de estrutura funcional elaborada: modificação adjetival é escassa, marcação de número é opcional e não há determinantes.

– Os verbos lexicais, por outro lado, exibem muito mais complexidade morfológica do que foi declarado em estudos anteriores; por exemplo, um conjunto diversificado de prefixos adverbiais demarcam um espaço morfológico especial no verbo para objetos incorporados.

– Tuparí usa auxiliares para expressar significados de posição, aspecto e tempo. Uma propriedade forte desses auxiliares, assim como de verbos lexicais que expressam movimento é a concordância de número, manifestada através da supressão de raízes, o que demonstra que a gramática Tupari distingue ativamente argumentos singulares, paucal e plurais. (SINGERMAN, 2018, xxiii, tradução nossa)²²

Singerman (2018a) dedica o capítulo 5 de sua tese à sintaxe do Tuparí, definindo a estrutura da oração. No capítulo 6 aborda a expressão da evidencialidade em Tupari, identificada pela primeira vez por Alves (2004). O autor avança na descrição da pesquisadora e mostra que Tuparí marca um contraste do que é testemunhado / não testemunhado, através de um sufixo verbal que concorda em número com o sujeito, esse sufixo é -pnẽ / -psira. O capítulo conclui abordando a origem de -pnẽ / -psira.

Em seu artigo *Negation as an exclusively nominal category* (2018b), Singerman defende que negação em Tuparí é uma categoria exclusivamente nominal, uma vez que os verbos devem estar nominalizados para receber o morfema de negação. O autor defende a ideia de que, para fins de comparação tipológica, a negação em Tuparí destaca a necessidade de classificações de negação que levam em conta as assimetrias construtivas entre cláusulas afirmativas e negativas e as propriedades seletivas e categóricas dos morfemas negadores individuais.

Em seu artigo *Non-witnessed evidentiality in Tuparí and its connection to resultative constructions in the perfect aspect* Singerman (2019) retoma o capítulo 5 de sua dissertação sobre a origem histórica de pnẽ / -psira, associada ao morfema homófono “resultativo”, que havia sido descrito pela primeira vez por Rodrigues e Caspar (1957), embora apenas um de seus alomorfes.

No artigo *Termos de parentesco na família Tupari (Tupi)*, Singerman, Nogueira, Soares Pinto, Galúcio (2019) propõem uma reconstrução de termos de parentesco para o Proto-

²² Texto original em inglês

Tuparí, partindo da reconstrução fonológica proposta por Moore e Galúcio (1994) e revista por Galúcio e Nogueira (2011).

3.5 OUTROS TRABALHOS

Dois outros artigos foram publicados sobre a morfossintaxe do Tuparí: O Morfema *-et* “determinativo” na família linguística Tuparí, com foco especial em sua função na língua Tuparí (2017), autores: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Edineia Aparecida Isidoro, Raul Pat’Awre Tuparí e Isaías Tuparí. e *Predicados não verbais em Tuparí* (2018), autores: Edineia Aparecida Isidoro, Raul Pat’Awre Tuparí e Isaías Tuparí.

No artigo O Morfema *-et* “determinativo” na família linguística Tuparí, com foco especial em sua função na língua Tuparí os autores tratam do morfema *-et* na família Tuparí, principalmente da sua função na língua Tuparí, analisado em dois textos escritos por alunos Tuparí, da Terra Indígena Rio Branco, localizada no estado de Rondônia. Os autores mostram que a análise de Caspar e Rodrigues (1957) desse morfema é a mais adequada por identificar seus componentes semânticos mais salientes: determinado, específico e pertencimento. Os autores comparam o morfema *-et* (*-et ~ -t ~ -en ~ -n*) do Akuntsú, Tuparí e Makuráp e concluem que o morfema compartilhado por essas línguas confere ao referente de um nome o *status* de determinado e de especificado em contraste com a sua forma genérica, que não recebe esse sufixo, seguindo a análise de Rodrigues e Caspar (2017) para o Tuparí e a análise de Braga (2005) do sufixo correspondente em Makuráp.

No artigo *Predicados não verbais em Tuparí* (2018) os autores descrevem os tipos de predicados não verbais identificados até o presente na língua Tuparí, tomando por base dados do Tuparí contidos em Rodrigues e Caspar (2017) e em Alves (2004), além de, novos dados coletados em 2011 e 2016 em Brasília, em 2013 em Ji-Paraná, e em 2017 e 2018 na Terra Indígena Rio Branco. A análise referencia-se nas tipologias de predicados propostas por Payne (2007) e por Dryer (2007). Ademais, seus resultados contribuíram com a descrição de predicados pouco estudados em estudos anteriores.

3.6 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, apresentamos um panorama dos estudos linguísticos realizados até o presente momento sobre a língua Tuparí. A ideia era mostrar que todos os estudos são contribuições fundamentais para o conhecimento da língua Tuparí, que não pode mais ser considerada como uma língua pouco estudada, embora muito há que ser feito para a sua ampla

descrição e documentação, para que sirva principalmente para fortalecer o seu ensino nas escolas Tuparí e para a construção de bancos de dados acessíveis aos falantes da língua. Na história dos estudos linguísticos, aqueles desenvolvidos nos últimos anos se beneficiaram dos precedentes, que foram pioneiros na descrição básica e fundamental da língua, numa época em que os Tuparí ainda eram monolíngues. Esses estudos, inclusive a presente tese, não partiu do zero, mas do legado deixado por Rodrigues e Caspar na década de 1950, um trabalho admirável, suporte não apenas para os estudos subsequentes do Tuparí, mas para os estudos das demais línguas da família Tuparí.

4. CLASSE DE PALAVRAS

Como já colocado anteriormente, o esboço da gramática Tuparí de autoria de Rodrigues e Caspar (2017), pelo seu pioneirismo e pelas análises resistentes ao tempo tem sido fundamental para os estudos subsequentes sobre essa língua. Quanto às classes de palavras, a descrição de Rodrigues e Caspar postula classes de raízes flexionáveis e raízes não flexionáveis. Os nomes e os verbos são as classes flexionáveis, enquanto a classe de atributos é não flexionável, assim como a classe de partículas. Segundo os autores:

[...] o nome pode ocorrer tanto com prefixos pessoais (como indicador de posse) como também com sufixos casuais, especialmente com o sufixo determinativo - *et*. O verbo pode ocorrer com prefixos pessoais (como indicador de sujeito ou objeto) e com sufixos temáticos. O atributo pode ocorrer apenas com o sufixo =*om* ‘negação’, e não ocorre com prefixos pessoais. Por sua vez, as partículas são inflexionáveis.” (RODRIGUES;CASPAR, 2017, p.39)

O quadro seguinte sistematiza os principais critérios usados por Rodrigues e Caspar para distinguir classes de raízes em Tuparí.

Quadro 7 – Critérios para distinção de classes de raízes

	Sufixos casuais	Prefixos Pessoais	Sufixo Temático	Negação
Nome	+	+		+
Verbo		+	+	+
Atributo				+
Partícula	-	-	-	-

A análise das classes de palavras aqui apresentada toma como base a descrição de Rodrigues e Caspar (2017) sobre a morfologia flexional e derivacional e as respectivas categorias que expressam, assim como a semântica e posição das partículas. Tratamos da morfologia flexional e derivacional considerando a sua ocorrência com uma única classe de palavra – morfologia endocêntrica – e morfologia que se combina com mais de uma classe de palavra – morfologia exocêntrica. Esta distinção é importante para a compreensão de princípios ativos na gramática da língua. Iniciaremos com a descrição da morfologia exocêntrica, retomando a descrição de Rodrigues e Caspar, acrescentando dados do nosso *corpus* e informações relevantes de outros linguistas que estudaram a língua depois desses dois autores.

4.1 NOMES E VERBOS: MORFOLOGIA FLEXIONAL EXOCÊNTRICA

Nomes e verbos são as classes flexionáveis, as quais compartilham dois paradigmas flexionais: o paradigma dos prefixos pessoais e o paradigma dos prefixos relacionais. Esses dois paradigmas são os paradigmas flexionais exocêntricos.

4.1.1 Prefixos Relacionais

Prefixos relacionais flexionam nomes e verbos, e sua função é a de marcar a contiguidade ou não contiguidade sintática do determinante de um nome, o seu possuidor, ou de um objeto direto de um verbo transitivo (RODRIGUES 2001a, 2001b, 2010; RODRIGUES; CABRAL, 2012; CABRAL, 2001; ALVES, 2001, 2004). Já os prefixos pessoais flexionam nomes e verbos transitivos e intransitivos. Nos nomes, marcam o possuidor, nos verbos intransitivos, o sujeito e, nos verbos transitivos, o objeto. Reproduzimos, em seguida, os prefixos relacionais do Tuparí apresentado por Alves (2001, 2004):

Quadro 8– Prefixos Relacionais

	Contíguo	Não contíguo
Classe I	∅-	s-
Classe II	∅-	i- ~ y- ~ ñ-
Classe III	h-	i-

4.1.2 Flexão pessoal

Os prefixos pessoais também integram a morfologia flexional exocêntrica. Flexionam nomes e verbos. Nos nomes, marcam o possuidor; nos verbos intransitivos, o sujeito; e nos verbos transitivos, o objeto. O paradigma flexional de pessoa distingue uma primeira pessoa do singular, uma primeira pessoa inclusiva, uma primeira pessoa exclusiva e uma segunda pessoa do singular. Há um prefixo de terceira correferencial.

Quadro 9 – Paradigma de flexão pessoal

Pessoa/número	Prefixo pessoal
1	o-
2	e-
1INCL	ki-
1EXCL	ote-
3.CORR	te-

O prefixo *ki-* ‘1INCL.’ codifica primeira pessoa dual, mas pode incluir uma terceira pessoa. Quando inclui o ouvinte e várias outras pessoas, o pronome independente recebe a marca de ‘coletivo/plural’ *wat* como veremos na seção relativa aos pronomes pessoais.

4.2 NOMES

Os nomes constituem uma classe aberta, onde há maior incidência de empréstimos do português. Nomes dividem-se em relativos e absolutos. Relativos são nomes de seres concebidos como parte de um todo, enquanto nomes absolutos são nomes de seres vistos como independentes de um determinante. Nomes de animais e de certos elementos da natureza fazem parte desta classe. Há nomes que desempenham funções argumentivas, outros que desempenham a função de vocativo e outros de atributo. Nomes que referem serem concretos podem exercer funções tanto argumentivas quanto atributivas, embora a língua possua uma subclasse de nomes atributivos, que se distingue de nomes substantivos, por seus elementos não funcionarem como núcleo de sintagmas nominais e por não se combinarem com prefixos pessoais, embora se combinem com sufixos casuais.

4.2.1 Nomes atributos

Nomes atributos combinam com nomes substantivos, atribuindo-lhes uma qualidade, formando com estes um sintagma nominal:

(01) *uyẽ aẽ*
 boca fedida
 ‘boca fedida’

(02) *ek pot*
 casa velha
 ‘casa velha’

(03) *tobeko poyn’e*
 feijão mole
 ‘feijão mole’

- (04) po tara
mão chata
'mão chata'

Nomes atributos recebem morfologia casual, visto que esta flexiona o último elemento à direita do sintagma nominal:

pout 'novo'

- (05) kut=pour-t o-memsit
criança=nova-DET 1-filho.DE.MULHER
'a criança nova é meu filho'

papoa 'bonito'

- (06) kire=papoa-t apsît te-at kar-a ter-a ãro-m
gente=bonito-DET muda 3-AUX cair-ST ir-ST lá-INST.AL
'muda de gente bonita foi afundando para lá (dentro do buraco)'

posi 'pesado'

- (07) suksuk'a wa'i=posi-re na na i-kiet hamarõ
cansar pedra=pesada-ABL EST EST R²-irmão esquerdo
'cansaram de peso de pedra pesada, irmão esquerdo (segurando um lado da pedra)'

Outros exemplos:

- (08) kire=papoa-t i-ope ko 'on o-tet
gente=bonita-DET R²-ASS.MOV AUX.INT 1 1-ir
'eu vou com gente bonita'

- (09) aramirã=uruk-yam ko 'on o-ter-ap
mulher=magra-DAT AUX.INT 1 1-ir-NNC
'eu vou na mulher magra'

(10) teka-et te-aor-a kut apap'a=erar-ere
 ura-DET 3CORR-sair-ST criança cabeça=grande-ABL
 'a ura saiu da cabeça grande da criança'

(11) teka-et ter-a kut apap'a=erar-o
 ura-DET 3CORR.ir-ST criança cabeça=grande-INST.AL
 'a ura foi para a cabeça grande da criança'

(12) poar-et taropa=poar-et te-yaora yerõare
 bom-DET branco=bom-DET 3CORR-sáíram enquanto
 'enquanto eles, os brancos saíam'

(13) taropa=erop'a-t te-aor-a na
 branco=espírito.mau-DET 3CORR-sair-ST EST

 i'anem-sira-p kut i'anem
 assim ir.PL-NNC T.IM assim
 'os espíritos maus(brancos) saíram, assim foram saindo, assim'

4.2.2 Nomes e sua morfologia derivacional endocêntrica

Nomes substantivos combinam com os seguintes morfemas derivacionais para formar novos nomes:

4.2.2.1 -siro / -psiro ~ -msiro 'conteúdo'

Rodrigues e Caspar (2017) descreveram o sufixo *-siro* / *-psiro* ~ *-msiro* como formadores de radicais nominais simples, contribuindo com o significado de "o que contém, o que tem [...]". A distribuição dos alomorfes desse sufixo foi descrita por esses autores, da seguinte forma: "os alomorfes *-siro* e *-psiro* ocorrem em variação livre depois de fonemas não nasais. O primeiro é a variante mais freqüente. O sufixo *-msiro* ocorre depois do fonema nasal" (p. 45). Exemplos dados pelos autores são:

itsiro ‘o que tem no prato’ ‘o que tem acompanhamento’ (no sentido duma parte da comida que acompanha outra de valor nutritivo mais alto, como por exemplo uma salada)

oitsiro ‘que contém sal (como adição a comida, sabor agradável)’.

hit=apsiro ‘o que tem flores (*hit=a* flores)’

paiãmsiro ‘canhoto (*paiã* ‘habilidade com a mão esquerda)’

ioitsiroka ‘ela come com sal’. (Lit: que contém sal, ela come).

Exemplos do nosso *corpus* são os seguintes:

(14) i-men-siro ’on
R²-marido-POSS 1
‘eu tenho marido’ (marido meu)

(15) i-men-siro ’en
R²-marido-POSS 2
‘você tem marido’ (marido seu)

(16) hê-t i-men-siro
esse-DET R²-marido-POSS
‘ela tem marido’ (marido dele)

(17) i-men-siro ote
R²-marido-POSS 1EXCL
‘nós temos marido’ (maridos de nós)

Esses últimos exemplos mostram que *-siro* forma temas de predicados possessivos em Tuparí, como veremos no capítulo sobre predicacão não verbal desta tese.

4.2.2.2 -'a 'classificador de coisas percebidas como circunscritas, redondas, delimitadas'

Rodrigues e Caspar (2017, p. 45-46) descreveram o sufixo *-a* (sem glotal)²³, como formador de nomes a partir de radicais nominais simples e complexos, os quais “são marcados por uma característica especial, podendo ser representados como ‘aquele que é [...]’ ou ‘aquele que tem [...]’”. Exemplos dados pelos autores são:

hat=a ‘tocandira, espécie de formiga venenosa’ (Lit: aquela que é como cobra
hat ‘cobra’)
hat=ato=a ‘tocandira grande’ (Lit. aquela que é como cobra grande)
pep=a ‘borboleta’ (Lit. aquela que tem asa)
akörap=ap=a ‘espécie de aranha’ (Lit. aquela que tem cabelo como de *akörap*)

Uma informação importante dada pelos autores é a de que, “Em alguns casos a raiz que ocorre em união com esse sufixo *=a*, não ocorre como radical livre”, exemplificado pelos seguintes dados:

akan=a ‘osso’
tep=a ‘amargura, vesícula biliar’
apap=a ‘cabeça’ (compare com *apap=erasi* ‘dor de cabeça’)
siaŋ=a ‘tornozelo’, de *si* ‘pé’ + *aŋ* ‘junta’ (compare com *miaŋ=a* ‘joelho’ e *aŋ=ia* ‘juntar’)

Ou seja, são nomes relativos, partes de um todo: ‘osso’, ‘cabeça’, ‘vesícula biliar’, ‘tornozelo’, razão pela qual só ocorrem com um possuidor.

Esse sufixo tem, como constataram Rodrigues e Caspar (2017), a propriedade de formar novos nomes, entretanto, verificamos que a sua função principal é a de classificar referentes de nomes. Entretanto possuidores do traço que é saliente para os Tuparí ‘circunscrito, redondo, delimitado’. Os exemplos seguintes evidenciam o uso de *-a* como morfema classificador:

(18) Exemplos

²³ Quando Rodrigues fonemizou os dados obtidos por Caspar junto aos Tuparí, não viu evidência da oclusiva glotal, uma vez que Caspar não sinalizou de alguma forma a existência desse som na língua. Dados coletados a partir de Alves nas décadas de 1990 e 2000 (inclusive com participação de Rodrigues), e posteriormente IB durante as oficinas no âmbito do Programa de Extensão Universitária – PIBEX (2010), do Programa de Extensão Universitária (ProExt – 2013) e do Programa Saberes Indígenas na Escola (2014, 2015 e 2016), permitiram confirmar o fonema oclusiva glotal na forma fonológica do sufixo *-ʔa*.

mo'ã	'bola'
amo'ã	'redondo'
apap'a	'cabeça'
oropo'ut'a	'urubu rei'
pok'a	'jabuti'
hiop'a	'pedaços de breu'
kup'a	'fruta'
hit'a	'flor'
kupsuk'a	'bodó'
kakak'a	'espécie de gavião que não come bicho de couro'
apsikupamon'a	'brinco arredondado'
apsirip'a	'orelha'
wano'a	'coração'
arak'a	'araçari-poca de bico vermelho', 'pintalgado'
arata'a	'arara canindé'
araw'a	'castanha'
araw'a'a	'ouriço da castanha'

A natureza derivacional de classificadores é fato reconhecido nos estudos linguísticos (AIKHENVALD, 2000; GRINEVALD; SEIFARD, 2004; XU; MATTHEWS, 2011). Cognatos do classificador - 'a do Tuparí são encontrados em línguas de diferentes famílias do tronco Tupí, como no Mundurukú (CROFTS, 1973), Káro (GABAS JUNIOR, 1999), Gavião (KAV SONA GAVIÃO, 2019) e Suruí Paitér (CABRAL et al., 2014).

Cabral et al. (2014) demonstraram a existência e produtividade do classificador *ah* em Suruí (Mondé), que classifica nomes percebidos como 'circunscritos, ou de forma arredondada e/ou delimitada', o que é ilustrado pelos autores por meio de 98 nomes classificados por esse clítico. Alguns desses exemplos mostram contrastes de nomes cujos referentes são percebidos como 'circunscritos, ou de forma arredondada e/ou delimitada' e de nomes que não são percebidos como pertencentes a essa classe, como o contraste entre o intestino grosso e intestino delgado, e entre dentes molares e sisos em contraste respectivamente com dentes caninos e incisivos:

Quadro 10 – Exemplos de classificador *ah* em Suruí Paitér

intestino grosso	ḡor ah pep ah
intestino delgado	ḡor ah xiter
dentes molares	ikahp beti ah
dentes sisos	ikahp sak ah
dentes caninos	ikahp ewato
dentes incisivos	ikahp abi

Fonte – (CABRAL et al, 2015, p.167)

Como observado por Cabral et al. (CABRAL, 2015, p.169) “O morfema *ah* do Suruí vem do PT ** *'a* ‘cabeça’, ‘coisa redonda’.” A forma ** *'a* ‘cabeça’, ‘coisa redonda’ foi reconstruída por Rodrigues (2010), e é ela que também está na origem do morfema *-a* em Tuparí. O reflexo do Proto-Tupí Guaraní ** *-a* sobrevive também no nome *-a* para fruta, em Tuparí.

4.2.2.3 *-ato* ‘aumentativo/intensivo’

Outro sufixo derivacional que deriva nomes de bases nominais em Tuparí é *-ato* ‘aumentativo’. Rodrigues e Caspar observam que este sufixo poderia não ser mais produtivo na língua, à época do seu registro por Caspar. Exemplos dados pelos autores são:

hako=ato ‘espécie de lagarto’

mororo=ato ‘animal de imenso cinto’ (compare com *paroro* ‘espécie de animal de cinto pequeno) tatu gigante, tatu-canastra, tatuauçu (comparo com *paroro* ‘espécies de tatu mais pequenos’

po=ato ‘polegar’

sito=ato ‘dedão do pé’

mensirop=ato ‘sogra da mulher’ (*mensit* ‘criança com relação a mãe’ e *op* ‘pai’)

Exemplos do nosso *corpus* são:

(19) *akirap=ato* macaco grande

si'o=ato borrachudo pium grande

okio=ato homem forte, grande

4.2.2.4 *-sin* ‘diminutivo/atenuativo’

O sufixo *-sin* é descrito por Rodrigues e Caspar como formador de diminutivos, ilustrado pelos seguintes exemplos:

<i>siepsin</i>	‘pequena esteira’
<i>porpesin</i>	‘bainha (de faca)’ (de <i>porpe</i> ‘faca de rapaz’)
<i>iösin</i>	‘igarapé’
<i>hatsin</i>	‘pequena cobra’
<i>pensin</i>	‘pequeno arco’

Exemplos do nosso *corpus*:

- (20) *eksin* ‘casinha’
pensin ‘arquinho’
apap’asin ‘cabecinha’

4.2.2.5 =*iri* ‘diminutivo’

Finalmente, Rodrigues e Caspar (2017, p.47) descrevem o morfema =*iri* como sufixo e acertadamente o trataram como morfema sufixal formador de novos nomes cujos referentes são percebidos como pequenos:

4.2.2.6 Verbalizadores

Nomes relativos substantivos e atributos são a base para a formação de verbos por meio dos seguintes morfemas derivacionais verbalizadores:

4.2.2.6.1 O verbalizador *-ka*

Rodrigues e Caspar (2017) observam que esse sufixo é adicionado a radicais nominais e atributivos para formar verbos transitivos. Exemplos dados pelos autores são os seguintes:

<i>apirika-</i>	Vt	‘dar remédio, medicar’ do nome <i>apiri</i> ‘remédio’
<i>poaka-</i>	Vt	‘supurar’ do nome <i>pao</i> ‘pus’
<i>noka-</i>	Vt	‘alterar, mudar’ do nome <i>no</i> ‘um outro’
<i>peka-</i>	Vt	‘pelar, descascar, descamar’ do nome <i>pe</i> ‘pele, casca, escamas’
<i>kiatka-</i>	Vt	‘levantar, pendurar’ do nome <i>kiat</i> ‘altura’
<i>akopka-</i>	Vt	‘aquecer, esquentar’ do atributo <i>akop</i> ‘quente’
<i>poatka-</i>	Vt	‘fazer, manufaturar’ do atributo <i>poat</i> ‘bom’

- taraka-* Vt ‘alargar, aumentar, expandir’ do atributo *tara* ‘largo’
sim=eka- Vt ‘fazer escuro, ficar na luz’ do atributo *sim=e* ‘escuro’
sömka- Vt ‘molhar-se’ do atributo *söm* ‘molhado’
posika- Vt ‘dificultar a respiração’ do atributo *posi* ‘pesado, difícil’

Exemplos de nosso *corpus*:

- (21) ki-amsi-t poat-ka hat pe poat-ka
 1INCL-nariz-DET bom-VBLZ aqui SUCS bom- VBLZ
 ‘depois consertaram nosso nariz’
- (22) hat ki-epapsit pe poat-ka
 aqui 1INCL-bochecha SUCS bom-VBLZ
 ‘aqui, consertaram nossa bochecha’
- (23) ki-miaj’a-n ki-ata=ku-et pe poat-ka
 1INCL-joelho-DET 1INCL-nádegas=acima-DET SUCS bom-VBLZ
 ‘depois consertaram nosso joelho e nossa coluna’
- (24) hèt kiat-ka posi wa’i na pe
 ele-DET erguido-VBLZ pesado pedra fazer SUCS
 ‘eles ergueram pedra pesada, depois’
- (25) hèt kiat-ka wa’i na pe posi
 ele-DET erguido-VBLZ pedra EST SUCS pesado
 ‘depois eles ergueram pedra pesada’

Rodrigues e Caspar observam que, por meio de duplicação de uma raiz nominal, verbal ou atributiva e adição do sufixo *-ka* “[...] são formados radicais verbais transitivos. Com os radicais mono e dissílabos, o radical inteiro é duplicado, enquanto que com os radicais trissílabos são repetidas apenas as duas últimas sílabas” (p.80-81).

Exemplos dados pelos autores:

<i>eö=eö=ka-</i> Vt	‘manchar de sangue’ do nome <i>eö</i> ‘sangue’
<i>õpo=õpo=ka-</i> Vt	‘sujar’ do atributo <i>öm</i> ‘sujo’
<i>sik=sik=ka-</i> Vt	‘sujar (manchar)’ do atributo <i>sik</i> ‘sujo, preto’
<i>peop=peop=ka-</i> Vt	‘tornar vermelho’ do atributo <i>peop</i> ‘vermelho’
<i>harek=harek=ka-</i> Vt	‘fazer mal’ do atributo <i>harek</i> ‘mal’

Rodrigues e Caspar (2017) dão alguns exemplos de temas reduplicados e causativizados pelo causativo *-ka*, sugerindo que podem se tratar de atributivos que não ocorrem livremente e são provavelmente ideofones, mas podem ser nomes de natureza ideofônica:

<i>pak=pak=ka-</i> Vt	‘dar pancadas (golpes)’
<i>apaŋ=apaŋ=ka-</i> Vt	‘bater, chicotear’
<i>ket=e=ket=e=ka-</i> Vt	‘fazer cócegas’
<i>wekere=kere=ka-</i> Vt	‘brincar’
<i>õ=õ=ka-</i> Vt	‘gemer (em longos tons)’

Concordamos com Rodrigues e Caspar (2017) de que essas reduplicações, embora sejam de raízes verbais, funcionam como nomes de natureza ideofônica. Exemplos de nosso *corpus*:

- (26) erote ar-a 'at'at-ka o-memsir-et
 tudo pegar-ST pegar=pegar-VRBL 1-filho-DET
 arop Ø-'ar-a ko 'on
 comida R¹-pegar-ST AUX.INT 1
 ‘ficou dentro da tocaia e escutou pegarem o milho todo “deixem eu pegar a comida para meu filho’
- (27) kiepe õpot-'om=opot-'om-ka herek'a war-apteka
 agora deixar-NEG=deixar-NEG-VBLZ acontecimento 2PL-AUX
 ‘não deixavam, não deixavam’

Não encontramos até o presente o verbalizador *-ka* combinado com raízes verbais não reduplicadas, o que favorece a observação de Rodrigues e Caspar. Deve-se destacar que identificamos, também, alguns exemplos com o verbalizador *-ki*, descrito por Rodrigues e Caspar como sendo de baixa produtividade:

- (28) wan.'om here puop-'om tat top=top-ki-a na
 mas.não então saber-NEG somente olhava-VRBL-ST EST
- (29) Tupari-t i-anem-psira-p kut ote-arop-na tarupa
 Tupari-DET R²-estar-N.AT.PL-NNC T.IM 1EXCL-PERT-TRANS branco
 'os Tuparí ficaram só olhando, o branco'

4.2.2.6.2 O verbalizador *-ne*

Rodrigues e Caspar descrevem o sufixo *-ne* como formador de temas (radicais) verbais transitivos, a partir de radicais nominais, e intransitivos a partir de radicais atributivos. Os autores consideram que nos temas transitivos resultantes da derivação o morfema *-ne* pode ser traduzido por 'fazer' e o dos intransitivos como 'tornar-se'.

Alves (2004), embora use exemplos que se assemelham aos de Rodrigues e Caspar (2017), considera a forma do sufixo verbalizador como sendo *-na*. Singerman (2018, p. 85) ecoa Rodrigues e Caspar, postulando a forma *-ne*, mas sem citar a descrição dos dois autores. Exemplos dados por Rodrigues e Caspar são:

- ape=ne*- Vt 'fazer caminho' do nome *ape* 'caminho'
asi=ne- Vt 'adicionar dor ((queixar-se) reclamar)' do nome *asi* 'dor'
iroap=ne- Vt 'imitar' do nome *iroap* 'pintura'
poa=ne- Vi 'tornar-se sadio' do atributo *poat* 'sadio'
irik=e=ne- Vi 'trabalhar, fazer algo rápido, correr rápido' do atributo *irik=e* 'ágil, ativo'
peop=ne- Vi 'tornar-se vermelho' do atributo *peop* 'vermelho'

Exemplos do verbalizador *-ne* do nosso *corpus*:

- (30) opa-et Ø-ku'u pe te-kot-ne-m na-m kut
 milho-DET R¹-debulhar SUCS 3CORR-tocaia-VRBL-NNC EST-NNC T.IM

ekot-na	ekot-ne-m	pe	ekot-ne-m	pe
tocaia-fazer.ST	tocaia-VBLZ-NNC	SUCS	tocaia-VBLZ-NNC	SUCS
‘debulhou milho depois fez tocaia, fez tocaia, depois, fez tocaia’				

4.2.3 Nomes – Morfologia flexional endocêntrica

Há em Tuparí nomes que são dependentes de um determinante (nomes relativos) e os que independem de determinante (nomes absolutos). Dos nomes, apenas os relativos são flexionados por prefixos relacionais (ver Capítulo 5. seção 5.1.1). Por outro lado, os nomes, em geral, recebem prefixos casuais.

4.2.3.1 Flexão casual

Rodrigues e Caspar (2017)²⁴ descrevem quatro sufixos casuais para o Tuparí: *-et ~ -t ~ -en ~ -n* ‘determinativo’, *-ere ~ -re ∞ -ne* ‘ablativo’, *-pe* ‘inessivo’, *-m ~ -o* ‘instrumental alativo’. Os estudos seguintes beneficiaram-se da descrição de Rodrigues e Caspar, reanalisando apenas o que Rodrigues e Caspar chamaram de Caso Determinativo. Seki (2001, p.305) analisou o morfema *-et ~ -t ~ -en ~ -n*, como ‘nominativo’, embora reconhecesse que tanto A (sujeito) quanto O (objeto) recebem a mesma marca (SEKI, 2001, p.305). Singerman (2018), por sua vez, estende a análise de Seki, rotulando o sufixo de caso nuclear, considerando que ele marca funções nucleares de agente, sujeito e objeto direto. Cabral et al. (2017), a partir da análise de um relato de um jovem Tuparí, mostram a validade da análise de Rodrigues do morfema *-et ~ -t ~ -en ~ -n*, como morfema determinativo’. Discutiremos esse tema na seção seguinte.

4.2.3.1.1 O caso determinativo

O caso ‘determinativo’ foi assim chamado por Rodrigues e Caspar por flexionar nomes, determinando-os. Como exemplificam os autores, nomes determinados, como ‘a casa’, ‘o resto’, ‘o fogo’, ‘o caminho’, ‘o arco’, ‘a mulher’, recebem o caso determinativo porque são determinados. Assim, o falante refere-se a um ser determinado e não a um ser genérico. Nomes usados genericamente, não são flexionados pelo caso determinativo. Os exemplos dados por Caspar e Rodrigues são os seguintes:

ek ‘casa’, *eket* ‘a casa’

²⁴ Rodrigues e Caspar utiliza (~) para variação condicionada pela fonologia; (∞) para variação condicionada a morfologia e (/) para variação livre.

iet ‘resto’, *ieret* ‘o resto’
kopkap ‘fogo’, *kopkaet* ‘o fogo’
ape ‘caminho’, *apet* ‘o caminho’
pen ‘arco’, *penen* ‘o arco’
aramira ‘mulher’, *aramiran* ‘a mulher’

Como mostrado pelos dois autores, o alomorfe *-et* flexiona temas orais terminados em consoante, o alomorfe *-t* ocorre em temas orais terminados por vogal, o alomorfe *-en* ocorre em temas nasais terminados em consoante, e o alomorfe *-n* ocorre em temas nasais terminados em vogal.

Quadro 11 – Flexão do morfema *-et*

	Temas orais		Temas nasais	
	Terminados em consoante	Terminados em vogal	Terminados em consoante	Terminados em vogal
<i>-et</i>	+			
<i>-t</i>		+		
<i>-em</i>			+	
<i>-n</i>				+

Ressaltamos que temas terminados com consoantes oclusivas labiais perdem a consoante final de tema e se combinam com o alomorfe *-et*, como já observaram Rodrigues e Caspar.

É muito importante ressaltar que Rodrigues e Caspar observaram que “[...] o determinativo é empregado quando o nome é sujeito ou objeto e o designado está próximo ao qualificado” (p. 54). Exemplos dados pelos autores mostram o uso determinado em contraste com o uso genérico dos nomes *amenko* ‘onça’, *epip* ‘banana’, *arime* ‘macaco’, *õpe* ‘mamão’. Em seguida, a demonstração do uso genérico *versus* determinado desses nomes:

Determinado

ipokap o=a ka ne ke amekot ‘cubra-a (a panela), do contrário o cão come’

Genérico

ameko soroaere pöop ‘os cães podem procurá-lo’

Determinado

epiet ðia ‘assa estas bananas’

Genérico

ökop peano epip ma (‘no tempo de chuva plantam bananas’) ‘plantar bananas no começo do tempo de chuva’

Determinado

arimen kiarere tepawa ‘o macaco está morto em cima’

Genérico

arime sa ko on ‘eu caçarei macacos’

Determinado

apoe öpet ðan ‘quem (me) deu o mamão?’

Genérico

ökop peano öpe ma ‘no tempo de chuva plantam mamãos’ ‘plantar mamãos no começo do tempo de chuva’

Os exemplos seguintes são de relatos colhidos entre os Tuparí, em que o objeto do verbo *-peëwa* ‘esperar’ não ocorre flexionado pelo caso determinativo, visto que está sendo usado genericamente. Foi isso que Rodrigues e Caspar depreenderam da semântica do sufixo.

O primeiro exemplo traz duas ocorrências da palavra *cotia* na função de objeto, mas sem o caso determinativo: uma delas fora da estrutura argumental do verbo e outra, a segunda, dentro da estrutura argumental do verbo:

(31)	<i>i-peëwa</i>	<i>takam-’a</i>	<i>takam’a</i>	\emptyset - <i>peëwa</i>	<i>wãn.’om</i>	<i>pe</i>
	R ² -esperar	<i>cotia</i>	<i>cotia</i>	R ¹ -esperar	<i>mas.não</i>	SUCS

<i>kut</i>	<i>ekot-pe</i>	<i>i-erõ</i>	(h)are	<i>kire-t</i>	<i>urõ-re</i>
T.IM	<i>tocaia-INES</i>	R ² -AUX	<i>lá</i>	<i>gente-DET</i>	<i>lá.longe-ABL</i>

‘esperou, esperou *cotia*, mas *lá*, *lá* longe havia gente’

O exemplo seguinte traz também o nome música usado genericamente, razão pela qual não vem marcado pelo sufixo determinativo:

(32) nempe s-ot'awak Ø-maʔẽ-ro na
depois.disso R²-música R¹-falar-ITER EST
'depois disso falou música dele novamente'

(33) s-otawak Ø-ma'a Tupari Ø-otawak Ø-ma'a
R²-música R¹-falar Tupari R¹-música R¹-falar
'falou música para ele, falou música Tupari'

Os exemplos seguintes mostram mais contrastes entre nomes determinados e genéricos:

(34) i-to-a tet'e ipor-et
R²-VER-ST AUX peixe-DET
'ele está olhando peixe'

(35) ipot Ø-kot'oa e
peixe R¹-querer ele
'ele quer peixe'

(36) here sim'e-m televisão Ø-toao-aptaka
então noite- INST.AL televisão R¹-ver-AUX
'então de noite assiste televisão (com frequência)'

Não há dúvida de que nomes determinados recebem o sufixo determinativo *-et*. Dessa maneira, como é de se esperar, ao exercerem funções argumentativas de sujeito (agente ou não) ou de objeto, se determinados, devem receber o sufixo determinativo. O fato de sujeitos serem geralmente utilizados com traço determinado e considerando que objetos são mais frequentemente utilizados genericamente, a realização do sufixo determinativo *-et* em sujeito é muito mais comum do que com objetos. Talvez tenha sido este fato que levou Seki (2001) ao analisar este sufixo como marcador nominativo, embora ela reconhecesse que era possível sua realização com objetos.

Dado que há essa distinção importante entre nomes genéricos e determinados, e que o sufixo marca nomes determinados, optamos por adotar a análise pioneira de Rodrigues e Caspar

do morfema ‘determinativo’. É válido salientar que este sufixo é parte do paradigma flexional casual do Tuparí, como já mostrado por Rodrigues e Caspar (2017) e Cabral et al. (2017).

4.2.3.1.2 O caso Ablativo

O caso ablativo, segundo Rodrigues e Caspar (2017, p.54-56), é formado com o sufixo *-ere* ~ *-re* ~ *-ne*, sendo que o alomorfe *-ere* ocorre junto a radicais com consoante final e os alomorfe *-re* junto a radicais com vogal final; já o alomorfe *-ne* ocorre junto às formas absolutas dos pronomes da série 2. Exemplos que os autores mostram são os seguintes:

<i>wirik</i>	‘plantação’	<i>wirike</i>	‘na plantação’
<i>=erap</i>	‘sono’	<i>e-raere</i>	‘no sono’
<i>at</i>	‘ar’	<i>arere</i>	‘no ar’
<i>ape</i>	‘caminho’	<i>apere</i>	‘no caminho’
<i>iö</i>	‘água, rio’	<i>iöre</i>	‘no rio’
<i>one</i>	‘eu’	<i>onene</i>	‘antes de mim’

Sobre a semântica do ablativo, Rodrigues e Caspar (2017, p.55), definem como:

“lugar, onde está algo ou alguém ou para onde vai alguém”

wekere takarat keraja ‘em casa há muitas antas’, ou seja, não dentro de casa, mas na sua proximidade. Compare com o inessivo em: *waito ekpe* ‘Waitó está em casa’, isto é, no interior da casa.

osare ‘no meu local de residência’

tesire teteroa ‘ele mora com sua mãe’

hare tesa ‘ele (o fedor) vem de lá’

henewap säruire tesa ‘ontem ele veio de São Luiz’

“circunstância temporal que corresponde a uma sentença subordinada ‘como, quando’”:

tekörere iötoa ‘quando são crianças, usam (os colares)’ (kör ‘criança)

kipoörere kiapsiköp sa sit=i=im ‘quando nós somos bebês, fura-se nossas orelhas comespinho de palmeira’

okio=öere aramira ima ‘quando nenhum homem está lá, as mulheres o enterram’

it=öere arop awe=om ‘quando não há acompanhamentos, a comida não tem gosto’
(*it=om* ‘nenhum acompanhamento’)

Quanto à função do sintagma formado por meio desse morfema, Rodrigues e Caspar (2017, p.56) mostram que exerce a função de objeto indireto dos seguintes verbos:

apsie- ‘compreender’

wapsi=a on topari ema =ere ‘eu compreendo a língua Tuparí’ (*ema=e* ‘língua’)

apsitwat ‘esquecer’

wapsitwara on ierere ‘eu esqueci nome dele’

eaopna- ‘permutar’

aöape eaopna ko on öökare ‘eu trocarei minha chicha por água’

ke- ‘dizer’

Apöt=öen Pekirikere tete ke ‘Apöt=om diz tio ao Pekirik’ (chama-o de tio)

ni- ‘ter vergonha’

onene tenia (‘ele tem vergonha de mim’) ‘ele tem vergonha diante de mim’ (one ‘eu’)

pop=e- ‘ter medo’

apirire tepop=a ‘ele tem medo do remédio’ (*apiri* ‘remédio’)

tamka- ‘verter, derramar’

akaokare warop tamka (‘dá-me chicha de presente!’)

pöop=a=-ne- ‘invejar’

teaösi pöop=a=na=i=are ‘ele tem inveja das contas de sua mulher’ (*wa=i=a* ‘contas’)

pöot=ot- ‘aprender’

wakaraö emaere topari tepöop=ora ‘os Tuparí aprenderam a língua dos Wakaraö’

pöop=toa ‘ensinar’, também o objeto indireto do nome *pöop* ‘um perito’, por exemplo:

pöop on arime saere ‘eu posso atirar nos macacos’ (*sap* ‘a caça, o tiro’)

Como mostram os exemplos dados por Rodrigues e Caspar, a semântica do caso ablativo do Tuparí inclui as noções de aproximação e afastamento de um local, distinguindo-se da semântica do ablativo de outras línguas Tupí, como são os casos de línguas Tupí-Guaraní, cuja semântica é a de afastar-se de um local, como mostram os exemplo do Zo’ê e do Assuriní do Tocantins, duas línguas da Família Tupí-Guaraní:

Zo’ê

út dé r-apýj=(a)wí

3.vir 2 R¹-CASA=ABL

‘ele veio de tua casa’ (CABRAL, 2002)

Asuriní do Tocantins

mo’ýr-a we-se-opé i-apó-ramo a-pyhýng ta pén ohí
R⁴.colar-ARG 1CORR-REFL-DAT R²-fazer-SUBJ 1-pegar pot 2PL ABL

‘se vocês fizerem colar para mim eu pego de vocês’ (CABRAL; RODRIGUES, 2003, p. 30)

serotiwewós-a o-hém ’ya hí
galinha.d’água-ARG 3-sair água ABL

‘a galinha d’água saiu da água’ (CABRAL; RODRIGUES, 2003, p. 30)

Dos exemplos acima, verbos como “esquecer”, “ter vergonha”, “ter medo” e “invejar (ter inveja)” são intransitivos com dois argumentos (sujeito e objeto indireto), como são também em português e em Tuparí. Nesta última língua, o objeto indireto desses verbos é marcado com o caso ablativo. Outros exemplos de nomes flexionados pelo caso ablativo em Tuparí:

(37) ekge-re ’on o-sap
casa-ABL 1 1-casa
‘eu vim de casa’

(38) sidadi-re ’on w-epapok-ap
cidade-ABL 1 1-voltar-NNC
‘eu voltei da cidade’

(39) er-êrê ’on w-ekiek-ap
2-ABL 1 1-afastar-NNC
‘eu me afastei de você’

(40) e-kiek-a ’en òr-êrê
2-afastar-ST 2 1-ABL

- ‘você se afastou de mim’
- (41) ki-re yõpa:t
1INCL-ABL morrer
‘ele morreu de nós’
- (42) o-s-a ’on e-a por-ere
1-vir-ST 1 2- lugar-ABL
‘eu vim por você’
- (43) ipor-et kopka-ere te-’à
peixe-DET fogo-ABL 3-em.pé
‘o peixe está no fogo’
- (44) ekg-ere ’on o-sa-p
casa-DET 1 1-vir-NNC
‘eu vim de casa’
- (45) he ’e-ar-et te-i’ aor-a escola-re
esse -COL-DET 3-sair-ST escola-ABL
‘eles saíram da escola’
- (46) sidadi-re ’on w-epapok-ap
cidade-ABL 1 1-voltar-NNC
‘eu voltei da cidade’

4.2.3.1.3 O caso *inessivo*

O caso ‘inessivo’ é marcado pelo sufixo *-pe* ‘no interior de’, ‘dentro de’. A seguir exemplos de Rodrigues e Caspar (2017, p. 57)

ek ‘casa’, *ekpe* (‘em casa’) ‘na casa’

eö ‘rede’, *eöpe* ‘na rede’

ensöa ‘grande pilão’, *ensöape* ‘no interior de um grande pilão’

köitsipe ‘no interior da terra’ (*költ* ‘terra’, *si* ‘interior’)

antotewaka kipatakpe ‘os vermes (gritam) choram na nossa barriga’ (*patak* ‘barriga’)

Exemplos do nosso *corpus*

- (47) (here) kut te-apsi’a te-yě-a ekot-pe kire-t
 ai T.IM 3-escutou 3-SENT.SING tocaia-INES gente-DET
 ‘os bebezinhos filhos das mães choravam, ai ele (o irmão do Demiurgo), dentro da
 tocaia escutou gente’
- (48) amêko hĩre-ncaixa-pe na te-yě-a
 gato-DET caixa-INES EST 3CORR-SENT/DEIT
 ‘o gato está na caixa’
- (49) txau-t sako-pe te-yě-a
 farinha-DET saco-INES 3-SENT/DEIT
 ‘a farinha está no saco’
- (50) txau-t waʔčtop’a-pe te-ʔa
 farinha-DET panela-INES 3-em.pé
 ‘a farinha está na panela’

4.2.3.1.4 O caso instrumental-alativo

Rodrigues e Caspar descreveram o caso ‘instrumental-alativo’, formado com o sufixo *-m* (seguindo temas terminados por vogal e com p- finais) ~ *-o* (seguindo temas terminados por consoantes finais). Sua semântica, segundo os autores, inclui:

“lugar ou objeto, para onde alguém ou algo vai”:

otera eko ‘eu vou para casa’

ema ewam ‘deita-te na tua rede’ (*wap* ‘rede’)

imaro=na iapsim ‘coloca-o no interior do recipiente’ (*iapsi* ‘o interior do recipiente’)

waösım wapsikatpe ‘eu penso na minha mulher’

tewi=ia köm ‘ele subiu na árvore’ (*köp* ‘árvore’)

“intervalo no qual acontece”:

eret ko on kap erero ‘amanhã eu comerei cedo’ (lit. amanhã eu comerei cedo pela manhã)

kiakom köpora mai=ö ka ‘no período da seca faz-se derrubar árvores e beber chicha de mandioca’ (kiakop ‘período da seca’)

sim=em ‘a noite’ (*sim=e* ‘escuro, a noite’)

“instrumento ou meio com o qual é feito ou alcançado”:

kipoöre kiapsiköp sa sit=i =im ‘quando nós éramos somos bebês, furava-nos fura-se nossas orelhas com espinho de palmeira’ (*sit=i=i* ‘espinho de palmeira’)

ipoka wainköro ‘cubra isso com o prato!’ (*wainköt* ‘prato’)

teöra ap=i=am ‘ele está saciado de pama-fruta’ (*ap=i=a* ‘pama-fruta’)

4.3 VERBOS

A classe dos verbos contém verbos que recebem flexão e verbos que não recebem flexão. Apenas a classe de verbos que recebe flexão é aberta (há alguns empréstimos do português). Os verbos flexionáveis, assim como os nomes, dividem-se em três classes temáticas, com base na ocorrência de seus elementos com prefixos relacionais. Quanto ao número de argumentos que recebem, há verbos intransitivos monovalentes, verbos intransitivos bivalentes e verbos transitivos bivalentes. Os intransitivos bivalentes têm um argumento obrigatório oblíquo. Verbos que não recebem flexão são alguns verbos auxiliares.

4.3.1 Verbos intransitivos

Quanto à função que exercem na sintaxe e quanto à semântica, verbos intransitivos dividem-se em verbos semanticamente ricos e verbos cuja função é de auxiliar, sendo sua semântica é menos rica. Quanto ao número de argumentos, verbos intransitivos dividem-se em intransitivos monovalentes, cujo único argumento é o sujeito, e em verbos intransitivos bivalentes, que possuem, além do sujeito, um complemento oblíquo.

Exemplos de verbos intransitivos semanticamente ricos.

'er ‘dormir’

(51) o-'er-a

1-dormir-ST

- ‘eu durmo’
- (52) e-’er-a
2-dormir-ST
‘você dorme’
- (53) hê-t te-’er-a
ele-DET 3CORR-dormir-ST
‘ele dorme’
- (54) ki-’er-a okit
1INCL-dormir-ST 1INCL-DUAL
‘nós dormimos’
- (55) ote-’er-a ote
1EXCL-dormir-ST 1EXCL
‘nós dormimos’
- (56) wat-’er-a wat
2-dormir-ST 2PL
‘vocês dormem’
- (57) he’ear-et te-’er-a
ele/este-DET 3CORR-dormir-ST
‘eles dormem’
- (58) o-’er-a ’on
1-dormir-ST 1
‘eu dormi’
- (59) e-’er-a ’en
2-dormir-ST 2
‘você dormiu’

- (60) *hè-t* *te-'er-a*
 ele/este-DET 3CORR-dormir-ST
 'ele dormiu'
- (61) *ki-'er-a* *okit*
 1INCL-dormir-ST 1INCL.DUAL
 'nós dormimos'
- (62) *ote-'er-a* *ote*
 1EXCL-dormir-ST 1EXCL
 'nós dormimos'
- (63) *wat-'er-a* *wat*
 2PL-dormir-ST 2PL
 'vocês dormiram'
- (64) *he-'ear-et* *te-'et-sira*
 ele/este-COL-DET 3CORR-dormir-RSLT.PL
 'eles dormiram'

Outros verbos intransitivos semanticamente ricos são:

- (65) *-kat* 'cair'
-wakap'e 'chorar'
-set'asa 'morrer'
-wi'wa 'subir'
-psik 'sentar'
-ane'ã 'deitar'
-eot 'nadar'
-eatkat 'mergulhar'
-ãua 'entrar'

<i>-pak</i>	‘acordar’
<i>-aot</i>	‘sair’
<i>-tuktuke</i>	‘correr’

4.3.2 Verbos intransitivos bivalentes (intransitivos estendido)

Os verbos intransitivos bivalentes não recebem flexão relacional, visto que o seu objeto ocorre em construção oblíqua. Rodrigues e Caspar (2017, p. 56) listam os seguintes verbos intransitivos bivalentes, cujo objeto indireto é marcado com o caso ablativo:

<i>apsitwat</i>	‘esquecer’
<i>wapsitwara on ierere</i>	‘eu esqueci nome dele’
<i>eaopna-</i>	‘permutar’
<i>aöape eaopna ko on öökare</i>	‘eu trocarei minha chicha por água’
<i>ke-</i>	‘dizer’
<i>Apöt=öen Pekirikere tete ke</i>	‘Apöt=om diz tio ao Pekirik’ (chama-o de tio)
<i>ni-</i>	‘ter vergonha’
<i>onene tenia</i>	(‘ele tem vergonha de mim’) ‘ele tem vergonha diante de mim’ (one ‘eu’)
<i>pop=e-</i>	‘ter medo’
<i>apirire tepop=a</i>	‘ele tem medo do remédio’ (<i>apiri</i> ‘remédio’)
<i>tamka-</i>	‘verter, derramar’
<i>akaokare warop tamka</i>	‘dá-me chicha de presente!’
<i>pöop=a=-ne-</i>	‘invejar’
<i>teaösi pöop=a=na=i=are</i>	‘ele tem inveja das contas de sua mulher’ (<i>wa=i=a</i> ‘contas’)
<i>pöot=ot-</i>	‘aprender’
<i>wakaraö emaere topari tepöop=ora</i>	‘os Tuparí aprenderam a língua dos Wakaraö’
<i>pöop=toa</i>	‘ensinar’, também o objeto indireto do nome <i>pöop</i> ‘um perito’, por exemplo: <i>pöop on arime saere</i> ‘eu posso atirar nos macacos’ (<i>sap</i> ‘a caça, o tiro’)
<i>pöop</i>	‘atirar’
<i>pöop on arime sa(p)-ere</i>	‘eu posso atirar nos macacos’ (<i>sap</i> ‘a caça, o tiro’)

Entretanto, segundo os autores, esses verbos se diferenciam dos auxiliares por poderem ser núcleos de orações independentes, o que não ocorre com verbos auxiliares que são usados em combinação com os verbos principais. No que segue, apresentamos a descrição de Rodrigues e Caspar dos auxiliares do Tuparí, acrescentando informações colhidas na presente pesquisa ou apresentadas em trabalho de outros autores:

4.3.3.1 O auxiliar *ke e ko*

Segundo Rodrigues e Caspar (2017, p.90-91), o auxiliar *ke e ko* combina-se apenas com os temas nulo e com *-o ~-ro ~ -to (kero)*. O alomorfe *ko* aparece quando seguido pelo pronome *ʔon* ‘eu’ ou *ote* ‘nós (EXCL)’; já o alomorfe *ke* aparece se o verbo auxiliar segue o pronome *ʔen* ‘tu’, *wat* ‘vós’ ou nenhum outro pronome.

O tema *o* do verbo auxiliar *ke-* se forma regularmente: *kero*. Ele aparece apenas em união com o sufixo negativo =*ʔom*.

Rodrigues e Caspar observam que o verbo auxiliar *ke-* nunca aparece em combinação com os prefixos pessoais e que o significado comum das expressões nas quais esse verbo auxiliar aparece é o futuro (intencional). Exemplos dados pelos autores:

<i>o=era ko on oiẽ atakarapem</i>	‘eu dormirei até de madrugada’
<i>oito=na ko on</i>	‘eu voltarei’
<i>kinon apepsa ko ote</i> (incl.)’	‘nós (excl.) vamos esperar pelos outros de nós’
<i>ka ke tapöket</i>	‘Tapök deve come-lo’
<i>hare ne ke en eataðam</i>	‘tu permaneces aqui?’
<i>epotoa ke en</i>	‘tu deves dar uma olhada (em ti)’
<i>imaka ke en</i>	‘tu o enviarás (de lá)’
<i>öoka ka ko on</i>	‘eu beberei água’
<i>wepa ðpa ne le wat, köt=iri</i>	‘vocês podem tirar fora meus olhos, crianças!’
<i>köpora kerom on</i>	‘eu não vou limpar (a terra para o plantio)’

Nos exemplos do nosso *corpus*, esse auxiliar além de expressar a intenção de se fazer algo, pode ser traduzido como ‘querer (fazer algo)’. Lembra, nesse sentido o verbo **-potar* do Proto-Tupí-Guaraní, que possui reflexos em quase todas as línguas dessa família.

Em seguida, exemplos do texto *Kire'eat àpsi ma'am*²⁵, relato sobre a origem da humanidade, na voz de Dna. Marilza Tuparí (Mindlin, dados de campo, 1992).

(70) ã o-poto-a ko 'on w-aũw-a o-wan
 IDEOF 1-ver-ST AUX.INT 1 1-entrar-ST 1-ir.PROX

ke-p na-m
 AUX-NNC EST-NNC

‘eu também quero entrar e ver, disse o irmão mais velho’

(71) to-a e-aũw-a e-wan ke-p na opap Ø-ku'u-psit
 ver-ST 2-entrar-ST 2-ir.PROX AUX-NNC AUX milho R¹-debulhar-NNP

wam pe ke 'en e-aũw-a ekor-o
 ir.perto depois AUX 2 2-entrar-ST tocaia-INST.AL

ke te-ike-re
 AUX 3CORR-irmão-ABL

‘você vai entrar e ver, depois de debulhar o milho vai dentro da tocaia, disse ao irmão mais velho’

4.3.3.2 O auxiliar *e-*

Rodrigues e Caspar (p.93-95) lidaram com exemplos contendo o alomorfe *-e* desse auxiliar que aparece apenas em poucas construções dos dados de Caspar:

a) imediatamente depois de um verbo que está na forma do tema *-a* :

ka we ‘eu comi’

b) depois da sequência nome de ação – partícula *wa* :

oterap wa we ‘eu já terei ido’

²⁵ A tradução literal seria “Contando a semente da humanidade” (*kire* – gente, *eat* -COL, *àpsi* – semente, *ma'am* falar) tradução: Isaias Tuparí.

Os autores explicam que a construção (a) tem provavelmente o sentido geral de um pretérito imperfeito próximo e a construção (b) o de um futuro iminente. Vejam outros exemplos:

- a) *ka ne e* - ‘tu comeste (agora mesmo)?’
ka we - ‘eu comi (agora mesmo)’
könem erero sara we - ‘eu fui buscá-lo hoje pela manhã!’
o=eraere pawatöt toa we...wepaka we - ‘eu vi os Pawaté em sonho...eu me ‘acordei’
öape koroa we - ‘eu tenho (tido) (agora mesmo) vontade de chicha’ - ‘eu fiquei com vontade de chicha (agora mesmo)’
waripotkara we - ‘eu tenho (tido) (agora mesmo) fome’ ‘eu fiquei com fome (agora mesmo)’
kat=aro wa=i=at koroa e - ‘quantas contas tu queres?’ (lit. quantos cordões de contas para ter, tiveste tu vontade?)
teaot=aotka ie, teat-karo=om - ‘flutua, não afundou’
- b) *okarap wa we* - ‘eu podia cair’ (lit. eu cairia logo, imediatamente)
esitot kap wa ie - ‘ele devorará (logo) teu pé’
kopkaet te=erap wa ie - ‘o fogo terminou (desaparecerá logo)!’

Nos nossos dados, esse auxiliar contribui com um significado de imperfectividade e de iminência, como postulam Rodrigues e Caspar:

(72) w-aor-a nã o-’e
 1-sair-ST EST 1-AUX
 ‘eu estou saindo’

(73) e-aor-a nã ’e
 2-sair-ST EST 2.AUX
 ‘você está saindo’

(74) hê-t e-aror-a nã te-’a

este-DET 3CORR-sair-ST EST 3CORR-AUX
 ‘ele está saindo’

(75) ki-aor-a nã ki-a
 1PL-sair-ST EST 1INCL-AUX
 ‘nós estamos saindo’

(76) wat aor-a nã war-a
 2PL sair-ST EST 2PL-AUX
 ‘vocês estão saindo’

(77) he-ear-et te-i’ aor-a nã te-a
 esse-COL-DET 3CORR-sair-ST EST 3CORR-AUX
 ‘eles estão saindo’

Rodrigues e Caspar contaram apenas com exemplos nas pessoas do singular. A forma supletiva para as pessoas do plural é *-a*, como mostram os exemplos de 75 a 77.

4.3.3.3 O auxiliar *tet=e-* (*-tet?e*)

Rodrigues e Caspar dizem que esse auxiliar aparece em poucas expressões e que [...] “parece ser sinônimo de *tero=e-* ‘ser, morar, viver, se esse é usado como verbo auxiliar” (p. 93). Sublinham que, sendo esse o caso, parece que são intercambiáveis e têm a mesma distribuição. Os autores ressaltam que em ambos os casos há duas construções para distinguir: a) o verbo auxiliar segue imediatamente o verbo principal da expressão (tem um sentido de passado pontual); b) entre o verbo principal e o auxiliar aparece a partícula *na*.

Exemplos dados pelos autores:

A construção (a) tem sentido de um passado pontual

kana easikatkara etet=e ‘por que tu ficaste furioso?’

iepsi=om ka köp=sik ara otero=e ‘sem pagamento (recompensa) nós (EXCL.) fomos buscar seiva’

A construção b) expressa o presente (ou durativo):

apo toa na etet=e ‘para quem tu olhas?’

inika ne na etet=e ‘tu escreves?’

inika na otera=e ‘eu escrevo’

tana ne na etet=e o mesmo que *tana ne na etero=e* ‘que espécie de brincadeira tu articulas tu fazes (tu estás aqui para mentir?).’

pam nape eapsitkara na etero=e = ‘em que pensas tu?’

nape ham wapsitkara na otero=e, waösi iam wapsitkara na otero=e ‘agora, eu penso nisto, eu penso em minha mulher’

Os nossos dados concordam com o que dizem Rodrigues e Caspar (2017) quanto ao uso do morfema *na* ‘estar/existir’ precedendo o auxiliar. Nos nossos dados, a noção aspectual expressa também ação em progresso em vários contextos, embora principalmente quando com o auxiliar com o morfema *nã* ‘estativo/progressivo’, que também tratamos como tendo função de auxiliar.

(78) tuk tuk-ke nã o-tet?e
 correr-VRBL EST 1-AUX-SG
 ‘eu estou correndo’

(79) tuktuk-ke nã e-tet?e
 correr-VRBL EST 2-AUX.SG
 ‘você está correndo’

(80) hê-t tuktuk-ke nã te-ro?a
 esse-DET correr-VRBL EST 3CORR-AUX.SG
 ‘ele está correndo’

(81) tuk tuk-ke nã ki-a
 correr-VRBL EST 1INCL-AUX.PL
 ‘nós estamos correndo’

- (82) tuk tuk-ke nã ote-a
 correr-VRBL EST 1EXCL-AUX.PL
 ‘nós estamos correndo’
- (83) tuk tuk-ke nã war-a
 correr-VRBL EST 2PL-AUX.PL
 ‘vocês estão correndo’
- (84) he-’ear-et tuk tuk-ke nã te-ʔana
 este-COL-DET correr-VBLZ EST 3CORR-AUX.PL
 ‘eles estão correndo’

Note-se que esse auxiliar tem uma única forma para a primeira e segunda pessoa do singular. As primeiras pessoas inclusiva e exclusiva e a segunda pessoa do plural combinam com a forma *-a* encontrada no paradigma do ‘auxiliar iminente’; já a terceira pessoa do singular é expressa pela forma *-roʔa*, que integra também o paradigma de auxiliar *teroʔe/-roʔa*, como veremos, em seguida.

4.3.3.4 O auxiliar *-tero*’e ‘viver/existir/ser’

Este auxiliar carrega o significado de ‘viver, existir, ser’. Pode ser usado como auxiliar em predicados existenciais, sendo seu uso muito produtivo como auxiliar em combinação com outros auxiliares para expressar nuances aspectuais, como é o caso de quando co-ocorre com o auxiliar *-’eka ~ -aka*. Nesse caso, aparece em nossos dados expressando um passado iminente:

- (85) o-’er-a nã o-tero-’a o-’eka
 1-dormir-ST EST 1-existir-ST 1-AUX
 ‘eu estava dormindo’
- (86) e-’er-a nã e-tero-’a ’eka
 2-dormir-ST EST 2-existir-ST AUX
 ‘você estava dormindo’

- (87) *hè-t te-'er-a nã tero-'a te-'eka*
 3-DET 3CORR-dormir-ST EST 3-existir-ST 3CORR-AUX
 ‘ele estava dormindo’
- (88) *ki-'er-a nã ki-oro-'a ki-aka*
 1INCL-dormir-ST EST 1INCL-existir-ST 1INCL-AUX
 ‘nós estávamos dormindo’
- (89) *ote-'er-a nã ote-oro-'a ote-aka*
 1EXCL-dormir-ST EST 1EXCL-existir-ST 1EXCL-AUX
 ‘estávamos dormindo’
- (90) *wat-'er-a nã wat e-oro-'a war-aka*
 2.PL-dormir-ST EST 2.PL existir-ST 2PL-AUX
 ‘vocês estavam dormindo’
- (91) *te-'er-a nã te-oro-'a s-aka*
 3CORR-dormir-ST EST 3CORR-existir-ST R²-AUX
 ‘eles estavam dormindo’

Como pode ser visto, a expressão de um passado imperfeito progressivo dá-se pela combinação de três auxiliares: *nã* ‘estar/existir’, *-tero'a/ oro'a/-ro'a* ‘viver/existir/ser/ e o auxiliar *-'eka/-aka*.

4.3.3.5 Os auxiliares posicionais *-yẽ /-a*

A língua Tuparí possui verbos auxiliares que, além de marcarem aspecto prospectivo iminente, progressivo/continuativo, imperfectivo/iminente, indicam a posição em que se encontra o sujeito de verbos intransitivos ou transitivos em foco. As posições são marcadas por meio de formas específicas nas pessoas do singular. Nas pessoas do plural as posições são neutralizadas, como já mencionamos anteriormente.

- (92) *ek-pe nã o-yẽ*
 casa-INES EST 1-SENT/DEIT

‘eu estou em casa’

- (93) ek-pe nã e-yẽ
 casa-INES EST 2-SENT/DEIT
 ‘você está em casa’
- (94) ek-pe nã ki-ane
 casa-INES EST 1INCL-SENT/DEIT
 ‘NÓS (INCL.) estamos em casa’
- (95) ek-pe nã ote-ane
 casa-INES EST 1EXCL-SENT/DEIT
 ‘nós (EXCL.) estamos em casa’
- (96) ek-pe nã ote-ane
 casa-INES EST 1EXCL-SENT/DEIT
 ‘nós (EXCL.) estamos em casa’
- (97) ek-pe nã wat ’eane
 casa-INES EST 1EXCL SENT/DEIT
 ‘vocês estão em casa’
- (98) ek-pe nã te-yẽ-a
 casa-INES EST 3CORR-SENT/DEIT
 ‘ele está em casa’
- (99) ek-pe nã te-ane
 casa-INES EST 3CORR-SENT/DEIT
 ‘eles estão em casa’

esta-em.pé

- (100) ek-pe nã o-'a
 casa-INES EST 1-em.pé
 'eu estou em casa'
- (101) ek-pe nã e-'a
 casa-INES EST 2-em.pé
 'você está em casa'
- (102) ek-pe nã ki-ane
 casa-INES EST 1INCL-em.pé
 'nós (INCL.) estamos em casa'
- (103) ek-pe nã ote-ane
 casa-INES EST 1EXCL-em.pé
 'nós (EXCL.) estamos em casa'
- (104) ek-pe nã ote-ane
 casa-INES EST 1EXCL-em.pé
 'nós (EXCL.) estamos em casa'
- (105) ek-pe nã wat 'e-ane
 casa-INES EST 2PL 2-em.pé
 'vocês estão em casa'
- (106) ek-pe nã i-ane
 casa-INES EST R²-em.pé
 'ele está em casa'
- (107) ek-pe nã te-ane
 casa-INES EST 3CORR-em.pé

‘eles estão em casa’

4.3.3.6 A expressão da modalidade projetiva

A combinação da partícula *pe* com o auxiliar *-ap* ‘resulta na expressão da projeção de se fazer algo’, como mostram os exemplos seguintes:

- (108) e-m-aõrõ pe o-ap
 2-CAUS-sair SUCS 1-AUX
 ‘eu vou fazer ele sair’
- (109) e-m-aõrõ pe ote-ap
 2-CAUS-sair SUCS 1EXCL-AUX
 ‘nós (EXCL.) vamos fazer você sair’
- (110) o-m-aõrõ pe i-ap
 1-CAUS-sair SUCS R²-AUX
 ‘esse vai me fazer sair’
- (111) i-m-aõrõ pe o-ap
 R²-CAUS-sair SUCS 1-AUX
 ‘eu vou fazer esse (mencionado no discurso) sair’
- (112) i-m-aõrõ pe (e)ap
 R²-CAUS-sair SUCS 2-AUX
 ‘você vai fazer esse (mencionado no discurso) sair’
- (113) i-m-aõrõ pe ki-ap
 R²-caus-sair SUCS 1INCL-AUX
 ‘nós (INCL) vamos fazer ele sair’
- (114) i-m-aõrõ pe war-ap

R²-CAUS-sair SUCS 2PL-AUX

‘vocês vão fazer (mencionado no discurso) sair’

4.3.3.7 O auxiliar *-eka/-aka*

Singerman (2018a, p. 220) analisa o auxiliar *-eka/-aka* como expressão do habitual temporário, sem especificação da relação temporal entre o evento relatado e o tempo do enunciado, em contraste com *-apteka* que se relaciona ao tempo presente. No nosso *corpus* não dispomos de uma variedade de exemplos com esse auxiliar. Os exemplos seguintes são uns dos poucos em que aparece *-aka*, que por hora chamaremos simplesmente de auxiliar:

Exemplos do relato *Kire’eat àpsima’am* – “Contando a História do início (semente) da Humanidade”.

(115) war-apteka o-memsir-et arop Ø-ar-a ko ’on
 2PL-AUX 1-filho-DET comida R¹-pegar-ST AUX.INT 1

kiepe te-arop Ø-ar-a ke’aet war-aka
 agora 3CORR-comida R¹-pegar-ST não.deixar 2PL-AUX.ST

‘vocês não deixam eu pegar comida para meu filho, agora ela não deixou pegar comida’

(116) ka’ap’e na kir-et pe tẽ-anan moket
 por isso FOC gente-DETSUCS 3CORR-existir antigamente

kir-et te-ana s-aka-psira
 gente-DET 3CORR-existir R²-AUX-N.AT.PL

‘por isso que existia gente antigamente’

Exemplos elicitados:

(117) wat-’er-a nã wat eoro’a war-aka
 2PL-dormir-ST EST 2.PL EXIST 2PL- AUX

‘vocês estavam dormindo’

(118) te-’er-a nã te-oro’a s-aka

3CORR-dormir-ST EST 3CORR-estar R²-.AUX

‘eles estavam dormindo’

4.3.3.8 O auxiliar centrípeto *ia/a/e*

Este auxiliar ‘vir’ não se combina com prefixos pessoais e segue o verbo principal. Além de seu valor centrípeto, contribui com aspecto progressivo/continuativo. A forma *ia* ocorre na primeira e segunda pessoa do singular, a forma *e* na terceira pessoa do singular, e a forma *a* nas pessoas do plural:

(119) o-sitkipsit ia ’on
1-andar vir 1
‘eu vim andando’

(120) e-sitkipsit ia ’en
2-andar vir 2
‘você veio andando’

(121) ki-sitkipsit a okit
1INCL-andar vir 1INCL.DUAL
‘nós (INCL) viemos andando’

(122) ote-sitkipsit a ote
1INCL-andar vir 1INCL
‘nós (EXCL.) viemos andando’

(123) wat sitkipsit a wat
2PL andar vir 2PL
‘vocês vieram andando’

(124) te-sitkipsit ia e
3CORR-andar vir ele

‘ele veio andando’

A descrição dos verbos auxiliares do Tuparí deve ser aprofundada. Há ainda muito a ser conhecido sobre suas formas de usos/funções. Singerman (2018) dedica um extenso capítulo de sua tese de doutorado aos auxiliares do Tuparí, acrescentando uma importante contribuição ao estudo do tema iniciado por Rodrigues e Caspar (2017). Em nossa análise, apresentamos dados e interpretações que nem sempre coincidem com as de Singerman, como, por exemplo, as formas que ele considera como um auxiliar de futuro distante (*peo'ap, pe'ap, pey'ap, kiap*, etc.), nas quais as marcas de pessoa viriam mesoclíticas, o que ele próprio considera aberrante para os padrões Tupí. Na nossa análise o morfema *pe* é uma partícula tratada por nós como expressão de sucessividade, podendo ser traduzida em outros contextos como ‘depois’ (tradução de pessoas Tuparí), e que contribui com o significado de futuridade (ver seção 4.10). O que ocorre é que essa partícula pode se cliticizar à palavra seguinte. Tuparí é uma língua conservadora e prefixos pessoais são demarcadores de fronteira de palavra em todas as línguas do tronco linguístico que preservam prefixos pessoais²⁶.

- (125) e-m-aõrõ pe ote-ap
 2-CAUS-sair SUCS 1EXCL-AUX
 ‘nós (EXCL.) vamos fazer você sair’

4.3.4 Verbos transitivos

Os verbos transitivos bivalentes são flexionados por prefixos pessoais, que codificam seu sujeito, ou por flexão relacional, quando o seu determinante encontra-se contíguo (no mesmo sintagma), caso em que são flexionados pelo prefixo R^1 , ou quando o seu objeto sintático não se encontra contíguo, caso em que recebem o prefixo relacional R^2 .

Verbos transitivos com objeto codificado por prefixos pessoais:

- (126) e-i'a 'on
 2-gostar 1
 ‘gosto de você’

- (127) o-i-'a ne 'en

²⁶ A discussão sobre pronomes pessoais está na seção 4.6 desta tese.

1-gostar-ST N.AT 2

‘você gosta de mim?’

Verbos transitivos com objeto codificado por expressões sintáticas

- (128) meku-t Ø-por-a ’on
 cana-DET R¹-cortar-ST 1
 ‘eu cortei a cana’

- (129) Isaia-t h-i-’a ’on
 Isaias-DET R¹-gostar-ST 1
 ‘eu gosto (de) Isaias’

Verbos transitivos com objeto sintático não presente na estrutura argumental.

- (130) i-i-’a ’on
 R²-gostar-ST 1
 ‘eu gosto (de Isaias)’

Outros verbos transitivos:

- (131) -sa ‘flechar’
 -jopã ‘bater’
 -at ‘pegar’
 -pejõka ‘beliscar’
 -pot’eki ‘soltar’
 -tomka ‘puxar’
 -mõra ‘jogar’
 -mĩĩ ‘nadar’
 -ka ‘comer’
 -nĩk ‘tecer’

4.3.5 Verbos e sua morfologia flexional endocêntrica

4.3.5.1 Verbos temático -a ∞ -∅

Verbos combinam com sufixo temático -a ∞ -∅ Rodrigues e Caspar (2017). O sufixo temático -a combina com verbos no modo indicativo I, isto é, no modo das declarações, quando nenhuma expressão adverbial o precede:

(132) o-'er-a 'on
1-dormir-ST 1
'eu dormi'

(133) e-'er-a 'en
2-dormir-ST 2
'você dormiu'

(134) ote-'er-a ote
1EXCL-dormir-ST 1EXCL
'nós dormimos'

(135) wat ∅-'er-a wat
2PL R¹-dormir-ST 2PL
'vocês dormem'

(136) hèt te-'er-a te-siot karap
este-DET 3CORR-dormir-ST 3CORR-descançar
'ele dormiu para ficar descansado'

(137) o-'er-a nã o-tero-'a o-ka
1-dormir-ST EST 1-estar-ST 1-AUX
'eu estava dormindo'

- (138) e-'er-a nã e-tero-'a e-ka
 2-dormir-ST EST 2-estar-ST 2-AUX
 'você estava dormindo'

O sufixo temático nulo ou -Ø

Rodrigues e Caspar dão os seguintes exemplos de temas com o alomorfe nulo do sufixo temático -a:

Rad. *tet-* 'ir', Tema nulo *tet*

Rad. *ko-* 'comer, beber', Tema nulo *ko*

Rad. *ne-* 'fazer', Tema nulo *ne*

Rad. *top-* 'ver', Tema nulo *top*

Rodrigues e Caspar consideraram também como sufixo temático o morfema *-o -ro ~ -to*. Em nossa análise, trata-se de um nominalizador, como propõe Singerman (2018).

4.3.5.2 Modalidade Epistêmica

4.3.5.2.1 O enclítico *-ne ~ -pne- / -psira~msira*

O sufixo *-ne/-pne-/-psira/-msira* é de natureza epistêmica. Sua função é a de marcar um conteúdo informacional expresso pelo predicado que não foi atestado pelo falante. Alves (2005, p.86) descreve a sua distribuição, assim:

Nos enunciados afirmativos, ocorre após a raiz verbal, e nos enunciados negativos, após o verbo auxiliar *ka*, a'ramirã-n te-ap'siky-et mo're-ro-'om 'ka-pna 'a mulher não perdeu o brinco dela' (aramirã 'mulher' + -n 'determinativo', te- '3ª pessoa reflexiva' + ap'sikyp 'brinco' + -et 'determinativo', ore 'perder' + -ro 'tema da forma negativa' + -'om 'negação', ka 'verbo auxiliar' + -pna 'evidencial').

Alves (2004, p.86) identificou três alomorfes desse sufixo:

-na após temas verbais terminados por consoante: *pa'roro-t te-'wat-na* 'o tatu fugiu' (*pa'roro* 'tatu' + *-t* 'determinativo', *te-* '3ª pessoa reflexiva' + *wat* 'fugir' + *-na* 'evidencial');

pna após verbos de base oral terminados por vogal, *'syry·'syry-t kop'i-t ko-pna* 'o mambira comeu o cupim' (*'syry·'syry* 'mambira' + *-t* 'determinativo', *kop'i* 'cupim' + *-T* 'determinativo', *ko* 'comer' + *-pna* 'evidencial');

-mna, após verbos de base nasal terminados por vogal, *a'ramirã-n t'a'y-t he-mna* 'a mulher fez farinha' (*a'ramirã* 'mulher' + *-n* 'determinativo', *t'a'y* 'farinha' + *-t* 'determinativo', *ne* 'fazer' + *-mna* 'evidencial').

Singerman (2018) dedica um longo capítulo de sua tese de doutorado à expressão de modalidade epistêmica, tratada por ele como 'Evidencial (Evidential). Singerman adota a análise semântica de Alves (2004), e acrescenta a contraparte plural do sufixo *-na*, *-pna*, *-mna* que é *-psira* ~ *-msira*. Entretanto a análise de Singerman difere em vários aspectos da análise de Alves. Por exemplo, Singerman considera ser a posição dos dois morfemas fixa, enquanto que, para Alves, assim como em nossa análise, esses morfemas, que são expressão da modalidade epistêmica (fonte de informação), podem ocorrer tanto com o verbo principal, como com alguns auxiliares, como em *ke-pna* 'dizem, assim'.

Alves (2004) fonemiza os alomorfes *-ne/-pne* com a vogal *a*, enquanto Singerman o fonemiza com a vogal *e*. Nós concordamos com Singerman, quanto a fonemização das formas do singular dessa marca epistêmica, inclusive por termos uma hipótese bem fundada de sua origem.

Em nossa análise a forma original dessa marca epistêmica era **ne*, que continua ativa nas perguntas polares:

(139) arãmirã ne nã e-y-top apoe?
mulher N.AT EST 2-NNO-ver quem?
'(foi) mulher (que) você viu?'

(140) ek-et ne akurap Ø-si'a?
isto-DET N.AT macaco R¹-fígado
'é fígado do macaco?'

(141) ek-et ne korakora Ø-opsi'a?
isso-DET N.AT galinha R¹-ovo?
'isto é ovo de galinha?'

(142) e-a'u-et ne poat?

2-filho-DET N.AT bom?

‘teu filho está bem?’

(143) kur-et ne te-ʔer-a?

criança-DET N.AT 3CORR-dormir-ST?

‘a criança já dormiu?’

‘quem vai?’

A partícula *ne* ocorre em perguntas polares para indicar que o falante desconhece o conteúdo informacional do enunciado, pois não presenciou ou atestou esse conteúdo.

Os exemplos seguintes ilustram o uso da marca epistêmica do relato Tuparí sobre a origem da Humanidade:

(144) kire epaurap²⁷ tere nã opae-t Ø-ku'u-p pe
gente buraco.escape sobre EST milho-DET R¹-debulhar-NNC depois

na o-tet'e-pne-am 'on ke-pne-a kut te-ike

EST 1-ir-N.AT-NNC 1 dizer-N.AT-ST T.IM 3CORR-irmão

yãm üü heman-ne na pe

para IDEOF verdade-N.AT EST SUSC

‘era gente entrando em cima do buraco; o irmão mais velho dele perguntou se era verdade o que ele viu’

(145) tete-pne Top'a Poret ki-ema'ẽ ma'ã

assim-N.AT Top'a Poret 1INCL-falar fala

‘assim e Top'a Poret fez falar nossa linguagem’

(146) Tupari Ø-ema'ẽ-maẽ-'ã na i-ane-msira-p kut

²⁷ Buraquinhos estratégicos por onde caças (cotia, paca, tatu) saem quando são perseguidos por predadores.

Tuparí R¹-fala-falar-ST EST R²-ensinar-N.AT.PL-NNC T.IM
 ‘eles ensinaram os Tuparí, antigamente’

(147) he ku-re na kir-et maon-sira-p i-maõr-a
 eles T-IM-ABL EST gente-DET tiraram-N.AT.PL-NNC R²-tirar-ST
 ‘foi eles que tiraram gente, tiraram eles’

(148) éroaré ote-re ma’ã-m e Atop’a Pot ke-psira ku-ré::::
 agora 1EXCL-ABL falar-NNC ele Atop’a Pot REP-N.AT.PL T.IM-ABL
 ‘agora para o nosso falar ele é Atop’a Poret’

4.3.6 Verbos e sua Morfologia Derivacional Endocentrica

Há cinco afixos derivacionais que derivam nomes de verbos em Tuparí. São esses afixos um prefixo e quatro sufixos. O prefixo é *i-*, que combina com verbos transitivos para formar temas de objeto do verbo que é base da derivação. Os sufixos são *-ap* ‘nominalizador de nome de circunstância’, *-at* ‘nominalizador de nome de agente’, *-msit ~ -psit* ‘nominalizador de nome de paciente e *-o ~ -ro ~ -to* nominalizador de nome de ação. Todos os afixos foram descritos pela primeira vez por Rodrigues e Caspar (2017), e posteriormente retomadas em Alves (2004) e em Singerman (2018). Deve-se destacar que o morfema *-o ~ -ro ~ -to* é analisado por Singerman como um nominalizador e não como um sufixo temático, como proposto por Rodrigues e Caspar. O prefixo *i-* foi tratado por Rodrigues, Cabral e Silva (2006) e por Rodrigues e Cabral (2012) como um nominalizador de nome de objeto.

4.3.6.1 Nominalizadores

4.3.6.1.1 O nominalizador *-o ~ -ro ~ -to*

Rodrigues e Caspar analisou esse sufixo como um sufixo temático, segue a descrição dos autores:

O alomorfe *-o* liga-se com os radicais em *t*:

rad. tet- ‘ir’ tema o /tero/

rad. at- ‘tomar’ tema o /aro/

rad. eöt ‘ficar saciado’ tema o /eöro/

rad. kat- ‘cair’ tema o /karo/

O alomorfe *-ro* liga-se com os radicais terminados em vogal sonora:

- rad. ke- ‘dizer’ tema o /kero/
 rad. ko- ‘comer, beber’ tema o /koro/
 rad. pore- ‘cortar, quebrar’ tema o /porero/
 rad. si- ‘caçar’ tema o /siro/

O alomorfe *-to* liga-se com os radicais terminados em consoante (exceto em t):

- rad. epak- ‘ficar acordado’ tema o /epakto/
 rad. ãk- ‘dançar’ tema o / ãŋto/
 rad. om- ‘dar’ tema o /omto/
 rad. top- ‘ver’ tema o /topto/

Esse alomorfe *-to* ocorre também em combinação com dois radicais terminados em i:

- rad. pori- ‘querer ter algo’ tema o /porito/
 rad. koro-i- ‘querer’ tema o /koroito/

e também com o radical *it-* ‘vir’ (supletivo com *s-* no tema a /sa/), tema o /ito/

Os autores observam que os temas, quando combinados com o sufixo temático *-o*, ao contrário dos outros temas, jamais aparece só, mas apenas em combinação com o sufixo *=om* (*-’om*) ou *-na*.

Analisamos este sufixo como um nominalizador em concordância com Singerman (2018), embora em nossa análise ele não seja um mero nominalizador, mas um nominalizador de nome de ação. Ser simplesmente um nominalizador não dá conta do sistema de nominalizadores verbais da língua Tuparí, pois cada nominalizador tem uma função na língua.

Com o alomorfe *-o*

- (149) hê-t te-’er-o-’om
 este-DET 3CORR-dormir-NNA-NEG
 ‘ele não dormiu’ (não houve o dormir dele)
- (150) hê-t te-’er-o-’om ka-p’a te-’a
 este-DET 3CORR-dormir- NNA -NEG ir-IMI 3CORR-AUX

‘ele não vai dormir’ (não haverá o dormir dele)

- (151) hè-t te-kar-o-’om
 este-DET 3CORR-cair- NNA -NEG
 ‘ele não caiu’ (não houve o cair dele)

- (152) hè-t pagerem pagerem-ka te-kar-o-’om ku-ere
 este-DET todos.os.dias-VRBL 3-cair- NNA -NEG árvore-ABL
 ‘ele não cai todos os dias da árvore’ (It. não há o cair deles todos os dias da árvore)

Com o alomorfe *-ro*:

- (153) e-ato-ro-’om ’en iu-re
 2-banhar-NNA-NEG 2 rio-ABL
 ‘você não banhou no rio’ (não houve o banhar de você no rio)

- (154) pe o’e-ro-’om ote iu-re
 roupa lavar- NNA -NEG 1PL rio-ABL
 ‘nós não lavamos roupa no rio’ (não há o lavar da roupa de nós no rio)

- (155) pè-t akin’ã-ka-ro-’om ’on
 roupa-DET dobra-VBLZ-NNA-NEG 1
 ‘eu não dobrei a roupa’ (não há o meu dobrar da roupa)

Com o alomorfe *-to*:

- (156) o-kaho pek-to-’om ’on
 1-carro comprar-NNA-NEG 1
 ‘eu não comprei um carro’ (não há o meu comprar do carro)

- (157) hè-t te-sot’aj-to-’om

este-DET 3 morrer-NNA-NEG
 ‘ele não morreu’ (não há a morte dele)

- (158) aramirã-n te-epapok-to-’om
 mulher-DET 3-voltar-NNA-NEG
 ‘a mulher não voltou’ (não há o voltar da mulher)

4.3.6.1.2 O nominalizador de nome de objeto *i-*

Rodrigues, Cabral e Silva (2006) analisam o prefixo *i-* das línguas Tuparí como um nominalizador de nome de objeto, cognato do morfema *-(e)mi* das línguas Tupí-Guaraní e do sufixo *-mi* do Mundurukú, do Awetý e do Mawé. Os autores mostram que em todas as línguas Tupí, a base da derivação de deverbais por meio de cognatos desse prefixo é um tema transitivo. Os autores dão os seguintes exemplos dessas nominalizações em Tuparí²⁸.

- (15) ka’are e-i-top to’é
 Quem 2-NNO-ver
 ‘o que você viu?’ (‘o que foi sua coisa vista’)

- (16) apo o-i-tóp
 que 1-NNO-ver
 ‘quem eu vi?’ (‘quem foi o seu visto’)
 (pedindo confirmação do perguntado)

Os autores observam que, em Tuparí, “[...] como demonstrado por Rodrigues et al. (2006), a consoantes oclusivas caíram em posição inicial de palavra quando diante de *i* e que o prefixo *i-* encontrado em Tuparí é o resultado da mudança de uma forma anterior **-mi-* ($m > \emptyset$ /#_i).

- (159) he’e-ro-n kup o-i-top-’om
 aquela-DIST-DET árvore 1-NNO-ver-NEG
 ‘aquela árvore que não conheço’ (aquela árvore que não é minha conhecida)

²⁸ Numeração seguindo a original dos exemplos dados pelos autores.

Rodrigues, Cabral e Silva (2006) comparam o nominalizador *-i* do Tuparí com os morfemas cognatos das línguas da família Tuparí. Exemplos do Akuntsú, Makuráp e Mekéns mostram que um prefixo *-i* pode ser reconstruído para a família.

Exemplos do Akuntsú:

- (14) tawtfé u-i-mí
 porção 1-NO-matar
 ‘porção (é) o matado por mim’ (RODRIGUES, et al. p. 29)

Exemplos do Makuráp

Os autores observam que em Makuráp o prefixo é nasal: ã-:

- (17) arikop [e y-ĩ-peat-a]
 what [2 R¹-no -look.for]
 ‘o que é a coisa procurada por você?’ ou ‘o que você está procurando?’ (RODRIGUES et al., 2006, p. 29)

- (18) xauwi [eki y-ĩ-peat-a]
 what [23 R¹-no-look.for]
 ‘a criança procuranda por você’ ou ‘a criança que você procura’ (RODRIGUES et al., 2006, p. 29)

Consoante os autores, a forma nasal do morfema em Makuráp é uma prova de que seria reflexo do PT *-mi.

4.3.6.1.3 O sufixo *-ap* ‘nominalizador de nome de circunstância’

Exemplos do nosso *corpus*:

- (160) wirig-ere okit herewap ki-’otot-ka-p
 roça-ABL 1INCL.DUAL ontem 1-andar-VBLZ-NNC
 ‘na roça, ontem nós andamos’

- (161) herewap wirig-ere te-tet-ka-p
 ontem roça-ABL 3-anda-VRBZ-NNC

‘ontem na roça ele andou’

- (162) o-pean ato-ap oa w-e nem-pe suk'am
1-primeiro banhar-NNC AUX 1-AUX depois-SUSC mais tarde

o-'era-p oa
1-dormir-NNC AUX

‘primeiro vou banhar, depois vou dormir’

- (163) e-pean ato-ap oae nem-pe suk'am e-'era-p oae
2-primeiro banhar-NNC AUX depois-SUSC mais tarde 2-dormir-NNC AUX

‘primeiro você vai banhar, depois vai dormir’

4.3.6.1.4 Nominalizador de nome de agente

Por meio do sufixo *-at* combinado com verbos transitivos são formados nomes de agente. Exemplos:

- (164) te-puopo-ra nã tet'e apiriõ-ka-t na
3-aprender-INTER EST AUX remédio-VBLZ-NAG TRANS

‘ele está aprendendo para ser enfermeiro’

- (165) hèt-t hoat Ø-to-at
esse-DET doença r 1-ver-NAG

‘ele é médico (vedor de doença)’

- (166) ekaon ipot=ar-at
aquele peixe=pegar-NAG

‘aquele é pescador’ (pegador de peixe)

4.3.6.1.5 Nominalizador de nome de paciente *-msit* ~ *-psit*

Este nominalizador forma nome de paciente de verbos transitivos.

- (167) hèt-t ipot=patoã-msit aona pau'at mã
ele-DET peixe=ASSAR-NNP mistura pimenta colocar

‘ela colocou pimenta no peixe assado’

- (168) hà-t opa-et ku’u-psit-ne.a na te-a
 estes-DET milho-DET debulhar-NPC-VBLZ.ST EST 3.AUX
 ‘este milho está sendo debulhado’

4.3.6.2 Causativos

A língua Tuparí possui dois prefixos que modificam a valência verbal. Rodrigues e Caspar (2017) foram pioneiros também na descrição dos causativos, tanto verbais quando os que ocorrem com atributos e com nomes.

4.3.6.2.1 Causativo

O prefixo causativo *õ-* ~ *m-*, segundo Rodrigues e Caspar (2017) forma radicais verbais transitivos a partir de sua combinação com raízes intransitivas. O alomorfe *õ-*, como descrito pelos autores, aparece antes de radicais iniciados com som consonantal ou com juntura semi-aberta; já o alomorfe *m-* se combina com radicais iniciados com som vocálico (sem juntura semi-aberta). Exemplos fornecidos pelos autores (2017, p.76) são:

- Radical *top-* ‘ver’, Caus. *õtop-* ‘deixar ver (enfeite)’
 Rad. *ko-* ‘comer, Caus. *õko* ‘deixar comer, beber’
 Rad. *=et-* ‘dormir, morrer’, Caus. *õ=et-* ‘apagar’
 Rad. *aot-* ‘sair (ir fora)’, Caus. *maot* ‘deixar sair’
 Rad. *äö-* ‘entrar’, Caus. *mäö-* ‘deixar entrar’
 Rad. *ot-* ‘ir’, Caus. *mot* ‘lançar, jogar fora’

Exemplo do nosso *corpus*:

- (169) i-m-aõrõ pe o-ap
 R²-CAUS-sair SUSC 1-AUX
 ‘eu vou fazer esse (mencionado no discurso) sair’
- (170) i-m-aõrõ pe (e)ap
 R²-CAUS-sair SUCS 2-AUX

‘você vai fazer esse (mencionado no discurso) sair’

- (171) i-m-aõrõ pe ki-ap
 R²-CAUS-sair SUCS 1INCL-AUX
 ‘nós (INCL) vamos fazer ele sair’

4.3.6.2.2 Causativo-comitativo

Rodrigues e Caspar descrevem o prefixo *ete-* / *ite-* como formadores de radical causativo-comitativo, explicando que a formação de radicais com esse prefixo “[...] a atividade não é apenas causada pelo sujeito (como num causativo simples), mas que o sujeito, ele próprio, participa da atividade” (RODRIGUES; CASPAR, 2017, p.76)

Exemplos dados pelos autores:

- Rad. tet- ‘ir’, Caus.-com. etetet- / itetet- ‘deixar ir e ir com (em companhia),
 levar consigo’
 Rad. s- ‘vir’, Caus.-com. ites- ‘trazer consigo’
 Rad. wat- ‘ir’, Caus.-com. itewat- ‘levar consigo’
 Rad. it- ‘vir’, Caus.-com. iteit- ‘trazer consigo’
 Rad. wak- ‘chorar’, Caus.-com. etewak- / itewak- ‘chorar por (causa de) alguém’

4.3.7 Clíticos Marcadores de Aspecto – morfologia endocêntrica

4.3.7.1 O enclítico *-t*

O sufixo *-t* combina-se unicamente com verbos e marca uma ação realizada em momento anterior próximo ao momento da fala, chamamos de perfectivo imediato. Não é um sufixo obrigatório e parece não estar relacionado a um ponto específico na linha do tempo. Exemplos com *-t* podem ser vistos no seguinte relato:

- (172) nempe per-en Ø-atamam pe w-ekup-wak-kar-a-t ’on
 quando espingarda-DET R¹-mirar SUCS 1-tiro-CAUS-ST-PERF.IM 1
 ‘quando eu saí mirei bem a espingarda e atirei’
- (173) he-re i-to-a o-waran ’on, chumbo-t i-sito-re,

esse-ABL R²-ver-ST 1-ir 1 chumbo-DET R²-pé-ABL
 ‘então eu vi chumbo no pé dela (cotia)’

(174) i-patag-ere ke te-at-sira-t,
 R²-barriga-ABL também 3-pegar-RSLT-PERF.IM
 ‘e pegou na barriga dela também’

(175) wan.’om ero’are te-sot’ay-to-’om ka-re ero’are
 mesmo assim 3-morrer-NNA-NEG AUX-ABL assim
 ‘mesmo assim ela não morreu’

Singerman (2018a, p. 162) analisa esse sufixo como marcador de passado próximo (*near past*), mas um dos exemplos dados pelo autor mostra o sufixo ocorrendo em uma construção que contém *mōket*, que pode ser traduzido como ‘há muito tempo’, ‘passado distante’.

(183) Near past -t attaches outside of evidential -pně/-psira
 a. Isipnarě e mōket.
 i-si-pně-a-n e mōket
 3-spear-EV.SG-TH-NEAR.PAST 3 long.ago
 ‘He speared it a while back (NON-WITNESSED).’
 casual discourse: 2015-11-06

Segundo Isaias Tuparí, comunicação pessoal, o sufixo *-t* pode ocorrer também em verbos que predicam fatos ocorridos em passado distante.

Note-se que em construções em que uma ação acabou de acontecer, o verbo não recebe essa marca *-t*:

(176) o-’er-a ’on kurem kut’a
 1-dormir-ST 1 hoje nesse momento (agora, agorinha)
 ‘eu acabei de dormir’

(177) e-’er-a ’en kurem kut’a

2-dormir-ST 2 hoje nesse momento (agora, agorinha)
 ‘você acabou de dormir’

4.3.7.2 O enclítico resultativo -msã,-sã/-nã/-psira/-msira

Rodrigues e Caspar (2017, p. 89) descrevem o morfema *-sã* que compõe a forma resultante do verbo, “[...] o que significa que o sujeito se encontra na condição em que é o resultado da atividade expressa pelo radical verbal”. Rodrigues e Caspar apropriadamente analisaram o significado do morfema como “condição que é o resultado” da ação verbal. Daí o nome “Resultativo” para esse morfema, como proposto por nós, em nossa primeira oficina com os Tuparí, realizada em 2011.

Rodrigues e Caspar identificaram apenas um alomorfe *-sã* desse morfema e não identificaram que as formas singulares distinguem-se segundo a posição do sujeito da predicação “sentado/deitado/acocorado” ou “em pé/suspenso/pendurado”, assim como não identificaram a alomorfia fonologicamente condicionada pelo radical verbal. Justifica-se a não identificação dessas formas pela limitação dos dados, mas a essência do significado do morfema foi percebida, que é a condição do resultado da atividade expressa pelo predicado. Exemplos dados pelos autores são:

tepsiksã e ‘ele se senta’
omamsã ko on ‘eu me deitarei’
ho=oet teka-tsã ‘isto (caiu e) permanece lá’

O significado desse morfema foi retomado em Singerman (2018), que ampliou a análise identificando os demais alomorfes do morfema. No exemplo do relato seguinte, o alomorfe *-sira* em negrito, marca o resultado plural da atividade (vários tiros):

(178) i-patag-ere ke te-at-**sira**-t,
 R²-barriga-ABL também 3CORR-pegar-RSLT-PERF.IM
 ‘e pegou na barriga dela também’

(179) wan.’om ero’are te-sot’ay-to-’om ka-re ero’are
 mesmo assim 3CORR-morrer-NNA-NEG AUX-ABL assim
 ‘mesmo assim ela não morreu’

Em seguida, apresentamos exemplos elicitados com os alomorfes do morfema ‘resultativo’:

sẽ/sira ‘deitado/sentado’

- (180) te-epsik-sã ã
 3-sentar-RSLT.DEIT/SENT ela
 ‘ela está sentada’
- (181) w-epsik-sã ’on
 1-sentar-RSLT.SENT /DEIT ela
 ‘eu estou sentado’
- (182) e-epsik-sã ’en
 3-sentar-RSLT.SENT/DEIT 2
 ‘você está sentado’
- (183) ki-epsik-sira okit
 1INCL-sentar- RSLT.PL 1INCL.DUAL
 ‘nós (INCL) estamos sentados’
- (184) ote-epsik-sira ote
 1EXCL-sentar- RSLT.PL 1EXCL
 ‘nós (EXCL) estamos sentados’
- (185) wat epsik-sira wat
 2PL sentar-RSLT.PL2PL
 ‘vocês estão sentados’
- (186) te-epsik-sira e
 3-sentar-RSLT.PL ele
 ‘eles estão sentados’

- ‘estar acocorado’
- (194) o-sisi akap-sã ’on
1-acocorar- RSLT-DEIT/SENT 1
‘eu estou de cócoras’
- (195) e-sisiakap-sã ’en
2-acocorar-RSLT-DEIT/SENT 2
‘você está de cócoras’
- (196) ki-sisiakap-sira okit
1INCL-acocorar- RSLT.PL 1INCL.DUAL
‘nós (1INCL) estamos de cócoras’
- (197) ote-sisiakap-sira ote
1EXCL-acocorar- RSLT-PL 1EXCL
‘nos ((1INCL) estamos de cócoras’
- (198) wat sisiakap-sira wat
2PL acocorar- RSLT-PL 2PL
‘vocês estão de cócoras’
- (199) te-sisiakap-sira e
3-acocorar- RSLT-PL ele
‘eles estão de cócoras’
- ‘em.pé’
- (200) o-tomẽŋ-nã ’on
1-em.pé-RSLT.EM.PÉ/SUSP 1
‘eu estou em pé’

- (201) e-tomẽη-nã 'en
2-em.pé-RSLT.EM.PÉ/SUSP 2
'você está em pé'
- (202) te-tomẽη-nã e
3-em.pé-RSLT.EM.PÉ/SUSP ele
'ele está em pé'
- (203) ki-tomẽη-sira okit
1INCL-em.pé-RSLT.PL 1INCL.DUAL
'Nós (INCL) estamos em pé'
- (204) ote-tomẽη-sira ote
1EXCL-EM.PÉ.RSLT.PL 1EXCL
'nós (EXCL) estamos em pé'
- (205) wat tom'ẽη-sira wat
2PL EM.PÉ- RSLT.PL 2PL
'vocês estão em pé'
- (206) te-tomẽη-sira e
3-EM.PÉ-RSLT.PL ele
'eles estão pendurados'
- (207) o-weotep-nã 'on
1-estar.pendurado- RSLT -EM.PÉ/SUSP 1
'eu estou pendurado'
- (208) e-weotep-nã 'en

- 2-estar.pendurado- RSLT.EM.PÉ/SUSP 2
 ‘você está pendurado’
- (209) ki-weotep-sira okit
 1INCL-estar.pendurado-RSLT.PL 1INCL.DUAL
 ‘nós (INCL) estamos pendurados’
- (210) ote-weotep-sira ote
 1EXCL-estar.pendurado- RSLT.PL 1EXCL
 ‘nós (EXCL) estamos pendurados’
- (211) wat weotep-sira wat
 2PL estar.pendurado-RSLT.PL 2PL
 ‘vocês estão pendurados’
- (212) te-weotep-sira e
 3-estar.pendurado-RSLT.PL ele
 ‘eles estão pendurados’

Como pode ser visto, o morfema resultativo, por expressar a condição que é resultado da predicação, indica, nas pessoas do singular, a distinção sentado/deitado versus em.pé/suspenso/pendurado, que é uma distinção encontrada também nos dêiticos demonstrativos, e nos verbos auxiliares posicionais que ocorrem com muita frequência em predicados locativos.

Rodrigues interpretou a forma fonológica do sufixo *-sã* com *ã*, mas na realidade essa forma contém *ẽ*, presente em todos os alomorfes do resultativo nas pessoas do singular.

4.4 UMA NOTA SOBRE AROP ‘PERTENCE’ E AROP ‘COMIDA’

No Tuparí, há duas palavras com a mesma forma: *arop* ‘pertence’ e *arop* ‘comida’. Singerman (2018) trata os dois significados como relacionados a uma única palavra.

Consideramos que historicamente, *arop* ‘comida, caça’ e *arop* ‘pertence’, têm muito provavelmente a mesma origem mas atualmente são duas palavras distintas, apenas homônimas (CABRAL; ISIDORO; TARIMÃ TUPARÍ, em preparação).

- | | | | | |
|-------|----------------------------|------------|------------|---------------------------|
| | <i>-arop</i> | | ‘pertence’ | |
| (213) | ipor-et | | w-arop | |
| | peixe-DET | | 1-pertence | |
| | ‘o peixe é meu’ | | | |
| | | | | |
| (214) | hè-t | per-en | w-arop | |
| | esse-DET | arco-DET | 1-pertence | |
| | ‘esse arco é meu’ | | | |
| | | | | |
| (215) | ho’o-et | e-g-et | w-arop | |
| | este.SENT-DET | 2-casa-DET | 1-pertence | |
| | ‘esta casa é minha’ | | | |
| | arop ‘alimento’ | | | |
| (216) | ek-et | pot’a-t | te-arop | Ø-kot’o-a |
| | este.em.pé-DET | porco-DET | 3-alimento | R ¹ -querer-ST |
| | ‘este porco está com fome’ | | | |

4.5 PALAVRAS INTERROGATIVAS

Rodrigues e Caspar oferecem uma detalhada descrição da morfologia das palavras interrogativas (p. 66-70). Eles identificam quatro morfemas raízes interrogativos: *pa-*, *apo-*, *kat-* e *kana*. Observam que o primeiro morfema *-pa-* “...tem mais claramente um caráter nominal; sua distribuição é similar a dos demonstrativos. O último (*kana*) é talvez uma partícula.” (p. 66). Trataremos aqui das raízes *pa-*, *apo-* e *kat-*, todas nominais, usando basicamente a descrição de Rodrigues e Caspar. O critério para incluir essas raízes na classe dos nomes é o fato de ocorrerem com morfologia casual e de se combinarem com posposições:

O morfema *pa-* segundo Rodrigues e Caspar, significa “qual” podendo ocorrer “...livre (caso indeterminado) como também em combinação com sufixos de caso”. Exemplos dados pelos autores de expressões interrogativas com a base *pa-* são os seguintes:

pa ‘qual’

pa e -ha e ‘onde’ (qual lugar é?)

pare ‘onde’ ‘em qual lugar’

pare pawatöt teroap ‘onde moram os Pawaté’

pare nape eaösi ðam ‘onde te deram tua mulher?’

pare ko on kiatkap ‘onde devo eu pendurá-lo?’

pam ‘para onde?’ ‘para qual lugar’

pam en eterap ‘para onde vais tu?’

pam nape wat=orap ‘para onde vós ides?’ para onde vós fostes?

pam oem ‘por onde?’ ‘por qual caminho’

pa=ëntop epenem ‘onde está a tua arma?’

pa=ëntop onno kap iroaet ‘onde está a imagem da palavra onne?’

pa=oetop hako iroap e ‘onde está o desenho do lagarto?’

pa=oetop inon ‘onde está o outro?’

paketop ian ‘onde está a mãe?’ (sobre esses exemplos o informante Tuparí, ao ser perguntado, julgou a pergunta com *pa=etop* e *pa=oetop* como falsas).

Exemplo do nosso *corpus*:

(217) *pare* ’en è-sap?

ONDE 2 2-vir

‘de onde você veio?’

(218) *pare* *nã* tet'e hè-t?

ONDE EST AUX esse-DET

‘onde está ele?’

(219) *pà-m tet'tet-ka* *nã* tet'e?

POR ONDE anda-VBLZ EST AUX

‘por onde ele anda?’

Quanto ao morfema *apo-* “quem?” Rodrigues e Caspar examinam essa base no caso indeterminado e no caso ablativo. O último ocorre somente uma vez: *apore* “sobre quem (ela disse isso)?”. Exemplos dados por Rodrigues e Caspar (2017, p. 68) para o indeterminado:

apo en ‘quem és tu?’

apo toa na etet=e ‘para quem tu olhas?’

apo iope ‘com quem?’

apo arop ‘de quem?’

apo e apnan ‘quem tocou (flauta)?’

apoe ho=oet ‘quem é aquele lá?’

apo e nape ikoroat ‘mas quem quer a ela afinal?’

Exemplos do nosso *corpus*:

- (220) apo e amẽko-t te-i-wek?
 quem ele onça-DET 3-NNO-morder
 ‘quem o cachorro mordeu?’

- (221) apo aropna e-si-t txau-t Ø-maka i-e
 quem DAT 2-mãe-DET farinha-DET R¹-enviar R²-AUX
 ‘para quem a sua mãe mandou farinha?’

- (222) apo ean na nã e-ter-ap ’e?
 quem ASSOC TRANS EST 2-ir-NNC 2.AUX
 ‘com quem você foi?’

kat- ‘o que?’

Segundo Rodrigues e Caspar, *kat-* ocorre raramente como forma livre, o que constatamos também em nossos dados. Exemplos dados por Rodrigues e Caspar (2017, p.68 – 69) com *kat* são os seguintes:

kat e ‘o que?’ (lit. ‘o que (é) isto?’)

kat ke ie ‘o que ele diz?’

Os autores assumem que “a partir da composição com *-ke* e *-kap* (possivelmente o mesmo que *ke* ‘dizer’ e seu nome da ação resultam os radicais *katke* ‘o que?’ e *katkap* ‘como?’”(2017, p. 69).

katke tekara ‘o que caiu?’

katke na etero=e ‘o que fazes tu aqui?’

kiapsiero=ðere katke ke ‘se nós (INCL.) não compreendemos nós dizemos *katke*’

katkap e nape eköp na en ‘como tu fazes cartucho?’

katkap e nape makinam na en ‘como tu fazes (isto) com a máquina?’

Exemplos dados com *kat-* flexionado pelo morfema casual ablativo:

katkaere ke en eterap ‘quando tu partirás?’

katkaere ke en eopaet mam ‘quando tu plantarás teu milho?’

Quando ao morfema *-at*, que combina com *kat-*, sua origem continua desconhecida. Rodrigues e Caspar observam apenas que *kat=at* aparece em seus dados no indeterminado e no instrumental, e que *kat=aro* significa ‘quanto?’

Exemplos para *kat=at* e *kat=aro*:

kat=at toa na eiẽ ‘o que tu olhas?’

kat=at hit=na ke en ko ‘junto com quem tu comerás isso?’

kat=at e nape he=en , ‘o que é isso?’

kat=at e ‘o que é?’

kat=aro en erimen sap ‘quantos macacos tu caçastes?’

kat=aro en parorot ðpap ‘quantos tatus tu matastes?’

kat=aro wa=i=at koroa e ‘quantas contas tu queres?’

kat=aro taröpa temiikap i=a e ‘quanto tempo os civilizados jejuam?’

Exemplos do nosso *corpus*:

(223) *kat-ar e te-kar-a-t?*
 que-NOM ele 3-cair-ST-PERF.IM
 ‘o que caiu?’

(224) *kat-ar e e-y-si?*
 que-NOM ele 2-NNO-matar
 ‘o que você matou?’

4.6 PRONOMES

Na análise dos pronomes, não podemos deixar de partir da descrição proposta por Rodrigues e Caspar. Como os dados do Caspar foram fonemizados por Rodrigues e como esses dados não apresentavam indicações de glotal em algumas formas pronominais, entre outras particularidades sonoras dessas formas, a análise de Rodrigues e Caspar não foi completa. Os autores identificaram três séries pronominais, quando, na realidade, são duas. Eles lidaram com dados em que aparece o verbo posicional *-yẽ* ‘sentado/deitado’ flexionado pela primeira e pela segunda pessoa, funcionando como auxiliares, caso em que não são usados pronomes independentes. Foram essas formas do verbo posicional que foram interpretadas como formas pronominais:

o=era oiẽ ‘eu durmo’ (compare com *o=era on* ‘eu durmo’)

e=era ne eiẽ ‘tu dormes?’ (compare com *epsiksä ne en* ‘tu te sentas?’ tú estás sentado?)

te=era iẽ ‘ele dorme’ (compare com *tepsiksä e* ‘ele se senta’ ele está sentado)

o=era ko on oiẽ ‘eu vou dormir’ (compare com *wepsika ko on* ‘eu me sentarei’)

wasikatkara oiẽ ‘eu estou furioso’

kot ataka oiẽ ‘eu tusso’

eporia ne eiẽ ‘tu o queres?’

Rodrigues e Caspar corretamente dizem que apenas uma das séries é “flexionada como o nome”.

Os autores explicam que: [...] “devido às circunstâncias em que o material foi anotado, somente analisadas as formas das 1. e 2. pessoas do singular, enquanto as das 1. e 2. pessoas do plural permanecem incompletas” (RODRIGUES;CASPAR, 2017, p. 70).

4.6.1 Pronomes da Série 1

Rodrigues e Caspar observam que “a primeira série abrange pronomes que aparecem sempre como sujeito da frase” (2017, p.70). A primeira e a segunda pessoa do singular consistem, respectivamente, nas raízes *o-* e *e-* e do sufixo *-n*: *on* ‘eu’, *en* ‘tu’. Rodrigues e Caspar foram os primeiros a identificar que:

[...] a partir da raiz *ki-* são formados os pronomes da 1. pessoa singular e da 1. pessoa plural incl. A primeira consiste da raiz *ki-* e do sufixo *-t*: *kit* ‘nós ambos (incl)'; a última consiste de uma composição da 1. pessoa do dual incl. com a 2. pessoa do plural: *kitwat* ‘nós todos (incl.)’. Tanto o dual como o plural inclusivo têm uma forma mais ampla que é composta com a raiz da 1 pessoa do singular: *okit* ‘ambos nós (incl.)’ e *okitwat* ‘todos nós (incl.)’. (RODRIGUES; CASPAR, 2017, p. 71)

Quadro 12 – Pronomes da Série 1

	Pronomes	Pessoa/número
	'on	'1'
	'em	'2'
	Kit	'1INCL'
	Okitwat	'1INCL.PL'
	Ote	'1EXCL'
	Wat	'2PL'

Exemplos:

(225) o-er-a 'on
1-dormir-ST 1
'eu dormi'

(226) ki-epsik-sira okit
1INCL-sentar-RSLT 1INCL.DUAL
'nós (INCL) estamos sentados'

- (227) ote-epsik-sira ote
 1EXCL-sentar-RSLT 1INCL
 ‘nós (EXCL) estamos sentados’
- (228) wat epsik-sira wat
 2PL sentar-RSLT 2PL
 ‘vocês estão sentados’
- (229) ki-er-o-’om okit
 1INCL-dormir-NNA-NEG 1INCL.DUAL
 ‘nós não dormimos’
- (230) kap pot okitwat nerõẽ anan
 por.isso 1INCL.COL/PL assim somos
 ‘por isso isso nós somos assim’
- (231) ki-er-a okitwat
 1INCL-dormir-ST 1INCL.COL/PL
 ‘nós (INCL) dormimos’

Os elementos dessa série são naturalmente determinados. Codificam as pessoas do discurso, todas conhecidas no contexto da fala, razão pela qual não recebem o morfema determinativo.

Sobre a diferença entre *kit* e *okitwat*, segundo Alves (2004, p.76):

kit e 'kit•wat são usados para situações futuras ('ipot a'r-a kit 'nós ambos (incl.) vamos pescar' e a'nore•sop 'syr-a-et k-a kit•'wat 'todos nós vamos comer o pirarara cozido'), ao passo que o'kit e o'kit•wat são usados para situações no presente ou no passado ('ipot a'r-a o'kit 'nós pescamos' e ki-e'pak-a o'kit•wat 'todos nós estamos acordados').

Singerman (2018a, p. 40-41) rejeita essa análise, pois considera *ko/ke* como modo ‘futuro polido’ e não como expressão temporal. Para ele *kit* e *kitwat* são *portmanteaux* (primeira pessoa inclusiva, DUAL e plural com o futuro polido).

4.6.2 Pronomes da Série 2

Os pronomes da Série 2 ocorrem flexionados por morfologia casual. Distinguem-se fonologicamente dos pronomes da Série 1 por não possuírem glotal na primeira pessoa e na segunda pessoa do singular. Como só ocorrem combinados com morfologia casual, a consoante oclusiva nasal das formas da primeira e segunda pessoa do singular sofre lenização, embora não se desnasalize.

Quadro 13 – Pronomes série 2

Pronomes	Pessoa/número
On	‘1’
Em	‘2’
Kit	‘1INCL’
Ote	‘1EXCL’
Wat	‘2PL’

Como é comum nas línguas Tupí, consoantes oclusivas se lenizam em fronteira de morfema. As consoantes finais dos pronomes dessa série seguem essa regra: $n > r$ (nasalizado) $t > r$

Assim, ao combinarem-se com flexão casual, as formas pronominais dessa série lenizam suas respectivas consoantes. Rodrigues e Caspar já haviam percebido o uso enfático desses pronomes:

(232) eĩ-en e-ter-a hu-ro-m, oĩ-en o-sa ha-m
 2-DET 2-ir-ST lá-DIST-INST.AL 1-DET 1-vir.ST aqui-INST.AL
 ‘tu vais para lá, eu venho para cá’

(233) s-esu-a eĩ-en
 R²-chamar-ST 2-DET
 ‘chama-o tu’

(234) eĩ-en boi kemkou Ø-ka,
 2-DET boi leite R¹-ingerir.ST
 ‘tu bebes leite (de vaca), eu como esse, lá’

(235) wat kot o’ire
 2PL DES por.causa.de

‘por causa de vocês (os dois irmãos)’

- (236) poroay karap-na wat-eane wat, oĩ-en kire=papoa-re
 Preconceituoso- TRANS 2PL-ESTAR.PL 2PL, 1-DET gente=corpo=bonito
 “vocês serão xingados (chamados de feios), eu que seria a beleza humana (mas eles não a deixaram sair de dentro do buraco, e por isso ela falou essas coisas lá de dentro)’

- (237) õr-ere o-memsir-et arop Ø-ara-’om ka-p e-a
 1-ABL 1-filho-DET comida 1-pegar-NEG AUX-NNC 3CORR-AUX
 ‘não me deixaram pegar comida’

- (238) éroaré ote-re ma’a-m e Atop’a
 agora nós.indígenas-ABL falar-NNC 3 Atop’a

Pot ke-psira ku-ré:::

Pot era assim antigamente

‘agora para o nosso falar ele é Atop’aPoret

4.7 DEMONSTRATIVOS

Demonstrativos formam uma classe fechada. Além de indicar distância do referente de nomes com respeito ao centro dêitico e a posição do que é indicado o falante indica também se o referente é visível ou não visível, se é animado ou não animado e ainda, se é singular ou não. Trata-se do sistema dêitico demonstrativo mais rico da família Tuparí, como também, possivelmente, das línguas do tronco Tupí. Os quadros seguintes apresentam os demonstrativos do Tuparí e os traços semânticos que indicam. O quadro 14 apresenta os demonstrativos dêiticos da língua Tuparí. O quadro 15 apresenta os nomes locativos que geralmente são formados a partir de um demonstrativo flexionado por morfemas casuais

Quadro 15 – Demonstrativos locativos

aqui – visível (mais de um)	hà-t
aqui – visível, centrífugo	ha-re
aqui – centrípeto	ha-m
ali – perto do ouvinte, visível	ae-t
ali – (+/-) perto do falante, invisível, centrífugo	ae-re
ali – (+/-) perto do falante, invisível, centrífugo	ae-m
ali – perto do ouvinte, (+/-) visível, centrífugo	het-ae-re
ali – perto do ouvinte, visível	het-ae-m
ali – perto do ouvinte, visível	há-rõ-n
ali – distante do ouvinte, invisível, centrífugo	hã-rõ-re
ali – distante do ouvinte, invisível, centrífugo	hã-rõ-m
lá – muito distante, invisível	toger-et
lá longe – invisível, centrífugo	toger-ar-t
lá longe – invisível, centrífugo	toger-ar-ere
lá – muito distante, invisível, centrífugo	u-rõ-re
lá – muito distante, invisível, centrípeto	u-rõ-m
ali – perto do ouvinte, (+/-) visível, centrífugo	het-ae-re

4.8 POSPOSIÇÕES

A classe das posposições é uma classe fechada cujos elementos que a constituem se associam a noções de local, instrumento e associação. São quatro as posposições do Tuparí, descritas e exemplificadas, a seguir:

4.8.1 tere – ‘em cima, sobre’, sem movimento:

(239) ipor-et arop Ø-ko-ap sàp tere te-yě-a.
 peixe-DET alimento R¹-comer-NNC base sobre 3CORR-DEIT/SENT.
 ‘o peixe está em cima da mesa’

(240) txau-t arop Ø-ko=ap=sàp tere te-’à
 farinha-DET alimento R¹-comer-INST base sobre 3-EM.PÉ
 ‘a farinha está em cima da mesa (em pé refere-se ao recipiente)’

(241) pè-t arop Ø-ko-ap=sàp tere te-yě-a

roupa-DET comida R¹-comer-INST=base sobre 3-estar-DEIT/SENT
 ‘a roupa está em cima da mesa (deitada)’

(242) amẽko-t mesa tere na te-yẽ-a (cleide)
 cachorro-DET mesa sobre EST 3-DEIT/SENT
 ‘o cachorro está em cima da mesa (deitado)’

(243) pèt-t potpoap tere
 roupa-DET varal sobre
 ‘a roupa está no varal’

(244) pèt-t potpoap tere
 roupa-DET varal sobre
 ‘a roupa está no varal’

(245) kur-et siep tere te-yẽ-a
 criança-DET cesta sobre 3-DEIT/SENT
 ‘a criança está em cima da cesta’

(246) amẽko=hĩre-n caixa tere te-yẽ-a
 gato-DET caixa sobre 3-estar-DEIT.SENT
 ‘o gato está em cima da caixa’

4.8.2 *osire* –‘embaixo, sob’

(247) upa-et mesa osire te-yẽ-a
 milho-DET mesa sob 3CORR-DEIT/SENT
 ‘o milho está embaixo da mesa’

(248) upa-et kup=hep osire te-yẽ-a
 milho-DET árvore=folha sob 3CORR-DEIT/SENT
 ‘o milho está embaixo da folha’

(249) pèt-t wap osire te-yẽ-a
 roupa-DET rede sob 3CORR-DEIT/SENT

‘a roupa está embaixo da rede’

- (250) amêko-t mesa osire te-yě-a
 cachorro-DET mesa sob 3CORR -DEIT/SENT
 ‘o cachorro está embaixo da mesa’

- (251) ipor-et ep osire na te-yě-ã
 peixe-DET folha sob EST 3CORR -DEIT/SENT
 ‘o peixe está embaixo da folha (de bananeira envolvendo o peixe assado)’

- (252) ipor-et kup h-ep osire na te-yě-a
 peixe-DET pau R¹-folha sob EST 3CORR -DEIT/SENT
 ‘o peixe está embaixo da folha’

- (253) txai-t kup h-ep osire
 farinha-DET pau R¹-folha sob
 ‘a farinha está embaixo da folha’

- (254) ipor-et kup h-ep osire te-yě-a
 peixe-DET pau R¹-folha sob 3CORR-DEIT./SENT
 ‘o peixe está embaixo da folha’

- (255) pèt-t wap' osire te-yě-a
 roupa-DET rede sob 3CORR-DEIT/SENT
 ‘a roupa está embaixo da rede’

- (256) kup'u-t osire nã o'e
 árvore-DET sob EST 1-AUX
 ‘eu estou embaixo da árvore’

- (257) vaso-t yam osire te-'a
 vaso-DET banco sob 3CORR-em.pé
 ‘o vaso está embaixo do banco (em pé)’

4.8.3 warere – ‘atrás’

- (258) ek warere na o'e
 casa atrás EST 1-AUX
 ‘eu estou atrás da casa’
- (259) i-warere nã o-'e
 R²-atrás EST 1-AUX
 ‘eu estou atrás dela’
- (260) ek warere nã ki-a
 casa atrás EST 1INCL-AUX
 ‘nós estamos atrás da casa’
- (261) amẽko-t ek warere nã te-ro-a
 onça-DET casa atrás EST 3-EXIST-ST
 ‘a onça está atrás da casa’

4.8.4 yam/sam – ‘dativo’

A posposição que expressa o caso semântico ‘dativo’ tem dois alomorfes: *yam* e *sam*; *yam* se combina com o relacional de não contiguidade *i-*, enquanto *sam* se combina com o demonstrativo *e*:

- (262) apsiku-et Ø-oã 'on i-yam
 brinco-DET R¹-dar 1 R²-para
 ‘eu dou/dei o brinco para ele’
- (263) apsiku-et Ø-oã 'on e-sam
 brinco-DET R¹-dar 1 2-DAT
 eu dou o brinco para vc' ~ eu dei o brinco para vc'
- (264) apiku-et Ø-oã 'on Eva yãm
 brinco-DET R¹-dar 1 Eva DAT
 ‘eu dei brinco para Eva’

- (265) i-m'ã 'on i-yam
 R²-fala 1 R²-DAT
 'eu falei algo para ele'
- (266) i-ma'ã 'on e-sam
 R²-fala 1 2-DAT
 'eu falei algo para você'
- (267) i-ma'ã ki-am
 R²-fala 1INCL-DAT
 'falaram para nós'
- (268) i-ma'ã ote-yam
 R²-fala 1EXCL-DAT
 'falaram para nós exclusivo'
- (269) i-ma'ã 'on wat-yam
 R²-fala 1 2PL-DAT
 'eu falei algo para vocês'

Rodrigues e Caspar (2017, p. 60) dizem a respeito dos alomorfes *-ia* e *sa* que ambos ocorrem no ablativo e alativo como formas livres: *iare* e *sare* (ablativo) e *iam* e *sam* (alativo), depois de um nome. Quanto a combinação com prefixos pessoais, *ia-* ocorre combinado com o prefixo *i-* da terceira não reflexiva e com *ki-* primeira do plural inclusiva. Por outro lado, o alomorfe *sa-* ocorre em união aos prefixos pessoais *o-* da primeira do singular, *e-* da segunda pessoa do segundo do singular e *ote-* da primeira pessoa exclusiva. Exemplos dados pelos autores são (p. 60 – 61):

he iare 'com ela'

osare 'comigo, na minha residência'

esare 'conosco (INCL.)' 'contigo, na tua residência'

otesare 'conosco (EXCL.), na nossa residência'

waöp=ato iare waösi ãa waöp=atot 'na residência de meu sogro, meu sogro me deu minha mulher'

waöra on apsi iare ‘eu comi em demasia na casa de meu pai’

soreia sito iare iwasa ‘Tsoreia fugiu do Tsito’

osare iwasa ‘ela fugiu de mim’

pööm osa esam ‘a tarde usualmente eu vou a sua casa’

aimpe ara ne ke en osam ‘você virá buscar rapé na minha casa?’

he iam ‘para ela’

waösi iam wapsitkara na otero=e ‘eu estou pensando na minha mulher’

ima=a ko on iam ‘eu vou dizer isso a ele (*iam = i- + iam*)’

ima=a ko on iam tokoret ða mo=am iam ‘o pajé deu resina (do pajé) a Moam’

Notamos que a construção dativa com *-arop nã* pode estar substituindo por inteiro o uso de *yam*, *sam* para expressar o dativo:

(270) *apsiku-et* Ø-oã ’on e-arop-na
brinco-DET R¹-dar 1 2-pertence-TRANS
‘eu dou/dei o brinco para vc’

(271) *apsiku-et* Ø-oã ’on s-arop-nã
brinco-DET R¹-dar 1 R²-pertence-TRANS
‘eu dou o brinco para ele’ ~ eu dei o brinco para ele’

(272) *apsiku-et* Ø-oã ’on i-am
brinco-DET R¹-dar 1 R²-DAT
‘eu dou o brinco para ele’ ~ eu dei o brinco para ele’

(273) *apsiku-et* Ø-oã ’on wat arop-nã
brinco-DET R¹-dar 1 2PL pertence-TRANS
‘eu dou o brinco para vocês’

(274) *apsiku-et* Ø-oã ’on s-arop-eat-nã
brinco-DET R¹-dar 1 R²-pertence-COL-TRANS
‘eu dou o brinco para eles’

- (275) apsiku-et Ø-oã 'en o-arop-nã '
brinco-DET R¹-dar 2 1-pertence-TRANS
'você deu o brinco para mim'
- (276) apsiku-et Ø-oã 'en s-arop-nã '
brinco-DET R¹-dar 2 R²-pertence-TRANS
'você deu o brinco para ele
- (277) apsiku-et Ø-oã 'en ote-arop-eat-nã '
brinco-DET R¹-dar 2 1EXCL-pertence-COL-TRANS
'você deu o brinco para nós'
- (278) apsiku-et Ø-oã okit s-arop-eat-nã
brinco-DET R¹-dar 1INCL R²-pertence-COL-TRANS
'nós demos o brinco para ele'
- (279) arop h-ìr-et mǎka o-a e-arop-nã
comida R²-COMPL.DET R¹-dar 1-AUX 2-pertence-TRANS
'eu mandei caça para você'
- (280) arop h-ìr-et Ø-mǎka o-a s-arop-nã
comida R¹-COMPL.DET R¹-dar 1-AUX R²-pertence-TRANS
'eu mandei caça para ele'
- (281) arop h-ìr-et Ø-mǎka e o-arop-nã
comida R¹-COMPL.DET R¹-dar ele 1-pertence-TRANS
'ele mandou caça para mim'
- (282) arop h-ìr-et Ø-mǎka ote s-arop-nã
comida R¹-COMPL.DET R¹-enviar 1EXCL R²-pertence-TRANS
'nós mandamos caça para ele'
- (283) arop h-ìr-et Ø-mǎka s-arop-nã
comida R¹-COMPL.DET R¹-mandar R²-pertence-TRANS

‘nós mandamos caça para ele’

4.9 NUMERAIS

Segundo Isaías Tuparí, antigamente os Tupari quantificavam por meio de riscos nos caibros ou travessões das malocas. Quando saiam para caçar, os familiares marcavam a partir do dia que saiam com um risco.

(284)	kiem	‘um, sozinho’
	huru	‘dois, par’
	huru no’om	‘três, não par’
	huru huru	‘quatro’
	huru huru no’om	‘cinco’
	huru huru huru	‘seis’
	huru huru huru no’om	‘sete’
	huru huru huru huru	‘oito’
	huru huru huru huru no’om	‘nove’
	huru huru huru huru huru	‘dez’
	haito	‘muito’

Quando inicia o ciclo de cada lua se começa a contar o mês. Quando a lua vai embora se fecha um mês. Assim contavam o ciclo da gravidez, pela lua. Se a menstruação não vinha, a mulher já começava a contar os meses.

(285)	kiem koepa	‘um mês’
	huru koepa	‘dois, par’
	huru no’om koepa	‘três, não par’
	huru huru koepa	‘quatro’
	huru huru no’om koepa	‘cinco’
	huru huru huru koepa	‘seis’
	huru huru huru no’om koepa	‘sete’
	huru huru huru huru koepa	‘oito’
	huru huru huru huru no’om koepa	‘nove’

4.10 PARTÍCULAS

Tuparí possui partículas que expressam aspecto e modalidade. Descrevemos, em seguida as partículas identificadas até o presente:

pe – Esta partícula pode ser traduzida como “depois”, “ainda”, “na sequência”, a depender do contexto em que é usada.

‘ainda, depois’

(286) o-ter-o pe o-’ap
1-ir-ST ainda 1-AUX
‘eu ainda vou’

(287) e-ter-o pe ’ap
2-ir-ST ainda AUX
‘você ainda vai’

(288) ki-or-o pe ki-’ap
1INCL-ir-ST ainda 1INCL-AUX
‘nós ainda vamos’

(289) ote-or-o pe ote-’ap
1EXCL-ir-ST ainda 1EXCL-AUX
‘nós ainda vamos’

(290) hèn-t te-ro pe te-’a
esse-DET 3-ir ainda 3-AUX
‘ele ainda vai’

(291) hèn-t te-ane-rõ pe te-’a
3-DET 3-ir.PL-ST ainda 3-AUX
‘eles ainda vão’

(292) wat or-o pe war-ap
2PL ir-ST ainda 2PL-AUX
‘vocês ainda vão’

- kot'ao* 'quase'
- (293) o-'er-ap kot'oa 'on
1-dormir-NNC quase 1
'eu quase dormi'
- (294) e-'er-ap kot'oa 'en
2-dormir-NNC quase 2
'você quase dormiu'
- (295) Edineia-t te-'er-ap kot'oa
Edineia-DET 3-dormir-NNC quase
'Edineia quase dormiu'
- (296) ki-er-ap kot'oa okit
1INCL-dormir-NNC quase 1INCL.DUAL
'nós quase dormimos'
- herek'a 'sempre'
- (297) kiepe òpot-'om=opot-'om-ka herek'a war-aptaka
agora deixar-NEG=deixar-NEG-VBLZ sempre 2PL-AUX
'não deixavam, não deixavam'

4.11 IDEOFONES

Tuparí possui uma série de palavras – verbos e nomes – de origem onomatopeicas, também partículas que expressam admiração, surpresa, confirmação, como mostram os seguintes exemplos:

- ũ*: 'confirmativo'
- (298) ã: heman-ne na pe
IDEOF verdade-N.AT EST SUCS
'é isso mesmo'
- (299) ã: o-poto-a ko 'on w-ãũã-a o-wan
IDEOF 1-presenciar-ST AUX,INT 1 1-entrar-ST 1-IR.PROX

ke-pna

dizer.N.AT

‘eu vou presenciar e vou entrar, dizem’

hã hã ‘confirmativo’

- (300) he-t kot’ok kot’ok-ka hã hã ke kut na
 esse-DET pedaços-VBLZ (IDEOF) assim T.IM EST

ki-poaat-ka na

1INCL-bonito-VBLZ EST

‘eles (quebraram, assim) antigamente e começaram a se arrumar’

Admiração

- (301) kire mar-en Ø-to-a e e e e kir-et ta’en pa:: tẽ-ana
 gente outro-DET R¹-ver-ST IDEOF.ADM gente-DET CONF FH 3CORR-estar-ST
 hà::re
 aqui

‘viu outra gente, nossa! era gente que estava olhando outra gente lá, mesmo!’

- (302) te-pere-n Ø-at pe ekot-pe ekot-pe kir-et
 3CORR-arco-DET R¹-pegar depois tocaia-INES tocaia-INES gente-DET
 eee paaa
 IDEOF.ADM FH

‘a gente depois pegou arco dentro da tocaia’

- (303) pè ho’o-et kir-et tey-aot pe
 admirativo este-DET gente-DET 3-sair depois

‘nossa! essa gente aqui saiu depois’

Velhos conversando

- (304) hohohohohohohohohohohoh há

‘velhos conversando entre eles’ (ideofone de muita gente conversando ao longe, de forma que não se entende sobre o que estão falando)

Meninotes chorando

- (305) oʃuoʃoʃ kur-et
 ‘ideof meninos-DET (ideofone de menino chorando)’

Bebê chorando

- (306) kut pour-et waŋ waŋ waŋ kut Ø-si-eat memsir-et kut
 criança novo-DET IDEOF.choro.bebê criança R¹-mãe-COL filho-DET T.IM

- (307) (here) kut te-apsi-’a te-yã ekot-pe kire-t
 ai T.IM 3-escutar-ST 3-SENT.SING tocaia-INES gente-DET
 ‘os bebezinhos filhos das mães choravam, ai ele (o irmão do Demiurgo), dentro da
 tocaia escutou gente’

4.12 INTERJEIÇÃO

Interjeições formam uma classe fechada e ocorrem como único elemento de um enunciado, expressando sensações e emoções. Identificamos as seguintes interjeições em Tuparí:

- (308) pa’a ‘assertivo’ (fala de homem)
 pa’atsapa ‘droga!’ (xingamento) só homem fala ‘
 ’atsa ‘malandro, bicho feio, enxerido’ só mulher fala
 akoì ‘ai!’
 pà ‘ah! (homem falando)’
 oyã ì ‘ah! (mulher falando)’

4.13 REDUPLICAÇÃO

Em Tuparí, a reduplicação é um recurso muito usado para expressar aspecto ‘plural, habitual, frequentativo’. Podem ser reduplicados nomes, atributos e verbos. Rodrigues e Caspar já haviam descrito reduplicação em Tuparí, tanto de atributos quanto de verbos. Exemplos dados pelos autores de atributos:

- sop ou sop=sop* ‘vermelho’
poat=poat e ‘isto é bonito’
at si=a=sia=a ‘céu azul’

awate=tan=tan ‘(espécie de) planta’
awatw=ek=hap=hap ‘discórea de bulbo amarelo’

Exemplos de nosso *corpus*:

Atributos

- (309) **Tara tara** **chato** (tara – largo)
 (310) Poat poat kut’a lindo (poat – bom)
 (311) Erop’a erop’a tât atroz (Erop’a desagradável)

- (312) e::::: poare poare
 IDEOF (isso) é bom é bom
 ideof é bom, é bom’

Nomes substantivos

- (313) te-yaora taropa per-en Ø-at pe het’oã tupari po-psim
 3-sair.PL-ST branco arma-DET R¹-pegar depois entregar.ST tupari mão-LOC
 wan’om puop-’om tupari-t tarupa-t tarupa-t tarupa-t
 mas.não saber-NEG Tupari-DET branco-DET, branco-DET branco-DET
 ‘mas os Tuparí não sabiam, atirar, os Tuparí’

Verbos

- (314) nã tet’e-pna-m kut ekot-pe te-apsi’a te-oro-a AUX
 ir-N.AT-NNC T.IM tocaia-INES 3CORR-escutar 3-CORR-ficar
 erem opa-et Ø-ar-a ’at’at-ka
 ASSOC milho-DET R¹-pegar-ST pegar=pegar-VBLZ
 o-memsir-et arop Ø-ara ko ’on
 1-filho-DET comida R¹-pegar AUX.INT 1
 ‘ficou dentro da tocaia e escutou pegarem o milho todo e disse: “deixem eu pegar a comida para meu filho”

- (315) kiepe òpot-’om=opot-’om-ka herek’a war-apteka

agora deixar-NEG=deixar-NEG-VRBL sempre 2PL-AUX
 ‘não deixavam, não deixavam’

- (316) te-poaot=poaot-ka, nã i-’anem sira-p kut hèt-t
 3CORR-levantar.mãos-VRBL EST R²-estar.PL fazer-NNC T.IM esse-DET

erote ke pe te-orak tet’a nerõnã
 todos assim depois 3CORR-gritar 3.ir novamente
 ‘todos levantaram as mãos, levantaram as mãos, depois gritaram novamente’

- (317) wan’om here puop’om tat top top-ki-a na
 mas.não então não sabiam somente olhava-VBLZ-ST fazer

te-yaoroytona opa-et ar-a kire potara=tara tona upek
 3-chegar milho-DET pegar-ST gente mão.chata=chata pato
 ‘a gente chegou pegando o milho, a gente de mão achatada’

- (318) ponekat na opa-et Ø-ar-a te-poaot-poaot ka
 pe.similar EST milho-DET R¹-pegar-ST3-levantar.mão=levantar.mão ir
 ‘similar a mão de pato, levantando a mão para pegar milho’

Ideofones

- (319) kut pour-et waṅ waṅ waṅ kut Ø-si-eat
 criança novo-DET IDEOF.chorobebê criança R¹-mãe-PL

memsir-et kut (here) kut
 filho-DET T.IM aí T.IM

te-apsi-’a te-yã ekot-pe kire-t
 3-escutar-ST 3-SENT.SING tocaia-INES gente-DET

‘os bebezinhos filhos das mães choravam, aí ele (o irmão do Demiurgo), dentro da tocaia escutou gente’

4.14 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, apresentamos um esboço da morfologia da língua Tuparí. Nossa descrição considerou a descrição pioneira de Rodrigues e Caspar sobre essa língua, um legado para todos aqueles que estudam essa língua nativa do Brasil.

Mostramos que o Tuparí distingue nomes relativos de nomes absolutos, nomes substantivos de nomes atributos e estes de verbos e posposições. Descrevemos também parte das partículas que exprimem aspecto, modalidade, idiofones e interjeições. Descrevemos a morfologia derivacional e flexional, tanto a endocêntrica quanto a exocêntrica. Nessa sùmula da morfologia do Tuparí abordamos alguns aspectos morfossintáticos, mas esses e outros aspectos serão tratados no capítulo seguinte.

5. MORFOSSINTAXE (SINTAXE)

Neste capítulo, descrevemos aspectos da morfossintaxe da língua Tuparí. Iniciamos com uma descrição da flexão relacional, um dos focos da presente tese. Demostramos que há evidências da existência de prefixos relacionais na língua Tuparí e que eles são fundamentais para explicar outros fatos da morfossintaxe da língua, como por exemplo, a contiguidade sintática do objeto de verbo transitivo, formando juntos, uma unidade sintática, como reiteramos na seção 5.1.1.2, em que mostramos, por meio de um texto, o uso dos relacionais no discurso. Abordamos a flexão pessoal, os sintagmas verbais e nominais, assim como predicados verbais e não verbais. Tratamos também dos modos indicativo, imperativo e subjuntivo, e demonstramos que há duas variedades do modo indicativo: o Indicativo I e o Indicativo II. Finalizamos o nosso estudo da morfossintaxe da língua Tuparí com a descrição de como a negação é expressa nessa língua.

5.1 FLEXÃO RELACIONAL

Tratamos nesta seção da flexão relacional, fundamental para o entendimento da sintaxe da língua. A flexão relacional é um tipo de flexão encontrada ativa e produtiva em línguas de quatro famílias do tronco linguístico Tupí²⁹, realizada através de prefixos que flexionam nomes e verbos, sendo que, em algumas famílias, flexionam também posposições, para marcar a contiguidade e a não contiguidade de um determinante (expressão nominal) com respeito ao tema determinado.

A flexão relacional nas línguas Tupí foi proposta pela primeira vez por Aryon Dall'Igna Rodrigues (2010) para o Tupinambá, língua em que o paradigma da flexão relacional é integrado por quatro prefixos, que se combinam com raízes nominais, verbais e posposicionais: o relacional que marca a contiguidade do determinante, o relacional que marca a não contiguidade do determinante, o relacional que marca a correferência entre o determinante de um nome, verbo ou posposição com o sujeito da oração principal e, por fim, o relacional que marca um determinante genérico e humano.

Considerando que o relacional de contiguidade possui dois alomorfes e que os temas dependentes (nomes, verbos e posposições) se combinam com um ou outro alomorfe desse prefixo, quando o determinante está contíguo, Rodrigues (2010) dividiu as raízes flexionáveis do Tupinambá em duas classes principais, a classe I e a Classe II. Já a distribuição dos alomorfes

²⁹ Segundo Cabral (comunicação pessoal), vestígios de flexão relacional são ainda encontrados nas demais famílias do tronco Tupí.

dos relacionais que marcam a não contiguidade do determinante e os alomorfes do relacional que marca um determinante genérico e humano foram considerados por Rodrigues como fundamentais na divisão das raízes das Classes I e II em subclasses. O quadro seguinte, elaborado por Rodrigues e adaptado por nós, com base em Cabral (2001), mostra a distribuição de raízes em classes e subclasses combináveis com os alomorfes dos prefixos relacionais.

Quadro de distribuição dos alomorfes dos prefixos que marcam a continuidade do determinante (R^1 -), a não contiguidade do determinante (R^2 -) e um determinante genérico e humano (R^4): segundo as classes e subclasses das raízes do Tupinambá:

Quadro 16 – Distribuição dos alomorfes dos prefixos Relacionais em Tupinambá

	1	2	4	Exemplos
Ia	Ø-	i-	Ø-	akáj 'cabeça', ?áβ 'cabelo', kó 'roça', si 'mãe', taté 'desviando-se de', sém 'sair', kér 'dormir'
Ib	Ø-	i-	m-	pó 'mão', pír 'pele', posá 'remédio'; poraséy 'dançar', pitá 'ficar'
IIa	r-	s-	t-	esá 'olho', oβá 'rosto', asém 'gritar', enoné 'diante de'; ekó 'estar em movimento', e?ð 'morrer'
IIb	r-	t-	t-	úβ 'pai', a?ír 'filho (em rel. ao pai)', yβýr 'irmão mais moço'; úr 'vir', úβ 'estar deitado', ár 'tomar'
IIc	r-	s-	?-	ók 'casa', u?úβ 'flecha'
IId	r-	s-	(V- → Ø)	apé 'caminho', ekúy 'cuia', epanaku 'cesto'; epotí 'defecar', epinō 'emitir gases'
III	--	--	--	arar 'arara', ayurú 'papagaio', tapi?ír 'anta', arasá 'araçá', ìβák 'céu', kwár 'sol'

Prefixos relacionais cognatos do Tupinambá foram identificados em várias outras línguas Tupí-Guaraní, como no Araweté (SOLANO, 2009), no Ka'apór (SILVA 2001; CALDAS, 2001, 2009), no Avá-Canoeiro (SILVA, 2015), no Zo'é (CABRAL 2007, 2010, 2019), no Kaiowá (MARTINS, CABRAL, VIEGAS e MEJIA, 2017), entre outras. Alguns estudiosos consideraram apenas a existência do relacional de contiguidade nas línguas estudadas, a exemplo de Seki (2000), em sua análise do Kamayurá; Magalhães (2007), em sua análise do Guajá; e Martins (2003) para o Mbyá. Esses autores analisam o que nós interpretamos como relacional de não contiguidade como prefixos pessoais de terceira pessoa.

Com respeito a línguas Tupí de outras famílias, prefixos relacionais foram propostos para o Mundurukú (GOMES, 2006), para o Saterê Mawé (FRANCESCHINI, 1999; CABRAL; RODRIGUES; FRANCESCHINI, 2013) e para o Tuparí ALVES (2004, 2005).

No que segue, partindo da análise de Rodrigues e Caspar e da análise de Alves, apresentamos mais evidências de que, em Tuparí, há que se considerar a existência de três classes temáticas de nomes e verbos, como já havia sido proposto por Rodrigues e Caspar (2017), com base na combinação de elementos dessas duas classes de palavras com os alomorfes dos prefixos relacionais dessa língua.

5.1.1 Flexão relacional na língua Tuparí

Alves (2004) descreve um paradigma de prefixos relacionais para o Tuparí com dois prefixos: um prefixo relacional que marca a contiguidade do determinante e um prefixo relacional que marca a não contiguidade do determinante. Trata-se de contiguidade sintática do determinante em relação ao elemento determinado (CABRAL, 2001). Segundo Alves, cada prefixo relacional tem dois alomorfes, cuja distribuição fundamenta a divisão de temas dependentes em três classes morfológicas. No quadro seguinte, adaptado de Alves (2004), reunimos os prefixos relacionais Tuparí identificados pela autora:

Quadro 17 – Prefixos Relacionais

	Contíguo	Não contíguo
Classe I	∅-	s-
Classe II	∅-	i- ~ y- ~ ñ-
Classe III	h-	i-

Fonte: Alves (2004)

Na próxima subseção, são apresentados, conforme Alves (2004) exemplos de paradigmas nominais ilustrando nomes flexionados por prefixos relacionais.

5.1.1.1 Paradigma Nominal

Raiz: -a'yp 'filho em relação ao homem'
 i-a'yp 'filho dele' (determinante não contíguo)
 to'to h-a' 'yp 'filho do avô' (determinante contíguo)

Note-se que a flexão relacional é um mecanismo morfossintático, em que a morfologia tem função relacional, relacionando elementos sintáticos, ou seja, um determinante e um determinado, razão pela qual não ocorre quando o determinante de um tema é expresso morfologicamente, como nos exemplos seguintes:

o-a'yp 'meu filho'
 te-a'yp 'seu próprio filho'

O próximo quadro, de autoria de Alves (2004, p. 64), exemplifica as classes nominais combinadas com os alomorfes dos prefixos relacionais:

Quadro 18 – Classes Nominais, adaptado de Alves (2004, p 64)

Classes	Determinante Contíguo	Determinante Não -Contíguo	Reflexivo
<u>1ª classe</u>	koe'pa Ø - 'epa 'olho (brilho) da lua'	's - epa 'olho dele (a)'	'te - epa 'seu próprio olho'
<u>2ª classe</u>	Pa'bit Ø - a:'pe 'o caminho de Pa'bit (um espírito)'	'i - a:'pe 'caminho dele'	'te - a:'pe 'seu próprio caminho'
<u>3ª classe</u>	to'to h - a'yp 'o filho do avô'	'i - a'yp 'filho dele'	'te - a'yp 'seu próprio filho'

5.1.1.2 Mais sobre os prefixos relacionais do Tuparí

Os dados analisados nesta tese de doutorado evidenciam a presença de prefixos relacionais na língua, os quais integram um paradigma flexional com a produtividade que prefixos flexionais requerem. Todos os nomes relativos, ou seja, os que são possuíveis, e todos os verbos transitivos, posto que requerem um determinante (objeto direto), são flexionados por prefixos relacionais quando: a) o determinante sintático está contíguo à esquerda, formando com o determinado uma unidade sintática e (b) quando o determinante não se encontra contíguo à esquerda, dentro da estrutura argumental dos nomes possuídos ou dos verbos transitivos. Exemplificamos, em seguida, nomes e verbos flexionados por prefixos relacionais:

Temas nominais da Classe I

Nome combinado com o alomorfe *zero* (Ø-) do prefixo relacional de contiguidade R¹.

- (320) Isaia-t Ø-apap-'a
 Isaias-DET R¹-cabeça-CLASS.CIRC
 'a cabeça do Isaias'

- (321) amêko-t Ø-epap'a
 onça-DET R¹-cabeça-CLASS. CIRC
 'a cabeça da onça'
- (322) Edineia-t Ø-apap'a
 Edineia-DET R¹-cabeça-CLASS. CIRC
 'a cabeça da Edineia'
- (323) o-pap-'a-t Ø-asi-t
 1-cabeça-CLASS.CIRC-DET R¹-dor-DET
 'a dor da minha cabeça'
- (324) apap-'a Ø-asi
 cabeça-CLASS.CIRC R¹-dor
 'dor da cabeça dele(a)/desse(a)/daquele(a)'
- (325) amêko Ø-apap-'a
 onça R¹-cabeça-CLASS.CIRC
 'cabeça de onça (referente genérico)'
- (326) Isaia-t Ø-epa-t
 Isaias-DET R¹-olho-DET
 'o olho do Isaias'
- (327) amêko-t Ø-epa-t
 onça-DET R¹-olho-DET
 'o olho da onça'
- (328) Edineia-t Ø-epa-t
 Edineia-DET R¹-olho-DET
 'o olho da Edineia'

Nome combinado com o alomorfe *s-* do prefixo relacional de não contiguidade R².

- (329) s-epapot

R²-cabeça

‘cabeça dele(a)/desse(a)//daquele(a)’

(330) s-epa-t

R²-olho-DET

‘o olho dele(a)/desse(a)//daquele(a)’

(331) s-epa

R²-olho

‘olho dele(a)/desse(a)//daquele(a) (referente genérico)’

Temas nominais da Classe II

Nome combinado com o alomorfe zero do prefixo relacional de contiguidade r1.

(332) Rau Ø-po

Rau R¹-mão

‘mão do Raul’

(333) Rau Ø-sito-t

Rau R¹-pé-DET

‘pé de Raul’

(334) Rau Ø-oje-n

Rau R¹-boca-DET

‘boca de Raul’

Nome combinado com o alomorfe *i-* do prefixo relacional de não contiguidade R².

(335) i-po-t

R²-mão-DET

‘mão dele(a)/desse(a)//daquele(a)’

(336) i-sito-t

R²-pé-DET

‘pé dele(a)/desse(a)//daquele(a)’

- (337) *n-ɔŋe-n*
 R²-boca-DET
 ‘boca dele(a)/desse(a)//daquele(a)’

Temas nominais da Classe III

Nome combinado com o alomorfe *h-* do prefixo relacional de contiguidade R¹.

- (338) *Rau h-a-et*
Rau R¹-pelo-DET
 ‘pelo de Raul’

- (339) *amẽko h-a-et*
onça R¹-pelo-DET
 ‘pelo da onça’

- (340) *amẽko h-ap*
onça R¹-pelo
 ‘pelo de onça’

Nome combinado com o alomorfe *i-* do prefixo relacional de não contiguidade R².

- (341) *o-awr-a ’on i-ek-ere*
1-sair-ST 1 R²-casa-ABL
 ‘eu saí da casa dele(a)/desse(a)//daquele(a)’

- (342) *i-men-siro ’on*
R²-marido-POSS 1
 ‘eu tenho marido’ (marido meu)

- (343) *i-men-siro ’en*
R²-marido-POSS 2
 ‘você tem marido’ (marido seu)

Temas verbais da Classe I

Verbo transitivo combinado com o alomorfe Ø- do prefixo relacional de contiguidade.

- (344) o-mai-n Ø-apek-a 'on
 1-mandioca-DET R¹-descascar-ST 1
 'eu a descasco/descasquei minha mandioca'
- (345) arop h-îr-et Ø-māk-a ote s-arop-nã
 comida R²-COMPL-DET R¹-enviar-ST 1EXCL R²-pertence-TRANS
 'nós mandamos caça para ele'
- (346) o-memsir-et arop Ø-ar-a ko 'on
 1-filho-DET comida R¹-pegar-ST AUX,INT 1
 'eu quero pegar milho para meu filho'

Verbo transitivo combinado com o alomorfe s- do prefixo relacional de não contiguidade R².

- (347) s-apek-a 'on
 R²-descascar-ST 1
 'eu a descasco/descasquei (minha mandioca)'
- (348) s-esu-a eñ-en
 R²-chamar-ST 2-DET
 'chama-o tu'
- (349) he-re s-ar-a ko 'on keo'a o-tat'e tat'e-ka te-ka-re
 esse-ABL R²-pegar-STAUX.INT 1 quando 1-enganar-VRBL ir-ir-ABL
 'assim, quando eu quis pegá-la'

Temas verbais da Classe II

Verbo transitivo combinado com o alomorfe Ø- do prefixo relacional de contiguidade R¹.

- (350) hare kujõ pout Ø-top-to'om 'on
 aqui areia fina R¹-ver-NEG 1

‘aqui eu não vejo/vi areia fina’

- (351) uoka Ø-ka-p h-i’a e
 água R¹-beber-NNC R¹-gostar esse
 ‘ele gosta de beber água’
- (352) takamã-n Ø-õpa ’on um-ere
 cutia-DET R¹-matar 1 mato-ABL
 ‘eu matei cotia no mato’

Verbo transitivo combinado com o alomorfe *i- ~ y- ~ ñ-* do prefixo relacional de não contiguidade R²-

- (353) i-ka-p h-i’a e
 R²-beber-NNC R¹-gostar esse
 ‘ele gosta de bebê-la’
- (354) um-ere ’on y-õpa-p takamã-n
 mato-ABL 1 R²-matar-NNA cotia-DET
 ‘no mato eu matei a cotia’
- (355) hare i-top-to-’om ’on
 aqui R²-ver-NNA-NEG 1
 ‘aqui eu não vejo/vi areia fina’

Temas verbais da Classe III

Verbo transitivo combinado com o alomorfe *h-* do prefixo relacional de contiguidade R¹.

- (356) uoka Ø-ka-p h-i’a e
 água R¹-beber-NNC R¹-gostar esse
 ‘ele gosta de beber água’
- (357) ku-et h-erepk-a ’on
 pau-DET R¹-raspar-ST 1

‘eu raspei a madeira’

Verbo transitivo combinado com o alomorfe *i-* do prefixo relacional de não contiguidade R^2 .

(358) *i-i-'a* *'on*
 R^2 -gostar-ST 1
 ‘eu gosto (de Isaias)’

(359) *o-a'ysipa-et* *i-ep-k-a*
 1-sogra-DET R^2 -folha-VBLZ-ST
 ‘a minha sogra o moqueou (cobriu)’

É importante ressaltar que o prefixo relacional de contiguidade só flexiona temas nominais ou verbais quando o determinante está contíguo, dentro do mesmo sintagma. É também fundamental o entendimento de que não é possível flexionar um tema relativo ao mesmo tempo com prefixo pessoal e relacional, uma vez que o prefixo pessoal já determina o tema relativo e faz parte de sua morfologia. O relacional de contiguidade é, portanto, associado a um tema, apenas quando o determinante deste é um elemento sintático.

Cabral (2001) demonstra com clareza que a contiguidade de um determinante com respeito ao determinado não é uma contiguidade superficial, mas uma contiguidade estrutural. Assim, determinante sintático e determinado formam uma unidade sintática inseparável {determinante R^1 -DETERMINADO}, em que o primeiro elemento determina o segundo e o segundo subordina o primeiro.

As estruturas resultantes da flexão relacional têm em comum um núcleo flexionado por um prefixo relacional: (i) [NOM R^1 -NUCLEO] = o relacional R^1 - exige que o determinante se posicione imediatamente à esquerda do núcleo e forme com este uma unidade sintática; (ii) (NOM) [R^2 -NUCLEO] (NOM) = o relacional R^2 - ocorre quando a expressão sintática do determinante encontra-se fora do sintagma verbal (Cabral, 2001).

No texto seguinte, de autoria de Regione *Ep'iri* Tupari (2011), podemos ver o funcionamento dos prefixos relacionais R^1 e R^2 :

Oma'ã “minha história”

- (360) mōket domingo-pe pu'ukut'a-m,
 PASS.DIST domingo-INES final.da.tarde-INST.AL
 ‘faz tempo, no domingo, no final da tarde’
- (361) [**manga** Ø-kot'o-a] o-tet'-pe s-oro-a o-ter-a-t 'on
 [**manga** R¹-querer-ST] 1-vontade-INES R²-procurar-ST 1-ir-ST-PERF.IM 1
- (362) iku-m
 pau-INTR.AL
 ‘eu queria comer manga e fui procurar no pé’

Note-se que ‘manga’ é o objeto direto do verbo ‘querer’. Trata-se de um nome genérico (comer manga), na oração seguinte, ‘manga’, é o objeto direto de =oro-a ‘procurar’, não se encontra contíguo, razão pela qual recebe o prefixo relacional de não contiguidade. ‘Procurar’ pertence à classe temática I e combina com o alomorfe s- do relacional de não contiguidade.

- (363) nempe s-ik-a-t 'on huruno-'om, s-ik pe
 quando R²-tirar-ST-PERF.IM 1 dois-NEG R²-tirar ACUS

o-sat 'on eg-o

1-vir 1 casa- INTR.AL

‘quando eu tirei três, eu vim na casa’

Aqui também, s- flexiona -ikat, visto que manga não se encontra contíguo.

- (364) poka-ere i-ká w-epsik serõ'a-re,
 porta-ABL R²-comer 1-sentar sentado-ABL

takam'a-n Ø-to-a-t 'on hapo osire **manga=puroa-psit**

cotia-DET R¹-ver-ST-PERF.IM 1 ingá debaixo **manga=jogar-NPC**

Ø-ape Ø-ka] yerõa-re

R¹-casca R¹- comer] SENT/DEIT-ABL

‘na porta, eu vi a cotia sentada debaixo do pé de ingá comendo casca da manga jogada’

Nos três últimos exemplos, note-se que *i-* flexiona *-ka* ‘comer’, porque o objeto ‘manga’ não se encontra contíguo. Mais adiante, *takam’a-n* ‘cotia’ é objeto do verbo ‘ver’ e encontra-se contíguo, assim como ‘casca de manga’ jogada está contíguo ao verbo ‘comer’.

- (365) *i-top-pe* *wararo=wararo* *kapsi* *w-aran* *'on* *ek-si-m*
 R²-ver-INES rápido ir 1-ir 1 casa-interior-INTR.AL

tarupa pen Ø-ara, **per-en** Ø-ar-a opoa-pe
branco arma R¹-pegar, **espingarda-DET** R¹-pegar-ST apalpar-INES
 ‘eu a vi, e fui rápido no interior da casa pegar arma, pegar espingarda, apalpando’

Nos dois exemplos anteriores, vê-se *i-* flexionando o verbo *-top* ‘ver’, visto que a cotia não está contígua. Já *tarupá pen* ‘espingarda’, encontra-se contíguo ao verbo ‘pegar’, razão pela qual o verbo ‘pegar’ recebe o relacional de contiguidade.

Essa mesma alternância pode ser observada nos demais exemplos do texto.

- (366) **i-por-et** Ø-at-pe **y-õkojan** *'on*,
 R²-conteúdo-DET R¹-pegar-INES R²-colocar 1
 ‘peguei o conteúdo dela colocando-o’

- (367) **y-õkoun-pe** *w-aor-a-t* *'on* *ek-pe*
 R²-colocar-INES 1-sair-ST-PERF.IM 1 casa-INES
 ‘depois de colocá-lo, eu saí da casa’

- (368) *he-re* **takama-n** **he-'om** **na** Ø-to-a-t *'on*,
 esse-ABL **cotia-DET** **essa-NEG** TRANS R¹-ver-ST- PERF.IM 1
 ‘então, a cotia, não era ela (que) eu vi’

- (369) *nam'ea* *kora kora* Ø -kur-et *ek-pe* *te-tep'n-a-n*
 mas galinha R¹-filhote-DET casa-INES 3CORR-estar-ST-PERF.IM

he-t Ø-pean-tawat *'on*
essa-DET R¹-primeiro-espantar 1
 ‘mas era o filhote da galinha que estava, essa eu primeiro espantei’

- (370) *he-re* *simarã* *te-aora-re* *he-re* *te-pop'a*

- esse-ABL barulho 3-sair-ABL esse-ABL 3-fazer.barulho
 ‘então barulho (e) (filhote da galinha) saiu assim fazendo barulho’
- (371) Takam’a-n te-pen-’a kup Ø-aek’a-si-m
 cotia-DET 3CORR-pular-ST pau R¹-galhada-interior-INTR-AL
 ‘a cotia pulou embaixo da galhada do pau’
- (372) he-re S-orow-a o-ter-a o-’ero’a-re te-paor-a
 esse-ABL R²-procurar-ST 1-ir-ST 1-sai-ST-ABL 3CORR-aparecer-ST
 teytonarê,
 novamente
- (373) here he’ê por-et o’aerem o-tomeka-t ’on,
 então novamente conteúdo-DET naquele local 1-estar.em.pé-ST-PERF.IM 1
 ‘então o conteúdo desse novamente naquele local eu parei’
- (374) nempe **per-em** Ø-atamam pe w-ekup wak-kar-a-t ’on
 quando **espingarda-DET** R¹-mirar bem 1-tiro-VBLZ-ST-PERF.IM 1
 ‘quando eu saí mirei bem a espingarda e atirei’
- (375) here **i-to-a** o-waran ’on, **chumbo-t** i-sito-re,
 esse-ABL R²-ver-ST 1-ir 1 **chumbo-DET** R²-pé-ABL
 ‘então eu vi chumbo no pé dela (cotia)’
- (376) **i-patak’ge-re** ke te-at’sir-a-t,
 R²-barriga-ABL também 3-pegar-ST-PERF.IM
 ‘e pegou na barriga dela também’
- (377) wan’om ero’are te-sot’aj-to’om ka-re ero’are
 mesmo assim 3-morrer-NNA-NEG AUX-ABL assim
 ‘mesmo assim ela não morreu’
- (378) te-sot’ay-to-’om ka-re,
 3-morrer-NNA-NEG AUX-ABL

‘ela não morreu’

- (379) he-re te-sit ki-a-p erop’a-re te-yam
 esse-ABL 3-caminhar-ST-NNC não.poder-ABL 3-estar.DEIT

nãpe te-warō-’om ka-re,
 por.isso 3-fugir-NEG ir-ABL

‘então ela não podia caminhar, estando deitada, por isso não pode fugir’

- (380) he-re s-ar-a ko ’on keo’a o-tat’e tat’e-ka te-ka-re
 esse-ABL R²-pegar-ST AUX.INT 1 quando 1-enganar(mentira)-VBLZ 3-ir-ABL
 ‘assim, quando eu quis pegá-la,

- (381) he-re o-ki-et Ø-esua-t
 esse-ABL 1-irmão-DET R¹-chamar-ST-PERF.IM

’on pen=po-t no
 1 bala=conteúdo-DET outro

te-sake keo’a s-ara-poa-t-kap-tena ke o’a no,
 3-trazer para R²-acabar.de.matar para AUX outra.vez

‘então eu chamei meu irmão trazer outra bala para eu acabar de matar outra vez’.

- (382) ero’are ne-rō-’om kat
 mas conseguir-NNA-NEG AUX

’on nam’ea ote-amēko-t tet
 1 porque 1EXCL-cachorro-DET ir

narē narē

lá lá

‘mas eu não consegui porque nosso cachorro foi lá’

- (383) he-re i-am s-ar-a-p ma’ã-n ’on, s-opsikoat-pe

esse-ABL R²-DAT R²-pegar-ST-NNC fala-DET 1, R²-perseguir-ACUS

s-akup'e ka-re

R²-agarrar ir-ABL

‘então, eu falei para ele persegui-lo e pegá-lo, agarrando-o’

- (384) he-re s-ar-a opoa-t 'on ameko Ø-oyẽ-re
 esse-ABL R²-pegar-ST apalpar-PERF.IM 1 cachorro R¹-boca-ABL

nem-pe per-en Ø-oan 'on o-kip Luciel y-a

depois arma-DET R¹-entregar 1 1-irmão, Luciel R²-DAT

‘então eu pequei apalpando (a cotia) na boca do cachorro, depois eu entreguei a arma para meu irmão, Luciel’

- (385) pot'pe-m ke s-apap t'a õpap s-ara=poatka keo t'a
 terçado-.INTR AL também R²-cabeça matar R²-acabar.de.matar para
 ‘também o terçado, para acabar de matá-la, matando a cabeça’

- (386) s-apap t'a õpa-re wan erot'are te-sot'ay-to-'om ka-re
 R²-cabeça matar-ABL mas não 3-morrer-ST-NEG ir-ABL
 ‘matando a cabeça, mas ele não morreu’

- (387) i-sa-re pot t'pe-m he-re kiepe te-sot'asa-re.
 R²-cutucar-ABL terçado INST.AL esse-ABL aí 3-morrer-ABL
 ‘cutucando-a com o terçado, então, assim ela morreu’

- (388) he-re o-si-t uoka Ø-mãkora s-o t'a-re
 esse-ABL 1-mãe-DET água R¹-esquentar R²-colocar-ABL

i-a-et Ø-kia-p tena

R²-pelo-DET R²-pelar-nna para

‘assim minha mãe esquentou água colocando-a para pelar-lhe o pelo’

- (389) he-re iu-m nã te-ra-re

esse-ABL rio-INST.AL EST 3-ir-ABL

te-aor-a teype s-ur-a

3-sair-ST logo R²-cozinhar-ST

‘ela foi no rio e saiu logo para cozinhá-la’

- (390) s-o t’a-re nempe s-ik-pe ka-re,
 R²-colocar-ABL depois R²-tirar-ACUS comer-ABL
 ‘depois colocou-a e tirou-a, comendo’

- (391) w-ar-et ko-ro-’õm ’õn
 1-comida-DET comer-NNA-NEG 1
 ‘eu não comi a minha comida’

Este texto mostra com clareza o uso dos relacionais no discurso. É preciso entender que a língua tem uma estrutura argumental para nomes e verbos transitivos, na qual o determinante e o determinado formam uma unidade sintática e que, quando o determinante de um nome ou de um verbo transitivo não se encontra dentro da estrutura argumental, o núcleo dependente há que ser marcado como determinado. Por isso, ocorre o uso do prefixo relacional R²-. Entendendo-se como funciona a sintaxe da língua Tuparí, entende-se as funções dos prefixos relacionais. Caso contrário qualquer outra explicação pode parecer convincente, mas carecerá de fundamentos.

5.1.2 Outra interpretação dada aos prefixos relacionais do Tuparí

Singerman (2018a), oferece uma outra análise para o que aqui analisamos como prefixos relacionais. Para esse autor, o *h* que consideramos como alomorfe do prefixo relacional de contiguidade, que alterna com o alomorfe \emptyset - do mesmo prefixo, é um segmento fonológico “intrusivo” que ocorre em uma pequena classe de nomes iniciados por vogal. Acrescenta que não há evidências para considerá-lo como um prefixo (SINGERMAN, 2018a, p. 52-53). Consoante Singerman, o segmento *h*- ocorre em construções possessivas, como em:

- a. wapap’a hap
 w-apap’a hap
 1SG-head hair

‘the hair of my head’

- b. osi hekgo
 o-si hek-o
 1SG-mother home-INS
 ‘to my mother’s home/house’
- c. tarupa hak
 tarupa hak
 non.indigene daughter
 ‘the white man’s daughter’
- d. Rosivaldo hop het
 Rosivaldo hop het
 Rosivaldo father name
 ‘Rosivaldo’s father’s name’

Embora o autor afirme que palavras que recebem um “*h* intrusivo” pertencem a uma pequena classe de categorias semânticas, como partes do corpo, termos de parentesco e posses inalienáveis, reconhece que muitas das palavras dessas categorias não recebem esse “*h* intrusivo” e que critérios semânticos são, portanto, insuficientes para determinar se um nome requer ou não um “*h* intrusivo”.

Singerman também argumenta contra a existência de três classes temáticas de nomes em Tuparí, como proposto por Alves (2004), que considera a distribuição dos temas dependentes com os alomorfes dos prefixos relacionais de contiguidade \emptyset - e *h*- e de não contiguidade *i*- e *s*-. Os contra-argumentos usados por Singerman são a presença de um *h* em *há’i* ‘fim’ seguindo um prefixo terminado em consoante, *pëan* ‘primeiro’ *tepëan-há’i-a ke e* (*te-* – 3c, *pëan* – first, *há’i* – end, *-a* – TH, *ke* – polite.fut, *e* – 3) (SINGERMAN, 2018a, p.58). sendo, pois, a presença de um “*h* intrusivo” devido ao fato de *pëan* terminar em consoante. O mesmo argumento é usado pelo autor para analisar o pronome *wat* ‘segunda pessoa do plural’ como um prefixo, que acarretaria a intrusão de um *h* no tema ao qual se combina. Em suma, o

autor atribui a intrusão de um *h* nos temas, quando esses se combinam com *wat*, por este terminar em consoante.

Quanto à distribuição dos alomorfes do relacional de não contiguidade, Singerman a vê como motivada por critérios fonológicos. Dessa maneira, *s-* ocorreria em temas iniciados por vogal curta e *i-* ocorreria nos demais casos. O alomorfe *y-* ocorreria em temas iniciados por vogal curta, mas nasal. Exemplos dados por Singerman como fundamentos para a sua análise são os seguintes:

Quadro 19 – Nouns which require intrusive h take the third person proclitic i-, not s-

Root	With NP possessor <i>Tigi</i>	With third person proclitic
<i>(h)a'up</i> 'son of man'	<i>Tigi ha'up</i> 'Tigui's son'	<i>ia'up</i> 'his son' (* <i>sa'up</i>)
<i>(h)ak</i> 'daughter of man'	<i>Tigi hak</i> 'Tigui's daughter'	<i>iak</i> 'his daughter' (* <i>sak</i>)
<i>(h)ek</i> 'home, house'	<i>Tigi hek</i> 'Tigui's house'	<i>iek</i> 'his house' (* <i>sek</i>)
<i>(h)op</i> 'father'	<i>Tigi hop</i> 'Tigui's father'	<i>iop</i> 'his father' (* <i>sop</i>)
<i>(h)et</i> 'name'	<i>Tigi het</i> 'Tigui's name'	<i>iet</i> 'his name' (* <i>set</i>)

Fonte: Singerman, 2018a, p. 56.

Entretanto, ocorre que *i-* também se combina com temas iniciados por vogal curta, como mostram dados contidos na tabela acima (*i-ak*, *i-ek*, *i-op*, *i-et*)

(392) *i-ag-et*

R²-filha-DET

'filha dele/desse/daquele' (já mencionado)'

(393) *i-eg-et*

R²-casa-DET

'casa dele/dela/desse/dessa/daquele' (já mencionado)'

(394) *i-amẽko-t*

R²-cachorro-DET

'cachorro dele/dela/desse/dessa/daquele' (já mencionado)'

Considerando que *i-* ocorre também com temas iniciados por vogal oral curta, o argumento de que a distribuição de *s-* e *i-* estaria condicionada pela ocorrência de *s-* diante de

temas com vogais orais curtas e *i-* nos demais ambientes não se sustenta. Ademais, qual a motivação fonológica para *s-* ocorrer apenas diante de temas iniciados por vogal curta?

Rodrigues (2010) observou que a distribuição dos temas do Tupinambá com os alomorfes do relacional *s-* e *i-* é arbitrária. Essa afirmação é válida para todas as línguas Tupí-Guaraní e, também, para línguas de outras famílias linguísticas, como para a língua Tuparí.

Outro ponto a destacar é o questionamento que faz Singerman sobre a ocorrência de *s-* e *i-* e de *h-* em verbos:

If Tuparí really did divide its nominals into three arbitrary classes, we would not expect the same division between *i-* and *s-* found in the nominal domain to apply within the verbal domain as well. But the phonological conditioning shown on nouns in Tables 2.7 and 2.8 accounts for which verbs/auxiliaries will take *i-* and which will take *s-*. Again, *s-* occurs only before short oral vowels; *i-* is the elsewhere form. This is shown in Tables 2.9 and 2.10. (Singerman, 2018, p. 61)³⁰

Retomando o que diz Rodrigues (2010) sobre os relacionais e as classes de temas, constatamos que para esse autor, assim como para aqueles que concordam com suas análises a respeito da existência de prefixos relacionais, esses prefixos ocorrem em temas relativos ou dependentes, sejam eles nomes, verbos ou posposições. Essa informação está muito clara em todos os trabalhos sobre relacionais, os quais citam repetidamente a asserção de Rodrigues a esse respeito. Prefixos relacionais não são exclusivos de nomes nem de construções possessivas, mas têm funções relacionais, morfossintáticas, relacionando um determinante a um elemento determinado: o possuidor determina o nome possuído, o objeto direto de um verbo transitivo é o determinante deste, assim como o complemento de uma posposição é o determinante desta. Assim, pode-se afirmar que este tratamento já está muito bem assentado, na literatura que trata de prefixos relacionais que estes combinam com temas relativos. Em todos os estudos que postulam a existência de relacionais para as línguas analisadas, há exemplos de relacionais em nomes, verbos e posposições. Em línguas da família Tupí-Guaraní, relacionais ocorrem também em verbos intransitivos no modo indicativo II, que é uma variedade do modo Indicativo, em que uma expressão adverbial precede o predicado, acionando no núcleo deste mudanças morfológicas, como mostram os seguintes do Asuriní do Tocantins e do Kayabi.

Exemplos do Asuriní do Tocantins

Indicativo I

³⁰ As tabelas 2.9 e 2.10 encontram-se em Singerman (2018, p. 61 e 62).

ka'í-ao-ho
 macaco prego 3-ir
 'o macaco prego vai/foi' (CABRAL, 2003)

Indicativo II

a'éramo i-há-j ka'í-a
 esse-TRANS R²-ir-IND.II macaco prego-ARG
 'então o macaco foi' (CABRAL, 2003)

Exemplo do Kayabí

oro-jor u'jaw ore nũ
 1EXCL-vir chegar 1EXCL novamente
 'vamos chegar outra vez' (WEISS, p. 203)

Indicativo II

muapy te ore Ø-ser-i
 Três FOC 1EXCL R¹-dormir-IND.II
 'vamos dormir três noites' (WEISS, 1998, p. 169)

awauwe te'ã jane r-ur-i
 hoje PERG 1INCL R¹-chegar-IND.II
 'vamos chegar hoje' (WEISS, 1998, p.199)

Voltando ao questionamento de Singerman, sobre a “arbitrariedade” da distribuição de temas dependentes do Tuparí, por verbos e nomes receberem prefixos relacionais, ressalte-se que a distribuição de fato é arbitrária, uma vez que alomorfes dos relacionais combinam com classes temáticas, arbitrariamente. A proposta de um “h intrusivo” é também ou ainda mais arbitrária, assim como o argumento de que *s-* ocorre apenas em temas iniciados por vogal curta. Qual a relação entre uma sibilante e uma vogal curta, além do fato de *i-* também ocorrer com vogais curtas?

Esclarecemos que em Tuparí, assim como em outras línguas do tronco Tupí, os prefixos relacionais combinam com nomes e verbos transitivos, sendo que nas línguas Tupí-Guaraní conservadoras, combinam também com verbos intransitivos e com posposições. A distribuição dos alomorfes dos prefixos relacionais é arbitrária e os falantes sabem bem quais

temas combinam com quais alomorfes dos prefixos relacionais. Finalmente, intrusão de som e qualidade vocálica determinando alomorfes de prefixos sem justificativa fonológica, é muito menos convincente do que um só argumento morfossintático/sintático que respeita os princípios de contiguidade e não contiguidade de argumentos em uma língua como o Tuparí, com uma estrutura argumental bem definida [Determinante Determinado] ([possuidor possuído], [objeto direto verbo transitivo]).

5.2 PREFIXOS PESSOAIS

Como já dito na seção 4.1.2, os prefixos pessoais integram, como são os casos dos prefixos relacionais, a morfologia flexional exocêntrica. Flexionam nomes e verbos. Nos nomes marcam o possuidor; nos verbos intransitivos, o sujeito; e nos verbos transitivos o objeto. O paradigma flexional de pessoa distingue uma primeira pessoa do singular, uma primeira pessoa inclusiva, uma primeira pessoa exclusiva, e uma segunda pessoa do singular. Há, também, um prefixo de terceira pessoa correferencial.

Quadro 20 – Paradigma de flexão pessoal

Pessoa/número	Prefixos pessoais
‘1’	o-
‘2’	e-
‘1INCL’	ki-
‘1EXCL’	ote-
‘3.CORR	te-

Existe uma forma de segunda pessoa do plural que se comporta de modo diferente dos prefixos pessoais. Trata-se da forma *wat*. Não a incluímos no paradigma de prefixos pessoais por se comportar como os pronomes na sintaxe. Essa forma não leniniza o t final quando precede um tema nominal ou verbal iniciado por vogal. Quando determina um nome da Classe III, na função de possuidor, o nome é flexionado pelo prefixo relacional *h-*, que marca a contiguidade sintática do determinante. A seguir, apresentamos exemplos de nomes flexionados por prefixos pessoais:

Tema da Classe I

- (395) o-’eu ‘meu sangue’
 e-’eu ‘teu sangue’

ki-'eu	'nosso (INCL) sangue'
ote-'eu	'nosso (EXCL) sangue'
te-'eu	'sangue dele mesmo'
wat Ø-'eu	'sangue de vocês'

Tema da Classe II

(396) o-apap'a	'minha cabeça'
e-apap'a	'tua cabeça'
ki-apap'a	'nossa (INCL) cabeça'
ote-apap'a	'nossa (EXCL) cabeça'
te-apap'a	'cabeça dele mesmo'
wat Ø-apap'a	'cabeça'

Tema da classe III

(397) -ap	'pelo'
w-ap	'meu pelo'
e-ap	'teu pelo'
ki-ap	'nosso (INCL) pelo'
ote-ap	'nosso (EXCL) pelo'
te-ap	'pelo dele mesmo'
wat h-ap	'pelo de vocês'

Quando o possuidor é uma terceira pessoa, como já discutimos na seção anterior, se o possuidor sintático não está contíguo ao nome possuído, este é flexionado pelo prefixo relacional de 'não contiguidade' *s-* ou *i-*, a depender da classe temática a que pertence o nome possuído:

Tema da Classe I

(398) i-'eu	'sangue dele/dela/desse/dessa'
-------------	--------------------------------

Tema da Classe II

(399) s-apap'a	'cabeça dele/dela/desse/dessa'
----------------	--------------------------------

Tema da classe III

(400) i-ap	'pelo dele/dela/desse/dessa''
------------	-------------------------------

Nos verbos intransitivos os prefixos pessoais codificam o sujeito e nos verbos transitivos, o objeto, configurando-se, assim, como um sistema de alinhamento absolutivo (RODRIGUES; CABRAL, 2012)

5.2.1 Prefixo pessoal em verbo intransitivo

verbo –'er 'dormir'

- (401) o-'er-a
1-dormir-ST
'eu durmo'
- (402) e-'er-a
2-dormir-ST
'você dorme'
- (403) hèn-t te-'er-a
esse-DET 3-dormir-ST
'ele dorme'
- (404) ki-'er-a okit
1INCL- dormir-ST 1INCL.DUAL
'nós dormimos'
- (405) ote-'er-a ote
1EXCL-dormir-ST 1EXCL
'nós dormimos'
- (406) wat Ø-'er-a wat
2PL R¹-dormir-ST 2PL
'vocês dormem'

5.2.2 Prefixos pessoais em verbo transitivo

- (407) e-to-a w-apteka
2-ver-ST 1-AUX
'eu vejo você'

- (408) o-to-a e-apteka
 1-ver-ST 2-AUX
 ‘você me vê’
- (409) ote-to-a e-apteka
 1EXC-ST 2-AUX
 ‘você nos vê’
- (410) wat Ø-to-a w-apteka
 2PL R¹-ver-ST 1-AUX
 ‘eu vejo vocês’
- (411) kup por-á o'apteka
 pau cortar-ST 2-AUX
 ‘eu corto pau’
- (412) kup por-á e-apteka
 pau cortar-ST 2-AUX
 ‘você corta pau’
- (413) kup por-á ki-apteka
 pau corto-ST 1INCL-AUX
 ‘nós cortamos pau’
- (414) he-'ear-et kup' porá te-apteka
 esse-COL-DET pau cortar-ST 3-AUX
 ‘eles cortam pau’
- (415) kup porá war-apteka
 pau cortar-ST 2PL-AUX
 ‘vocês cortam pau’

5.3 SINTAGMAS NOMINAIS

Em Tuparí, um sintagma nominal pode ser constituído minimamente por um nominal – um nome (referencial de seres), um pronome pessoal da Série A ou da Série B, ou um demonstrativo.

Um nome:

- (416) **Edineia-t** te-aor-o sa i'a o-er-a-p o-a'e
Edineia-DET 3-chegar-ST AUX COND 1-dormir-ST-NNC 1-AUX
 'se Edineia chegar, eu vou dormir'

Um pronome da série A:

- (417) o-'er-a 'on
 1-dormir-ST **1**
 'eu durmo'

Um pronome da série B:

- (418) oĩ-en kop kàp Ø-õkaraok'a
 1-DET fogo R¹-acender
 'eu que acendo fogo'

Um demonstrativo

- (419) **hà-t** opa-et
estes-DET milho-DET (próximo, plural, deitado, inanimado)
 'estes são os milhos'

Nomes e demonstrativos recebem flexão casual (ex. 421), assim como pronomes da Série B (ex. 420). Sintagmas nominais complexos consistem em um núcleo, nome modificado por um atributo ou nomes em relação de posse:

- (420) o-mai-n Ø-apek-a 'on
 1-mandioca-DET R¹-descascar-ST 1
 'eu descasco/descasquei minha mandioca'

- (421) amẽko-t Ø-epa-t

onça-DET R¹-olho-DET

‘o olho da onça’

(422) wi’iŋ Ø-ape

formiga R¹-caminho

‘caminho de formiga’

(423) poar-et taropa poar-et te-yaor-a yērõare

bom-DET branco bom-DET 3-sair-ST enquanto

‘enquanto eles, os brancos bons saíam’

Sintagmas nominais exercem funções argumentativas: sujeito, objeto, possuidor, complemento de posição.

Sintagmas nominais em funções argumentativas

Em função de Sujeito

(424) Isaia-t professor

Isaias-DET professor

‘Isaias é professor’

(425) hèt-t hoat Ø-to-at

esse-DET doenças R¹-ver-NAG

‘ele é médico (vedor de doença)’

(426) hèt-t te-sot’a-sa

esse-DET 3-morrer.RSLT

‘ele morreu’

(427) õpuop maʔa-n okit

professor-DET 1-INCL.DUAL

‘nós (DUAL) somos professores’

Em função de objeto

- (428) kup por-á o-'apteka
 pau cortar-ST 1-AUX
 'eu corto pau'

- (429) ote-to-a e-apteka
 1EXC-ver-ST 2-AUX
 'você nos vê'

- (430) o-to-a e-apteka
 1-ver-ST 2-AUX
 'você me vê'

Em função de possuidor

- (431) ek-et o-ausi
 esta-DET 1-esposa
 'esta é minha mulher'

- (432) kut pour-t o-memsit
 criança nova-DET 1-filho.DE.MULHER
 'a criança nova é meu filho'

- (433) o-sito=pèt-t takat'a-'om
 1-sapato-DEFurado-NEG
 'meu sapato não está furado'

Sintagmas nominais em funções de complemento de posposição

- (434) o-poay nã kot'o-ao-'e eĩ-ere
 1-precisar EST querer-ST 1-AUX 2-ABL

‘eu preciso de sua ajuda’

- (435) apsiku-et Ø-oã ’on e-sam
 brinco-DET R¹-dar.ST 1 2-DAT
 eu dou o brinco para vc’ ~ eu dei o brinco para vc’

5.4 SINTAGMAS VERBAIS

Sintagmas verbais são constituídos de um núcleo verbal simples, negado ou não, podendo ser reduplicado ou resultado de uma composição. Há verbos semanticamente ricos e verbos auxiliares, mas apenas os primeiros e parte destes últimos recebem prefixos pessoais.

- (436) hèt-t te-’er-a
 3-DET 3CORR-dormir-ST
 ‘ele dorme’
- (437) ki-er-’om okit
 1INCL.-dormir-NNA.NEG 1INCL.DUAL
 ‘nós (INCL) não dormimos’

Um sintagma verbal intransitivo ou transitivo é minimamente constituído por um tema verbal semanticamente rico, flexionado por prefixo pessoal e, em vários contextos sintáticos, é também flexionado por sufixo temático. Em verbos intransitivos prefixos pessoais marcam o sujeito, ao passo que, em transitivos marcam o objeto:

Sintagma verbal intransitivo:

- (438) pe ho’o-et kir-et te-yao-t pe
 IDEOF.QUANT aqui-DET gente-DET 3CORR-saír-PERF.IM IDEOF.QUANT
 ‘muita gente aqui saiu (plural)’

Sintagma verbal transitivo:

- (439) hèt-t w-atamor-ã
 esse-DET 1-empurrar-ST
 ‘esse me empurra’

Quando o objeto de um verbo transitivo é expresso sintaticamente e encontra-se dentro da estrutura argumental do verbo, posiciona-se à esquerda do tema verbal, o qual recebe o prefixo relacional de contiguidade.

- (440) uoka **Ø-ka-p** h-i'a e
 água **R¹-beber-NNC** R¹-gostar DECL
 'ele gosta de beber água'

- (441) o-memsir-et arop **Ø-ar-a** ko 'on
 1-filho-DET comida **R¹-pegar-ST** AUX.INT 1
 'eu quero pegar milho para meu filho'

Se o objeto direto sintático não se encontra na estrutura argumental do verbo, este recebe o prefixo relacional de não contiguidade.

- (442) uap-et tât eut=eut-ki-a **i-ka-p** wak'om nã
 chicha-DET só bebendo-VRBL-ST **R²-beber-NNC** barulho-NEG EST
 otawak-'om nã
 música-NEG
 'eles vão ficar só bebendo chicha, sem música'

- (443) he-re **s-ar-a** ko 'on keo'a o-tat'e tat'e-ka te-ka-re
 esse-ABL **R²-pegar-ST** AUX.INT 1 quando 1- ir-ir-ABL
 'assim, quando eu quis pegá-la'

Verbos transitivos ou intransitivos são marcados para modalidade epistêmica (atestado – não atestado), para aspecto resultativo e para aspecto perfectivo imediato.

5.5 APONTAMENTOS SOBRE PREDICADOS VERBAIS

5.5.1 Orações com predicados intransitivos

Em orações com predicados intransitivos, os sintagmas nominais em função de sujeito precedem o predicado:

- (444) Edineia-t te-'er-a

Edineia-DET 3-dormir-ST
 ‘Edineia acabou de dormir’

- (445) hèt-t te-a’am kot’oa
 este,-DET 3-vir.PL querer
 ‘eles querem vir’

Por outro lado, quando o sujeito é um pronome pessoal, segue o predicado:

- (446) o-’er-a ’on
 1-dormir-ST 1
 ‘eu durmo’

- (447) ote-’er-a ote kurem kut’a
 1EXCL-dormir-ST 1EXCL hoje nesse momento (agora, agorinha)
 ‘nós acabamos de dormir’

- (448) o-sitkipsit ia ’on
 1-andar vir 1
 ‘eu vim andando’

5.5.2 Orações com verbos transitivos

Em orações transitivas, o mesmo padrão é usado. Quando o sujeito é um nome ou pronome demonstrativo, precede o predicado, mas se é um pronome pessoal o segue:

- | | SA | O | V |
|-------|--------------------------|------------------|-----------------------|
| (449) | apsi kume-oen | akura-et | Ø-kà |
| | ouvido-PRIV | macaco prego-DET | R ¹ -comer |
| | ‘o surdo comeu o macaco’ | | |

- | | | | |
|-------|------------|--------|--------------------------|
| (450) | Sergio-t | takara | Ø-õp-a |
| | Sergio-DET | anta | R ¹ -matar-ST |

‘Sergio matou anta’

	O	V		SA
(451)	a:r-et	Ø-to-a	ko	’on
	céu-DET	R ¹ -olhar-ST	AUX.INT	1
	‘eu vou olhar o céu’			

(452)	a:t-et	Ø-to-a	kit	
	céu-DET	R ¹ -olhar-ST	1INCL	
	‘nós vamos olhar o céu’			

	o-V		SA
(453)	o-poap poap-ka		’en
	1-alisar-alisar-VBLZ		2
	‘você me alisa’		

(454)	ote-poap poap-ka		’en
	1INCL-alisar-alisar-VBLZ		2
	‘você nos alisa’		

5.5.2.1 Outras ordens

Quando o sujeito pronominal é objeto de foco contrastivo ou ênfase, vem como primeiro elemento da oração, marcado pelo caso determinativo:

(455)	SA	O	V
	oĩ-en	kop kàp	Ø-õkaraok’a
	1-DET	fogo	R ¹ -acender
	‘eu que acendo fogo’		

(456)	eĩ-en	kop kàp	Ø-õkaraok’a
	2-DET	fogo	R ¹ -acender
	‘você que acende fogo’		

5.6 EXPRESSÃO DE MODO EM TUPARÍ

5.6.1 Modo Indicativo

Tuparí distingue morfologicamente o modo Indicativo (modo das declarações) do modo imperativo (modo de comandos). Há duas variedades do modo indicativo: indicativo I e indicativo II.

5.6.1.1 Modo indicativo I

No modo Indicativo I, a ordem dos constituintes é:

s-V S Circunstância (quando o núcleo do predicado é intransitivo e o sujeito um pronome da série A);

S s-V Circunstância (quando o núcleo do predicado é intransitivo e o sujeito é um nome ou pronome demonstrativo);

O V S Circunstância (quando o núcleo do predicado é transitivo e o sujeito sintático é um pronome pessoal);

SOV quando o núcleo do predicado é transitivo e o sujeito é um nome ou um pronome demonstrativo)

A escolha de uma das variedades é uma questão do que é tópico do discurso. Quando é a circunstância que se quer colocar em evidência, seja por contraste, seja por mera ênfase, esta precede o predicado, que vem nominalizado pelo nominalizador de nome de circunstância *-ap*

Exemplos de Indicativo I:

	s-V	S	Circunstância
(457)	o-er-a	'on	e-ge-re
	1-dormir-ST	1	2-casa-ABL
	'eu dormi na sua casa'		

	S	s-V	Circunstância
(458)	kur-et	te-anem-sã	wap-pe
	criança-DET	3-deitada-RSLT	rede-INES
	'a criança está deitada na rede'		

	S	O	R ¹ -V	Circunstância
(459)	oĩ-en	kop kàp	Ø-õkaraok'a	um-ere
	1-DET	fogo	R ¹ -acender	mato-ABL
	'eu que acendo fogo no mato'			

	O	R ¹ -V	S	Circunstância
(460)	takamã-n	Ø-õpa	'on	um-ere
	cutia-DET	R ¹ -matar	1	mato-ABL
	'eu matei cotia no mato'			

5.6.1.2 Modo indicativo II

No indicativo II, a ordem é Circ. S s-Vintr.-NNC no caso de núcleos intransitivos. No caso dos núcleos transitivos a ordem é Circ. S R²-V.-NNC no caso de verbos transitivos (quando o determinante verbal não está contíguo) e Circ. S R¹-V.-NNC (quando o determinante está contíguo).

	CIRC.	S	s-Vintr.-NNC
(461)	ege-re	'on	o-er-ap
	casa-ABL	1	1-dormir.-NNC
	'na sua casa eu dormi'		

	CIRC.	S	s-VINTR.-NNC	O
(462)	um-ere	'on	y-õpa-p	takamã-n
	mato-ABL	1	R ² -matar.-NNC	cotia-DET
	'no mato eu matei a cotia'			

(463)	potpesiro	'on	ipor-et	Ø-por-ap
	Faca	1	peixe-DET	R ¹ -cortar.-NNC
	'com a faca eu corto o peixe' (espécie de faca)			

Outros exemplos:

(464)	open	mo'em	ote-or-ap	oa	ote-'a
	caminho-DETpelo		1-ir.-NNC	AUX	1-AUX
	'pelo caminho nós vamos'				

- (465) e-sope o-sa-p oa 'e
 2-ASS 1-vir-NNC AUX 2.AUX
 'eu virei com você'
- (466) wat iope o-sa-p oa o-'e
 2PL ASSC 1-vir-NNC AUX 1-AUX
 'eu virei com vocês'

O modo indicativo II foi descrito para as línguas Tupí-Guaraní por Rodrigues (1953), que chamou esse “modo” inicialmente de “modo circunstancial”, mas que, em razão dos enunciados serem declarações, considerou tratar-se de uma variedade do modo declarativo, adotando, desde então, a expressão “modo Indicativo II” para nomear esse modo. Vários estudiosos de línguas Tupí-Guaraní reconhecem a existência desse modo nas línguas estudadas: Seki (2002), Solano para o Araweté (1999), Silva para o Tembé (2010), Monserrat para o Asuriní do Xingu (1998). O Indicativo II foi também identificado em Awetí (RODRIGUES; CABRAL, 2005, p.44) e em Káro (GABAS JUNIOR, 1999).

Gabas Júnior (1999, p. 59 – 61) descreve o modo indicativo II do Káro como uma das variedades do modo indicativo, usado em declarações, ocorrendo em orações principais quando a ordem de um de seus elemento é “..either a noun phrase, a postpositional phrase or na adverbial phrase appears in focus position, at the begining of the clause.” (p.59). Segundo o autor, o sufixo do indicativo II tem os seguintes alomorfes:

/p / ocorre em raízes de auxiliares terminados em vogal, /-ap/ ocorre em verbos e auxiliares terminados em consoante e /-m / ocorre em raízes verbos terminados em vogal nasal. O autor observa que não há auxiliares em Káro terminados em vogais nasais)

Gabas Jr. apresenta os seguintes exemplos para ilustrar o Indicativo II do Káro:

cúrem at towirup ?op

cú=tem at to=wirup ?o-p

big=ADVZ 3SG 3R=food eat-IND2

'a lot, he ate his own food.'

át mãm oya ?warap

át mãm o=ya ?wat-ap

day X 1 so=leave-IND2

'During the day I left.'

maʔwit

maʔwit

at kaʔa ðn itop

at kaʔa ðn i=top-ap

man POSS house ISG 31MP=see-IND2

'It was the white man's house what I saw.'

təgana peʔ ðn mǎygāra wīm

təgana peʔ ðn mǎygāra wīm

there LOC I so snake kill-IND2

'It was there that I killed the snake.'

Gabas Jr. retoma o Indicativo II em sua discussão sobre focalização em declarativas, definido pelo autor como um processo por meio do qual qualquer constituinte focalizado vem no início da sentença, sendo nominais os únicos elementos passíveis de focalização. O indicativo II, segundo o autor, é usado quando o predicado é transitivo e o absoluto é focalizado, como exemplificado pelos exemplos seguintes (GABAS JR., 1999, p. 97):

wayo gǎp ar iʔop

wayo kǎp at i= ʔo-p

alligator tasty 3SG 31MP=eat-IND2

'(It is) a tasty alligator (that) he ate.'

wat ar wayo ga"p ʔot

wat at wayo kip ʔo-t

ISG.POSS3sG alligator tasty eat-IND 1

'He ate a tasty aJligator.'

wat owǎ ɲa ðn ibiyap

wat owã ña õn i=piy-ap
 motherCL.FEM 1SG 3IMP=wait.for-IND2
 '(It is) my mother (who) I waited for.'

õn wat owã ña piy
 õn wat owã ña piy-t
 1SG · 1SG.POSS mother CL.FEM wait.for-IND2
 'I waited for my mother.'

Em Tuparí, o modo indicativo II também ocorre quando o falante quer focalizar uma predicação, conforme exemplos abaixo:

(467) tete-pne Top'a Poret ki-ema'ẽ Ø-ma'ã
 assim.N.AT Top'a Poret 1INCL-linguagem R¹-falar.ST
 'assim ele fez nossa linguagem falar'

(468) **Tupari** Ø -ema'ẽ -maẽ-'ã na i-anem-sira-p kut
Tuparí R¹falar-ST EST R²-ensinar-N.AT-NNC T.IM
 'eles ensinaram a falar a língua Tuparí, antigamente'

Singerman (2018, p. 163-166) analisa o morfema que deriva a forma nominal do verbo que ocorre em declarações, quando uma circunstância ou nominais são focalizados como *adverbial focus* (adv.foc). Como em Tuparí este morfema deriva nomes de circunstâncias (instrumento e lugar), não necessariamente dependente de focalização, lançamos mão do rótulo 'nominalizador de nome de circunstância', proposto por Rodrigues e Caspar no ano de 1957 (RODRIGUES;CASPAR, 2017) e que encontra cognatos em diversas línguas Tupí, com a mesma função de formar deverbais.

Note-se que o sufixo *-ap* que ocorre nas formas verbais do indicativo II é o mesmo que forma nomes de circunstância:

(469) ipor-et arop Ø-ko-ap sàp tere te-yẽ-a
 peixe-DET alimento R¹-comer-NNC base sobre 3-DEIT/SENT
 'o peixe está em cima da mesa'

- (470) **uap-et** **tàt** eut=eut-ki-a i-k-ap otawak'om nã
chicha-DET só bebendo-VBLZ-ST R²-beber-NNC música-NEG EST

otawak-'om nã

música-NEG EST

‘eles vão ficar só bebendo chicha, sem música’ (eles vão ficar só no beber da chicha, sem música)

O deverbais com *-ap* é também usado em oração que expressam contrafactualidade, construídas com a partícula contrafactual *kot'oa*, que traduzimos aqui por ‘quase’:

kot'oa ‘quase’

- (471) o-'er-ap kot'oa 'on
 1-dormir-NNC quase 1
 ‘eu quase dormi’ ou ‘quase houve o meu dormir’

- (472) e-'er-ap kot'oa 'en
 2-dormir-NNC quase 2
 ‘você quase dormiu’ ou ‘quase houve o seu dormir’

- (473) Edineia-t te-'er-ap kot'oa
 Edineia-DET 3-dormir-NNC quase
 ‘Edineia quase dormiu’ ou ‘quase houve o dormir de Edneia’

- (474) ki-er-ap kot'oa okit
 1INCL-dormir-NNC quase 1INCL.DUAL
 ‘nós quase dormimos’ ou ‘quase houve o nosso dormir’

Um fato a se considerar é o de que, quando um deverbais formado com *-ap* funciona como predicado, naturalmente recebe morfologia aspectual e de modalidade, assim como pode ser causativizado. Quando o deverbais funciona como nome, recebe todas as marcas próprias de nomes, como morfemas casuais, por exemplo, assim como pode ser complemento de posição e ser modificado por pronomes demonstrativos e por atributo.

Nogueira (2019), postula que em Wajoro há dois morfemas homônimos *-p ~ -m*, um que funciona como nominalizador lexical e outro que deriva nominalizações eventivas, a primeira com propriedades de sintagmas nominais e a segunda com propriedades de oração. A autora mune-se de propriedades sintáticas e morfossintáticas do Wayoro para fundamentar a sua hipótese.

Na nossa análise do Tuparí postulamos, portanto, a existência de um único nominalizador ‘*ap*’, que é o ‘nominalizador de nome de circunstância’. O uso da nominalização como argumento ou predicado é o que definirá a sua estrutura morfológica, combinações sintáticas e posições nas construções em que ocorrem.

5.6.2 Modo Imperativo

No modo imperativo, o verbo não recebe sufixo temático, como já observaram Rodrigues e Caspar (2017, p.83). Exemplos dados pelos autores são:

- e-tet* (Rad. *tet-* ‘ir’) ‘vá!’
i-ko (Rad. *ko-* ‘comer’) ‘come isto!’
hira-et ko (Rad. *ko-* ‘essen’) ‘come o amendoim!’
ne (Rad. *ne-* ‘fazer’) ‘faz isto!’
itop iö-t (Rad. *top-* ‘ver’) ‘veja-a, a chuva!’
arimen sa etet (Rad. *si-* ‘caça’, *tet-* ‘ir’) ‘vá caçar os macacos!’

Como pode ser visto nos exemplos acima, verbos intransitivos no imperativo recebem prefixos pessoais que marcam o sujeito, enquanto verbos transitivos recebem prefixos pessoais marcando o objeto ou prefixo relacional de não contiguidade quando o objeto não se encontra na estrutura argumental do verbo:

(475) *wat arop ka.*
 ‘comam!’

(476) *wat arop Ø-ko-a wat*
 2PL comida R¹-comer-ST 2PL
 ‘comam a comida de vocês!’

(477) *wat arop ko-ro-’om moem*

2PL comida R¹-comer-NNA-NEG comando

‘vocês não comam!’

- (478) ko-ro-’om moem
comer-NNA-NEG comando
‘não comam’

5.6.3 Modo Subjuntivo

Orações no modo subjuntivo são construídas ou com o auxiliar -’e,-’a/-a, quando é expressa uma condição, e por meio de *here*, quando é expressa uma condição temporal.

Condicional – auxiliar -’e-’a/-a

- (479) te-y-to-’om ka i-’a aula-m o-ter-o-’om
3-vir-ST-NEG AUX R²-AUX aula- INST.AL 1-ir-ST-NEG

ka p’a o-’e
AUX.ir IMI 1-AUX

‘se ele não vier eu não vou à aula’ (ele não vindo, eu não irei a aula)

- (480) tè-say-’a aula-m o-ter-a p’a o-’e
3-vir-ST aula- INST.AL 1-ir-ST IMI 1-AUX

‘se ele vier eu vou a aula’ (ele vindo eu irei a aula)

- (481) e-ter-a e-’a o-sa p’a o-’e
2-ir-ST 2-AUX 1-vir.ST IMI 1-AUX

‘se você for eu venho’ (você vindo, eu venho)

- (482) o-ter-a o-’a e-sa p’a ’e
1-ir-ST 1-AUX 2-vir.ST IMI 2. AUX

‘se eu for você vai’ (eu indo, você vai)

- (483) e-ter-a e-’a o-sa p’a o-’e
2-ir-ST 2-AUX 1-vir.ST IMI 1.AUX

‘se você for eu vou’ (você indo, eu vou)

- (484) te-r-o-'om ka i-'a ki-or-o-'om ka p'a ki-a
 3-ir-ST-NEG AUX.ir R²-AUX 1INCL-ir-ST-NEG AUX.ir IMI 1INCL-AUX
 'se ele não for nós não vamos' (ele indo, nós vamos)

condição temporal – “quando”

- (485) apsin'õã-en pek-a 'on te-aorosae hère
 brinquedo-DET comprar-ST 1 3CORR-chegar quando
 'eu comprei o brinquedo quando ele chegou'
- (486) apsin'õã-en pek-to-'om 'on, te-aorosaehère
 brinquedo-DET comprar-NNA-NEG 1 3CORR-chegar quando
 'eu não comprei o brinquedo quando ele chegou'

5.7 NEGAÇÃO EM TUPARÍ

Nesta seção, tratamos das estratégias e escopos da negação na língua Tuparí. Tuparí possui um sufixo *-'om* que se combina diretamente com nomes, atributos e pronomes, contribuindo com o significado de ‘sem e/ou desprovido.de’, como um morfema privativo. Veja o contraste dos enunciados seguintes: um afirmativo e outro negativo.

Morfema *'om* com nomes

- (487) ipekg-et kup-siro
 pato-DET perna-POSS
 ‘o pato tem pernas’
- (488) ipekg-et kup-'om
 pato-DET perna-NEG
 ‘o pato é/está sem pernas’ ou ‘o pato não tem pernas’

Morfema *'om* com atributos

- (489) tãn 'on
 alto 1
 ‘eu sou alta’

(490) tòn-'om 'on
alto-NEG 1
‘eu não sou alta’ ou ‘eu sou sem altura’

(491) hèt tan
esse-DET alto
‘esse é alto’

(492) hèt tan-'om
esse-DET alto-NEG
‘esse não é alto’

(493) tan okit
alto 1INCL.DUAL
‘nós somos altos’

(494) tan-'om okit
alto-NEG 1INCL.DUAL
‘nós não somos altos’

É possível a reduplicação da negação em algumas situações.

(495) tan-'om 'on
alto-NEG 1
‘eu sou baixa’ ou ‘eu não alta’

(496) tan-'om-'om 'on
alto-NEG-NEG 1
‘eu não sou baixa’

(497) tan'om e
alto-NEG ele
‘ele é baixo’

(498) hèt tan-'om-'om

esse-DET alto-NEG-NEG

‘esse não é baixo’

- (499) tan-’om okit
 alto-NEG 1INCL.DUAL
 ‘nós (1INCL.DUAL) somos baixos’

- (500) tan-’om’om okit
 alto-NEG-NEG 1INCL.DUAL
 ‘nós não somos baixas’

Exemplos de -’om combinado com pronomes (pessoais e demonstrativo):

- (501) en-’om ka o-ter-a-p’a w-e
 2-NEG AUX 1-ir-ST-IMI 1-AUX
 ‘eu vou sem você’

- (502) ’on-’om ka e-sa ’e
 2-NEG AUX 1-ir.ST 2.AUX
 ‘eu vou sem você’

- (503) he-’om e wamo-n
 esse-NEG ele pajé-DET
 ‘não é ele o pajé’

- (504) he-’om e professora-t
 esse-NEG ele professora-DET
 ‘não é ela a professora’

Morfema –’om com verbos intransitivos

-sot’ay ‘morrer’

- (505) hèt-t te-sot’a-sã
 esse-DET 3-morrer-RSTL.ST
 ‘ele morreu’

- (506) hèt-t te-sot'ay-to-'om
 esse-DET 3-morrer-NNA-NEG
 'ele não morreu' ou 'não houve a morte dele'
- (507) hèt-t te-sot'a-sa p'a te-'a
 esse-DET 3-morrer-RSTL IMI 3-AUX
 'ele vai morrer' ou 'não haverá a morte dele'
- er 'dormir'
- (508) o-'er-a 'on
 1-dormir-ST 1
 'eu durmo/dormi'
- (509) o-'er-o-'om 'on
 1-dormir-NNA-NEG 1
 'eu não dormi' ou 'não há o meu dormir'
- (510) ki-er-a okit
 1INCL-dormir-ST 1INCL.DUAL
 'nós (INCL.DUAL) dormimos' ou 'não há o nosso incl.dual) dormir'
- (511) ki-er-o'om okit wat
 1INCL-dormir-ST-NEG 1INCL.DUAL COL
 'nós (INCL.PL) não dormimos' ou 'não há o nosso (INCL.PL) dormir'
- (512) aramirã epa-õ-en kaho-t pek-a
 aramirã olho-NEG-DET kaho-DET comprar-ST
 'a mulher cega comprou um carro'
- (513) aramirã=epa-o-en kaho-t pek-to-'om
 mulher=olho-NEG-DET carro-DET comprar-NNA-NEG
 'a mulher cega não comprou um carro'

Morfema -'om com verbos transitivos

- kot'oa 'querer'

- (514) hèt te-'er-ap Ø-kot'o-a yê
 esse-DET 3-dormir-NNC R¹-querer-ST estar-SENT/DEIT
 'ele está querendo dormir' ou 'ele está querendo o dormir dele'
- (515) hèt-t te-'erap Ø-kot'oy-to-'om eman
 Esse=-DET 3-dormir R¹-querer-NNA-NEG ainda
 'ele não quer dormir'
- (516) w-arop Ø-ka ko 'on
 1-alimento R¹-comer.ST AUX.INT 1
 'eu tenho a intenção de almoçar'
- (517) w-arop Ø-kot'oy-to-'om 'on
 w-alimento R¹-querer-NNA-NEG 1
 'eu não quero almoçar'
- (518) apsin'õã-en Ø-pek-a 'on te-aoros-a e hê-re
 brinquedo-DET R¹-comprar-ST 1 3-chegar-ST ele esse-ABL
 'eu comprei o brinquedo quando ele chegou'
- (519) apsin'õã-en Ø-pek-to-'om 'on, te-aoros-a e hê-re
 brinquedo-DET R¹-comprar-NNA-NEG 1 3-chegar-ST ele esse-ABL
 'eu não comprei o brinquedo quando ele chegou'
- Negação em oração subordinada condicional
- (520) te têt-say'a aula-m o-ter-a-p'a o'e
 3-ir-ST aula-INST.AL 1-ir-ST-IMI 1-aux
 'se ele vier eu vou a aula' ou 'se ele vier há minha ida à aula'
- (521) te-y-to-'om-ka i'a aula-m o-ter-o-'om-ka p'a o'e
 3-ir-NNA-NEG-VBLZ COND aula-INST.AL 1-ir-NNA-NEG-VBLZ IMI 1-AUX
 'se ele vier eu não vou à aula' ou 'se ele vier não há minha ida à aula'

Negação em construções imperativas

Comandos negados em Tuparí podem conter o auxiliar *ka*:

- (522) e-arop-ko-ro-'om-ka
 2-comida-comer-NNA-NEG-VBLZ
 'não coma'

Alves (2004, p. 215) descreve a partícula *moem* como uma partícula negativa para negar construções imperativas. Alves dá os seguintes exemplos com *moem*:

'kyr-et pe'jōka-ro-'om moem!

Não belisque a criança! (→ kyt¹, pe'jōka)

kyt, e-'e-ro-'om moem!

Criança, não dorme! (→ kyt¹, 'era)

Exemplos elicitados junto a Isaias Tuparí mostram que a partícula *moem* segue predicados negados tanto no imperativo como em outros tipos de sentenças:

- (523) ko-ro-'om moem
 comer-NNA-NEG ENF
 'não coma!'

- (524) e-'er-o-'om moem
 2-dormir-NNA-NEG ENF
 'não durma!'

- (525) otawak'a-ro-'om moem
 cantar-NNA-NEG ENF
 'não cante!'

- (526) tuktuk-ke
 correr-VRBZ
 'corra!'

(527) e-aroma-ro-'om moem
 2-correr-NNA-NEG ENF
 'não corra!

(528) e-aũ
 2-entrar
 'entre!

(529) e-aũ-to'om moem
 2-entrar-NNA-NEG ENF
 'não entre!

(530) e-epsik
 2-sentar
 'sente!'

(531) e-epsik-to-o'om moem
 2-sentar-NNA-NEG ENF
 'não sente'

(532) e-ter-o-'om-ka
 2-ir-NNA-NEG-VRBL
 'não vá!

Como podemos ver moem segue predicados negados, tanto em construções declarativas como em construções imperativas. Seu valor pode ser o de enfatizar o conteúdo informacional da predicação, negado. Provisoriamente, rotulamos essa partícula de 'ênfase de negação'.

(533) hèt-t te-aor-a te-wak-to-'om moem
 esse-DET 3-sair-ST 3-chorar-NNA-NEG ENF
 'ele saiu sem chorar'

Expressões negativas

Há três expressões negativas que correspondem a ‘não’ ‘nada’ e ‘ninguém’, a palavra *nerõ’om* “não” é usada em sentenças fragmento, ao passo que as palavras *neman* “nada” e *kire’om* “ninguém” são usadas tanto como sentenças fragmento tanto como argumentos:

(534) kuret ne te-’er-a?
criança-DET N.AT 3-dormir-ST?
‘a criança vai dormir?’

(535) ne-rõ-’om, te-er-a p’a i-’e
fazer-NNA-NEG, 3-dormir-ST IMI R²-AUX
‘não! Vai dormir ainda’

(536) nemam Ø-nã-no-’om e kire’om
Nada R¹-fazer-NNA-NEG esse gente-NEG
‘ninguém faz nada’

5.8 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

A presente descrição da morfossintaxe da língua Tuparí não é exaustiva, mas aborda questões importantes relativas as relações entre constituintes oracionais, como as relações entre possuidor e nome e entre objeto e verbo, para as quais os prefixos relacionais têm função fundamental. Eles são partes da estrutura argumental dos nomes e dos verbos e marcam, nos núcleos dependentes, a presença ou ausência de seus determinantes na sua estrutura argumental. Temas relativos, sejam verbos ou nomes, requerem um determinante. Outro ponto importante que abordamos neste capítulo foi a existência de duas variedades do modo indicativo. Mostramos que o modo indicativo II é acionado quando uma circunstância precede o predicado, exigindo mudanças na forma do núcleo do predicado.

Tratamos ainda dos prefixos pessoais em Tuparí que integram a morfologia flexional exocêntrica, assim como os prefixos relacionais. Estes prefixos flexionam nomes e verbos, sendo que nos nomes marcam o possuidor, nos verbos intransitivos o sujeito e nos verbos transitivos o objeto.

Finalmente, contribuímos com uma breve descrição da negação na língua. Todos os pontos abordados nesse capítulo foram maximamente exemplificados, inclusive com exemplos de falas espontâneas.

6. PREDICADOS NÃO VERBAIS EM TUPARÍ

Neste capítulo, descrevemos os tipos de predicados não verbais identificados na língua Tuparí. É importante ressaltar que, embora já tenham sido produzidos vários estudos gramaticais sobre a língua Tuparí, dentre os quais, como já foi dito, uma primeira gramática dessa língua por Rodrigues e Caspar (2017), artigos sobre aspectos morfossintáticos (ALVES 1991, 2000, 2001, 2004, 2005, 2007; SEKI, 2002; SINGERMAN, 2018a; CABRAL et al., 2017; ISIDORO, PAT WAERE TUPARÍ, TUPARÍ, 2018), e duas teses de doutorado (ALVES, 2004; SINGERMANN, 2018a), esse assunto não foi abordado com profundidade, salvo no artigo “Predicados não verbais em Tuparí”, de autoria de Raul Pat’Awre Tuparí, Edineia Aparecida Isidoro e Isaiás Tarimã Tuparí (2018), que apresenta uma primeira discussão sobre tipos de predicados não verbais nessa língua. Partimos, pois, dessa primeira análise, ampliando-a e explorando novos aspectos ainda não abordados.

Trata-se de uma análise que destaca a tipologia dos predicados não verbais do Tuparí, referenciada nas tipologias de predicados propostas por Payne (2007) e por Dryer (2007). A descrição considera as vagas menções a alguns tipos de predicados não verbais feitas em estudos anteriores Rodrigues e Caspar (2017); Alves (2004); Seki (2002); Singerman (2018a), como também as descrições sobre esses predicados em outras línguas do mesmo tronco linguístico, dentre os quais, Rodrigues (2000, 2001a) sobre o Tupinambá, Braga (1992, 2005, 2007) sobre a língua Makuráp, Aragon (2014) sobre a língua Akuntsú, Nogueira (2011, 2019) sobre a língua Ajurú, por fim, Galúcio (1996, 2001) sobre a língua Sakurabiat (Mekéns).

6.2 PREDICADOS NÃO VERBAIS SEGUNDO PAYNE (2007)

Antes de apresentarmos a descrição dos predicados não verbais do Tuparí, faremos algumas considerações sobre as tipologias relativas a predicados não verbais encontradas nas línguas, propostas por Payne (2007) e Dryer (2007), por elas subsidiarem a análise em pauta, contribuindo para o traçar do perfil tipológico dos predicados não verbais da língua Tuparí.

É consenso entre os linguistas que predicados não verbais consistem em predicados que não têm como núcleo verbos plenos. Payne (2007, p.111) distingue dois tipos principais de predicados não verbais: 1) “predicados nominais” e 2) “construções relacionadas”. Os núcleos de predicados dessas naturezas expressam, segundo o autor, “inclusão, equação, atribuição, localização, existência e posse”. Sumarizamos, no quadro seguinte, os tipos de predicados não verbais que podem ser encontrados nas línguas, segundo Payne (2007).

Quadro 21 – Predicados não verbais (PAYNE, 2007)

Predicados não verbais		
Tipos gerais	Tipos específicos	Natureza da Predicação relativa aos seres
Predicados Nominais	Predicado nominal (inclusivos e equativos)	Embutida em um nome
Construções Similares	Predicados atributivos	Atributiva
	Predicados existenciais	Existencial
	Predicados locativos	Locativa
	Predicados possessivos	Possesiva

Fonte: Payne (2007)

O autor sugere que os predicados podem ser classificados e organizados ao longo de um *continuum*, com base na probabilidade de falta de um verbo lexical semanticamente rico (PAYNE, 2007, p. 113). Entretanto, argumenta que tal proposta é mais uma impressão do que um fato comprovado empiricamente. Segundo ele, a depender da língua, pode-se incluir ou excluir dessa proposta os tipos de predicados nominais e construções similares, possibilidade que é exemplificada por ele com o inglês e o Hopi: “em inglês, as orações possessivas são tratadas gramaticalmente como transitivas; em Hopi, os predicados de locomoção pertencem estruturalmente aos predicados nominais”(PAYNE, 2007, p.113)³¹.

A proposta dos tipos de predicados organizados em um *continuum*, de autoria de Payne, é reproduzida, em seguida:

Quadro 22 – Predicate types according to the likelihood of lacking a semantically rich lexical verb

Most likely to lack a semantically rich verb			Not very likely to lack a semantically rich verb, but still may	
Predicate nominals (equative, inclusive proper)	Predicate locative, adjective (attributive)	Existentials	Possessive Clauses	Locomotion Clauses
←-----Subject matter for this chapter-----→				

Fonte: Payne (2007, p.113)

Para Payne (2007), os predicados nominais são aqueles cujo principal conteúdo semântico da predicação é embutido em um nome, o qual expressa a noção de inclusão própria ou de equação, entendendo-se que orações são inclusivas quando uma entidade específica é dita

³¹“For example, in English, possessive clauses are treated grammatically as transitive clauses; in Hopi, locomotion predicates structurally belong to the family headed by predicate nominals.” (PAYNE, 2007, p.113)

estar entre a entidade específica expressa no predicado, ao passo que orações equativas são as que afirmam que uma entidade particular (o sujeito da oração) é idêntica à entidade especificada no predicado nominal, como em “Ele é meu pai”. As orações cujos predicados o autor denomina “construções similares” são as de predicados atributivos, locativos, existenciais e possessivos.

Os quadros seguintes, apresentados por Payne (2007), resumem os tipos de predicados nominais e predicados adjetivais, suas respectivas estruturas morfossintáticas, destacando o estatuto gramatical da cópula, quando esta é usada na língua.

Quadro 23 – Tipos de predicados nominais

1	Sem cópula	NP NP
2	Cópula	
(a)	cópula é um verbo	NPVNP
(b)	cópula é um pronome	NP PRO NP
(c)	cópula é uma partícula invariante	NP COP NP
(d)	cópula uma operação derivacional	[NP] V NP
3	Cópula apenas no tempo presente	NP (COP) NP

Fonte: Payne (2007, p.119)

Quadro 24 – Tipos de Predicados Adjetivais (Orações atributivas)

1	Sem cópula	NP ADJ
2	Cópula	
a)	Cópula é um verbo	NP V ADJ
b)	Cópula é um pronome	NP PRO ADJ
c)	Cópula é uma partícula invariável	NP COP ADJ
d)	Cópula é uma operação derivacional	[NP] V ADJ
3	Cópula apenas em tempos não presente	NP (COP) ADJ

Fonte: Payne (2007, p.120)

Segundo o autor, predicados de natureza nominal (predicados nominais e orações similares) “tendem a ser gramaticalmente semelhantes uns dos outros na medida em que não possuem um verbo semanticamente rico” (PAYNE, 2007, p. 112). Um verbo semanticamente rico para o autor é aquele que expressa semanticamente o conteúdo da predicação.

Payne (2007) tece várias considerações sobre cópulas, algumas das quais serão discutidas na seção (7.1).

6.3 PREDICADOS NOMINAIS SEGUNDO DRYER (2007)

Dryer (2007) elabora uma classificação para predicados não verbais, dividindo-os em três grupos: predicados adjetivos, predicados nominais e predicados locativos.

Quadro 25 – Tipos de predicados, adaptado de Dryer (2007)

Predicados não verbais	
Tipos gerais	Tipos específicos
Predicados Nominais	Predicados equativos Predicados nominais verdadeiros ³²
Predicados adjetivos	Predicados atributivos
	Predicados possessivos
Predicados locativos	Predicados existenciais
	Predicados locativos

Dryer (2007) divide os predicados nominais em dois grupos: “predicados equativos”, em que não é permitida a inversão da ordem dos constituintes, e “predicados nominais verdadeiros”, por ser possível reverter sua ordem na oração. Exemplos do inglês dados por Dryer (2007, p. 233) para exemplificar predicados nominais “verdadeiros” e “equativos”, são os seguintes (a numeração original dos exemplos é mantida):

29.a- Nancy is a lawyer
‘Nancy é uma advogada’

29.b- Sally Smith is the head of this department
‘Sally Smith é a chefe deste departamento’

Consoante Dryer (2007), os dois tipos de predicados são considerados para a maioria dos autores como predicados nominais “equativos”. Entretanto argumenta que constituintes das verdadeiras orações equativas podem ser invertidos sem dificuldades, sendo a única diferença de significado uma diferença no foco e tópico.

Já as orações com predicados nominais não referenciais, a exemplo de 29.b, não podem ser facilmente invertidas, e seriam as que contêm predicados nominais “verdadeiros”. Dryer

³² Correspondem ao que Payne (2007) chama de “predicados inclusivos”.

considera, ainda, que os predicados nominais “verdadeiros” se aproximam nesse aspecto, de predicados adjetivais, por denotarem a propriedade do sujeito, como no exemplo 29.b, em que “a” atribui à Nancy a propriedade de ser um advogado, assim como Nancy é alta atribui à Nancy a propriedade de ser alta (DRYER, 2007, p.233).

6.4 PREDICADOS NOMINAIS EM TUPINAMBÁ, SEGUNDO RODRIGUES (2001)

No que concerne estudos sobre predicados não verbais em línguas Tupí, destacamos o artigo de Rodrigues (2001a), “Sobre a natureza do caso argumentativo”, por descrever três tipos de predicados não verbais para a língua Tupinambá, os quais correspondem aos principais tipos de predicados nominais que encontramos na língua Tuparí: predicados existenciais, predicados possessivos e predicados nominais equativos.

Quadro 26 – Predicados não verbais do Tupinambá

Predicados não verbais	
Tipos gerais	Natureza da Predicação relativa aos seres
Predicados Nominais equativos	Embutida em um nome
Predicados possessivos	Atributiva
	Existencial
	Possessiva
Predicados existenciais	Existencial

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2001)

Consoante Rodrigues, em Tupinambá não há verbos copulativos nem partículas copulativas. Predicados existenciais, como 'Existem antas', 'Há antas' são constituídos de um nome sem caso:

aóβ 'há roupas', de -aóβ 'envolver/envoltório' (Léry 1580:308)

mókáβ 'há armas de fogo' (m· + pók + -áβ 'instrumentos de estourar pertencentes a seres humanos') (Léry 1580:309),

toβajár 'há os inimigos' (1· + -oβajár 'adversário de gente') ((Léry 1580:318),

akarápéβ, akarápítáη 'há acarás chatos, acarás avannelhados' (Léry 1580:313).

Sobre os predicados possessivos do Tupinambá, Rodrigues (2001) observa que embora predicados possessivos e predicados atributivos sejam casos particulares de predicados

existenciais, como em “Fulano tem uma coisa” = ‘Existe/há uma coisa de fulano’, “Fulano está alegre = Existe/há alegria de/em fulano”, os dois tipos de predicados são apresentados apenas como predicados possessivos.

As orações possessivas do tipo 'fulano tem uma coisa' são expressos pela seqüência de um nome no caso argumentativo, o qual é o sujeito, e outro nome sem caso, o qual é o predicado: *sjé arija sekujpéβ* 'minha avó tem uma cuia rasa', *pajé iposáj* 'o pajé tem remédios'. Os nomes de qualidades ou atributos, quando predicados, também se constroem possessivamente, constituindo o equivalente a predicados atributivo s: *sjé arija sorıβ* 'minha avó tem alegria', 'minha avó está alegre', *apiáβa Ømara/ár* 'o homem tem uma doença', 'o homem está doente' *sje rekúja ipéβ* 'minha cuia é rasa'.(RODRIGUES, 2001, p.111)

Quanto aos predicados nominais equativos, Rodrigues os descreve como expressando uma equação entre dois argumentos, cujo núcleo é um nome no caso argumentativo, que precede o sujeito (igualmente no argumentativo), embora possa também segui-lo, com pequena pausa interposta (ANCHIETA 1995:46v): *kó apiáβa sjé rúβa* 'meu pai é este homem', *Iporose'õ sje rêra* 'meu nome é Iporose'õ' (ANCHIETA 1989:340), *sjé rêra kururúpéa*.

Nas seções seguintes, tratamos dos predicados não verbais do Tuparí.

6.5 OS PREDICADOS NÃO VERBAIS DO TUPARÍ

Por predicados não verbais entende-se que se tratam de predicados cujos núcleos são constituídos de algo [-verbo]. Em Tuparí os predicados não-verbais são os nominais: inclusivos, equativos e atributivos, este último se subdivide em essivos e estativos; os locativos; os existenciais e os possessivos, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 27 – Tipos de predicados não verbais em Tuparí

Predicados não verbais		
Tipos gerais	Tipos específicos	Natureza da Predicação relativa aos seres
Predicados nominais	Predicado nominal (inclusivos e equativos, atributivo)	Embutida em um nome
Predicados existenciais	Predicado existencial	Existencial
Predicados locativos	Predicado locativo	Local
Predicados possessivos	Predicado possessivo	Possesiva

Apesar da natureza nominal desses predicados uns possuem mais propriedades verbais que outros, consoante o *continuum* para os predicados não verbais proposto por Payne (2007).

6.5.1 Predicados nominais em Tuparí

A língua Tuparí não distingue, em termos morfológicos e sintáticos, as estruturas predicativas inclusivas, equativas e atributivas. Nos exemplos abaixo são mostradas estas três estruturas para ilustrar seu mesmo comportamento gramatical:

(537) Raut ã-nõ
 Raul 1-amigo
 Raul é meu amigo (equativo)

(538) Raut kiarap
 Raul/DET alegre
 ‘Raul é alegre’ (atributivo)

(539) Raut professor
 Raul professor
 ‘Raul é professor’ (inclusivo)

A comparar os exemplos acima, vemos que as estruturas destes três tipos semânticos exibem o mesmo comportamento gramatical. Nas próximas subseções, serão apresentados mais exemplos destes predicados nominais.

6.5.1.1 Predicados com interpretação semanticamente inclusiva.

Em Tuparí, os predicados nominais semanticamente atributivos não possuem marca morfológica específica. Corresponde ao tipo 1) de predicados nominais proposto por Payne: 1 no cópula – NP NP.

 õpuop maʔan ‘professor’
 (540) hèt-t õpuop ma’an
 este-DET professor
 ‘ele é professor’

(541) õpuop ma’a-n ’on
 professor 1
 ‘eu sou professor’

- (542) ðpuop ma'a-n 'en
 professor-DET 2
 'você é professor'
- (543) ðpuop maʔa-n eat ote
 professor-DET COL 1EXCL
 'nós somos professores' (falando de nós pra outra pessoa e somos mais de três)
- (544) ðpuop maʔa-n ote
 professor-DET 1EXCL
 'nós somos professores'
 (falando de nós pra outra pessoa)
- (545) ðpuop maʔa-n okit-wat
 professor-DET 1INC-PL
 'nós (INCL e plural) somos professores'
- (546) ðpuop maʔa-n okit
 professor-DET 1INCL.DUAL
 'nós (INCL E DUAL) somos professores'
- (547) Isaia-t professor
 Isaías-DET professor
 'Isaias é professor'
- wãmoʔã 'pajé'
- (548) hèt-t wãmoʔã
 esse-DET pajé
 'ele é pajé'
- wat toat 'médico'

- (549) hèt-t wat toat
 este-DET médico
 'ele é médico'
- (550) inomotawak 'cantor'
 inomotawak orat
 cantor outro
 'outro é cantor'
- (551) apiri òkat 'enfermeira'
 hèt-t apiri òkat
 este-DET enfermeira
 'ela é enfermeira'
- (552) apiri òkat 'on
 enfermeira 1
 'eu sou enfermeira'
- ipot=ar-at 'pescador
- (553) ekaon ipot=ar-at
 aquele peixe=pegar-NAG
 'aquele é pescador'

6.5.1.2 Predicados nominais com interpretação semanticamente equativa:

Os predicados nominais semanticamente equativos são aqueles que afirmam que uma determinada pessoa, objeto ou assunto é idêntico ao especificado no predicado nominal. Segundo Payne (2007) em algumas línguas é impossível distinguir qual nome é o predicado e qual é o sujeito neste tipo de oração. Elas correspondem a uma equação onde NP=NP.

- (554) ekaõn kur-et o-aup
 aquele criança-DET 1-filho
 'aquela criança é meu filho'
- (555) Carlo-t ò-p

Carlo-DET 1-pai

‘Carlos é meu pai’

(556) Eva-t o-a’isi

Eva-DET 1-esposa

‘Eva e minha esposa’

(557) Gilasia-t o-ak

Gilasia-DET 1-filha

‘Gilasia é minha filha’

6.5.1.3 Predicados com interpretação semanticamente atributiva:

Os predicados atributivos são considerados por vários autores como um tipo particular de predicados possessivos. Segundo Rodrigues (2001a), esses predicados indicam posse, uma vez que “ser alto” é possuir altura, “ser bonito” é possuir beleza, “ser professor” é possuir atributos dessa profissão, etc.

Em Tuparí, as orações cujos núcleos de predicados consistem em adjetivos são semelhantes aos predicados semanticamente inclusivos e equativos, por este motivo tratamos esses predicados como predicados nominais. Payne observa que os predicados adjetivais que estamos chamando de atributivos são raramente distintos estruturalmente de predicados nominais. Segundo ele, “se não existem diferenças entre esses predicados não se deve tratá-los separadamente, apenas se exibirem algumas propriedade ou propriedades formais distintivas.” (PAYNE, 2007, p.112)

No caso do Tuparí, predicados que têm por núcleo nomes de qualidade, os quais atribuem uma qualidade circunstancial, efêmera, momentânea ao sujeito (estativas), se diferenciam dos predicados em que a qualidade é inerente ao sujeito (essivas). A diferença corresponde à diferença entre predicados com “ser” e predicados com “estar” em Português, equivalente a “ser bonito” e “estar bonito”. Abaixo apresentamos os predicados nominais atributivos inerente ao sujeito (essivos):

Atributiva essiva:

- (558) hèt-t kiarap
 esse-DET alegre
 'ele é alegre'
- (559) hèt-t ap'e
 esse-DET gordo
 'ele é gordo'
- (560) ap'e okit
 gordo 1INCL.dual
 'nós somos gordas'
- (561) hèt-t kuray
 este-DET bonito
 'ele é bonito'
- (562) hèt-t poat
 este-DET bom
 'ele é bom'
- (563) poat 'on
 bom eu
 'eu sou boa'
- (564) hèt-t kiarap-'om
 este-DET alegre-NEG
 'ele é triste'

(565) kiarap ote
 alegre 1EXCL
 ‘nós somos alegres’

(566) kiarap-’om ’on
 Triste-NEG 1
 ‘eu sou triste’

(567) asikat ’on
 brava 1
 ‘eu sou braba’

Payne (2007) observa que “na maioria dos casos, as propriedades expressas pelos adjetivos são temporárias, enquanto as relações de inclusão ou identidade apropriadas (definição semântica de uma oração de predicado nominal) são mais permanentes.” (PAYNE, 2007, p.121). No caso do Tuparí, a temporalidade inerente e a temporalidade circunstancial são contrastadas não entre nomes de qualidades e demais nomes, mas pela marcação de caso (ablativo ou translativo) e pela presença de auxiliares estativos na estrutura oracional. Abaixo são apresentados os predicados nominais atributivos com escopo semântico momentâneo (estativo).

Atributiva estativa:

(568) hêt-t kiarap
 3-DET alegre
 ‘esse é alegre’

(569) kiara-ere nã o-yê-a
 alegre-ABL EST 1-SENT/DEIT
 ‘eu estou alegre’

(570) hêt-t poat
 esse/essa-DET bom
 ‘ela é boa’

- (571) hèt-t poat-na nã te-'a
 3-DET bom-TRNSL EST 3-em.pé
 'esse/essa está bom'

Como podemos observar nos exemplos acima não há em Tuparí um verbo 'ser' nem um verbo 'estar', mas verbos posicionais, que além de marcarem aspecto continuativo/progressivo, marcam também a posição/forma do sujeito, se sentado/deitado/acocorado e em pé/suspenso/pendurado. São esses verbos que contribuem com a expressão aspectual de 'estar', que por si já dá ideia de estado atual, da ocorrência de algo temporária e circunstancialmente. Em predicados dessa natureza, o núcleo é flexionado pelo caso ablativo ou pelo caso translativo, seguido da partícula *nã* "ser/existir" e do verbo posicional.

Já, quando o sujeito é dual ou plural, o predicado estativo não distingue posição, isso acontece também com os demonstrativos, como veremos no capítulo 7. Seguem exemplos com o sujeito no plural:

- (572) poat okit
 bom 1INCL.
 'nós somos boas'

- (573) poat-na nã ote-a
 bom-TRANS V.AUX 1PL-AUX
 'nós estamos boas'

- (574) puop okit
 esperto 1INCL.DUAL
 'nós somos espertos'

- (575) puop-na nã ote-a
 esperto-TRANS EST 1PL-AUX
 'nós estamos espertos'

- (576) apsit kom kat ote
 1EXCL-triste 1EXCL
 ‘nós somos tristes’
- (577) oterap sit kom kara nã ote-ane
 1EXCL-triste EST 1EXCL-AUX
 ‘nós estamos tristes’

6.5.1.4 A ordem dos constituintes em predicados nominais

Uma característica da ordem dos constituintes de orações dessa natureza reside no posicionamento do sujeito com respeito ao núcleo do predicado:

(a) Se o sujeito é um nome ou um demonstrativo, precede o núcleo do predicado:

- (578) Isaia-t professor
 Isaías- DET professor
 ‘Isaias é professor’
- (579) hè-t õpuopma’an (õpuop- ensinar, ma’na – falar)
 esse-DET professor
 ‘ele é professor’

(b) Se o sujeito é um pronome, segue o núcleo do predicado:

- (580) õpuop ma ’an ’on
 professor 1
 ‘eu sou professor’
- (581) apiri òkat ’on
 enfermeira 1
 ‘eu sou enfermeira’

- (582) òpuop ma'an eat ote?
 professor COL 1EXCL
 'nós somos professores'

6.5.2 Predicados locativos

Predicados locativos são construções que predicam locais. Em Tuparí, predicados locativos consistem no sujeito, uma expressão locativa e um verbo posicional opcional.

Exemplos de predicados locativos são os seguintes.

- (583) ipor-et kopka-ere te-'a
 peixe-DET fogo-ABL 3-EM.PÉ
 'o peixe está no fogo'
- (584) ipor-et wa'ẽ top'a-pe te-'a
 peixe-DET panela-INES 3-em.pé
 'o peixe está na panela'
- (585) ipor-et kupè-pe te-yẽ-a
 peixe-DET barco-INES 3-SENT/DEIT-ST
 'o peixe está no barco'
- (586) txau-t sako-pe te-yã
 farinha-DET sako-INES 3-SENT/DEIT-ST
 'a farinha está no saco'
- (587) txau-t waẽtopa-pe te-'a
 farinha-DET panela-INES 3-em.pé
 'a farinha está na panela'
- (588) pè-t basia-pe te-yã
 roupa-DET bacia-INES 3CORR-SENT/DEIT-ST
 'a roupa está na bacia.'

- (589) pè-t potpoap tere
roupa-DET varal sobre
'a roupa está no varal'
- (590) kur-et te-psik-sã kadenno tere
criança-DET 3-sentar-RSLT.ST caderno sobre
'a criança está sentada em cima do caderno'
- (591) kur-et te-anem-sã wap-pe
criança-DET 3-deitar-RSTL.ST rede-INES
'a criança está deitada na rede'
- (592) ek warere nã ki-a
casa atrás EST 1INCL-AUX
'nós estamos atrás da casa'
- (593) iwarere nã o-'e
atrás EST 1-AUX
'eu estou atrás dela'
- (594) kupu-t osire na o-'e
Árvore-DET embaixo EST 1-AUX
'eu estou embaixo da árvore'
- (595) hèn-t iu-enku-ere nã te-roa
esse-DET rio-beira-ABL EST 3.AUX
'ele está na beira do rio'
- (596) txau-t kup-kep osìre
farinha-DET folha embaixo
'a farinha está embaixo da folha'

- (597) pè-t potpoap tere
 roupa-DET varal em.cima
 ‘a roupa está no varal’
- (598) hè-t iu-ẽku-ere nã te-roa
 esse-DET rio-beira-ABL EST 3-AUX
 ‘ele está na beira do rio’

6.5.3 Predicados possessivos

Há um tipo de oração com predicados não verbais construídos com o sufixo *-siro* ~ *-msiro*, cuja função é a de identificar algo ou alguém com uma propriedade. Rodrigues e Caspar (2017, p. 41) descrevem esse sufixo como tendo os seguintes alomorfes: *-siro* / *-psiro* ~ *-msiro*. Os autores explicam que, por meio desse morfema “são formados radicais nominais simples, nomes que significam ‘o que contem, o que tem’...”(p.45)

Os autores explicam que alomorfes *-siro* e *-psiro* ocorrem em variação livre depois de fonemas não nasais. O primeiro é a variante mais freqüente. O sufixo *-msiro* ocorre depois do fonema nasal. Por exemplo:

itsiro ‘o que tem no prato’ ‘o que tem acompanhamento’ (no sentido duma parte da comida que acompanha outra de valor nutritivo mais alto, como por exemplo uma salada)

oitsiro ‘que contem sal (como adição a comida, sabor agradável)’.

hit=apsiro ‘o que tem flores (*hit=a* flores)’

paiãmsiro ‘canhoto (*paiã* ‘habilidade com a mão esquerda)’

ioitsiroka ‘ela come com sal’. (Lit: seu que contem sal, ela come).(p.45)

Exemplos do nosso *corpus* são os seguintes:

- (599) i-men-siro ’on
 R²-marido-POSS 1
 ‘eu tenho marido’
- (600) i-men-siro ’en

R²-marido-POSS 2

‘você tem marido’

- (601) hèt-t i-men-siro
 3-DET R²-marido-POSS
 ‘ele tem marido’

- (602) i-men-siro ote
 R²-mairdo-POSS 1EXCL
 ‘nós temos marido’

6.5.4 Predicados existenciais

Há um tipo de predicado genuinamente existencial, caracterizado pelo uso do verbo ‘existir.viver’ -*tero’á* (1,2,3sg)/ *tero’á* (3corr.sg), -*ro’e* (1INCL, 1EXCL PAUC), -*’ero’e* (2 PAUC), -*oro’e* (3, 3CORR paucal), -*’anẽ* (1INCL,1EXCL, 3PL), -*’eanẽ*(2PL), -*’anã* (3CORR.PL) ‘existir/viver’:

- (603) har-et tero’á garape-re
 cobra-DET EXIST/viver igarapé-ABL
 ‘existe cobra (no igarapé)’

- (604) ha:re kur-et tero’á-p
 aqui criança-DET EXIST-NNC
 ‘há criança nessa aldeia’

- (605) brasio-re kup’osìt i-anã-m
 brasil-ABL floresta R²-EXIST.PL-NNC
 ‘no Brasil há florestas’

6.6 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Os dados discutidos neste capítulo mostram que o Tuparí possui quatro tipos de predicados não verbais: predicados nominais, predicados locativos, predicados possessivos e

predicados existenciais. Os predicados nominais são os semanticamente inclusivos, semanticamente equativos e os semanticamente atributivos. Apenas os predicados semanticamente atributivos – os que tem um atributo como núcleo do predicado – subclassificam-se em essivo, quando apresentam atributos inerentes aos sujeitos e em estativo. A língua distingue também predicados possessivos, predicados locativos e predicados existenciais. Quando comparamos a língua Tuparí com outras línguas do tronco Tupí, vemos que ela se apresenta como uma das mais ricas em termos de predicação não verbal. É possível que isso se dê pela variedade de verbos auxiliares que ela possui e que permite a expressão das variedades de predicação não verbal aqui discutidas. Por outro lado, é importante para os Tuparí todas essas distinções.

7 – DÊITICOS DEMONSTRATIVOS EM TUPARÍ

Neste capítulo tratamos dos demonstrativos em Tuparí, do ponto de vista de sua forma, semântica e morfossintaxe, à luz de Lyons (1977), Anderson e Keenan (1985) e Diessel (1999). Entretanto, deteremo-nos mais demoradamente nos seus aspectos semânticos, principalmente no que eles indicam sobre visibilidade, animacidade, humanidade, número, distância e posição dos referentes dos nomes, por serem esses traços semânticos de relevância fundamental na gramática Tuparí, revelando o modo como seus falantes veem o mundo.

Faremos, primeiramente, considerações sobre as descrições ou menções precedentes relativas aos demonstrativos da língua Tuparí feitas por Rodrigues e Caspar (2017), Alves (2004), Seki (2002), Singerman (2018a) e, em seguida, apresentaremos a nossa abordagem dos demonstrativos, procurando dialogar com a teoria, ilustrando-os maximamente. Finalmente, apresentaremos algumas considerações gerais sobre os demonstrativos em Tuparí, focalizando como sua semântica se correlaciona com a semântica dos verbos posicionais da língua, mostrando que os dois sistemas estão associados e são de notável importância na gramática Tuparí.

7.1 DEMONSTRATIVOS EM TUPARÍ: UMA RETROSPECTIVA

7.1.1 Rodrigues e Caspar (2017)

Rodrigues e Caspar (2017) tratam os demonstrativos como uma subclasse de nomes, sendo as demais subclasses as dos nomes substantivos e a dos pronomes. Um dos critérios usados pelos autores para a sua análise é o fato de que os radicais demonstrativos “se juntam com os sufixos de caso, os quais lhes emprestam o caráter de uma classe de nome” (p. 62). Outra informação importante que nos dão é a de que, das três subclasses, apenas os nomes substantivos podem ocorrer com prefixos pessoais, o que revela a complementariedade das subclasses de nomes.

Rodrigues e Caspar identificam seis raízes de radicais demonstrativos, a saber: *há-*, *he*, *ho-*, *hö-* ou *ö-(?)*, *eka-* e *pak-*, adaptados no quadro a seguir, com os respectivos exemplos dados pelos autores de cada um dos demonstrativos:

Quadro 28 – Demonstrativos do Tuparí (Rodrigues e Caspar, 2017)

Raiz	distância do centro dêitico	Exemplos
<i>ha-</i>	próximo do falante	/ha/ ‘este’
		/ha e/ ‘é este’
		/hat/ ‘este aqui’ (determinativo)
		/hat opaet/ ‘isto aqui é milho’
		/hat ipoaet/ ‘este aqui é seu lugar’
		/hare/ ‘aqui então (neste momento)’ (ABLativo)
		/hare ko on eaepsap/ ‘aqui esperarei por ti’
		/hirap =kaŋwa=om e hare/ ‘não há aqui amendoim torrado’
		/hare tesa/ ‘daqui vem ele’
		/hare/ ‘então’
		/ham/ ‘aqui’ (alativo)
		/ham esa/ ‘vem para aqui’
		/ham ke en otetoe ito =na/ ‘vem para aqui nos visitar’
		/harem/ ‘para aqui’
/harem oteroap koroa we/ ‘eu ficarei aqui’		
<i>he=ẽ</i>	próximo do ouvinte	/he=ẽ indeterminado
		/he=ẽ tetepto=om/ ‘esta está verde (não maduro)’
		/he=ẽ hek e/ ‘é a tampa coberta daquilo’
		/he=ẽ iap=na/ ‘como recipiente para isso lá’
		/he=ẽ herere wapsitwara on/ ‘eu esqueci o nome dessa coisa lá’
		/he=ẽ hek e/ ‘é a tampa coberta daquilo’
		/he=ẽ iap=na/ ‘como recipiente para isso lá’
		/he=ẽ herere wapsitwara on/ ‘eu esqueci o nome dessa coisa lá’
		he=ẽn determinante
		/he=ẽn ka/ ‘coma isto’
		/he=ẽn pura/ ‘corte isso lá’
		/kat=at e he=ẽn/ ‘o que é isto’
		/enen boikemkooŋ heme ka/ ‘tu bebes leite e eu como isso lá’
		<i>haro-</i>
/sitetero=na e harom/ ‘ele o levou para lá consigo’		

<i>he-</i>	longe do falante	/he/ ‘ele, ela’
		/he tepapto=na kire=om/ ‘se ele morre, não há ninguém (mais lá)’
		/he eporet/ ‘ele também’
		/here/ ‘então’(na enumeração de ações) (ABLativo)
		/he=om/ ‘não, ninguém’/he=om e/ ‘não há ninguém lá’
		/he=om ta=a/ ‘não há verdadeiramente ninguém’
<i>ho-</i>	longe do falante	/ho=op/ (indeterminado)
		/ho=op nekat asa haoꞑet/ ‘o filho do irmão mais velho é tão grande como este lá’
		/ho=op aꞑ=iam=na/ ‘amarra isto!’
		/ho=oet/ (determinado)
		/apo e ho=oet/ ‘quem é aquele ali?’
		/ho=oet non/ ‘este é um outro’
		/ho=oet tekatsã/ ‘isto caiu lá’
<i>eka-</i>	longe do falante e ouvinte (ausente)	/kana napepen koroa eka/ ‘por que ele quer um arco?’
		/oëa eka/ ‘ele discutiu comigo’
		/tana eka/ ‘ele mentiu’
		/ekaõ ëa/ ‘ele discute com ele’
		/ekaõ e iõ an/ ‘este o deu’ (lit. seu doador é ele)
<i>(h)ö-</i>	longe do falante e do ouvinte	/enen etera (h)örom, onen osa ham/ ‘tu irás para lá, eu retornarei para aqui’

Fonte: Rodrigues e Caspar (2017, p.62 – 66)

Os seis demonstrativos identificados por Rodrigues e Caspar distinguem três distâncias: próximo do falante, próximo do ouvinte e longe do falante e do ouvinte. Nenhuma referência é feita à forma/posição, o que possivelmente não foi percebido por Caspar. Além disso, Rodrigues, por trabalhar com dados coletados por Caspar, não encontrou nestes dados; nada que o fizesse relacionar os dêiticos do Tuparí a posição, animacidade, humanidade e número.

Rodrigues e Caspar fazem algumas observações quanto às dúvidas sobre o significado de algumas formas de demonstrativos, como a forma *he=ë*, sobre a qual dizem que talvez signifique “esse junto a ti, resp. a vós, mas que o significado do morfema =ë não pode ser estabelecido com certeza.” (p. 64). Quanto ao radical (tema) *heme*, observam que se trata de

“um radical que é verificado apenas uma vez, também não deixa ver claramente que significado do morfema *-me* é adicionado” (p. 64).

Os dois autores mostram que a raiz *he-* é a base para a formação de *hene(n)* “daí, conseqüentemente”, *henewap* “ontem, antes de tempo não longo” (p.64). Finalmente, observam que “uma forma questionável que foi anotada sem contexto é *ekaõn*, cujo significado deve ser ‘acolá’” (p.64).

A análise dos demonstrativos deve ter representado muitas dificuldades para Rodrigues, que não contou com a ajuda presencial dos Tuparí.

7.1.2 Alves (2004)

Alves (2004) abordou de forma breve o tema “demonstrativo” em sua tese de doutorado. Na parte do resumo da gramática Tuparí (Capítulo 4, seção 4.3.1.4), apresenta os demonstrativos de raízes */ha-/* e */haro-/*, ilustrados em exemplos incluídos no quadro abaixo, adaptado da autora:

Quadro 29 – Demonstrativos do Tuparí (Alves, 2004)

Raiz	distância relativa ao centro dêitico	Exemplos
<i>/ha-/</i>	indica proximidade de quem fala	
	hat – determinativo – ‘este aqui’ ou seja: ha-próximo + -(e)t ‘determinativo’	ha-t opa-et ‘este aqui é o milho’
	hare – ablativo – ‘aqui neste momento’ ou seja: ha-proximal + -re ‘ablativo’	kyr-et te-kar-a ha-re ‘a criança caiu aqui’
	ham – ‘alativo – ‘para aqui, para cá’ ou seja: ha-‘proximal’ + -m ‘alativo’	aramirã-n jyka ete-sa ha-m ‘a mulher trouxe água para cá’
<i>/haro-/</i>	indica distanciamento de quem fala	
	haro-m – alativo ‘para lá’ haro-‘distal’ + m-‘alativo’	haro-m õka ‘vamos para lá’

Fonte: adaptado de Alves (2004)

Estes demonstrativos foram anteriormente por Rodrigues e Caspar (2017), como verifica-se no quadro 28, a autora não explora os outros demonstrativos apresentados pelos autores. Os dois demonstrativos apresentados são as entradas que aparecem no dicionário de Alves (2004).

7.1.3 Seki (2002)

Seki (2002), em seu artigo “Aspectos Morfossintáticos do Nome em Tuparí”, cita apenas um exemplo com demonstrativo, quando trata do uso do sufixo *-et*, analisado pela autora como ‘nominativo’, mostrando que este sufixo ocorre também com demonstrativos em função adnominal:

ho’o-et	ku-et	ãan
este-NOM	pau-NOM	comprido
‘este pau é comprido’		(SEKI, 2002, p. 306).

7.1.4 Adam (2018)

Adam (2018a), em sua tese de doutorado intitulada “The Morphosyntax of Tuparí, a Tupián Language of the Brazilian Amazon”, não dedica nenhuma seção aos demonstrativos. As referências feitas aos demonstrativos encontram-se na seção A.1.1, (p. 368), quando apresenta o demonstrativo *urõrê* ‘far over there’, por esse demonstrativo apresentar uma vogal central arredondada, analisada por ele como fonema /ɯ/. Na seção A.1.5 (p. 377) quando o autor diz sobre a presença de /h/, menciona que esta consoante aparece no início de certos demonstrativos ou raízes locativas como:

he: [he:]	‘that one, that thing’
ho’op [ho.’op’]	‘this (sitting)’, het’aere
[het’.’a.e.re]	‘where you are’
ham [hãm]	‘hither’.
["hɤ.ra."hɤ.ra]	‘tucunaré’

7.1.5. Resumindo o que diz a Literatura Linguística sobre os demonstrativos em Tuparí

Vimos que Seki e Adam não abordam o tema demonstrativos em seus trabalhos, apenas trazem exemplos onde aparecem os demonstrativos em Tuparí. Alves aborda resumidamente o tema, retomando Rodrigues e Caspar (2017). Apresenta dois demonstrativos de mesma raiz *ha-* e *haro-* o primeiro marca proximidade e o outro distanciamento. Alves traz alguns exemplos com demonstrativos em seu trabalho. Também apresenta os demonstrativos em combinação com flexão casual – abrativo, determinativo e alativo.

Em suma, Rodrigues e Caspar (2017) foram os únicos a darem maior atenção aos demonstrativos, descrevendo-os como subclasse de nomes, e identificando seis raízes de demonstrativos combináveis com flexão casual como qualquer nome. Outro fato importante a

ser sublinhado na descrição dos demonstrativos por Rodrigues e Caspar é o de terem chamado de demonstrativos tanto as formas que indicam a situação dos referentes dos nomes espacialmente com respeito ao centro dêitico, quanto aos locativos. Finalmente ressaltamos que os estudos precedentes não identificaram todos os traços semânticos indicados nos dêiticos da língua Tuparí.

7.2 UMA NOVA ANÁLISE DOS DÊITICOS DEMONSTRATIVOS DO TUPARÍ

Demonstrativos são expressões dêiticas que fazem referência, primordialmente, à distância de seres com respeito ao centro dêitico. Para Anderson e Keenan (1985, p. 277), dêiticos espaciais são os elementos mais comumente citados como dêiticos, os quais “designam a localização espacial relativa àquela do evento”³³. Entretanto, há autores que incluem advérbios locativos na classe dos demonstrativos, como Diessel (1999), para quem, muitos estudos restringem a noção de demonstrativos a expressões como *this* e *that* do inglês, ao passo que, em sua proposta, são consideradas expressões usadas como pronomes ou modificadores e os locativos adverbiais como *here* e *there* do inglês (DIESEL, 1999, p. 2). Rodrigues e Caspar, como já mencionamos anteriormente, também incluíram os locativos na classe dos demonstrativos do Tuparí, uma análise que adotamos no presente estudo.

Diessel (1999) faz uma colocação muito importante a respeito das funções pragmáticas dos demonstrativos, a de que eles são primariamente usados para chamar a atenção do ouvinte com respeito aos objetos ou locais na situação de fala, frequentemente em combinação com um gesto de apontamento para o objeto do discurso. O gesto é, portanto, fundamental no uso de demonstrativos pronominais e locativos.

Diessel (1999) propõe que os demonstrativos ocorrem nas línguas em quatro contextos sintáticos: 1) como pronomes independentes em posição argumentativa de verbos e adposições; 2) com um nome em um sintagma nominal; 3) funcionando como modificadores verbais; e 4) em orações copulares e não verbais. Para o autor, os demonstrativos são assim referidos: 1) demonstrativos pronominais, 2) adnominais, 3) adverbiais e 4) identificacionais.

Diessel (1999) propõe também que demonstrativos são dêiticos que funcionam como demonstrativos pronominais, substituindo um sintagma nominal, demonstrativos adnominais, coocorrendo com um nome correferencial, além de dêiticos locativos, chamados por ele de demonstrativos adverbiais, seguindo Fillmore (1982). Reconhece também a existência, nas

³³ The elements most commonly cited as “deitics” are those designating spacial location relative to that of the speech event” (p.277).

línguas, de demonstrativos identificacionais que, em geral, não se distinguem dos demonstrativos pronominais, apenas em contextos específicos (cf. DIESSEL, 1999).

Consoante Diessel (1999), os demonstrativos consistem em expressões dêiticas, que servem para dirigir a atenção do ouvinte para o ente focalizado na situação discursiva (objetos, pessoas ou locais), mas também para dirigir a atenção para entidades linguísticas no âmbito do discurso. O autor considera que a função mais básica dos demonstrativos é a de orientar o ouvinte fora do discurso, na situação circundante, sublinha o fato de que demonstrativos são frequentemente usados para manter o controle sobre o discurso anterior e para ativar um conhecimento compartilhado específico.

Como veremos nesta tese, demonstrativos em Tuparí dividem-se em demonstrativos pronominais (espaciais) e demonstrativos locativos. Demonstrativos pronominais não formam uma unidade sintática com os nomes que modificam, visto que podem preceder ou suceder o nome além de poderem ocorrer distantes do nome. Os pronomes demonstrativos são também usados para preencher a lacuna de um pronome de terceira pessoa. Há uma forma dêitica *e* que funciona como uma terceira pessoa, e que têm provavelmente sua origem no demonstrativo *he-*. Em muitos contextos tem valor de demonstrativo e não propriamente de pronome de terceira pessoa, podendo ser traduzido por esse/essa, isso, isto.

Para Isaias Tuparí, alguns demonstrativos são obrigatoriamente acompanhados de gestos apontando para o objeto – um artefato, elementos da fauna e da flora e da natureza em geral, partes do corpo, das plantas e dos animais, pessoas, entre outros seres³⁴. A questão do gesto é muito importante ao se usar demonstrativos em Tuparí e nenhuma descrição sobre eles será completa se não fizer referência ao gesto que acompanha o seu uso. Alguns gestos seguem regras sociais de boas maneiras da cultura Tuparí. Por exemplo, não é correto apontar uma pessoa para mostrá-la a alguém, quando se está próxima a ela, principalmente quando esta pessoa é estranha, desconhecida pelo falante. Pode-se até apontar pessoas da convivência familiar, mas nunca pessoas desconhecidas.

Resumindo, no presente estudo, os demonstrativos do Tuparí constituem uma classe fechada de nominais, subdividida em duas classes: pronominais e locativos, sendo o critério que os reúne em uma mesma classe a sua ocorrência com morfologia casual. São pronunciados acompanhados de gestos, seja apenas por um olhar do falante, seja um movimento dos lábios, cabeça, seja com as mãos ou braços, constituindo-se assim como formas dêiticas. Demonstrativos em Tuparí apresenta também funções anafóricas, servindo assim, como ressalta

³⁴ Conversa com Isaias Tuparí, em sua casa em no município de Alta Floresta no ano de 2017.

No que segue, descrevemos uma a uma as formas dos demonstrativos e seus respectivos traços semânticos, tecendo considerações sobre especificidades de seus respectivos usos, quando necessário. Os demonstrativos, embora possam funcionar como modificadores de nomes, não formam com eles uma unidade sintática, podendo ocorrer contíguo ou não aos nomes e, como os nomes, recebem morfologia casual.

7.2.2 O demonstrativo *ek-*

O demonstrativo *ek-* é usado para indicar referente animado, em pé, visível, próximo do falante e do ouvinte e singular.

	Proximidade	Posição	Número	Animacidade
ek-et	+próximo	+em.pé	+singular	+animado

O falante autor dos exemplos seguintes, Isaias Tuparí, encontrava-se no cenário do enunciado, a aproximadamente dois metros de distância do que foi indicado pelos demonstrativos. Os cenários foram espaços da aldeia Colorado.



(606) ek-et kora kora kur-et te-si-'om ka
 casa-DET galinha filhote-DET 3CORR-mãe-NEG AUX

nã te-ro'a

EST 3CORR-existir

'este pintinho está sem a mãe'



(607) ek-et kurau-t

este-DET mutum-DET

‘este mutum’



(608) ek-et korakora okiot kapin tere

este-DET galo-DET capin sobre

‘este galo sobre o capim’



(609) ek-et pot'a-t te-arop Ø-kot'o-a

este-DET porco-DET 3CORR-alimento R¹-querer-ST

‘este porco está com fome’

Os exemplos seguintes mostram Eva Tuparí, na Universidade de Brasília, a três metros de Ana Cabral, que seguia na frente do grupo de pessoas do qual Eva fazia parte.



- (610) ek-et aramira-DET tet tet-ka
 esta-DET mulher-DET andar-VBLZ
 ‘esta mulher está andando’



- (611) ek-et aramira-n te-asit kom kara
 esta-DET mulher-DET 3CORR-pensar
 ‘(ela) esta está pensando’

A mulher da imagem seguinte encontrava-se na aldeia Colorado, a três metros aproximadamente do falante, Isaias Tuparí, que enunciou as duas sentenças seguintes. A outra mulher que estava sentada em um banco na mesma roça, não foi fotografada.



(612) ek-et aramirã wirikg-ere nã te-ro'a irik'ena
 esta-DET mulher roça-ABL EST 3CORR-exist trabalhar
 'esta mulher está na roça trabalhando'

(613) ho'o-et aramirã wirikg-ere nã te-yã
 esta-DET mulher roça-ABL EST 3CORR-SENT/DEIT
 'esta mulher está na roça' (sentada)

Outros exemplos com a base *-ek*, foram todos elicitados em cenários reais, na aldeia Colorado, junto a Isaías Tuparí.

(614) ek-et amẽko-t
 este-DET cachorro-DET
 'este cachorro'

(615) ek-et o-ausi
 esta-DET 1-esposa
 'esta é minha mulher'

(616) ek-et akura-et
 este-DET macaco-DET
 'este é o macaco' (macaco pendurado perto do falante)

(617) ek-et akura-et
 este-DET macaco-DET
 'este é o macaco' (macaco parado perto do falante)

- (618) ek-et aoro-t
 este-DET papagaio-DET
 ‘este é o papagaio (em pé, próximo, singular, animacidade)’

- (619) ek-et vaso-t wai sikat’a-re
 este-DET vaso-DET pedra entre-ABL
 ‘aquele vaso está entre as pedras’

7.2.3 O demonstrativo *he-*

O demonstrativo *he-* é usado para indicar referente +/-animado, singular, em pé/suspense, +/- animado, visível, próximo do falante e do ouvinte.

	Proximidade	Posição	Número	Animacidade
he'em	+ prox	+em pé, suspense	+sing	+ ou – anim

Os exemplos seguintes foram elicitados em uma residência, em Brasília, junto a Sergio Tuparí.



- (620) he'e-n vaso-t
 este-DET vaso-DET
 ‘este vaso’



- (621) he'e-n célula-t
 este-DET celular-DET
 'este celular'

Sergio, o falante dos exemplos seguintes, estava próximo aos objetos indicados:



- (622) he'ẽ-n gahafa-t mesa tere nã te'a
 esta-DET garrafa-DET mesa em.cima EST 3CORR-em.pé
 'esta garrafa está em cima da mesa'
- (623) he'ẽ-n gahafa-t mesa tere
 esta-DET garrafa-DET mesa em.cima
 'esta garrafa em cima da mesa'



- (624) he'e-n vaso-t yẽradera epapsire nã te-'a
 este-DET vaso-DET gelarera em.frente EST 3CORR-em.pé
 'este vaso está em frente à geladeira'

- (625) he'e-n vaso-t yẽradera iare nã te-'a
 este-DET vaso-DET gelarera perto EST 3CORR-.em.pé
 'este vaso está perto da geladeira'



- (626) he'e-n vaso-t yẽradera tere nã te-'a
 este-DET vaso-DET geladeira em.cima EST 3CORR-em.pé
 'este vaso está em cima da geladeira'



- (627) he'e-n gahafa-t te-weot'ep nã
 esta-DET garrafa-DET 3CORR-pendurar EST
 'esta garrafa pendurada'



- (628) he'e-n gahafa-t mesa osire nã te'a
 esta-DET garrafa-DET mesa em.baixo EST 3CORR-estar.em.pé
 'a garrafa está embaixo da mesa'



- (629) he'e-n garrafa-t mesa tere nã te'a
 esta-DET garrafa-DET mesa em cima EST 3CORR-estar.em.pé
 'esta garrafa está em cima da mesa'



- (630) he'e-n gahafa-t te-weot yã-ere
 esta-DET garrafa-DET 3CORR-pendurar banco-ABL
 'esta garrafa esta pendurada na cadeira'



- (631) he'e-n hara-t po'iat
 este-DET nativo-DET artefato
 'este artesanato nativo'



- (632) he'e-n arop=kir-et
 esta-DET fruta-DET
 'esta fruta'

Outros exemplos

- (633) he'e-n ku-et
 esta-DET árvore-DET
 'esta árvore'
- (634) he'e-n kur-et o-sa-re
 esta-DET árvore-DET I-perto-ABL
 'esta árvore está aqui perto de mim'
- (635) he'e-n eku-et pakop
 está-DET flecha-DET nova
 'esta flecha é nova'
- (636) he'e-n pè-t
 esta-DET roupa-DET
 'esta roupa'
- (637) he'e-n upè-t
 este-DET mamão-DET

‘este mamão’

(638) he'e-n jaka-t
 esta-DET jaca-DET
 ‘esta jaca’

(639) he'e-n hĩto-t
 este-DET colar-DET
 ‘este colar’

7.2.4 O demonstrativo *eka-*

O demonstrativo *eka-* indica que o referente é singular e animado, além de estar distante do falante e em pé.

	Proximidade	Posição	Número	Animacidade
Ekaõn	- prox	+em.pé	+singular	+ anim

Os exemplos seguintes foram colhidos na aldeia Boa Esperança, junto a Isaías e Eva Tuparí:



(640) cavalo-t eka-õ-n
 cavalo-DET aquele-DIST-DET
 ‘aquele cavalo’

(641) ekaõn kavalot kapin Ø-ka nã te-ro'a
 aquele-DET cavalo-DET capim R¹-comer.ST EST 3CORR-existir

‘aquele cavalo está comendo capim’



(642) ekaõn korakora aramira-n te-or-a
 aquela-DET galinha mulher-DET 3CORR-ir-ST

te-’i-a te-kur-erem
 3CORR-AUX-ST 3CORR-filhote-ASS

‘aquela galinha está indo embora com filhotes’

Outros exemplos

(643) ekaõ-n wirik eriat
 aquele-DET roça dono
 ‘aquele é dono da roça’

(644) ekaõ-n aoro-t
 aquele-DET papagaio-DET
 ‘aquele papagaio’ (em pé, distante, singular, animacidade)

(645) ekaõ-n akura-et
 aquele-DET macaco-DET
 ‘aquele é macaco’ (macaco andando no chão, distante do falante)

7.2.5 O demonstrativo *he?e-*

O demonstrativo *heʔe-* indica que o referente de um nome está afastado do falante, em pé ou suspenso. Além disso, é singular, inanimado e visível.

	Proximidade	Posição	Número	Animacidade	Visibilidade
<i>he'e-ro-n</i>	- prox	+em.pé, suspenso	+sing	- anim	+ ou visível

Os dados seguintes foram proferidos por Eva Tuparí, na Universidade de Brasília.



- (646) *he'e-rõ-n* *ku-et* *tàn*
 aquela-DIST-DET pau-DET alta
 'aquela árvore é alta' (pau, planta, árvore)



- (647) *he'e-ro-n* *siraku-et* *tàn*
 aquele-DIST-DET coqueiro-DET alto
 'aquele coqueiro é alto'

Outros exemplos

- (648) *he'ẽ-ro-n* *kup* *o-i-top-'om*
 aquela-DIST-DET árvore 1-NNO-ver-NEG
 'aquela árvore não é minha conhecida conheço' (eu não vi)

- (649) he'ẽ-ro-n eku-et
aquela-DIST-DET flecha-DET
'aquela flecha'
- (650) he'ẽ-ro-n upè-t
aquele-DIST-DET mamão-DET
'aquele mamão'
- (651) he'ẽ-ro-n jaka-t
aquela-DIST-DET jaca-DET
'esta jaca'
- (652) he'ẽ-ro-n hĩto-t
aquele-DIST-DET colar-DET
'aquele colar'
- (653) he'ẽ-ro-n pè-t
aquela-DIST-DET roupa-DET
'aquela roupa'
- (654) he'ẽ-ro-n kuruga=pè-t
aquela-DIST-DET camisa-DET
'aquela camisa'(costela-capa)

7.2.6 O demonstrativo *ho?o-*

O demonstrativo *ho?o* indica, com respeito ao referente de um nome, que este se encontra próximo do falante, está sentado/deitado, é singular, pode ser usado para seres animados e inanimados e é visível.

		Proximidade	Posição	Número	animacidade	Visibilidade
--	--	-------------	---------	--------	-------------	--------------

ho'o-		+ prox	+sent/deit	+sing	+/-anim	+ vis
-------	--	--------	------------	-------	---------	-------

As duas primeiras imagens foram tiradas na aldeia Nova Esperança. O cachorro era o grande amigo do Tubiré, filho do Prof. Raul P. Tuparí. As fotos das cobras foram usadas para a coleta de dados, visando a verificação da indicação de posições relativas a esse animal. Isaís Tuparí foi quem contribuiu com os exemplos que ilustram o demonstrativo *hoʔo-*.



- (655) ho'o-et kora kora kur-et kieka nã te-yã
 este-DET galinha criança-DET sozinho EST 3CORR-estar-SENT/DEIT
 'este pintinho está sozinho'

- (656) ho'o-et kora kora kur-et
 este-DET galinha criança-DET
 'este pintinho'



- (657) ho'o-et amēko-t
 este-DET cachorro-DET
 'este cachorro'



Fonte: <https://gooutside.com.br/> (2019)³⁵.

(658) ho'o-et har-et

esta-DET cobra-DET

'esta é cobra' (próxima, singular, deitado, animado)

(659) ho'o-et hat

esta-DEIT/SENT cobra

'é cobra'



(660) ho'o-et har-et

esta-DET cobra-DET

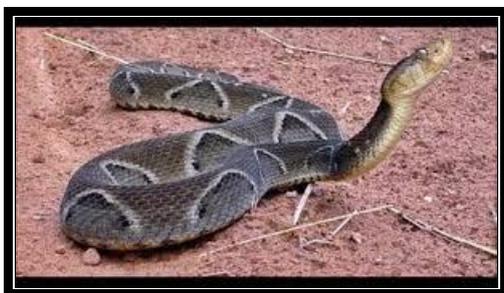
'esta cobra'

³⁵ GOOUTSIDE. **O que fazer em caso de picada de cobra e como prevenir acidentes.** 30/08/2019. Disponível em: <https://gooutside.com.br/o-que-fazer-em-caso-de-picada-de-cobra-e-como-prevenir-acidentes/>, acesso em 18/09/2019.

- (661) har-et kup akã-re nã te-yã
 cobra-DET planta galho-ABL EST 3CORR-estar.DET/SENT
 ‘a cobra está no galho’



- (662) ho'o-et har-et
 esta-DET cobra-DET
 ‘esta cobra’



Fonte: <https://www.fatimanews.com.br>, (2019)³⁶

- (663) ho'o-et har-et te-otàn-kap-sã
 este-DET cobra-DET 3CORR-levantado-VRBL-RSLT.ST
 ‘esta cobra alteou-se’
- (664) ho'o-et har-et te-apap'à-t Ø-otàn-kap-sã
 este-DET cobra-DET 3CORR-cabeça-DET R¹-ANTEAR-VRBL-RSLT.ST

³⁶ FATIMANEWS. Disponível em : <https://www.fatimanews.com.br/saude/agricultor-e-picado-por-cobra-jararaca/193903/>, acesso em 21/12/2019.

‘esta cobra alteou a cabeça dela’

- (665) ho’o-et har-et te-osìr-a
 este-DET cobra-DET 3CORR-levantar-ST
 ‘esta cobra se levantou’



Fonte: site <http://www.herpetofauna.com.br/>³⁷

- (666) ho’o-et hare-t
 esta-DET cobra
 ‘esta cobra’
- (667) ho’o-et har-et te-õmsit-sã
 esta-DET cobra-DET 3CORR-enrolar-RSLT.DEIT/SENT.ST
 ‘a cobra está enrolada’ (tecida, costurada)
- (668) ho’o-et har-et te-akina-kap-sã
 este-DET cobra-DET 3CORR-enrolar-VBLZ-RSLT.DEIT/SENT-ST
 ‘a cobra enrolou’

Observe que, quando a palavra ‘cobra’ estiver no singular e próximo do falante, sempre se usará *ho’oet*, isso porque os Tuparí consideram a posição da cobra sempre deitada, mesmo se esta estiver enrolada, pendurada no galho, esticada na grama ou com o pescoço

³⁷ BERNARDE. Paulo Sérgio. **Uma orientação para Diagnóstico dos Acidentes** Ofídicos no Acre. Site.herpetofauna.com. Disponível em: <http://www.herpetofauna.com.br/OfidismoAcre.htm>, acesso em 15/12/2019.

levantado. Existem outros seres que os Tuparí consideram sempre deitados, como por exemplo calango, lagarto, jacaré, entre outros.

Com relação à posição do demonstrativo, este geralmente vai ocorrer no início da oração, mas pode ocorrer depois do nome, como mostra o exemplo seguinte:

- (660) har-et ho'o-et
 cobra-DET esta-DET
 'cobra é esta'

Neste caso, a pessoa não sabe da cobra. Na discussão sobre ordem de palavras com Isaías, ele coloca que se usa essa ordem quando a pessoa com quem se fala não conhece o que se está apresentando, ou não conhece o objeto ou o ser do qual se está falando.



- (670) ho'o-et pok-'a tara-t basia Ø-si-pe
 este-DET tracaja-DET bacia R¹-interior-INES
 'este tracajá dentro da bacia'



- (671) ho'oet aramira-n te-asitkom-kar-a
 esta-DET mulher-DET 3CORR-pensar-VRBL-ST
 'esta mulher está pensando'

A posição deitada /sentada aplica-se a todos os seres animados e inanimados.



- (672) ho'o-et eg-et
 esta-DET casa-DET
 'esta casa'



- (673) ho'o-et célula-t
 este-DET celular-DET
 'este celular'

Os referentes de 'casa' e de 'cobra' sempre são vistos em posição sentada/deitada.



(674) ho'o-et eg-et
 esta-DET casa-DET
 'esta casa'

(675) ho'o-et eg-et te-tok-sã
 esta-DET casa-DET 3CORR-fechar-RSLT.DEIT/SENT.ST
 'esta casa está fechada'



(676) ho'o-et moã-n
 esta-DET bola-DET
 'esta bola'



- (677) ho'o-et gahafà-t mesa tere nã te-yã
 esta-DET garrafa-DET mesa sobre EST 3CORR-DEIT
 'esta garrafa está em cima da mesa'



- (678) ho'o-et garrafa-t mesa tere te-yã
 esta-DET garrafa-DET MESA sobre 3CORR-DEIT/SENT
 'esta garrafa está em cima da mesa'

Outros exemplos:

- (679) ho'o-et o-men
 este-DET 1-marido
 'este é meu marido'

- (680) ho'o-et o-meñ-en
 este-DET 1-marido-DET
 'o meu marido é esse'
- (681) ho'o-et korakora eriat
 este-DET galinha dono
 'este é dono da galinha'
- (682) ho'o-et aoro-t
 este-DET papagaio-DET
 'este é o papagaio'
- (683) ho'o-et takara-t
 esta-DET anta-DET
 'está é a anta'
- (684) ho'o-et akura-et
 este-DET macaco-DET
 'este é o macaco'
- (685) ho'o-et hako-t
 este-DET calango-DET
 'este é o calango'
- (686) ho'o-et màla-t
 esta-DET mala-DET
 'esta é a mala'

- (687) ho'o-et wao-t
 este-DET jacaré-DET
 'este é o jacaré'
- (688) ho'o-et amenkò-t
 este-DET cachorro-DET
 'este é o cachorro'
- (689) ho'o-et o-ausi
 esta-DET 1-esposa
 'esta é minha mulher'
- (690) ho'o-et amēko-t haha-ke
 este-DET cachorro-DET grito-VRBL
 'este cachorro gritou'
- (691) ho'o-et akura-et
 este-DET macaco-DET
 'este é o macaco' (macaco no moquém assando perto do falante)
- (692) ho'o-et kaneta-t
 este-DET caneta-DET
 'esta é a caneta'
- (693) ho'o-et e-g-et w-arop
 esta-DET 2-casa-DET 1-pertence
 'esta casa é minha'
- (694) ho'o-et h-á-et Tuparí h-ap

esta-DET R¹-lugar-DET Tuparí R¹-lugar

‘esta aldeia é lugar de Tuparí’ (o planeta terra é visto como deitado)

No decorrer da pesquisa sobre os demonstrativos, deparamo-nos com exemplos que não podiam ser interpretados segundo nossa forma de ver o mundo. Muitos seres e objetos que parecia em pé segundo a nossa forma de interpretar, para os Tuparí era sentado ou deitado. Foi verificado um caso em que *ho’oet* é usado para indicar algo que está próximo do centro dêitico e em pé. A explicação dada está relacionada ao mito Tuparí. Trata-se do uso de *ho’oet* para indicar árvore grande e próxima do falante, o uso do *ho’oet* é apenas para as grandes árvores. A explicação para isso foi a seguinte:

“uma árvore grande, a Samaúma, é tida como casa pelos Tuparí. É nela que vivem os espíritos; é a casa deles, a casa dos espíritos, dos pajés Tuparí e dos outros Tuparí. Por isso o demonstrativo usado com referência à Samaúma é *ho’oet*. Mesmo a árvore sendo alta, de tronco e copa largos é vista, por nós, como casa, sempre sentada” (Isaiás Tuparí, 2020)³⁸



Fonte: Site iguecologia, (2019)³⁹

(695) ho’o-et ku-et tã̃n
 este-DET árvore-DET alta
 ‘esta samaúma’

³⁸ Esta informação foi apresentada por Isaiás Tuparí em conversa informal, quando caminhávamos nas ruas de Brasília em Janeiro de 2020.

³⁹ IGUIECOLOGIA. **Samaúma**. Site.iguecologia.com. 16/08/2017. Disponível em: <https://www.iguecologia.com/samauma/>, acesso em 15/12/2019

Esse exemplo ilustra porque todas as árvores grandes, assim como a samaúma é vista pelos Tuparí como sentada.

7.2.7 O demonstrativo *ho'o-rõ-*

Esse demonstrativo tem a base *ho'o-* acrescida do sufixo *-rõ* “distal”, usado para indicar que o referente do nome está próximo ao falante, sentado/deitado, singular. Pode ser usado para seres animados e inanimados. O referente do nome deve estar no campo de visão de quem está falando.

	Proximidade	Posição	número	Animacidade
ho'õ-ro	- prox	+SENT/DEIT	+sing	+ ou – anim



- (696) *ho'o-rõ-n* *eg-et*
 aquela-DIST-DET casa-DET
 ‘aquela casa’



- (697) *ho'o-rõ-n* *ek-et*
 aquela-DIST-DET casa-DET

‘aquela casa’



- (698) ho'o-rõ-n wa-et
 aquela-DET rede-DET
 ‘aquela rede’



- (699) ho'o-rõ-n kup-et
 aquela-DIST-DET barco-DET
 ‘aquele barco’



- (700) ho'o-rõ-n kup-et

aquela-DIST-DET barco-DET

‘aquele barco’

Observamos que entre os falantes a interpretação da distância é muito relativa. De toda forma, *ho’o-rõ-n* é usado para um não perto, mas que esteja no campo de visão do centro dêítico.

Outros exemplos:

(701) ho’õ-rõ-n hako-t
aquele-DIST-DET calango-DET
‘aquele é calango’

(702) ho’o-rõ-n har-et
aquela-DIST-DET cobra-DET
‘aquela é cobra’

(703) ho’o-rõ-n wao-t
aquele-DIST-DET jacaré-DET
‘aquele jacaré’

(704) ho’o-rõ-n amenkò-t
aquele-DIST-DET cachorro-DET
‘aquele cachorro’

(705) ho’o-rõ-n takara-t
aquela-DIST-DET anta-DET
‘aquela anta’ (sentada/deitada, distante)

(706) ho’o-rõ-n kaneta-t
aquele-DIST-DET caneta-DET
‘aquela caneta’

- (707) ho'o-rõ-n màla-t
 aquela-DIST-DET mala-DET
 'aquela é mala'

7.2.8 O demonstrativo *he-*

Este demonstrativo indica que o referente de um nome está próximo ao falante, em pé. Além disso, é singular e animado.

	Proximidade	Posição	número	Animacidade
he-	+ prox	+ em.pé	+sing	+ anim

- (708) hè kur-et te-aorosa
 esta criança-DET 3CORR-chegar
 'o filho dele chegou'

- (709) hè-t te-aorosa
 ele-DET 3CORR-chegou
 'ele chegou'

7.2.9 O demonstrativo *ho'op-*

O demonstrativo *ho'op-* indica que o referente indicado de um nome se encontra próximo ao falante, é plural, animado e pode ser visível ou não, mas não faz referência à posição, sendo, portanto, neutro com respeito a esse traço semântico.

	Proximidade	Posição	número	Animacidade	visibilidade
ho'op ear-et	+ prox	Neutro	+plural	+ anim	+ou- visível

Note-se que, em uma situação em que se ouve o barulho de queixada estrondando na mata, e esse barulho está mais ou menos próximo e se reconhece que é de queixada, o uso desse demonstrativo é também apropriado.

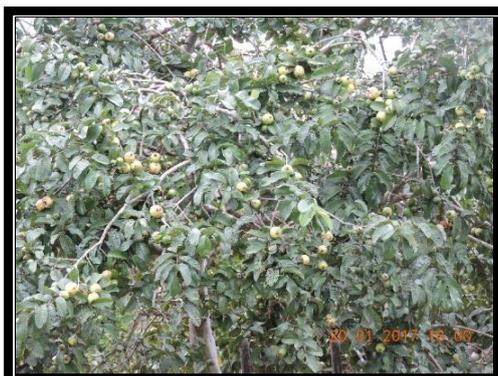


- (710) ho'op-ear-et kir-et
 estas-COL-DET gente-DET
 'estas pessoas'

- (711) ho'op-ear-et kir-et te-we-ma'ẽ-ka na te-ana
 estas-COL-DET pessoas-DET 3CORR-REC-falar-VBLZ EST 3CORR-estar.PL
 'estas pessoas estão (se) conversando'



- (712) ho'op-ear-et kura=kura-t ek-ẽrẽrẽ
 estas-COL-DET galinha-DET casa-em.frente (terreiro)
 'as galinhas estão no terreiro'



- (713) ho'op-ear-et goiaba
 estas-COL-DET goiaba
 'estas goiabas'



- (714) ho'op-ear-et kir-et ima'ê-ka
 estas-COL-DET pessoas-DET fala-VRBL
 'estas pessoas estão conversando'



- (715) ho'op-ear-et kir-et tet anã
 esses-COL-DET pessoas-DET ir estar.PL
 'esses estão andando'

Outro exemplo:

- (716) ho'op-ear-et akura-et
 aqueles-COL-DET macaco-DET
 'aqueles macacos'

7.2.10 O demonstrativo *ho'o-rõ-ear*

O demonstrativo *ho'o-rõ-ear* é formado da base *hoʔo-* acrescida do sufixo *-ro* “distal” e do coletivo *-ear*. Indica que o referente está próximo do falante, deitado ou sentado, é plural e pode ser usado para seres animados e inanimados.

	Proximidade	Posição	número	Animacidade
ho'õrõ-ear-et	- prox	deitado/sent	+plural	+/anim



- (717) ho'o-rõ-ear-et moi-t
 aquele-DIST-COL-DET boi-DET
 ‘aqueles bois’

- (718) ho'o-rõ-ear-et moi-t te-arop-ka
 aquele-DIST-COL-DET boi-DET 3CORR-alimento-comer.ST
 ‘os bois estão comendo’ (pastando)



- (719) ho'o-rõ-ear-et kura=kura-t ek-ẽrẽrẽ
 aquelas-DIST-COL-DET galinha-DET casa-em.frente (terreiro)

‘aquelas galinhas estão em frente a casa’ (terreiro)



- (720) ho'o-rõ-ear-et eg-et
 aquela-DIST-COL-DET casa-DET
 ‘aquelas casas’



- (721) ho'o-rõ-ear-et kaho-t
 aqueles-DIST-COL-DET carro-DET
 ‘aqueles carros’



- (722) ho'o-rõ-n-ear-et kir-et tet anã

aquelas-COL-DET pessoas-DET andar estar

‘aqueles estão andando’

Outros exemplos:

(723) ho’o-rõ-ear-et

aqueles- DIST-COL-DET

‘aqueles’

Contexto: vários macacos longe do falante, sentados no galho, mas no campo de visão do falante.

(724) ho’-o-rõ-ear-et akura-et

aqueles- DIST-COL-DET macaco-DET

‘aqueles macacos’

(725) ho’o-rõ-ear-et akurap-ear-et

aqueles- DIST-COL-DET macaco-COL-DET

‘aqueles macacos’

Note-se que quando o nominal é determinado por um demonstrativo com a marca de coletivizador, essa marca é opcional no nome determinado pelo demonstrativo, como mostram os dois exemplos anteriores.

Em vários exemplos, além do plural marcado no demonstrativo, marca-se também o coletivo no nome. Os dois padrões são utilizados.

(726) ho’o-rõ-ear-et aoro-t

aqueles- DIST-COL-DET papagaios-DET

‘aqueles papagaios’

(727) ho’o-rõ-ear-et takara-t

aquelas- DIST-COL-DET anta-DET

‘aquelas antas’

(728) ho'o-rõ-ear-et àt=paga
 aquelas-DIST-COL-DET céu=malha (nuvem)
 'aquelas nuvens' (a malha do céu)

(729) ho'o-rõ-ear-et iu=top'a
 aquelas- DIST-COL-DET água=queimada (nuvem)
 'aquelas nuvens'

7.2.11 O demonstrativo *heme-*

O demonstrativo *heme-* indica que o referente está próximo do falante, é paucal ou plural, animado e visível, mas não indica posição.

	Proximidade	Posição	número	Animacidade	visibilidade
heme-n	- prox	Neutro	paucal/plural	+ anim	+visível

A indicação paucal/plural é percebida diferentemente pelos falantes, mas, para alguns deles, indica poucas quantidades, cujas unidades podem ser quantificadas facilmente.



(730) heme-n kur-et iu enku-ere nã te-oro-'a
 estas-DET crianças-DET rio beira-ABL EST 3CORR-estar-ST
 'as crianças estão na beira do rio'



- (731) hemẽ-n aramirã-n uapé warokanã te-oro'a
estas-DET mulheres-DET chicha moer EST 3CORR-estar
'estas mulheres estão moendo fazendo chicha'

- (732) hemẽ-n aramirã-n uapé nã te-oro'a
estas-DET mulher-DET chicha EST 3CORR-estar
'estas mulheres estão fazendo chicha'



- (733) heme-n kir-et te-uwe-ma'ẽ-ka na te-ana
este-DET pessoas-DET 3CORR-REC-conversar-VRBL EST 3CORR-estar
'estas pessoas estão se conversando'



- (734) heme-n kura kura-t te-arop Ø-oro-a
 estes-DET galinha-DET 3CORR-alimento R¹-procurar.ST

na te-oro-'a

EST 3CORR- procurar-ST

'essas galinhas estão procurando comida'



- (735) heme-n upege-t iu-en Ø-kue-re
 estes-DET pato-DET rio-DET R¹-beira-ABL

'estes patos estão na beira do rio'



- (736) heme-n kur-et iu-re
 estas-DET crianças-DET rio-ABL

'estas crianças estão no rio'



- (737) heme-n opap Ø -ku'u-a te-a
estas-DET milho R¹-debulhar-ST 3CORR-estar.PL
‘estas estão debulhando milho’



- (738) heme-n pot'a te-arop-kar-a nã te-a
estes-DET porcos 3CORR-alimento-VBLZ-ST EST 3-AUX
‘estes porcos estão se alimentando’

7.2.12 O demonstrativo *he-ear*

Esse demonstrativo é formado da base *he-*, combinado com o coletivo *-ear*. Indica que o referente está próximo do falante, é plural, animado e invisível. Além disso, não indica posição.

	Proximidade	Posição	número	animacidade	Visibilidade
he-ear-et	+ prox	Neutro	+plural	+ anim	-visível

- (739) he-ear-et asikat
esse-COL-DET valente
‘esses são valentes’

- (740) he-ear-et wirik'e
 estes-COL-DET trabalhador
 'esses são trabalhadores'

7.2.13 O demonstrativo *hà-*

O demonstrativo *hà-* indica que o referente está próximo do falante. É paucal, animado e visível.

	Proximidade	Posição	número	Animacidade	visibilidade
<i>hà-t</i>	+ prox	+ sent/deit	+paucal	+ anim	+ visível

Este demonstrativo pode indicar um coletivo, por exemplo, gongos em uma cuia, em que *ho'opearet* pode também ser usado. Mas se os gongos estivessem espalhados pelo chão não se usaria *hàt*, mas *ho'op'earret*.



- (741) *hà-t* *wa'i-t*
 esta-DET pedra-DET
 'estas pedras'



- (742) hà-t koãteg-et te-iap-pe nã te-a
 estes-DET gongos-DET 3CORR-vasilha-INES EST 3CORR-estar.PL
 ‘estes gongos estão dentro da vasilha’

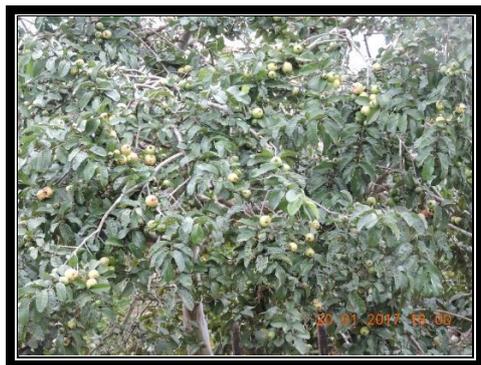


- (743) hà-t kaho
 estes-DET carro
 ‘estes carros’



- (744) hà-t kup
 estas-DET árvore
 ‘estas são árvores’ (apresentando)

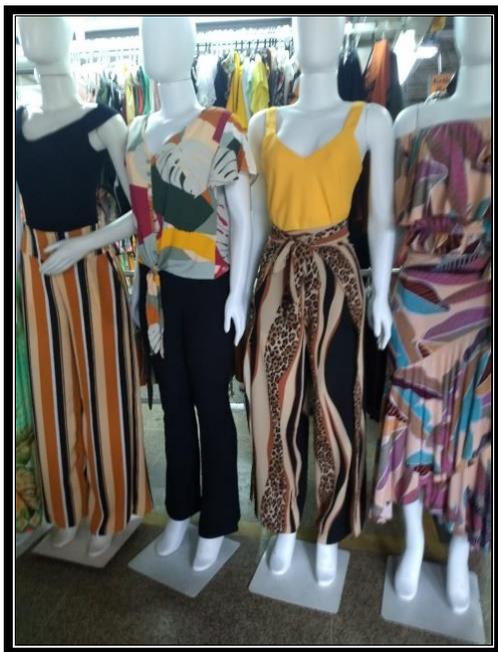
- (745) hà-t ku-et
 estas-DET árvore-DET
 ‘estas árvores’



- (746) hà-t goiaba
estas-DET goiaba
‘estas goiabas’



- (747) hà-t makoro-ku-et te-kot’o kot’o-ka-psir-a
estes-DET bambus-árvore-DET 3CORR-quebrar-VBLZ-RSLT.PL.ST
‘estes bambus estão quebrados’ ‘este bambuzal está quebrado’



- (748) hà-t boneka-t pè-t Ø-õku-msira
 estas-DET bonecas-DET roupa-DET R¹-vestir-RSLT.PL
 ‘estas bonecas estão vestidas’



- (749) hàt pè-t te-weot'e-psir-a
 estas-DET roupa-DET 3CORR-pendurar-RSLT.PL.ST
 ‘estas roupas estão penduradas’



- (750) hà-t gahafa-t yãm osire nã te-a
 esta-DET garrafa-DET cadeira em.baixo AUX 3CORR-AUX
 ‘estas garrafas estão embaixo da cadeira’



- (751) hà-t gahafa-t yãm tere nã te-a
 estas-DET garrafas-DET banco em.cima EST 3CORR-AUX
 ‘estas garrafas estão em cima da cadeira’



- (752) hà-t garrafa-t yãm tere te-ane-msira
 estas-DET garrafa-DET cadeira em.cima 3CORR-estar.PL-RSLT
 ‘estas garrafas estão em cima da cadeira’



- (753) hà-t gahafa-t mesa osire nã te-a
 esta-DET garrafa-DET mesa em.baixo AUX 3CORR-estar.PL
 ‘estas garrafas estão embaixo da mesa’



- (754) hà-t garrafa-t mesa tere nã te-a
estas-DET garrafa-DET mesa em.cima EST 3CORR-AUX.PL
‘estas garrafas estão em cima da mesa’



- (755) hà-t garrafa-t mesa tere nã te-a
estas-DET garrafa-DET mesa sobre EST 3CORR-AUX.PL
‘estas garrafas em cima da mesa’



- (756) hà-t arop=kir-et
 estas-DET frutas-DET
 ‘estas jacas’



- (757) hà-t ipor-et taoba tere
 esses-DET peixe-DET tábua sobre
 ‘o peixe está sobre a mesa’



- (758) hà-t hira-et w-arop
 estes-DET amendoim-DET 1-PERTENCE

‘estes amendoins são meus’



- (759) hà-t epi-et wãe'top'a-pe
 estas-DET banana-DET panela-INES
 ‘esta banana está na panela’



- (760) hà-t planta-t
 estas-DET plantas-DET
 ‘estas plantas’



- (761) hà-t opa-et ku'u-psit-nã na te-a
 estes-DET milho-DET debulhar-NNP-VBLZ EST 3.AUX
 'este milho está sendo debulhado'

Outros exemplos:

- (762) hà-t eku-et
 estas-DET flecha-DET
 'aquelas flechas'

- (763) hà-t up-èt
 estes-DET mamão-DET
 'estes mamãos'

- (764) hà-t vaso-t
 estes-DET vaso-DET
 'estes vasos'

Hà-t é inanimado, mas pode ser usado com respeito a crianças, quando estão sentadas, a cachorro deitadinho ou a um conjunto de filhotes de cachorro. Com relação à posição parece que há uma preferência para marcar a posição sentada/deitada, mas encontramos exemplos que também marcou em pé.

7.2.14 O demonstrativo *há-rõ-*

O demonstrativo *há-rõ-* indica que o referente está distante do falante, deitado ou sentado. É singular, inanimado e visível.

	proximidade	Posição	número	animacidade	visibilidade
harõ-n	- prox	+deit/sent	+pl/paucal	+anim	+vis



- (765) há-rõ-n eg-et
 aquelas-DIST-DET casa-DET
 ‘aquelas casas’



- (766) hà-rõ-n koko-ku-et
 aqueles-DIST-DET coco-pau-DET
 ‘aqueles coqueiros’

Outros exemplos:

- (767) hà-rõ-n pè-t sum’ẽ
 aquela-DIST-DET roupa-DET molhada
 ‘aquelas roupas estão molhadas’

- (768) hà-rõ-n ekup-ear-et
 aquela-DIST-DET flecha-COL-DET
 ‘aquelas flechas’]

7.3 DEMONSTRATIVOS LOCATIVOS

Os demonstrativos locativos distinguem três distâncias: perto do falante, mais ou menos perto do falante e longe do falante. Distinguem também visibilidade, animacidade, número e direção – centrífuga e centrípeta. O quadro seguinte apresenta os demonstrativos locativos e os respectivos traços semânticos que indicam.

Quadro 31 – Demonstrativos Locativos da língua Tuparí

DEMONSTRATIVOS LOCATIVOS	
aqui – visível (mais de um)	hà-t
aqui –visível, centrífugo	hà-re
Aqui – (centrípeto)	hà-m
ali – perto do ouvinte, visível, paucal, inanimados (objeto, ovo, frutos, plantas)	ae-t
ali – (+/-) perto do falante, invisível) (centrífugo)	ae-re
ali – (+/-) perto do falante, invisível, centrípeta	ae-m
ali – perto do ouvinte, (+/-) visível, centrífugo	het-ae-re
ali – perto do ouvinte (visível), centrípeta	het-ae-m
ali – perto do ouvinte (visível)	há-rõ-n
ali – distante do ouvinte, invisível, centrífugo)	hã-rõ-re
ali – distante do ouvinte, invisível, centrípeta)	hã-rõ-m
lá – muito distante (invisível)	tòger-et
lá – longe, invisível, centrífugo	tòger-a-t
lá – longe, invisível, centrífugo	tòger-ar-ere
lá – muito distante, invisível, centrífugo	u-rõ-re
lá – muito distante, invisível, centrípeta	u-rõ-m

Exemplos ilustrativos do uso dos demonstrativos locativos do Tuparí:

hà-t – aqui, visível (mais de um)

- (769) *hà-t* caneta-t mesa tere
 aqui caneta-DET mesa sobre
 ‘aqui estão as canetas sobre a mesa’

hà-re – aqui, visível, centrífugo

- (770) hà-re Ø-yam caneta-t mesa tere
 aquí-ABL R²-estar caneta-DET mesa sobre
 ‘aquí está a caneta sobre a mesa’

hà-m – aqui (centrípeto)

- (771) herõwap he-t it hà-m
 ontem esse-DET vir aqui-INST.AL
 ‘ontem ele veio aqui’

ae- – ali, perto do ouvinte, visível, paucal, inanimado (objeto, ovo, frutos, plantas)

- (772) ae-re yãm caderno-n mesa tere
 ali-ABL uma coisa só caderno-DET mesa em cima.
 ‘ali o caderno em cima da mesa’ (o falante não está vendo o caderno)

- (773) ae-re sa-p caderno-n mesa tere.
 ali estar-NNC caderno-DET mesa sobre
 ‘ali estão os cadernos em cima da mesa’

ae-m – ali - perto do ouvinte, visível, centrípeto

- (774) ae-m aramirã-n te-ra-p
 ali- INST AL mulher-DET 3CORR-ir-NNC
 ‘alí a mulher foi’

het-ae-re – ‘ali’, perto do ouvinte, +/- visível, centrífugo

Alguém que se encontra em outro cômodo da casa, por exemplo, pergunta “onde está a água?” O ouvinte responde: “– Está aí”. Note-se que este ouvinte não está vendo o falante que fez a pergunta, mas está vendo o local onde se encontra a água.

- (775) pà-re i-’a-p uoka-t?
 onde-ABL R²-estar-NNC água-DET?
 ‘onde está a água?’

- (776) hè-t ae-re i-’a-p
 esse-DET ali R²-estar-NNC

‘esse está ali’

Ou

- (777) hè-t ae-re uoka-t i-’a-p
 esse-DET ali-ABL água-DET R²-estar-NNC
 ‘esse, água, está ali’

hèt-ae-m – ali, perto do ouvinte (visível), centrípeto

- (778) hèt-ae-m te-ra i-a-m
 essa-ali- INST AL 3CORR-ir-ST R²-estar-NNC
 ‘ele foi pra perto dele’

há-rõ-n – ali, perto do ouvinte (visível)

- (779) hà-rõ-n aramirã-n pè-t
 ali-DIST-DET mulher-DET roupa-DET
 ‘ali tem roupa de mulher’

há-rõ-re – ali, distante do ouvinte, invisível, centrífugo

- (780) há-rõ-re ote-’er-a ote-a
 ali-DIST-ABL 1EXCL-dormir-ST 1EXCL-AUX.PL
 ‘alí nós dormimos’

- (781) há-rõ-re o-’er-a o-e
 ali-DIST-ABL 1-dormir-ST 1-AUX
 ‘alí nós dormimos’

- (782) há-rõ-re ki-’er-a p’a ki-a
 ali-DIST-ABL 1INCL-dormir-NNC IMI 1INCL-AUX.PL
 ‘alí nós vamos dormir’

hà-rõ-n – ali, perto do ouvinte (visível),

- (783) hà-rõ-n awatè-t
 ali-DIST-DET cará-DET

‘até tem cará’

há-rõ-m – ali, distante do ouvinte, invisível, centrípeto

- (784) *hà-rõ-m* e-tet
 ali-DIST- INST.AL 2-ir
 ‘vá ali!’

tòge-re – lá, muito distante (invisível)

- (785) *tòge-re* amêko ù-pagai-t to-a o’è
 lá-ABL onça pinta-muitas-DET ver-ST 1-AUX
 ‘lá eu vi onça pintada’

tòger-a-t – lá longe – invisível, centrífugo

- (786) *yã toger-a-t*
 mãe distante
 ‘considerada como mãe’ (Dona Juraci, uma senhora Makuráp, a quem Isaias Tupari considerava como mãe, é referida por ele como *yã togera-t*)

tògerar-ere – lá longe, invisível, centrífugo

- (787) *poia-t* *tògerar-ere* w-àrop etèy
 coisa-DET lá.longe-ABL 1-posse trazer
 ‘trouxeram coisa de lá longe’

- (788) Edineia, *hètae-re poia-t* *tògerar-ere* w-àrop e-tèy
 ‘Edineia, aí-ABL coisa-DET lá.longe-ABL 1-pertence 2-trazer
 ‘Edineia, traga importado de lá para mim’ (Edineia está em Orlando e Isaias pede a ela por telefone para trazer coisas importadas para ele’

u-rõ-re – Lá, muito distante, invisível, centrífugo

- (789) *u-rõ-re* na o-sa o-’è
 lá-DIST-ABL EST 1-vir 1-AUX
 ‘lá de longe eu vim’

- (790) *mu-rõ-re* na ote-a’ã ote-a
 lá-DIST-ABL EST 1EXCL-vir.PL 1EXCL-AUX.PL

‘lá de longe nós (EXCL) viemos’

u-rõ-m – lá, muito distante, invisível, centrípeto

(791) *u-rõ-m* *na* *ote-orap’a* *ote-a*
 lá-DIST-ABL EST 1EXCL-ir 1EXCL-AUX

‘lá.longe nós(EXCL) vamos’

(792) *u-rõ-m* *na* *e-terap’a* *’e*
 lá-DIST- INTR.AL EST 2-ir 2.AUX.SG

‘lá.longe você vai’

7.4 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, fizemos a primeira descrição detalhada dos demonstrativos pronominais e dos locativos da língua Tuparí. Usamos um largo número de exemplos, em consonância com a vontade de professores Tuparí, que, como disse Isaias Tuparí “ eu nunca analisei dessa forma essas palavras e não tinha ideia de tudo que elas indicam”, os quais expressaram a vontade de que os exemplos deveriam constar maximamente na tese para que fossem usados pelos professores em suas aulas de linguagem.

Mostramos que tanto os demonstrativos pronominais, quanto os locativos distinguem visibilidade, animacidade e número. Entretanto, apenas os demonstrativos pronominais se combinam com o coletivizador *-eat* e parte deles distingue posições (deitado/sentado e em pé/suspensão), embora apenas no singular. Como são de natureza nominal, combinam-se com morfologia casual, o que é exclusivo de nomes. Vimos também que há um sufixo *-rõ*, que parece ser exclusivo dos demonstrativos pronominais.

Fizemos algumas observações sobre a ordem em que os demonstrativos pronominais ocorrem e mostramos que eles não formam uma unidade sintática com os nomes, embora ocorram mais frequentemente precedendo os nomes, embora sejam sintaticamente independentes.

Finalmente observamos que fatores culturais permitem que dêiticos que indicam seres inanimados sejam usados também com respeito a crianças e filhotes de cachorro, sobretudo sentados, como é o caso do demonstrativo *hà-*.

O presente estudo dos demonstrativos do Tuparí mostra que se trata de um sistema dêitico deveras rico quando comparado a outras línguas do tronco Tupí, e que traços

importantes indicados por eles estão presentes em outras partes da gramática Tuparí, como as manifestações de número e de posição. Mostra também que no plural traços como posição são neutralizados, o que se observa também nos verbos auxiliares Tuparí que marcam posição.

Os demonstrativos da língua Tuparí expressam o modo peculiar de como os Tuparí categorizam os seres, segundo sua experiência no mundo e sua relação espiritual com esse mundo, como, por exemplo, a sua percepção de uma grande árvore ser a casa, a morada dos espíritos, como está na sua cosmologia. O estudo que nos permitiu conhecer detalhes importantes como esse só foi possível pela natureza da pesquisa, sempre relacionando língua e cultura e tendo os Tuparí como protagonistas associados à pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é a conclusão de uma etapa importante de nossa pesquisa, que tem caminhado até o presente com a participação colaborativa dos professores Tuparí, amigos, companheiros de luta por uma educação indígena de qualidade em Rondônia há quase duas décadas. Compartilhamos ao longo dos anos de convivência as mesmas preocupações com a língua Tuparí, sua vitalidade, fortalecimento e o aprendizado da escrita pelos jovens professores e pelos estudantes Tuparí. Esta preocupação coletiva foi o que nos moveu a desenvolver a pesquisa que culminou com esta tese, cujo conteúdo será avaliado daqui por diante, testado e revisto no que não se sedimenta e ampliado até que tenhamos uma sistematização abrangente dos principais aspectos morfológicos e sintáticos da língua, assim como até que tenhamos sistematizado um conhecimento abrangente do léxico que sirva de perene base de dados para o projeto maior dos Tuparí, que é documentação, conhecimentos linguísticos, letramento e uso fortalecido de sua língua Tuparí.

No que diz respeito aos temas desenvolvidos nesta tese, destaco a pesquisa sobre os dêiticos pronominais e locativos, o estudo da flexão relacional e o estudo da predicação não verbal. Buscamos desenvolver uma análise sobre esses temas pela sua importância e por eles não terem sido devidamente abordados em estudos precedentes. A escolha também se consolidou pelo interesse dos Tuparí em pesquisar sobre os temas escolhidos.

Ficamos felizes em vivenciar o empenho de professores Tuparí em colaborarem com esta tese, sentindo-se coautores da análise dos dados de que são as fontes.

Uma preocupação nossa nesta tese foi a de repertoriar os estudos linguísticos sobre a língua Tuparí, valorizando o pioneiro e inestimável trabalho de Rodrigues e Caspar (2017), subestimado em demasia nos estudos sobre a língua Tuparí e sobre outras línguas Tupí.

Por fim, podemos dizer que este trabalho contribuiu para aproximação ainda maior com o povo Tuparí e os outros povos da Terra Indígena Rio Branco, aprendendo que, além das teorias linguísticas e das formas de analisar uma língua, existe um povo, sua trajetória histórica e todos os desafios que enfrentam no momento atual. Esperamos continuar contribuindo com o povo Tuparí nos projetos educacionais, na formação dos professores e no aprofundamento dos estudos de sua língua.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. **Classifiers: a typology of noun categorization devices**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ALVES, Poliana Maria. **Análise fonológica preliminar da língua Tuparí**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

ALVES, Poliana Maria. A flexão relacional em Tuparí. *In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 52, Brasília. Anais [...]*. Brasília: UnB, 2000.

ALVES, Poliana Maria. Flexão Relacional em Tuparí e em Tupí-Guaraní. *In: I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 2001, Belém. Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Belém: Editora Universitária - EDUFPA/Livraria do Campus, 2001. v. I. p. 269-273.

ALVES, Poliana Maria. **O léxico do Tuparí: uma proposta de dicionário bilíngue**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2004.

ALVES, Poliana Maria. Nominalizações em Tuparí. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, IV, Brasília. Anais [...]*. Brasília: UnB, 2005.

ALVES, Poliana Maria. O dicionário Tuparí-Português. *In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (org.). Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007, v. I, p. 301-308.

ALVES, Poliana Maria. **O envolvimento da comunidade indígena no processo de elaboração do dicionário Tuparí-Português**. *In: XXX Convegno Internazionale di Americanista, 2008, Perugia*

ALVES, Poliana Maria. Nomeação lexical na língua tuparí. *In: XXVI Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2016, Recife. Área temática 7 - Língua, linguagens e culturas populares, 2016. p. 193-202.*

ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595.

ANCHIETA, José de. **Poesias**. Transcrições, traduções e notas de M. de L. de Paula Martins. [Reprodução facsimilar não identificada como tal; a edição original é da Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954]. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1989.

Anderson, John and Keenan, Edward. Deixis. In **Shopen, Timothy** (ed.), 259-308. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

ARAGON, Carolina Coelho. **A grammar of Akuntsú, a Tupían language**. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Hawai'i at Manoa, Honolulu, 2014.

BERLIN, Brent; KAUFMAN, Terrence. Questionnaire. *In: South American Indian Languages Documentation Project (SAILDP)*. Pittsburgh & Berkeley: University of Pittsburgh & University of California, 1985. Mimeografado.

BRAGA, Alzerinda de Oliveira. **A fonologia segmental e aspectos morfofonológicos da língua Makurap (Tupi)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

BRAGA, Alzerinda de Oliveira. **Aspects morphosyntaxiques de la langue Makurap/Tupi**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Toulouse, Toulouse, 2005.

BRAGA, Alzerinda de Oliveira. As construções genitivas em Makurap. *In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (org.). Línguas e culturas Tupi*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. v. I, p. 291-299.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, Fortaleza, v. 25, p. 233-262, 2001.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Notas de Campo, povo Zo'é, ano 2002. Manuscrito. 2002.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Evidências de crioulização abrupta em Kokáma? **Papia**, Belo Horizonte, v.13, n. 1, p. 180-186, 2003.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. As categorias Nome e Verbo em Zo'e. *In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (org.). Línguas e culturas Tupi*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. v. I, p. 241-257.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Coesão discursiva e variabilidade dos constituintes oracionais na língua Zo'é vistos através de um relato de Jirusihú. *In*: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (org.). **Línguas e culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010. v. II, p. 75-84.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Atitudes linguísticas do povo Zo'é com respeito a sua língua e cultura. *In*: RAZKY, Abdelhak; GUSMÃO, Elisângela (org.). **Pesquisas em crenças e atitudes linguísticas**. Araraquara: Letraria, 2019. v. 1, p. 57-73.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Reconstrução interna dos prefixos relacionais da língua Mawé. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 401-419, 2013.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; KALAPALO, Kaman; AWETÍ, Makaulaka Mehinaku; OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de; SURUÍ, Uraan. Classificadores nominais em três línguas indígenas da Amazônia brasileira: ampliando tipologias. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 6, nº 1, p. 165-193, 2014.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; ISIDORO, Edineia Aparecida; TUPARÍ, Izaias; TUPARÍ, Raul. O morfema *-et* “determinativo” na família linguística Tuparí, com foco especial em sua função na língua Tuparí. *In*: MARTINS, Marci Fileti (org.). **As línguas Tupi faladas dentro e fora da Amazônia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2017. p. 13-35.

CABRAL; ISIDORO; TARIMÃ TUPARÍ, **O título: Animal de caça, comida e pertence: extensões semânticas em línguas Tupí**. Artigo em preparação.

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. **Aspecto, modo de ação e modalidade em Ka'apor**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. **Uma proposta de dicionário para a língua Ka'apor**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CAMPBELL, Lyle (1997), **American Indian languages: the historical linguistics of Native America**. Oxford: Oxford University Press, New York, 1997.

CASPAR, Franz; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Versuch einer Grammatik der Tuparí-Sprache**. Bern: Fonds National Suisse, 1957. Mimeografado.

CASPAR, Franz. **Tuparí: entre os índios, nas florestas brasileiras**. São Paulo: Melhoramentos, 1958, 225 p.

CASPAR, Franz. **Os Tupari. Uma tribo indígena no Brasil ocidental**. Tradução: Adriana Maria Huber Azevedo. [s.l.: s.n.], [1975] 2015.

COSTA, Lucivaldo Silva da. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CROFTS, Marjorie. **Gramática Munduruku**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 1973.

DIESSEL, Holger. **Demonstratives, form, function and grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1999.

DIXON, R. M. W. Ergativity. **Language**, v. 55, n. 1, p. 59-138, 1979.

DIXON, R. M. W. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory**. Volume 1: Methodology. Cambridge: Cambridge University Press, 2010a.

DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory**. Volume 2: Grammatical topics. Cambridge: Cambridge University Press, 2010b.

DRYER, Matthew. Clause types. *In*. SHOPEN, Timothy (ed.). **Language typology and syntactic description**. Volume I: Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FONSECA, Mary Gonçalves. **Casa de escrever no papeo: a escola Tuparí da Terra Indígena Rio Branco, Rondônia**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2011.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique.** Tese (Doutorado em Linguística) – Université Paris VII (Denis Diderot), Paris, 1999.

FUNAI. **Terras indígenas no Brasil.** Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> Acesso em: 20/12/2019.

GABAS JÚNIOR, Nilson. **A grammar of Karo, Tupi (Brazil).** Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Santa Barbara, 1999.

GALUCIO, Ana Vilacy Moreira. **Mekens syntax: a preliminar survey.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – University of Chicago, Chicago, 1996.

GALUCIO, Ana Vilacy Moreira. **The morphosyntax of Mekens (Tupi).** Tese (Doutorado em Linguística) – University of Chicago, Chicago, 2001.

GALUCIO, Ana Vilacy Moreira; NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. Comparative study of the Tuparí branch of the Tupí Family: contributions to understanding its historical development and internal classification. In. **Memorias del V Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica.** Austin: University of Texas, 2011.

GAVIÃO, Iram Káv Sona. **Nomes, verbos, adjetivos, posposições e predicções na língua dos Ikólóéhj (Gavião, fam. Mondé, tronco Tupí).** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GRINEVALD, Colette; SEIFART, Frank. Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison. **Linguistic Typology**, Berlin, v. 8, n. 2, p. 243-285, 2004.

GOMES, Dionei M. **Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí).** Tese de Doutorado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília. 2006.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil.** Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tupari>>, acessado em 05/03/2020.

ISIDORO, Edineia Aparecida.; TUPARÍ, Raul Pat'Awre.; TUPARÍ, Isaías. Predicados não-verbais em Tuparí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 265-279, 2018.

ISIDORO, Edineia Aparecida; TUPARÍ, Isaías Tarumã; TUPARÍ, Sérgio (org.). Mapa das Aldeias da Tribo Indígena Rio Branco. (org.). Execução: FREIRE, Gabriel Araújo Paes. 2020.

ISIDORO, Edineia Aparecida; TUPARÍ, Isaías Tarumã; TUPARÍ, Sérgio (org.). **Mapa das Aldeias da Terra Indígena Rio Branco, com localização das escolas.** Execução: FREIRE, Gabriel Araújo Paes. 2020.

ISIDORO, Edineia Aparecida; TUPARÍ, Isaías Tarumã; TUPARÍ, Sérgio (org.). **Mapa de Rondônia – Localização das Terras Indígenas Rio Branco e Rio Guaporé.** Execução: FREIRE, Gabriel Araújo Paes. 2020.

LEONEL JÚNIOR, Mauro de Mello. **Relatório de Avaliação das Comunidades Indígenas da Área Indígena Guaporé, Posto Indígena Ricardo Franco** (Tuparí, Macurap, Uarí, Jabotí, Arikápu, Mequem, Ajuru, Wayoró, Massacá, Canoé e Arara). São Paulo: FIPE, 1984a.

LEONEL JÚNIOR, Mauro de Mello. **Comunidade do Posto Indígena do Rio Branco (PIRB):** Tupari, Makurap, Corumbiara, Aruá, Jaboti, Aricapú e Canoé. Relatório de Avaliação. São Paulo: FIPE, 1984b.

LYONS, John. **Semantics.** 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LYONS, John. Deixis and anaphora. *In:* MYERS, T. (ed.). **The development of conversation and discourse.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1979. p. 88-103.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva. O gerúndio em Guajá. *In:* CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (org.). **Línguas e culturas Tupí.** Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. v. I, p. 349-355.

MALDI, Denise. O complexo cultural do Marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Série Antropologia, Belém, v. 7, n. 2, p. 209-269, 1991.

MARTINS, Andérbio Márcio Silva; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; MEJIA, Blanca Flor Demenjour Munoz; Viegas, Lívia Ribeiro. Prefixos relacionais em Kaiowá. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 71-105, 2017.

MARTINS, Marci Fileti. **Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MINDLIN, Betty. **Tuparis e Tarupás: narrativas dos índios Tuparis de Rondônia**. São Paulo: Brasiliense/EDUSP/IAMA, 1993.

MINDLIN, Betty et al.. **Moqueca de Maridos: mitos eróticos indígenas**. São Paulo: Paz & Terra. 2015.

MIRANDA, Maxwell Gomes. **Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (família Jê, tronco Macro-Jê)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. **A língua Asurini do Xingu: notas gramaticais**. Belém: Cimi Norte II, 1998.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy Moreira. Reconstruction of Proto-Tupari consonants and vowels. *In: MEETING OF THE SOCIETY FOR THE STUDY OF THE INDIGENOUS LANGUAGES OF THE AMERICAS AND THE HOKAN-PENUTIAN WORKSHOP*, 1994, Berkeley. **Annals [...]**. Berkeley: University of California, 1994. p. 119-137.

NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. **Wayoro êmêto: fonologia segmental e morfossintaxe verbal**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. **Predicação na língua Wayoro (Tupí): propriedades de finitude**. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza; GALUCIO, Ana Vilacy Moreira; SOARES-PINTO, Nicole; SINGERMAN, Adam Roth. Termos de parentesco na família Tuparí (Tupí). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 1, p. 33-64, 2019.

PAT' AWRE TUPARI, Raul. **OTE MA'Ë - Reflexões Sobre a Escrita da Língua Tupari**". Monografia, Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Departamento de Educação Intercultural, Universidade Federal de Rondônia- UNIR, 2015.

PAYNE, Thomas Edward. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupí. **Letras**, Curitiba, v. 1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A classificação do tronco lingüístico Tupí. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 12, n. 1/2, p. 99-104, 1964.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Contribuições das línguas indígenas brasileiras para a fonética e a fonologia. *In*: SOLÁ, Donald F. (org.). **Language in the Americas**. Ithaca: Cornell University, 1984. p. 263-267.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27/28, p. 33-53, 1985.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 Anos de descobertas e perdas. **Delta**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 83-103, 1993.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Argumento e predicado em Tupinambá. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, Fortaleza, v. 19, p. 57-70, 1996.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, Fortaleza, v. 25, p. 219-231, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre a natureza do caso argumentativo. *In*: QUEIXALÓS, Francisco (org.). **Des noms et des verbes en Tupí-Guaraní: état de la question**. Munique: LINCOM Europa, 2001a. p. 103-114.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guaraní. *In*: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (org.). **Estudos sobre línguas indígenas I**. Belém: Gráfica da UFPA, 2001b. p. 87-100.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Correspondências lexicais entre Tupí-Guaraní e Tuparí. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL*, 1, Belém. **Anais [...]**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n.4, p. 11-24, 2003.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (org.). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora UnB, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; SILVA, Beatriz Carreta Correa da. Evidências lingüísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto *-Mi- em Proto-Tupí. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, p. 21-39, 2006.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Estrutura do Tupinambá. *In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (org.). Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010. v. II, p. 12-42.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Tupían. *In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (org.). The indigenous languages of South America*. Berlin: De Gruyter, 2012. v. 2, p. 495-574.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CASPAR, Franz. **Esboço da gramática da língua Tuparí**. Tradução: Enrique Huelva Unterbäumen; Laura Wägerle, Ariel Pheula do Couto e Silva; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Brasília: LALLI/UnB, 2017. Título original: Versuch einer Grammatik der Tuparí Sprache (1957)

SEKI, Lucy. **Gramática Kamaiurá**: uma língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

SEKI, Lucy. Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá (Tupi-Guarani). *In: QUEIXALÓS, Francisco (org.). Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question*. Munique: LINCOM Europa, 2001. p. 39-66.

SEKI, Lucy. **Aspectos morfossintáticos do nome em Tupari**. *In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DO*

GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL, 1, Belém. **Anais [...]**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2002. p. 298-308.

SEKI, Lucy. **Tuparí 'Ema'e**. Brasília: FUNAI, 2003.

SESAI. **Lista das Famílias Tuparí da T.I. Rio Branco**. Pólo Base. Alta Floresta. 2019. Impresso.

SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. . 2ª ed..Volume I: Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, 2007a.

SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. . 2ª ed..Volume II: Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 2007b.

SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. 2ª ed..Volume III: Grammatical categories and Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 2007b.

SILVA, Tabita Fernandes da. **Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka'apór**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

SILVA, Ariel Pheula do Couto e. **Elementos fonológicos, morfossintáticos e sintáticos da língua Avá-Canoeiro do Tocantins**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília. Brasília – DF. 2015.

SILVA, Tabita Fernandes da. **História da língua Tenetehára**: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família linguística Tupi-Guarani do Tronco Tupi. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SINGERMAN, Adam Roth. **Nasal harmony in Tupari**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – University of Chicago, Chicago, 2014.

SINGERMAN, Adam Roth. Nasal harmony and phonotactic well-formedness in Tuparí. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 82, n.4, p. 453-485, 2016.

SINGERMAN, Adam Roth; TUPARÍ, Geovane Kamarom; TUPARÍ, Isaías Tarimã; TUPARÍ, Raul Pat'awre (ed.). **Wan Tupari Ema'en Nka! Nova cartilha de alfabetização e leitura na**

língua Tupari. [Let's Go Write in Tupari! A new literacy and reading workbook in the Tupari language.] Financed by a Language Legacies grant from the Endangered Language Fund. 2016.

SINGERMAN, Adam Roth. **The morphosyntax of Tuparí, a Tupían language of the Brazilian amazon.** Chicago: University of Chicago, 2018a.

SINGERMAN, Adam Roth. Negation as an exclusively nominal category. **Language**, Washington, v. 94, n. 2, p. 432-467. 2018b.

SINGERMAN, Adam Roth. Non-witnessed evidentiality in Tuparí and its connection to resultative constructions in the perfect aspect. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 85, n. 3, p. 401-445, 2019.

SINGERMAN, Adam Roth; NOGUEIRA, Antônia Fernanda Souza; GALUCIO, Ana Vilacy; SOARES-PINTO, Nicole. Termos de parentesco nas línguas Tuparí (família Tupí). **Boletim. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 14, n. 1, p. 33-64, jan.-abr. 2019.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. Descrição gramatical da língua Araweté. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TUPARÍ, I. T.; ARIKAPU, J. P.; KAMPE, M. M. A.; SEKI, L. Tupari 'Ema'e. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional – Livro de alfabetização na língua Tupari). 2000.

TUPARÍ, Isaías Tarimã. Puop'Orop Toap: um estudo sobre a educação indígena Tuparí. Monografia (Educação Intercultural) – Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2015.

VOGEL, Petra M.; COMRIE, Bernard. **Approaches to the typology of word classes.** New York: De Gruyter, 2000.

WEISS, Helga Elisabeth. **Para um dicionário da língua Kayabí.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

XU, Hui Ling; MATTHEWS, Stephen. On the polyfunctionality and grammaticalization of the morpheme *kai* in the Chaozhou dialect. In: YAP, Foong Ha; GRUNOW-HÅRSTA, Karen; WRONA, Janick (ed.). **Nominalization in Asian languages: diachronic and typological perspectives.** Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2011. p.109-12

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – SÍNTESE DA FONOLOGIA TUPARÍ

1. FONOLOGIA

Essa síntese da fonologia Tuparí, considera as análises de Rodrigues e Caspar (2017), Alves (1991, 2004) e Singerman (2018a, 2018b), acrescentando algumas considerações com base nos nossos próprios dados.

Rodrigues e Caspar (2017) foi também pioneiro na descrição fonêmica da língua Tuparí, sem que para tanto contasse com material sonoro específico para esse fim, como relata o autor:

Estava disponível para a análise o material que Caspar coletou, de oitava, junto aos Tuparí. Por motivos metodológicos, não foi considerada a pronúncia aprendida pelo pesquisador em campo, sendo utilizada apenas para a compreensão do método de transcrição empregado. A proficiência linguística de Caspar, a sua destreza e experiência no lidar com diferentes línguas, bem como a duração e as condições das suas estadias junto aos Tuparí foram levadas em consideração na avaliação dos dados. Como é de se esperar de gravações que não foram realizadas em primeira instância para objetivos de análise linguística, nem realizadas por um linguista de formação, não aparece nelas suficientemente tudo o que seria importante para uma análise do sistema fonológico da língua. Isso diz respeito especialmente aos fenômenos prosódicos, que por sua natureza são sempre difíceis de captar. Contudo, no geral, o material é de alta fiabilidade para a análise. (p.17-18)

Na primeira parte da apresentação da sua análise, Rodrigues e Caspar (2017) observam que apenas nessa parte “são dados exemplos na transcrição fonética original.” Nos capítulos seguintes os autores utilizam a ortografia fonêmica resultante de sua análise dos dados. Rodrigues e Caspar utilizaram os seguintes símbolos especiais:

- uma pequena pausa;
- ' ênfase mais forte da vogal imediatamente seguinte;
- ' duração mais longa do som imediatamente anterior

O autor identificou 10 fonemas consonantais /p t k m n ŋ s r h w/ e 10 vocálicos, dentre os quais 5 orais e 5 nasais /i ĩ e ẽ a ã õ õ̃ o ð/. Embora não pudesse provar a existência de vogais longas, sugeriu a possibilidade de elas terem valor fonológico na língua.

Apresentamos, no que segue, os fonemas e de suas respectivas realizações fonéticas descritos por Rodrigues e Caspar, assim como os processos fonológicos por eles identificados, tecendo, quando pertinente, considerações sobre as contribuições ao conhecimento da fonologia da língua por outros autores, incluindo nossas próprias considerações. Adaptamos a ordem apresentada nos dados de Rodrigues e Caspar à ordem de nosso trabalho.

1.1 Fonemas Consonantais

Os autores apresentam três sons oclusivos surdos produzidos nos seguintes pontos de articulação: bilabial /p/, alveolar /t/ e velar /k/.

1.1.1 Sons Oclusivos

/p/ possui os seguintes alofones:

[p] oclusivo bilabial surdo não aspirado ocorre no início de palavra, entre vogais e raramente no final de palavra:

[p'a 'pa'] /papa/ ‘avó’

[y'üt 't`pε] /iötpε/ ‘a (predicado) chuva’

[kiakop] /kiakop/ ‘sol’

[p^h] oclusivo bilabial surdo aspirado ocorre somente entre vogais, sempre em variação livre com [p]:

[op^h 'o] [op' o] /opo/ ‘minha mão’.

[p^ˀ] oclusivo bilabial surdo não explodido (ou sem explosão audível) ocorre em meio de palavra antes de uma outra consoante ou antes de juntura (/ = /) semi-aberta e no final de palavra (isto é, antes de juntura aberta).

['op^ˀtsi'a] /opsia/ ‘ovo’

[p'εp'-a] /pep=a/ ‘borboleta’

[pat'op] /patop/ ‘camundongo’

[b] oclusivo bilabial sonoro suave (lênis) não aspirado ocorre em meio de palavra antes de juntura semi-aberta e em variação livre com [p^ˀ]:

[p'ε'bo] ~ [p'ε'p^ˀ-o] /pep=o/ ‘asa’

[ak^hürap^ˀ-ab'a] ~ [akürabap^ˀ- 'a] /akörap=ap=a/ ‘uma aranha’

/t/ possui os seguintes alofones:

[t] oclusivo alveolar surdo não aspirado ocorre em início e meio de palavra, neste último caso antes de vogais, e raramente em final de palavra.

[t'akar'a] /takara/ 'anta'

['osit'o] /osito/ 'meu pé'

[top`tom-o'n] /toptom on/ 'eu não vi'

[kit`w'a't`] /kit=wat/ 'nós (inclusivo)'

[t'] oclusivo alveolar surdo não explodido (ou sem explosão audível) ocorre em meio de palavra, antes de uma outra consoante, antes de uma juntura semi-aberta e em final de palavra.

[üt`ka] /ötka/ 'fumo'

[köt`-a] /köt=a/ 'pouco'

[ip^h'o't`] /ipot/ 'peixe'

[d] oclusivo alveolar surdo suave (lênis) não aspirado ocorre em meio de palavra antes de juntura semi-aberta, em variação livre com [t'].

[kad'a't`] ~ [kat`-a't`] /kat=at/ 'o que?'

[ď] oclusivo pré-palatal (palato-alveolar) sonoro não aspirado ocorre em meio da palavra antes de juntura semi-aberta e em posição final, seguindo /i/ e /ö/, em variação livre com [t'].

[ukoidď] [ok'oit`] /okoit/ 'minha irmã'

[amtsik^hüď'a] /amsiköt=a 'esquilo' d'

/k/ possui os seguintes alofones:

[k] oclusivo velar surdo não aspirado ocorre em início e meio de palavra:

[kã:kãka:p`] /kãkãkap/ 'chocalho para criança'

[k'εmko'ö] /kemkoö/ 'leite'

[k^h] oclusivo velar surdo aspirado ocorre em início e meio de palavra, em variação livre com [k]:

[k^h'öp'] [köp'] /köp/ 'árvore'

['ak^hür'a'p'] [akürap'] /akörap/ 'capuchinho'

[k'] oclusivo velar surdo não explodido (ou sem explosão audível) ocorre em meio de palavra, antes de outra consoante, antes de juntura semi-aberta ou em final de palavra:

[εk'tsi't'] /eksit/ 'o interior da casa'

[kakak'-a] /kakak=a/ 'uma espécie de pássaro'

['üpek'] /öpek/ 'pato'

[g] oclusivo velar sonoro suave (lênis) não aspirado ocorre em interior de palavra antes de juntura semiaberta, em variação livre com [k']:

[p^h'ogatar'a] /pok=atara/ 'cágado'

[p^hok'-a] /pok=a/ 'jabuti'

[t̃] oclusivo pré-palatal (palato alveolar) surdo não aspirado ocorre antes de /i/, especialmente em início de palavra, em variação livre com [k]:

[t̃ip'awa] [kip'awa] /kipawa/ nós (inclusivo) estamos bêbados'

[t̃i'akop'] [ki'ak'op'] /kiakop/ 'sol'

Note-se que Rodrigues e Caspar (2017) descreve um fato importante da língua Tuparí, percebido por Caspar, falante nativo de alemão, que é a lenização de consoantes oclusivas em final de sílabas, retomada mais tarde por Alves (2004). Trata-se da variação de [p'], [t'], [k'], respectivamente com [b'], [d'] [g'].

Alves (1991), orientada por Rodrigues, refina a descrição dessa variação, mostrando a ocorrência dela em final de sílaba. Nossos dados, coletados a partir de 2011, mostram ser essa variação muito frequente.

Outros achados de Rodrigues e Caspar, com respeito às oclusivas foram as seguintes:

a- A descrição de um som oclusivo pré-palatal (palato-alveolar) sonoro não aspirado [ḍ] que ocorre em meio da palavra antes de junção semi-aberta e em posição final, seguindo /i/ e /ö/, em variação livre com [tʰ].

[ukoid̃]	[ok'oitʰ]	/okoit/	‘minha irmã’
[amtsik ^h üḍ'a]		/amsiköt=a/	‘esquilo’

b- A descrição de um som oclusivo pré-palatal (palato alveolar) surdo não aspirado [ṭ] que ocorre antes de /i/, especialmente em início de palavra, em variação livre com [k]:

[ṭip'awa]	~[kip'awa]	/kipawa/	‘nós (inclusivo) estamos bêbados’
[ṭi'akopʰ]	~[ki'ak'opʰ]	/kiakop/	‘sol’

Rodrigues e Caspar descrevem três oclusivas aspiradas [p^h], [t^h], [k^h], mas essas realizações dos fonemas /p/, /t/ e /k/, respectivamente, não foram mencionados por Alves (1991, 2004) nem por Singerman (2018), nem foram comprovadas em nossos dados. Por outro lado, o ensurdecimento parcial de vogais em alguns contextos não foi mencionado por Rodrigues e Caspar (2017), mas identificado por Alves (2004) e constatado em nossos dados. Exemplos de Alves (2004) confirmado em nossos dados:

/ipot/	[ihɸotʰ]	‘peixe’
/pa'takʰ/	[pah'takʰ]	‘barriga’

Trata-se de um processo raro em línguas Tupí, encontrado até o presente em três línguas, incluindo o Tuparí. As outras línguas são o Zo'é (CABRAL, 1996a, 2000) e o Guajá (CUNHA, 1987; MAGALHÃES, 2002).

Rodrigues e Caspar também não identificaram a fricativa bilabial surda [ɸ], alofone de /p/ seguido de /ɛ/ e de /o/, como mostram os exemplos dados por Alves (2004, p. 36):

/po/	[ɸoʔ]	‘mão’
/py'ʔyk/	[ɸy'ʔykʰ]	‘preto’

1.1.2 Sons nasais

Os sons nasais têm os mesmos pontos de articulação que os sons oclusivos.

/m/ - É realizado sempre como som nasal bilabial sonoro e ocorre em início, meio e fim de palavra:

[mãka]	/maka/	‘entregue!’
['amək 'o]	/ameko/	‘cão’
[k 'emko 'ö]	/kemkoö/	‘leite’
[t 'orõm]	/torom/	‘nambu-azul’ (espécie de ave)

/n/ - É realizado sempre como som nasal alveolar sonoro e ocorre em início, meio e fim de palavra:

[nɛː]	/ne/	‘faça!’
[w 'ano 'ã]	/wanoa/	‘meu coração’
[tsapüt`na]	/sapötna/	‘entre eles’
[anto]	/anto/	‘verme’
[no`n]	/non/	‘o outro’

/ŋ/ É realizado sempre como som nasal velar sonoro e ocorre em meio e fim de palavra:

[wa`ŋemts`it`]	/wa`ŋemsit/	‘meu neto’
[ɛ`ŋköp`]	/e`ŋköp/	‘praia (margem)’
[p ^h ogapɛpã`ŋgã`ŋ]	/pok=apepa`ŋpa`ŋ/	‘uma espécie de jabuti’
[βi-`i`ŋ]	/wi=i`ŋ/	‘saúva’

1.1.3 Africado

O africado /ts/ possui os dois seguintes alofones:

[ts] africado alveolar surdo não aspirado ocorre em início e meio de palavra:

[tsi`it`]	/siit/	‘quati’
[waüts`i`]	/waösi/	‘minha mulher’
[`etsa]	/esa/	‘venha!’
[`öp`tsi`o]	/öpsio/	‘vento’

[s] fricativo alveolar surdo ocorre raramente em variação livre com [ts]:

[kis`ito]	/kisito/	‘nossos (incl.) pés’
[etsito]	/esito/	‘teu pé’
[h`as`ioː] ~ [h`ats`ioː]	/hasio/	‘tamanduá’

Observamos que, embora ainda haja variação entre [s] e [ts], há predominância da pronúncia [s], principalmente entre os jovens.

/r/ possui os seguintes alofones:

[r] flepe alveolar sonoro ocorre em interior de palavra, predominantemente entre vogais:

[k'irɛ] /kire/ 'ser humano'

['or'or'o] /ororo/ 'linha (fio)'

[pu'rɐ] /porpe/ 'tacape'

[l] lateral alveolar sonoro ocorre entre vogais, em variação livre com [r]:

[kalükalü'a:] ~ [karükarü'a:] /karökaröa/ 'mosca verde'

[ki'alɛɛ] ~ [ki'arɛɛ] /kiarere/ 'em cima'

Esta variação não foi atestada por Alves (1991), por Singerman (2016) e nem nos dados que fundamentam a presente tese.

/h/ É realizado sempre como consoante fricativa glotal surda; ocorre apenas em início de palavra:

[h'aü] /h'aö/ 'bugio'

[hatʰ] /hat/ 'cobra'

[ho-'opʰ] /ho-op/ 'este'

/w/ possui os seguintes alofones:

[w] semivogal posterior arredondada ocorre em início, meio e final de palavra:

[wa'p'ɛ] /wape/ 'minha testa'

[awat'ɛ:] /awate/ '*Dioscorea sp.*'

[awɛ] /awe/ 'saboroso'

[kitʰw'a:t] /kit=wat/ 'nós (inclusivo)'

[β] fricativa bilabial sonora ocorre em variação livre com [w]:

[βi-'i'ŋ] ~ [wi-'i'ŋ] /wi=i'ŋ/ 'saúva'

[εβ'it̃] /ewit/ 'mel'

[εwiret̃] /ewiret/ 'o mel'

Em suma, a única diferença quanto aos fonemas identificados por Rodrigues e Caspar (2017) e os identificados por Alves (1991, 2004) e Singerman (2016, 2018) são as seguintes: Alves (1991, 2004) acrescenta o fonema /tʃ/; e Singerman (2016, 2018), os fonemas /tʃ/, /ʃ/ e /dʒ/, /b/ e /d/, mas não inclui o fonema /ŋ/.

Quanto ao fonema [tʃ], verificamos em nossos dados que ele ocorre em variação com [k] diante de [ε], como em macaco de cheiro' [tʃek'ka] ~ [kek'ka], termo que é um empréstimo Makuráp. A palavra farinha também é um empréstimo Makuráp [tʃaj'wut̃].

Sobre [b], ocorre na fala rápida em variação com [p̃]; o [g] ocorre em variação com o [k] em final de sílaba quando flexionado por morfema casual iniciado por vogal.

Não há em nossos dados evidências de um fonema /ʃ/ e, em nossa análise há na língua Tuparí um fonema /ŋ/. Sendo a alternância /k/ vs. /ŋ/ em palavras como [kiẽka] 'nós dançamos' e [ẽẽŋ] 'dance!' e [mã'ka] /mãka/ 'fazer ir' vs. /mãŋ/ ['mãŋ] 'faça ir!' resultado da nasalização de /k/ antes de silêncio, quando precedido de vogal nasal. É importante dizer que [ãŋ] 'pênis', quando flexionado pelo ablativo *-ere*, a nasal velar não muda para /k/ = ['ãŋε're] ~ ['ãŋge're] /'ãŋε're/, assim como ocorre com a palavra para 'fumaça' [sĩŋ] /sĩŋ/, quando a ela é adicionada o sufixo ablativo – *ere* ['sĩŋε're] ~ ['sĩŋge're] /sĩŋε're/. Esses dados mostram que há um fonema /ŋ/ em Tuparí que não muda para /k/, quando em fronteira de morfema, e quando o morfema é oral e iniciado por vogal. O que ocorre é uma variação entre [ŋ] e [ŋg], esta última, mais frequente em fala de pessoas mais jovens. Por outro lado, o fonema /k/ se nasaliza antes de silêncio, quando precedido de fonema nasal na mesma sílaba. Nasalização de fonemas orais antes de silêncio é comum em línguas Tupí e em outras línguas nativas do Brasil, como demonstrado por Rodrigues (2003) em seus dois artigos seminais "Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras" e "Contribuições das Línguas Indígenas Brasileiras para a Fonetica e a Fonologia" (1984)

Rodrigues e Caspar descreve as seguintes vogais do Tuparí.

1.2 Vogais

/i, ĩ/ vogais altas posteriores não-arredondadas. A primeira é oral e a segunda nasal.

A vogal /i/ tem também um alofone nasal que ocorre contíguo a consoantes nasais:

[kĩɛ]	/kĩɛ/	‘ser humano’
[mĩ-ã]	/mia/	‘ferroar, picar’
[ˈmĩka]	/miika/	‘jejuar’
[hĩtˈo]	/hĩto/	‘colar’
[apɛwirikˈ-ĩ-ĩapˈapˈ]	/apɛwirik=ĩ=ĩapap/	‘uma espécie de flecha’

Além disso, /i/ tem ainda os seguintes alofones:

[y] semivogal anterior não arredondada ocorre em início e meio de palavra, em variação livre com [i]:

[yü] ~ [iü]	/iö/	‘água’
[yopˈ-a]	/iop=a/	‘cera’
[kˈoroɣtˈkʰap]	/koroitkap/	‘remo’
[ayo]	/aio/	‘nome de mulher’

[ɲ] nasal pré-palatal sonoro ocorre contíguo a fonema nasal (raramente antes de vogal alta): ɲ

[ɲˈõa]	/iõa/	‘dá!’
[uˈɲˈɛ]	/õie/	‘eu’
[maɲ]	/mai/	‘mandioca’

[d] oclusivo pré-palatal sonoro ocorre em início de palavra e entre vogais, especialmente antes de vogais altas, em variação livre com [i] e [ɲ]:

[dɔkˈaɲ] ~ [ɲɔkˈaɲ]	/iokan/	‘tucano’
[waˈduruɪ]	/waioroi/	‘nome de homem’
[ˈũˈdipˈ]	/õiip/	‘frito’

/e, ĩ/ vogais não arredondadas, anteriores médias, a primeira não-nasal e a última nasal.

/e/ possui um alofone aberto [ɛ] (frequente) e um fechado [e] (raro). O último ocorre especialmente antes de /i/ e no final de palavra em variação livre com [ɛ]. Além disso, /e/ tem um alofone nasal [ẽ]. /ẽ/ é, ao contrário, sempre [ẽ]:

[er'et'] ~ [ɛr'ɛt']	/eret/	‘amanhã’
['otera] ~ ['otɛra]	/otera/	‘eu vou’
[k'at'ke] ~ [k'at'kɛ]	/katke/	‘o que?’
[pei'ŋ]	/pei'ŋ/	‘cheirar’
['eyt]	/eit/	‘nuvens’
[ɛmaɛ] ~ [ẽmaɛ]	/emae/	‘fala (língua)’
['iẽã]	/iẽã/	‘ele briga com ele’
[wa-ẽtobam]	/wa=ẽtop=am/	‘na panela’

/ö, õ/ vogais arredondadas, menos posteriores, médias, a primeira não nasal e a segunda nasal. /ö/ possui um alofone aberto [ö] e um fechado [ü], os quais podem variar livremente:

[maj-'ö]	/mai=ö/	‘bebida de mandioca’
['ɛönɛm] ~ ['ɛünɛm]	/ɛönɛm/	‘suor’
['ö]	/ö/	‘pintura’
['üa]	/öa/	‘pintar’
[ö.m-ömka]	/öm=ömka/	‘sujar’
[h'ürü]	/hörö/	‘dois’
[tẽũũka]	/teõõka/	‘ele geme’

/o, õ/ - Vogais arredondadas, mais posteriores, médias, a primeira não nasal e a última nasal. /o/ possui um alofone aberto [o] e um fechado [u], os quais podem variar livremente ou podem ser condicionados pelo ambiente: /õ/ possui um alofone aberto [õ] e um fechado [ũ]:

[oto.to]	/ototo/	‘meu avô’
[o.n]	/on/	‘eu’
[unɛ]	/one/	‘eu’
[m'õket'] ~ [m'oket']	/moket/	‘mais cedo’

[n' õ.ã]	/iõa/	‘da !’
[nũk' ɛda]	/iõket=a/	‘secam’
[' õ.ka]	/õka/	‘vamos!’
[' õ-ẽrã]	/õ=era/	‘extinguir (fogo)!’

/a, ã/ vogais não arredondadas, centrais, baixas, a primeira não-nasal e a última nasal. /a/ é muitas vezes realizada como /ã/ quando contígua a um fonema nasal:

[akürap']	/akörap/	‘macaco-prego’
[β' ɛpaka]	/wepaka/	‘estou acordado’
[ãrãmirã] ~ [aramira]	/aramira/	‘mulher’
[n' õã]	/iõa/	‘dá!’
[k ^h õbãk' ã]	/köp=akã/	‘galho’
[open-ãen]	/open=ãen/	‘minha corda de arco’

1.3 Juntura

Há em Tuparí três junturas fonêmicas, que se constituem em limites de fonemas fonologicamente relevantes para distinguir uma juntura fechada, uma semiaberta e uma aberta.

3.1 Juntura fechada /+/ ocorre na união dos radicais com determinados afixos e em vários casos de composição. Essa juntura se caracteriza pelo aspecto morfofonético e por não permitir pausa. Será simbolizada pelo símbolo /+/ apenas quando for útil para a discussão das formas gramaticais. Por exemplo:

<i>ier+et</i>	‘o resto’	(<i>iet</i> ‘resto’ + /+/ + <i>-et</i>)
<i>kiako+et</i>	‘o Sol’	(<i>kiakop</i> ‘Sol’ + /+/ + <i>-et</i>)
<i>ek+o</i>	‘para a casa’	(<i>ek</i> ‘casa’ + /+/ + <i>-o</i>)
<i>wa+m</i>	‘na rede’	(<i>wap</i> ‘rede’ + /+/ + <i>-m</i>)
<i>to+ap</i>	‘espelho’	(<i>top</i> ‘ver’ + /+/ + <i>-ap</i>)
<i>mensir+op=si</i>	‘sogra da mulher’	(<i>memsit</i> ‘criança em relação a mulher’ + /+/ + <i>op</i> ‘pai’ + /=/ + <i>si</i> ‘mãe’)

1.3.1 Juntura semiaberta / = / ocorre na união dos radicais com determinados sufixos e na maioria dos casos de composição. Ademais, ela se encontra também em certos radicais,

tanto no interior quanto no início e no final deles mesmos. Ela se caracteriza pelo fato de não ocorrer nenhuma mudança morfofonética precedendo-a. Ela condiciona também uma pequena pausa potencial que, muitas vezes, é realizada em discursos cuidadosos e lentos. Por exemplo:

<i>pöop=om</i>	‘um não perito’	(<i>pöop</i> ‘um perito’ + /=/ + <i>-om</i>)
<i>posi=om</i>	‘não difícil’	(<i>posi</i> ‘difícil’ + /=/ + <i>-om</i>)
<i>pep=a</i>	‘borboleta’	(<i>pep-</i> ‘asa’ + /=/ + <i>-a</i>)
<i>pep=o</i>	‘asa’	(<i>pep-</i> ‘asa’ + /=/ + <i>o</i>)
<i>memsit=aösi</i>	‘enteada de mulher’	(<i>memsit</i> ‘criança em relação a mulher’ + /=/ + <i>aösi</i> ‘esposa’)
<i>kopkap=epa</i>	‘brilho’	(<i>kopkap</i> ‘fogo’ + /=/ + <i>epa</i> ‘olho’)
<i>wa=i</i>	‘pedra’	
<i>wamo=a</i>	‘pajé’	
<i>=et</i>	‘dormir’, compare <i>o-era</i> ‘eu dormi’ com <i>wepaka</i> (raiz <i>epak</i>) ‘eu estou acordado’;	
<i>pop=</i>	‘ter medo’, compare <i>opop=a</i> ‘eu tenho medo’ com <i>otoa</i> (raiz <i>top</i>) ‘ele me viu’;	

Rodrigues e Caspar não identificaram um fonema glotal /ʔ/, mas mencionaram o que eles chamam de “pequena pausa potencial” (ver acima), a qual corresponde ao fonema oclusivo glotal surdo, na maioria dos exemplos dados por eles, na presente seção.

1.3.2 Juntura aberta /#/ ocorre entre palavras e condiciona uma pausa potencialmente longa. Será indicada na escrita pelos espaços antes e depois das palavras. Por exemplo:

<i>i+õ+pop=sit#h+aöp</i> , respectivamente <i>iõpop=sit haöp</i>	‘o filho daquele a quem ele matou’ (lit. ‘o filho de morto’)
<i>te+pop=a#ameko+re</i> , respectivamente <i>terop=a amekore</i>	‘ele tem medo do jaguar’
<i>wamo=a#kiem#te=er+a+ere#to+a</i> , respectivamente <i>wamo=a kiem te=eraere toa</i>	‘apenas o pajé vê no sono’

1.4 Fenômenos prosódicos

Sobre o fenômeno prosódico, os dados indicam diferenças de duração e intensidade entre vogais longas e curtas, entre sílabas acentuadas e não acentuadas. Estes fenômenos prosódicos não foram anotados continuamente, aparecendo apenas em alguns momentos nos dados. Se isso reflete a real situação da fala ou é atribuída a uma transcrição incompleta não pode ser ainda verificado. Não se pode decidir se a duração e a intensidade possuem relevância fonológica.

Compare os seguintes exemplos:

['a 'pɛ] e ['a. 'pɛ] ‘caminho’

['ɛtɛra] e [ɛt 'ɛ.ra] ‘vá!’

['tokum 'ɛ] e [tog 'umɛ] ‘não é longe’

[k'o. 'at'ak'a 'o.n] ‘eu tusso’

[poarɛ], [p'oarɛ], [p'oar 'ɛ], [po'arɛ] e [p'o'a.rɛ] ‘é bom’

Como solução provisória, duração e intensidade não foram consideradas como fonêmicas e na análise morfológica não foram levadas em consideração. Há alguns problemas fonológicos e morfofonológicos cuja solução correta provavelmente dependerá do conhecimento da intensidade ou da entonação.

Alves (1991, 2004) descreve vogais longas para o Tuparí, exceto a vogal anterior média baixa. Singerman (2016, p. 457) assume que todas as vogais orais do Tuparí contrastam quanto à duração, confirmando a análise de Rodrigues e Caspar. Em nossos dados, todas as vogais orais apresentam contraste dessa natureza, como previram Rodrigues e Caspar.

2. FENÔMENOS MORFOFONÊMICOS

São descritos fenômenos que podem ser considerados como mudança do morfema (raízes e afixos) que ocorrem sob determinadas circunstâncias fonológicas.

2.1 FENÔMENOS EM JUNTURAS FECHADAS

2.1.1 Morfemas que terminam em /p/ perdem esse fonema antes de junta fechada:

epiet ‘a banana’ (*epip* ‘banana’ + /+/ + *-et*)

toa ‘(ele) viu’ (*top* ‘ver’ + /+/ + *-a*)

kaere ‘bebendo’ (*kap* ‘a bebida’ + /+/ + *-ere*)

iam ‘no recipiente’ (*iap* ‘recipiente’ + /+/ + *-m*)

2.1.2 Morfemas que terminam em /m/ perdem esse fonema antes de juntura fechada.

A vogal oral que imediatamente precede /m/ é substituída pela vogal nasal correspondente:

ōa ‘(ele) deu’ (*om* ‘dar’ + /+/ + *-a*)

ēa ‘(ele) brigou’ (*em* ‘luta’ + /+/ + *-a*)

āen ‘o cordão (do arco)’ (*am* ‘cordão’ + /+/ + *-et*)

2.1.3 Morfemas que terminam em /t/ têm esse fonema substituído por /ɾ/ antes de juntura fechada:

ieret ‘o resto’ (*iet* ‘resto’ + /+/ + *-et*)

erero ‘de manhã’ (*eret* ‘manhã’ + /+/ + *-o*)

haporere ‘na velha maloca’ (*hapot* ‘velha maloca’ + /+/ + *-ere*)

etera ‘vá’ (*e-* + /+/ + *tet* ‘ir’ + /+/ + *-a*)

2.1.4 Morfemas que terminam em /k/ expressam o alofone [g] antes de juntura fechada:

pataket [papaget] ‘a barriga’ (*patak* ‘barriga’ + /+/ + *-et*)

wirikere [wirigere] ‘na plantação’ (*wirik* ‘plantação’ + /+/ + *-ere*)

eko [ego] ‘por casa’ (*ek* ‘casa’ + /+/ + *-o*)

Os casos em que o sufixo *-a* segue a juntura formam uma exceção, sendo expresso o alofone [k] no lugar do [g]:

epsika [epsika] ‘senta-te’ (*e-* + /+/ + *epsik* ‘sentar-se’ + /+/ + *-a*)

wepaka ‘eu estou acordado’ (*o-* + /+/ + *epak* ‘estar acordado’ + /+/ + *-a*)

2.1.5 Sufixos que começam com /e/ perdem esse fonema em juntura fechada, se eles forem adicionados a radicais que terminam em vogal.

apet ‘o caminho’ (*ape* ‘caminho’ + /+/ + *-et*)

kot ‘a tosse’ (*ko* ‘tosse’ + /+/ + *-et*)

- iöt* ‘a chuva’ (*iö* ‘chuva’ + /+/ + *-et*)
iamsire ‘no seu nariz’ (*i-* + /+/ + *amsi* ‘nariz’ + /+/ + *-ere*)
apere ‘no caminho’ (*ape* ‘caminho’ + /+/ + *-ere*)
apore ‘sobre quem?’ (*apo* ‘quem?’ + /+/ + *-ere*)

2.1.6 Quando prefixos que terminam em uma vogal ou que consistem de uma única vogal são adicionados por juntura fechada a radicais que começam pela mesma vogal, ambas as vogais se fundem:

- tepaka* ‘ele está acordado’ (*te-* + /+/ + *epak* ‘estar acordado’ + /+/ + *-a*)
epsika ‘senta-te’ (*e-* + /+/ + *apsik* ‘sentar-se’ + /+/ + *-a*)
otemae ‘nossa (EXCL.) fala’ (*ote-* + /+/ + *emae* ‘fala’)
op ‘meu pai’ (*o-* + /+/ + *op* ‘pai’)
kiope ‘conosco (INCL.)’ (*ki-* + /+/ + *iop* ‘com’)
iam ‘no seu recipiente’ (*i-* + /+/ + *iap* ‘recipiente’ + /+/ + *-m*)

2.1.7 Quando, nas circunstâncias dadas em 2.1.6, a vogal inicial do radical é diferente daquela do prefixo, ambas as vogais permanecem invariáveis:

- ki-epaka* ‘nós’ (INCL.) estamos acordados’
ote-iop ‘conosco’ (EXCL.)
e-amsi ‘teu nariz’

O prefixo *o-* forma uma exceção; antes de /e/ inicial e /a/: transforma-se em *w-*:

- wepaka* ‘eu estou acordado’ (*o-* + /+/ + *epak-* ‘estar acordado’ + /+/ + *-a*)
wak ‘minha filha’ (*o-* + /+/ + *ak* ‘filha em relação ao pai’)

2.1.8 Antes dos sufixos *-a* ‘formativo dos temas em *-a* junto a verbos’, *-ap* ‘nomes de ação’ e *-at* ‘agentivo’, ocorre a queda da vogal final. Por exemplo:

- ma* ‘lugar’ (*ma-* ‘lugar’ + /+/ + *-a*)
porá ‘quebrar’ (*pore-* ‘quebrar’ + /+/ + *-a*)
ka ‘comer’ (*ko-* ‘comer’ + /+/ + *-a*)

<i>maam</i>	‘fala, discurso’	(<i>mae</i> ‘falar’ + /+/ + - <i>ap</i>)
<i>sap</i>	‘a caça’	(<i>si</i> ‘caça’ + /+/ + - <i>ap</i>)
<i>harat</i>	‘local’	(<i>hare</i> ‘aqui’ + /+/ + - <i>at</i>)
<i>iöpsipat</i>	‘habitante da água’	(<i>iöpsipe</i> ‘no interior da água’ + /+/ + - <i>at</i>)

Exceção é o caso em que a vogal final é *-o* do sufixo instrumental-alativo:

<i>tokoat</i>	‘alguém que vai’	(<i>tok</i> ‘distância’ + /+/ + - <i>o</i> + /+/ + - <i>at</i>)
---------------	------------------	---

Rodrigues e Caspar analisaram com clareza os fenômenos morfofonológicos que ocorrem em Tuparí, fenômenos estes retomados por Alves (1991, 2004) e por Singerman (2016, 2018). Os estudos de Alves e Singerman comprovam a descrição básica desses fenômenos feita pelos pioneiros do estudo da língua.

2.2 NASALIZAÇÃO

2.2.1 Quando um sufixo terminando em *t* entra num radical que tem um fonema nasal na sua última ou penúltima sílaba, o *t* do sufixo transforma-se em *-n*:

<i>penen</i>	‘o arco’	(<i>pen</i> ‘arco’ + - <i>et</i>)
<i>arimen</i>	‘o macaco’	(<i>arime</i> ‘macaco’ + - <i>et</i>)
<i>aramiran</i>	‘a mulher’	(<i>aramira</i> ‘mulher’ + - <i>et</i>)
<i>õan</i>	‘negociante’	(<i>om</i> > ã- [conferir 2.1.2.] ‘dar’ + - <i>at</i>)
<i>apnan</i>	‘alguém que toca flauta’	(<i>apne</i> - ‘flauta’ + - <i>at</i>)

2.2.2 Se o sufixo *-ap* entra num radical que contém um fonema nasal na sua última ou penúltima sílaba, então o *p* do sufixo transforma-se em *m*:

<i>mam</i>	‘o plantio’	(<i>ma</i> - ‘plantar’ + - <i>ap</i>)
<i>õam</i>	‘o (ato de) dar’	(<i>om</i> > ã- [conferir 2.1.2.] ‘dar’ + - <i>ap</i>)

2.2.3 Junto a morfemas que contêm um fonema nasal e terminam em *k*, este transforma-se em /'ŋ/ ao ser adicionado um sufixo com som explosivo ou africado. Por exemplo:

<i>eŋto-</i>	‘dançar’ (<i>ẽk</i> ‘dançar’ + <i>-to-</i>)
<i>niŋto-</i>	‘tecer’ (<i>nik-</i> ‘tecer’ + <i>-to-</i>)
<i>niŋpe</i>	‘casca de, para tecidos decorativos’ (<i>nik-</i> ‘tecer’ + <i>pe</i> ‘casca’)
<i>niŋpsit</i>	‘coisa na qual está escrito algo’ (<i>nik</i> ‘tecer’ + <i>-sit</i>)

Rodrigues e Caspar identificaram o fenômeno da nasalização do /k/, em final de tema, precedido por fonema nasal e seguido por consoante oclusiva ou africada. Embora não tenham lidado com dados que mostram essa nasalização antes de silêncio, como /*ẽẽŋ*/ ‘dance’ /*ŋ*/ no imperativo, o que dizem sobre a nasalização de /k/ acima faz parte da regra mais geral da nasalização de /k/ e das demais oclusivas da língua.

Singerman (2016) amplia a descrição da nasalização de oclusivas surdas em Tuparí, demonstrando que oclusivas surdas se nasalizam obrigatoriamente em posição de coda, seguindo uma vogal nasal, como havia demonstrado anteriormente Rodrigues e Caspar (1957), para os fonemas /p/, /t/, e /k/. Singerman, entretanto, propõe que esse processo seja considerado independente de propagação de nasalidade e regido por um princípio fonotático independente que requer que todas rimas silábicas sejam oral ou nasal.

2.3 SIMPLIFICAÇÃO DE GRUPOS CONSONANTAIS

2.3.1 Quando dois sons explosivos idênticos se encontram por composição de morfemas, eles são simplificados:

<i>ito-</i>	‘vir’	(<i>it-</i> ‘vir’ + <i>-to-</i>)
<i>tetetka</i>	‘perambular’	(<i>tet-</i> ‘ir’ + <i>tet-</i> ‘ir’ + <i>-ka</i>)
<i>tope</i>	‘ao ver’	(<i>top-</i> ‘ver’ + <i>-pe</i>)
<i>köpora</i>	‘cortar árvores’	(<i>köp</i> ‘árvore’ + <i>pöra</i> ‘cortar’)

Alves (2004) descreve três processos suprasegmentais, não observados por e Rodrigues e Caspar: laringalização, inserção de um som glotal e ensurdecimento vocálico.

1. Laringalização

Alves identificou vogais laringalizadas, tanto orais quanto nasais, em dois contextos determinados:

- em contiguidade com a oclusiva glotal [ʔ]: [ʔyʔ] ‘bebida’ e [ta¹raʔ] ‘largo’.

- contíguas aos segmentos nasais [m¹], [n¹] e [ʔ¹η¹]. Consoante Alves, “[...] o segmento nasal pode não só nasalizar, mas também laringalizar a vogal precedente.” (p.46):

/jam/	[nã ² m ¹]	‘banco’
/men/	[mẽ ² n ¹]	‘marido’
/si ¹ η/	[sĩ ² η ¹]	‘fumaça’.

2. Ensurdecimento

Segundo Alves (2004, p.47) “foneticamente, ocorrem sequências de vogal e de fricativo glotal [Vh].” A autora explica que essas sequências são consideradas como um processo assimilatório parcial, pois a sonoridade da vogal se assimila à consoante surda seguinte ou à pausa. Observa ainda que o ensurdecimento é opcional, mas que é mais frequente e muito produtivo diante de consoante oclusiva oral surda supraglotal:

/ipot/	[ihφot ¹]	‘peixe’,
/pa ¹ tak/	[pah ¹ tak ¹]	‘barriga’
/o ¹ kio/	[oh ¹ kio]	‘homem’.

3. Acréscimo da Oclusiva Glotal

Alves observa que uma palavra em Tuparí não termina foneticamente por vogal, pois os falantes tendem a acrescentar uma consoante oclusiva glotal ao final da mesma. Quando isso ocorre, laringaliza a vogal precedente: /ʔy/ [ʔyʔ] ‘bebida’, /¹pepʔa/ [¹pep¹ʔaʔ] ‘borboleta’.

4.9. Os símbolos usados para representar os fonemas do Tuparí nesta tese

Consideramos o trabalho pioneiro de Rodrigues e Caspar sobre a fonologia da língua Tuparí, assim como as contribuições de Alves (1991, 2004) e de Singerman (2016, 2018a) na fonemização dos sons do Tuparí adotados nesta tese, mas considerando também os nossos próprios dados. A tabela seguinte contém os fonemas consonantais do Tuparí, depreendidos:

Quadro 01 – Fonemas Consonantais do Tuparí

	Supraglotais				Velar	Glotais
	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal		
Oclusivas orais	p	t			k	ʔ
Oclusivas nasais	m	n			ŋ	
Fricativas		s				h
Africadas			(tʃ)			
Aproximantes	w	r		j		

Identificamos 14 fonemas consonantais, sendo que /tʃ/ ocorre marginalmente. Não encontramos mais do que quatro palavras em nosso *corpus* com o som [tʃ], sendo que duas delas são claramente empréstimos, e em uma outra trata-se de variação com [k] diante de vogal anterior. O fonema /tʃ/ foi registrado em /tʃoro'ro•tʃoro'rokat/ ‘choca, espécie de ave’ e /tʃe'ka:t/ ‘macaco-de-cheiro’, e em duas palavras emprestadas da língua makuráp, /ko'titʃa/ ‘curimatã’ e /tʃa'ʔy/ ‘farinha’.

Quadro 2 – Quadro fonológico das vogais orais curtas e longas

	+anterior		-anterior		
	-arredondada		+ arredondada		
+ alta	i	i:		ɥ	ɥ:
- alta					o o:
-baixa	ɛ	ɛ:			
+baixa			a a:		

Quadro 3 – Fonológico das vogais nasais

	+ anterior		-anterior		
	-arredondada		+ arredondada		
+ alta	ĩ			ũ	
- alta					õ
-baixa	ẽ				
+baixa			ã		

Na presente tese, utilizamos uma escrita fonológica, mas usando os seguintes símbolos correspondentes aos fonemas da língua:

Fonemas	=	Grafemas
a	=	a
a:	=	à
ε	=	e
ε:	=	è
ẽ	=	ẽ
i	=	i
i:	=	ì
ĩ	=	ĩ
ϵ	:	u
ϵ:	=	ù
ũ	=	ũ
o	=	o
o:	=	ò
õ	=	õ
p	=	p
t	=	t
k	=	k
m	=	m
n	=	n
ŋ	=	ŋ
ts	=	s
tʃ	=	tʃ
h	=	h
r	=	r
w	=	w
j	=	y

Nessa breve apresentação, fizemos uma síntese da fonologia da língua Tuparí, considerando principalmente o trabalho pioneiro de Rodrigues e Caspar, base fundamental para todos os trabalhos subsequentes. Mostramos a contribuição de Rodrigues e Caspar (2017) e as contribuições de Alves (1991, 2004), assim como a contribuição de Singerman (2016) sobre a propagação de nasalidade e sobre a existência de vogais longas, incluída a vogal /ɛ:/, embora não aceitemos sua análise que exclui o fonema /ŋ/ do Tuparí. A síntese aqui apresentada é importante para fundamentar a escrita fonológica adotada na presente tese.

APÊNDICE 2 – “KIRE’EAT ÀPSIMA’AM” (CONTANDO A HISTÓRIA DO INÍCIO (SEMENTE) DA HUMANIDADE)

Narrada por Marilza Tuparí
Gravação por Betty Mindlin

(01)	Takam’a-n	mōket	kut	arop	h-ìt	
	cotia-DET	PASS.DIST	T.IM	comida	R ¹ -complemento	
	ẽrẽ	nã,	takam’a-n	nã	tet’e-pne	soi-t
	EXIST.NEG	EST	cotia-DET	EST	somente-N.AT	inambu.relógio ⁴⁰ -DET
	eanã	nã	soro’ep-sira			
	ASSOC	EST	par-N.AT.PL			

‘antigamente (em tempos imemoriais) não existia complemento fundamental de comida (caça), só existia a cotia e o inambu relógio, só eles dois existiam’

(02)	arop	h-ìt	nã	arop	h-it-’om,	
	comida	R ¹ -complemento	EST	comida	R ¹ -complemento-NEG	
	here	kur-e	he	nãkop	takam-’a-n	
	então	T.IM-ABL	esse	DUB	cotia-CLASS.CIR-DET	
	te-arop	ka (ko-a)nerõ	ε	anan	ke	te-’a
	3CORR-comida	comer-ST-NEG		ele	ser.PL	AUX 3corr-aux
	s-opap	s-opap	kòkape-nã	nã	i-’ane-msira	kut
	R ² -milho	R ² -milho	amontadoo-VRBL	EST	R ² -deitado-N.AT	T.IM

‘não tinha complemento de comida e eles pensavam que era a cotia que comia a comida deles; então começaram a deixar o milho amontado’

⁴⁰ *Crypturellus strigulosus*

- (03) nãee tet-na nã tet'e-pnã-m kuut tat
 ideof ir-RSLT.ST EST ir-N.AT-NNC T.IM LUS
- arop Ø-ku'ua takam'a takam'a
 comida R¹-debulhar cotia cotia
- e ke te-a kir-et
 ele AUX 3CORR-AUX gente-DET
- 'ele foi debulhar comida, pensando que era a cotia, mas era a gente'

- (04) arop-na opa-et Ø-ku'ua
 comida-TRANS milho-DET R¹-debulhar
- kan'a-'om s-arop Ø-kana-'om
 farelo-NEG R²-comida R¹-farelo-NEG
- 'debulhava milho, mas não tinha vestígio (farelo) de comida dela (cotia)'

- (05) wi'ij nakop mãe-rõ e anan ke te-a
 formiga DUB carregar-NNA ele ASSOC assim 3CORR-AUX
- wi'ij Ø-ape Ø-oro-a he-'om wi'ij
 formiga R¹-caminho R¹-procurar-STesse-NEG formiga NEG
- Ø-ape'om kir-et kuy sipe nã ã-ane-rõ (h)are
 R¹-caminho-gente-DET terra dentro EST R²-estar-NNA nesse
- 'mas podia ser formiga carregando com ela, aí procurava o caminho da formiga, mas não havia caminho de formiga, era gente debaixo da terra que estava lá'

- (06) here ki-m-aõr-a na tet'e-pn-am kut here kut na
 então IINCL--CAUS-sair-ST EST ir-n.at-NNC T.IM então T.IM EST

‘então nos fizeram sair (Sergio explica que a narradora, nessa hora, inclui Betty, entre os que foram criados por Toba e Atoba)

(07) opaet Ø-ku’u pe tekot-ne-m na-m kut
 milho-DET R¹-debulhar depois tocaia-VRBL-NNC aux-NNC T.IM

ekot-ne-a ekot-ne-m pe, ekot-ne-m pe
 tocaia-VRBL-ST tocaia- VRBL-NNC depois tocaia- VRB -NNC depois
 ‘debulhou milho depois fez tocaia, fez tocaia, depois, fez tocaia’

(08) opae-t Ø-ku’u apsi’a wa-m pe
 milho-DET R¹-debulhar escutar deixar-NNC depois

te-aũwa ekor-o i-peẽ-wa
 3CORR-entrar tocaia-INSTR.AL R²-primeiro-esperar
 ‘debulhou milho e deixou lá, e entrou na tocaia e começou a esperar pelo (malfeitor)’

(09) i-peẽwa takam’a takam’a Ø-peẽwa wan’om
 R²-esperar cotia cotia R¹-esperar mas

pe kut ekot-pe yẽ-rõ (h)are kir-et urõ-re
 depois T.IM tocaia-INES DEIT/SENT-NNA lá gente-DET lá.longe-ABL
 ‘esperou esperou cotia, mas lá, lá longe havia gente’

(10) kuy sipe te-orak ’ip ana na
 terra embaixo 3CORR-grito vir AUX.PLEST

i-ane-msira-p kut
 R²-estar-N.AT.PL-NNC T.IM

‘embaixo da terra eles vinham gritando e choravam’ (quando a mãe viu o milho, saiu arrastando os filhos violentamente; as mães desesperadas)’

(11) hohohohohohohohohohohohoh há

‘velhos conversando entre eles’ (ideofone de muita gente conversando ao longe, de forma que não se entende sobre o que estão falando)

(12) ofuof of kur-et

‘ideof meninotes-DET (ideofone de meninotes chorando)’

Kut pour-et waŋ waŋ waŋ

criança novo-DET IDEOF.choro.de.bebê

kut Ø-si-eat memsir-et kut

criança R¹-mãe-COL filho-DET T.IM

(here) kut te-apsi’a te-yã ekot-pe kire-t

ai T.IM 3CORR-escutar 3CORR-DEIT/SENT.SG tocaia-INES gente-DET

‘os bebezinhos, filhos das mães, choravam, aí ele (o irmão do Demiurgo), dentro da tocaia escutou gente’

(13) i-peëuwa na yẽ (h)ere kut na na

R²-esperar EST DET/SENT então T.IM EST

e::: kire paa e

IDEOF.SURPR gente fala de homem ele

‘esperou eles, aí, ficou surpreso por haver gente (pensava que era cotia ou gente)’

(14) wan’om arop h-ît kerõ::: kèpa na

mas.não comida R¹-complemento suposição puxa EST

o-tet'e wan-'om kire ta aêrê pa nê-rõ
 1-pensar mas.não gente F.M ah! F.H fazer-NNA
 'mas não, eu achava que era caça, mas era gente'

(15) eanã here kut te-po Ø-aor-a
 estar.pl.ST ai T.IM 3CORR-mão R¹-sair-ST

te-ip aneã te-po Ø-aot
 3CORR-vir estar.PL 3CORR-mãoR¹-sair
 'aí, eles botavam as mãos para fora, repetidamente'

(16) te-a te-po-aot po-aot-ka po
 3CORR-estar 3CORR-mão-sair mão-sair-VBLZ mão

tara tara-na te-arop Ø-ar-a
 chatachata-TRANS 3CORR-comida R¹-pegat-ST
 'eles botavam as mãos para fora, mãos achatadas, achatadas, para pegar comida'

(17) te-po Ø-aot po Ø-aot-ka na i-ane-msira-p kut
 3CORR-mão R¹-sair mão R¹-sair-VBLZ EST R²-estar.PL-N.AT T.IM
 'eles botavam e botavam mão para fora naquele tempo'

(18) e e e e i-to-a ekot-pe te-yã
 IDEOF..SURP R²-ver-ST tocaia-INES 3CORR-SENT/DEIT.ST

kire-t kire mar-en
 gente-DET gente outro-DET
 'nossa! olhou dentro da tocaia e havia gente, outra gente'

- (19) kire mar-en Ø-toa e e e e kir-et ta'en pa::
 gente outro-DET R¹-ver IDEOF.SURP gente-DET CONF FH

tẽ-ana hà::re

3CORR-estar.ST lá-ABL

‘viu outra gente, nossa! era gente que estava olhando outra gente lá, mesmo!’

- (20) ke na na tet'e-p na-m kut
 assim EST ír-NNC EST-NNC T.IM

te-apsit-ko-m kara:::

3CORR-entristecer-VRBL-NNC cair-ST

‘ele ficou lá e caiu triste (sem ação)’

- (21) nã tet'e-p na-m kut ekot-pe te-apsi-'a
 EST ír-NNC EST-NNC T.IM tocaia-INES 3CORR-escutar-ST

te-oro-'a erem opa-et

3-ficar ASSOC milho-DET

erote Ø-ar-a 'at'at-ka o-memsir-et

todo R¹-pegar-ST pegar=pegar-VBLZ 1-filho-DET

arop Ø-ar-a ko 'on

comida R¹-pegar-ST AUX 1

‘ficou dentro da tocaia e escutou pegarem o milho todo e disse: “deixem eu pegar a comida para meu filho!”

- (22) kiepe õpot-'om=opot-'om-ka herek'a war-apteka
 agora deixar-NEG=deixar-VBLZ sempre 2PL-AUX

‘não deixavam, não deixavam

war-ap teka o-memsir-et arop Ø-ar-a ko 'on
2PL-AUX AUX 1-filho-DET comida R¹-pegar-ST AUX 1

kiepe te-arop Ø-ar-a keaet war-aka
agora 3CORR-comida R¹-pegar-ST não.deixar 2PL-AUX

‘vocês não deixam eu pegar comida para meu filho, agora ela não deixou pegar comida’

(23) oĩ-ere o-memsir-et arop Ø-ara-'om ka-p e-a
1-ABL 1-filho-DET comida R¹-pegar-NEG AUX-NNC AUX

‘não me diexaram pegar comida’

(24) o-mõre=more-ka war-a ka ke te-ma'ẽ reman
1-empurrar-VBLZ 2PL-AUX AUX AUX 3CORR-falar CONT

yã te-yã opap Ø-ar-a te-ãna
SENT/DEIT.ST milho R¹-pegar 3CORR-ESTAR.PL

te-a opap Ø-ar-a
3CORR- AUX.PL milho R¹-pegar-ST

‘vocês estão me empurrando, a mulher continuou falando, (enquanto) eles pegavam milho e pegavam milho’

(25) te-poaot=poaot ka, nã i-'anem sira-p
3CORR-levantar.mãos AUX EST R²-estar.PL fazer-NNC

kut hẽ-t erote ke pe te-orak tet'a nerõnã
T.IM esse-DET todos assim depois 3CORR-gritar ir.PL novamente

kire ta ãre pa nerõ 'e anã ke kep na-m kut
 gente FM mesmoFH certeza AUX estar.PLassim pensar EST-NNC T.IM

here kut nã te-aot pe te-aot pe
 ai T.IM EST 3CORR-sair depois 3CORR-sair depois

te-apsit-ko-m karo-ro
 3CORR-entristecer-VBLZ-NNC cair-NNA

te-sa ek-o ter-a te-aor-a
 3CORR-sair.ST casa-INTR.AL ir.SG-ST 3CORR-sair-ST

‘ah!eu sabia, eu mesmo que não era, era gente; ai, depois ele saiu triste cabisbaixo e foi para casa triste’ (caiu no silencio, cabisbaixo)

(30) ter-a wa-m te-ma te-aũwa ter-a ma,
 ir-ST rede-INTR.AL 3CORR-deitar 3CORR-entrar.ST ir-ST deitar
 ‘entrou na casa e deitou na rede’

(31) te-pere-n pe ko wã?
 3CORR-arco-DET depois AUX colocar?
 ‘colocou o arco dele’

(32) here i-ket te-sa i-a-m epapat
 ai R²-irmão 3CORR-vir.ST R²-AUX-NNC ver

e ane kiepe ke
 esse AUX.PL dessa.vez AUX
 ‘ai veio dessa vez o irmão mais velho dele ver’

(33) kom=kom ke te-yã erem te-iket õyãr-a

quieto AUX 3CORR-SENT/DEIT ASSOC 3CORR-irmão responder-ST
 ‘ele estava quieto, o irmão dele respondeu’

- (34) wepapat nerõ’om pa’a e wan-’om,
 infelizmente não.ser FH ele mas.NEG
 ‘infelizmente, não é isso’

arop h-ît-’om e arop h-ît-’om
 comida R¹-complemento-NEG esse comida R¹-complemento-NEG

arop h-ît-’om
 comida R¹-complemento-NEG
 ‘não era complemento de comida, não era caça’

- (35) arop h-ît nakop ke w-a na na
 comida R¹-complemento DUB assim 1-AUX EST EST

i-potepoa-p wa-m pe na
 R²-esperar-NNC deixar-NNC depois EST

s-arop na otet’e wan-’om
 R²-comida EST ir.PL mas.NEG

‘caça não era, possivelmente, assim, ele esperava por comida, mas não era comida’

- (36) ke-rõ kire ero’a-re ke-p na kut kire nã
 AUX-NNA gente entrar-ABL AUX-NNC EST T.IM gente EST

te-ane-msira-t kire epaurap⁴¹

⁴¹ Buraquinhos estratégicos por onde caças (cotia, paca, tatu) saem quando são perseguidos por predadores.

3CORR-estar-RSLT.PL-PERF.IM gente buraco.escape

tere nã opae-t Ø-ku'u-p pe
sobre EST milho-DET R¹-debulhar-NNC depois

na o-tet'e-pna-m 'on ke-pnã kut te-ike
EST 1-ir-N.AT-NNC 1 AUX-N.AT.ST T.IM 3CORR-irmão

yãm ãü heman-ne na pe
para IDEOF verdade-n.at EST SUCS

'era gente entrando em cima do buraco; o irmão mais velho dele perguntou se era verdade o que ele viu'

(37) ta na nape na oyẽẽẽ heman
CONF EST isso EST IDEOF(falar) verdade

pa'a e wan-'om
CONF.FH ele próx.NEG

'é verdade o que eu disse, certeza'

(38) ke-pnã-m kut te-ike-t
AUX-N.AT-NNC T.IM 3CORR-irmão-DET

õyĩar-a opoto-a ko 'õn wan
responder-ST ver-ST INT 1 PRÓX

'assim disse, naquele tempo, o irmão dele, eu vi chegando perto'

(39) ã opoto-a ko 'on w-aũw-a o-wan ke-pna-m
IDEOF ver-ST INT 1 1-entrar-ST 1-ir.PROX AUX-N.AT-NNC

'eu também quero entrar e ver, disse o irmão mais velho'

(40) to-a e-ãũw-a e-wan ke-pnã opap Ø-ku'u-psit
 ver-ST 2-entrar-ST 2-ir.PROX AUX-N.AT milho R¹-debulhar-NNP

(41) wa-m pe ke 'en e-aũw-a
 próx-NNC depois int 2 2-entrar-ST

ekor-o ke te-ike-re
 tocaia-INTR.AL INT 3CORR-irmão-ABL

‘você vai entrar e ver, depois de debulhado o milho, vá dentro da tocaia, disse ao irmão mais velho’

(42) here kut tet na-m erero tet pe ekor-o
 assimT.IM ir EST-NNC cedo ir depois tocaia-INST.AL

te-auw-a opap Ø-ku'u-a te-roa
 3CORR-entrar-ST milho R¹-debulhar-ST 3CORR-estar

erem te-aũw pe
 cedo 3CORR-entrar depois

‘assim, naquele tempo, cedo ele foi para a tocais entrou e debulhou milho, depois entrou’

(43) te-yam ta'om ke
 3CORR-ficar.lá esperar.pouco AUX

kut te-orak ìp ane rona
 T.IM 3CORR-barulhar vir.PL 3.AUX novamente

‘e ficou esperando vir o barulho deles novamente’

(44) hãhã hõhã hõhohohõhõ, uf uf uf uf ke kuret

‘barulho de gente falando e choro de criança’

- (45) kuy sipe kire-t
terra dentro gente-DET
‘de gente de dentro da terra’
- (46) te-orak ip anero na opa-et Ø-ar-a
3CORR-entrar vir.PL novamente EST milho-DET R¹-pegar-ST

te-poaot ka
3CORR-levantar.mão AUX
‘eles vieram saindo para pegar o milho, levantando as mãos (pelo buraco)’
- (47) te-yaoroytona opa-et Ø-ar-a
3CORR-chegar milho-DET R¹-pegar-ST

kire po=tara=tara tona upek
gente mão.chata=chata pato
‘a gente chegou pegando o milho, a gente de mão achatada’
- (48) po-nekat na opa-et Ø-ar-a
mão-similar EST milho-DET R¹-pegar-ST

te-poaot-poaot-ka
3CORR-levantar.mão=levantar.mão-VBLZ
‘mão similar a mão de pato, levantando a mão para pegar milho’ ‘
- (49) o-memsir-et arop Ø-ar-a ko ’on
1-filho-DET comida R¹-pegar-ST INT 1

‘eu quero pegar milho para meu filho’

- (50) kiepe katke nape opot-’om=pot’om-ka war-ap
 dessa.vez porque isso deixar-NEG=deixar-NEG-VBLZ 2PL-AUX
 ‘dessa vez não deixou’

- (51) teka na peee ke na na tet’ep-ne-am kut here
 AUX AUX depois AUX EST ir-VBLZ-NNC T.IM então

s-at’-ap ka erote,
 R²-pegar-NNC ir tudo
 ‘depois eles foram e pegaram todo o milho’

- (52) kepe te-at kar-a tet’a nerõna urõm kõ:m
 daí 3CORR-voltar cair-ST ir.PL novamente em.lá silêncio
 ‘daí eles voltaram e caíram novamente em silêncio’

- (53) kire oyẽape-t kut õyea pe kom=kom-ki a
 gente grito-DET criança grito SUCS parar-parar AUX
 ‘parou o falar de gente e o grito das crianças’

- (54) te-at kar-a tet’a nerõnã
 3CORR-voltar cair-ST ir novamente
 urõm here kut te-apsit-ko-m kar-a he’e
 lá.longe então T.IM 3CORR-entristescer-VBLZ.NNC cair-ST esse
 ‘eles voltaram e caíram no silêncio’

- (55) poret na tet’e-pne-am kut (heoe) e e e e

também EST ir.PL-N.AT-NNC T.IM IDEOF.admiração

kire ta a'ẽrẽ pa top-sit na'em

gente FM admiração FH ver-NPC mesmo

na'em eeee (here) te-apsit-ko-m karoró

mesmo IDEOF.admiração 3CORR-entristecer-VRBL-NNC cabisbaixo

'ele viu que era gente mesmo, admirado, saiu cabesbaixo'

- (56) ter-a eg-o ter-o na here kut na
ir-ST casa-INTR.AL ir-ST EST daí T.IM EST

pun ke-ro put ke-ro-'om pun ke ke
IDEOFAUX-NNA IDEOF AUX-NNA-NEG IDEOF. AUX AUX

ke-aet ãã ye yam Ø-por-a
INT-NEG EST DEIT/SENT banco R¹-cortar-ST

'foi para casa, foi de novo, aí não queria que demorasse (gente), começou a cortar '

- (57) yam-na ape'a-re yam-na i-yam-na
banco-VRBL.ST pau(de.fazer banco)-ABL banco-fazer.ST R²-banco-VRBL.ST
'fazer banco do pau (tal), fazer banco para eles (gente)

- (58) i-mãor-am yam-na aramirã Øsiep-na
R²-tirar-NNC banco-VBLZ-ST mulher esteira-VBLZ.ST
'para eles tirarem e fazer banco e fazerem esteira para as mulheres, esteira

- (59) siet naa siet Ø-'om sira
Esteira fazer esteira R¹-tecer esteira

Ø-'om-sira pe aramirã
 R¹-tecer-RSLT.PL depois mulher
 'fazer esteira, fazendo esteira, fazendo esteira

- (60) Ø-siep na te-y-wa-rõ
 R¹-esteira EST 3CORR-NNO-COLocar-NNA

wã-ka-ro-kat na
 COLOCAR-VBLZ-NNA-VBLZ EST
 'fazer esteira para as mulheres sentarem, saíram colocando esteira'

- (61) okio ya-en ape'a-re popsitki=popsiki-ka
 homem banco-DET pau.leve-ABL corte.PL-VBLZ

kirak=kirak=kapsit wã=wã-ka
 quebrar deixa-deixar-VRBL
 'cortaram e quebraram pau de banco para homem'

- (62) okio yãm-na tam'aram te-y-sut
 homem banco-VRBL.ST estojo.peniano 3CORR-NNO-esquentar
 'fazer banco do homem esquentando o estojo peniano deles'

- (63) i-tam'aram-na te-y'o-et
 R²-estojo.peniano-VRBL.ST 3CORR-NNO-colocar-DET

na ke kut na
 EST AUX T.IM EST

'fazer estojo peniano para ele (o fazedor) colocar neles, assim fizeram os dois'

- (64) soroe-psira kut Top'aporet Atop'a poret
 dois.juntos T.IM nome do fazedor nome. (irmão de top'aporet)
 'assim fizeram naquele tempo Top'aporet e Atop'a, os dois juntos
- (65) he ku-re na kir-et maon-sira-p i-maõr-a
 esses T-IM-ABL EST gente-DET tirara-N.AT.PL-NNC R²-tirar-ST
 'foram eles que tiraram gente, tiraram eles'
- (66) wa'it Ø-kiat-ka wait tara tara to:t i-poka-et-pe
 Pedra R¹-erger-VBLZ pedra quadrada bem R²-porta-DET-INES
 'ergueram pedra, pedra bem grande quadrada na porta deles'
- (67) het kiat-ka posi wa'i na pe
 eles erguer-VBLZ pesado pedra EST depois
 'eles ergueram pedra pesada, depois
- (68) het kiat-ka wa'i na pe posi
 ele erguer-VBLZ pedra EST depois pesado
 'eles ergueram pedra depois, pesada'
- (69) suksuk'a wa'i posi-re na na i-kiet hamarõ
 cansaram pedra pesada-ABL EST fazer R²-irmão esquerdo
 'cansaram de peso de pedra pesada, irmão esquerdo (segurando um lado da pedra)'
- (70) i-ket hamarõ ke i-tek-sira aro'a-re kir-et
 R²-irmão esquerdo enquanto R²-segurar-N.AT.PL sair-ABL gente-DET
 '(segurando um lado da pedra)', assim focou segurando, enquanto saía gente/o povo'
- (71) ho'o-et te-yaor-a kir-et te-yaor-a

este 3CORR-sair-ST gente-DET 3CORR-sair.PL-ST

na iamem-sira-p kut

EST assim ir.PL-NNC T.IM

‘estas pessoas estão saindo, gente, estão saindo, assim....’

(essa massa de gente abaixado, coletivo)

- (72) te-yaur-a kir-et ke taropa:t
 3CORR-sair.PL-ST gente-DET assim branco-DET,

ho’op-ear-et wat-ear-et

estes-COL-DET 2PL-COL-DET

‘foram saindo, gente (branco, estes geral (apont. Betty) vocês’

- (73) taropa-t pen payarem wat pen payarem
 branco-DET arma junto-com vocês arma junto.com

‘(a narradora continua), os brancos junto com as armas, vocês (olhando para Betty), com armas’

- (74) te-yaor-a taropa per-en Ø-at pe
 3CORR-sair.PL-ST branco arma-DET R¹-pegar depois

het’oã Tupari po-psim wan’om puop-’om tupari-t

entregar.ST Tupari mão-LOC mas.não saber-NEG Tupari-DET

tarupat tarupat tarupat

branco, branco, branco

‘mas os Tuparí não sabiam, atirar, os Tuparí’

- (75) te-per-en Ø-oã wãn’om toap pot m-or-ã

3CORR-arma-DET R¹-entregar mas.não experimentar CAUS-jogar-ST

ke ke te-a

assim assim 3CORR-AUX

‘entregaram as armas deles (dos brancos) para os Tuparí atirarem, mas eles não sabiam fazê-lo’

(76) wan’om here puop-’om tat top-top-ki-a na
mas.não então saber-NEG somente olhar-VRBL-ST EST

tupari-t ane-mpsira-p kut ote-arop-na tarupa
Tupari-DET estar-N.AT.PL-NNC T.IM 1EXCL-pertence-TRANS branco

‘os Tuparí ficaram só olhando (arma), o branco’

(77) te-per-en wan-’om yero’are
3CORR-arma-DET mas.não enquanto

‘os dois darem a arma para o índio, mas’

(78) puop-’om ke kut na (seria-re mar-en war-emar-en)
saber-NEG AUX T.IM EST (dono-ABL mesmo-DET vocês.mesmos-DET)

‘eles não sabiam atirar (vocês mesmos quem são os donos)’

(79) seria-t na wat-’eane per-en
dono-DET EST 2PL-ser.PL arma-DET

ke kir-et te-yaor-a

AUX gente-DET 3CORR-sair-ST

‘vocês mesmos serão donos da arma futuramente (os índios falando para a gente)’saindo’

- (80) taropa erop'at te-yaor-a taropa eropa-ear-et
branco espírito.mau 3CORR-sair-ST branco espírito.mau- INTR AL. -DET
'os bichos saíram, os bichos'
- (81) poar-et taropa=poar-et te-yaora yerõare
bom-DET branco=bom-DET 3CORR-sáiram enquanto
'enquanto eles, os brancos saíam'
- (82) taropa=erop'a-t te-aor-a na
branco=espírito.mau-DET 3CORR-sair-ST EST

i'anem-sira-p kut i'anem
assim ir.PL-NNC T.IM assim
'os espíritos(brancos) maus saíram, assim foram saindo, assim'
- (83) e e e e hamno-ear-et te-yaor-a kire-ear-et
IDEOF humanidade-COL-DET 3CORR-sair-ST gente-COL-DET
'então todos os humanos saíram, as pessoas'
- (84) kópere-ear-et akurap-ear-et upek-ear-et
boliviano-COL-DET ajuru-COL-DET pato-COL-DET
'Bolivianos, Ajuru, os Pés-de-pato'
- (85) ke'yã-ear-et hamno-ear-et, ewet epapsika ,
gavião-COL-DET inimigo-COL-DET junto cada.com.seu.povo
'os Gaviões, inimigos, cada um com seu povo'
- (86) te-yaor-a et, pe kir-et seḡ kir-et
3CORR-sair-ST depois gente-DET ajuntar gente-DET

‘eles saíram depois e ajuntou gente’

- (87) Kaet poat-ka poat-ka kut hât ki-ane
 ‘Então bom-VRBL bom-VRBL T.IM esses 1INCL-estar.PL
 te-aor-a tana keaet saot kap poat-ka
 3CORR-sair-ST bastante após sair arrumando.gente-VBL (eram feios)
 ‘então eles saíram bastante e consertaram bastante eles’,

- (88) kut hât ki-aneto-t Ø-ĩ-tana tana hat
 T.IM aqui 1INCL-ombro-DET R¹-chifre-comprido comprido aqui
 ‘aqui nossos ombros tinham chifre comprido’
 (ela apontando para os seus próprios ombros, a contadora)’

- (89) ki-aneto-t Ø-ĩ-n
 1INCL-ombro-DET R¹-chifre-DET
 ‘chifre do nosso ombro (todos eram bichos) Top’a pot e o irmão os
 consertaram)

- (90) hât ki-apé toter-et Ø-ĩ tána
 aqui 1INCL-moleira (parte acima da testa)-DET R¹-chifre=comprido
 ‘aqui chifre grande na nossa moleira’

- (91) hât kĩ-yãĩ-n tána
 aqui 1INCL-dente-DET comprido
 ‘aqui nossos dentes compridos’

- (92) he-t kot’o=kot’o-ka hã hã ke kut na
 ai quebrar-VRBL (ideof) AUX T.IM EST

ki-poa-t-ka nã

1.INCL-bom-VBLZ EST

‘eles quebraram, assim, dizem, antigamente, e começaram a arrumar’

(93) Top’a Poret na s-oroe-psira-p

Top’a Poret EST R²-estar-RSLT-NNC

kut te-kir-erem

T.IM 3CORR-irmão mais novo-ASSOC

‘Top’a Poret junto com seu irmão fez isso’

(94) i-nããã ki-poa-t-ka hãt

R²-fazer.ST 1.INCL-bonito-VRBL aqui

ki-apé-t Ø-poa-t-ka

1INCL-testa-DET R¹-bonito-VBLZ

‘eles consertaram aqui nossa testa’

(95) ki-aiñ-en era-t he-t õ-tok-’a

1INCL-queixo-DET grande esse CAUS-espocar-ST

ki-aiñ-em õ-tok’ã

1INCL-queixo-DET CAUS-espocar-ST

‘nosso queixo grande, espocou, esse (porque o queixo dos humanos era muito largo)

(96) here ki-aire-n te-sin-ka

ai 1INCL-bochecha-DET 3CORR-murcho-VBLZ

‘então nossa bochecha murcharam’ (era igual a balão de aniversário, conforme Sérgio Tuparí)’

- (97) ki-amsi-t Ø-poa-t-ka hat pe poa-t-ka
 1INCL-nariz-DET R¹-bom-VBLZ aqui depois bom-VBLZ
 ‘depois consertaram nosso nariz’
- (98) hat ki-epapsi-t pe poa-t-ka
 aqui 1INCL-bochecha-DET depois bom-VBLZ
 ‘aqui nossa bochecha consertaram’
- (99) ki-miaŋ’a-n ki-ata=ku-et pe poa-t-ka
 1INCL-joelho-DET 1INCL-bunda=acima-DET depois bom-VBLZ
 ‘depois consertaram nosso joelho e nossa coluna’ (ata-bunda, kuet-bunda, o joelho dos humanos eram grandes e a coluna não era ereta)
- (100) ki-eoay-t s-oay-ear-et arime-nekat nã ki-eoay
 1INCL-rabo-DET R²-rabo-COL-DET macaco-igual EST 1INCL-rabo

 he-t poret na ku-re akura=pap’at
 aí cortar EST T.IM-ABL aranha
 ‘então a aranha cortou o nosso rabo, o rabo deles (antepassados) era igual ao do macaco, nosso rabo, cortou-os, naquele tempo, a aranha’
- (101) ke kut na na iane-msira hãhãhãhãhãhã
 assim T.IM EST EST estar.PL-N.AT.PL.ST (IDEOF. do que foi contado)
 ‘assim, antigamente aconteceu’
- (102) pe ho’o-et kir-et te-yaot pe
 IDEOF.QUANT aqui-DET gente-DET 3CORR-saíram SUCS
 ‘muita gente, aqui, saiu’
- (103) ka’ap y-ẽma’ẽ Ø-ma’ã kut na

depois R²-linguagem deles R¹-falar.ST T.IM EST
 ‘depois falaram a linguagem deles antigamente’

- (104) tete-pne Top’a Poret ki-ema’ẽ Ø-ma’ã
 assim.N.AT Top’a Poret 1INCL-linguagem R¹-falar.ST
 ‘assim ele fez nossa linguagem falar’

- (105) Tupari Ø-ema’ẽ-ma’ã na i-anem-sira-p kut
 Tuparí R¹-fala-falar.ST EST R¹-ensinar-RSLT-NNC T.IM
 ‘eles ensinaram os Tuparí, antigamente’

- (106) heee na na tepu’uá teroá
 aí EST EST tarde.toda 3CORR-AUX.PL
 ‘aí fizeram (dual) a tarde toda’

- (107) ho’o-et kiako-et te-kar-a te-ray’a
 este-DET sol-DET 3CORR-cair-ST 3CORR-ir-a

key-’a kut i-tom-ka i-e kapne erero-na
 fazia-ST T.IM R²-subir-VBLZ R²-AUXnovamente cedo-TRANS

‘quando o sol baixava, ele puxava novamente logo cedo’ (eles estavam trabalhando o tempo todo, então, tinha que ser dia, porque tinha muito trabalho)

- (108) yõrõ-ka te-kar-a te-ra y’a
 colocar-VRBL 3CORR-cair-ST 3CORR-ir quando

i-tom-ka kiako-et erero na te-sa
 R²-levantar-VBLZ sol-DET cedo TRANS 3CORR-ir

‘quando o sol caia ele puxava novamente pra ficar cedo’

- (109) ke:ke:e:ee na tepu'ua tet
 AUX fazer.ST tarde.toda ir
 n-am kut katsiroe
 fazer-NNC T.IM assim.falam
 'assim faziam a tarde toda, antigamente, assim falam'

- (110) kiako-et te-kar-a te-ra y'a
 sol-DET 3CORR-cair-ST 3CORR-IR COND
 ha-m i'a kirona
 aqui-INTR.AL COND puxar novamente

'quando o sol caía, ele puxava novamente (a narradora usa *hà-m* 'na direção daqui, transportando-se para o cenário dos acontecimentos)'

- (111) kàp mo'em kut nã ki-poaat-ka na tepu'ua
 desse jeito T.IM EST 1INCL-consertar-VRBLEST entardecer
 tete-pna-m kut
 SOMENTE-N.AT-NNC T.IM

'foi desse jeito que antigamente fez consertar, passou o dia todo consertando, antigamente'

- (112) kap pot okit-wat nerõẽ anã
 por.isso antigo nós-COL assim estar.PL
 'por isso nós somos assim'

- (113) nempe s-ot'awak Ø-ma'ẽ-rõ na
 depois.disso R²-música R¹-falar-NNA EST
 'depois disso ensinaram a falar a música deles, novamente'

- (114) nempe s-ot'awak Ø-ma'ẽ-ro na
depois.disso R²-música R¹-falar-ITER EST
'depois disso falou música dele novamente'
- (115) s-otawak Ø-ma'a Tupari Ø-otawak Ø-ma'a
R²-música R¹-falar Tupari R¹-música R¹-falar
'falou música para ele, falou música para Tupari'
- (116) tama irion y-oniarõ'om Tuaparit puop'om
tama irion R²-responder-NEG Tupari-DET saber-NEG
'ele cantou *tama irion*, mas Tupari não sabiam responder'
- (117) *tama irion* kat-ka-p
tama irion silenciar-VRBL-NNC
'ele cantou novamente *tama irion* e silenciou'
- (118) kope-re otere *tama irion* hamarõ
boliviano-ABL acima *tama irion* outro.lado

te-tom'ẽ-ka tet pe
3CORR-ficar.em.pé-VRBL ir SUCS
'foi para o outro lado e ficou em pé acima dos bolivianos'
- (119) *tama irion* keeee
tama irion assim
- (120) upek-ear-et upek-eat otere na
pato-COL-DET pato-COL acima EST

tomẽka tet na-m kut
 ficar.em.pe ir fazer-NNC T.IM

tama iriron

tama iriron

‘ele foi acima do povo pato ficou em pé e cantou *tama iriron*’

- (121) here kut otawak-et memo’aŋ-sira-p upek-ear-et
 aí T.IM música-DET responder-RSLT-NNC pato-COL-DET

tama iriron key’eroa-re *tama iriron* *tama iriron*

tama iriron enquanto-ABL *tama iriron* *tama iriron*

‘aí antigamenteo povo pato continuaram a música *tama iriron* *tama iriron*

- (122) *tama iriron*
tama iriron
tama iriron oeya oey’aron
tama iriron oeya oey’aron
tama iriron oey’aron
tama iriron oey’aron
 oey’a ioey’aron *tama iriron*
 oey’a ioey’aron *tama iriron*
tama iriron
tama iriron

- (123) ke-psirap kut upoek-ear-et
 AUX- N.AT.PL-NNC T.IM povo.pato-COL-DET
 ‘foi assim antigamente’

- (124) e::: poar e poar e
 ideofone (isso)bom isso bom isso
- te-y-kot'oi-re ke Tupari-t
 3CORR-NNO-querer-ABL AUX Tuparí-DET'
- teu'a-pe k-ap oyẽ=wak ko-t wa i-ane
 chicha-INES beber-NNC boca-barulho AUX-PERF.IM ? R²-estar.PL
- otawak oyẽa-ro oẽre
 música silenciar-NNA
- 'vão precisar de música quando forem beber chicha porque não responderam' (quem falou foi o dono da música)

- (125) uap-et tât eut=eut-ki-a i-k-ap wak'om nã
 chicha-DET só beber-VRBL-ST R²-beber-NNC barulho-NEG EST
- otawak-'om nã
 música-NEG EST
- 'eles vão ficar só bebendo chicha, sem música'

- (126) uap-et tat ka te-ane-ro pe s-ap
 chicha-DET só AUX 3CORR-estar-NNA SUCS ir-NNC
- Tupari-t ke-pna-m kut katsiro'e
 Tuparí-DET disque-N.AT-NNC T.IM assim.dizem
- 'eles vão só beber chicha, sem barulho, assim dizem'

- (127) upek-ear-et otawag-et oyẽat-sira-p kut
 povo.pato-COL-DET música-DET responder-RSLT-NNC T.IM

‘o povo pato respondeu com música’

- (128) kaap’e otawag-et ke te-anam ia’e
 é.isso música-DET AUX 3CORR-dizem falavam
- ki-mãõra-erẽ ki-otawak Ø-ma’ã otawag-et Ø-ma’ã
 1INCL-sair-ABL 1INC-música R²-falar música-DET R²-falar

ke kut na na tet’e-pna-m kut
 AUX T.IM fazer.ST EST estar-N.AT-ST-NNC T.IM

‘após a nossa saída, nossa música foi falada, música falada, assim, antigamente’

(nessa parte entra Paopot, demiurgo que organizou o povo)

- (129) Pàopor-et, Paopot kur-e na nã tet’e-pnã kut
 Pàopor-et, Paopot T.IM-ABLfazer.ST EST AUX-N.AT T.IM
- ‘Pàopor-et, Paopot naquele tempo fez, naquele tempo’

- (130) to-a, Top’a Poret Top’a Pot
 ver-ST Top’a Poret Top’a Pot

ki-m-aorã here Atop’a Poret ki-m-éy’aor-ar-et
 1INCL-.-CAUS-sair-ST nome Atop’a Poret 1.INCL-CAUS-sair-NNC-DET

‘Top’a Poret Top’a Pot que nos fez sair (fazedor de nosso sair)’

- (131) (war-et sepoté na sesu-ap h-iat)
 2.INCL-DET diferente EST chamar-NNC R²-gostar
- (vocês chamam diferente – falando para Betty)

- (132) éroaré ote-re ma'a-m e Atop'a Pot ke-psira kuré:::
 agora 1EXCL-ABL falar-NNC ele Atop'a Pot REP-N.AT.PL antigamente
 'agora para o nosso falar ele é Atop'a Poret'
- (133) kaap pore ho'oet kir-et nerõẽ enã
 por isso esse-DET gente-DET assim estar.PL
 pe ho'oet kiret nerõẽ anã
 IDEOF.muitoseste-DET gente-DET hoje estar.PL
 'existem essas gentes'
- (134) pe ho'o-et hano-n pe
 IDEOF.muitos este-DET humano-DET SUCS
 'há muitos humanos depois disso'
- (135) ho'o-et tarupa kikiat osiko-m
 este-DET brancos em.cada canto- INST AL
 'há muitos brancos em cada canto do mundo'
- (136) há-m pe
 aqui-.INTR.AL SUCS
 'aqui'
- (137) ke nã i'ane ho'oet kir-et
 AUX fazer.ST estar.PL este-DET gente-DET
 'assim estão fazendo esta gente hoje'
- (138) kikiatapure-re kut tupari-t sirik=sirap ki-kiat
 canto meio-ABL T.IM. Tupari-DET foram=colocados 1INCL-céu

apure-re k-ap taropat pe ha-m taropa-t
 meio-ABL AUX-NNC branco-DET SUCS lá-AL.INTR branco-DET

‘Os Tuparí foram colocados no meio do meio do nosso céu, o branco lá longe

- (139) tsirika ha-m ki-kia-t osiko-m
 colocar.ST lá- INTR.AL 1INCL-céu-DET canto-INST.AL

hamno-ear-et he’e por-et
 humano-COL-DET esse bom-DET

‘ai foram colocados outros povos lá, longe do nosso canto do céu’

- (140) pe ho’o-et hamno-n
 SUCS este-DET humanos-DET

‘esses humanos’

- (141) pawaty-ear-et
 pessoas-desconhecidas-COL.DET

Wakoson-ear-et

Pawari-ear-et

Ajuruigat-ear-et

- (142) hamnõ-ear-et nã i’ane ke-p ke kut na
 humano-COL-DET EST estar.PL AUX-NNC AUX T.IM. EST

i’anem-sira

estar.PL-N.AT.PL.ST

‘assim estavam os povos antigamente’

(143) ka'ap'e na kiret pe tẽ-anan moket kir-et
 por isso EST gente SUCS 3CORR-existir antigamente gente-DET

te-ana s-aka-psira
 3CORR-estar R²-AUX-N.AT.PL.ST
 'por isso que existe gente antigamente'

(144) kurem kir-et te-oroa-oróa-ka á na
 hoje gente-DET 3CORR-estar -estares-VRBL AUX EST

i'ane te-were kipe te-were
 estar.PL 3CORR-acabar agora 3CORR-acabar

kiat a e pat'na
 em.cima AUX esse no.lugar

'eles se acabaram, já morreram eles (estão aumentando) no lugar daqueles que morreram'

(145) ke kut i'ane-msira ki-pot-eat-ear-et te-y'aora
 AUX T.IM R²-estar-RSLT-ST 1INCL-antigo-COL-COL-DET 3CORR-sair.PL

'assim antigamente fizeram nossos antepassados sair'

(146) here kut kire=papoa-t nã tet erokarat epat
 então T.IM gente=futura-DET EST ir prospectivo FUT

'assim antigamente a futura gente bonita

(147) te-'atkar-a tet na-m kut te-marã-re Ø-ar.a
 3CORR-afundar-ST ir estar-NNC T.IM 3CORR-peneira-ABL R¹-pegar.ST

'foi afundando para pegar peneira dela'

- (148) here kut na posir-ara te-atea poka-et Ø-õrõm
 assim T.IM EST pesado-pegar 3CORR-estar.ST porta-DET R¹-COLOCAR

na-m kut
 fazer-NNC T.IM

‘aí eles voltaram a colocar a porta no lugar porque estava pesando’

- (149) poka-et ki'wat o-poka-et kiwat o-war-a
 porta-DET abrir 1-porta-DET abrir 1-sair-ST

ko 'on o-pokaet
 AUX.INT 1 1-porta-DET

kiwat ke nã tet'e-p n-am kut
 abrir falar estar ir-NNC fazer-NNC T.IM

‘abre a porta, abre-me a porta para que eu saia, abre a porta’

- (150) te-ma'ẽ-reman te-ro nã uro-m
 3CORR-falar-CONT 3CORR-voltar EST lá.longe-AL.INTR

‘ela voltou falando lá pra dentro’

- (151) wat koto'i-re

2PL POR.-CAUSA.DE

‘por -CAUSA de vocês (os dois irmãos)’

- (152) poroaykarap-na wat-eane wat,
 preconceituoso-TRANS 2PL-estar.PL 2PL,

õ-en kire=papoa-re

1-DET gente=corpo.bonito-ABL

‘vocês serão xingados (chamados de feios), eu que seria a beleza humana (mas eles não a deixaram sair de dentro do buraco, e por isso ela falou essas coisas lá de dentro)’

(153) o-teroat-ka-t sit-na neko 'on topsinaem
1-ser-VBLZ-NNG mãe-TRANS NEG 1 ainda.bem

‘eu não quero ser a mãe de gente preconceituosa (ainda bem que não saí, senão as jovens seriam convencidas de que eram belas)’

(154) oteroe ke-pna-m ku-re katsiro'e
ser.PL dizer-A.T-NNC T.IM.naquele tempo assim.dizem

kire=papoa-t apsît te-at kar-a ter-a ãrom
gente bonito-DET muda 3CORR-AUX cair-ST ir-ST lá-INST.AL

‘muda de gente bonita foi afundando para lá (dentro do buraco)’

(155) te-mãrare Ø-ar-a tet'pe üü pot eana
3CORR-peneira R¹-pegar-ST depois.que IDEOF antigo estar.PL

apsió i-a e na i'ane ka'ap pot-na na
história COND ESSE EST estar.PL história antigo-TRANS EST

i'ane estória-t

estar.pl história-DET

‘a moça voltou para buscar peneira no buraco da caverna (lembrou da peneira), demorou, os dois não aguentaram e soltaram a pedra. Aí disque ela pediu para sair’. É a história antiga’

(156) Risos poare

bom isso

‘pronto, tá bom’

APÊNDICE 3 – CRONOLOGIA DOS FATOS RELEVANTES DA HISTÓRIA DOS TUPARÍ ATÉ A DÉCADA DE 1990

Final do século XIX

Seringalistas Bolivianos fundaram o seringal Pernambuco, à foz do rio Colorado. Segundo Caspar (2015, p.3)

[...] no ano de 1914, Fawcett penetrou, junto com alguns acompanhantes recrutados num seringal criado há pouco no *Rio Colorado*, em terras indígenas desconhecidas. Ele visitou uma tribo denominada por ele *Mashubi*, e ouviu falar de diversas outras tribos as quais conforme suas estimativas somavam milhares de pessoas.” o autor comenta que esse povo desconhecido pode ter sido os vizinhos dos Tuparí, povo Arikapú.

Leonel Junior (1984a) relata a criação de um seringal próximo ao rio Guaporé em 1910. Em 1912 um alemão abriu outro seringal no rio Colorado. Em 1927 a empresa norte-americana Guaporé Rubber Company abriu outro seringal em Paulo Saldanha. Mais tarde, instalou-se com a colaboração de ex-funcionário do SPI, um seringal no São Luis.

1920 – 1930

Ocupação do rio Colorado e Branco, com a instalação de vários “barracões”. Incorporação à força de trabalho dos Makuráp, Wayoró, Jabuti, Arikapú e Aruá

Um dia soubemos pelos nossos amigos, terem chegado homens estranhos pelo rio. Uns tinham pele branca, outros pelas pretas e não andavam nus como nós, mas traziam calças e camisas. Navegavam pelo rio em barcos grandes que lançavam uma fumaça monstruosa. Não caçavam com arco e flecha, mas atiravam com um canudo que fazia um estrondo forte, lançando carocinhos duros no corpo dos bichos. Esses homens falavam uma língua que ninguém compreendia. (p.146)

1920

Antes da invasão da região dos rios Colorado e Branco pelos seringueiros, ou seja, à época antes do ano 1920 existiram dezesseis malocas ou casas comunais. Contando-se com uma média de 120 moradores por maloca, isto daria um total de aproximadamente 2000 pessoas (Relatos de informante à Snethlage, conforme Caspar (2015. p.7)

Logo chegaram até as malocas dos Makuráp, não eram maus, pelo contrário, deram aos Makuráp, muitos colares, espelhos, facas e machados.

[...] Depois foram e construíram a sua choça, à beira do rio, e foram procurar as árvores chamadas por nós de “herub” com o suco fazemos bolas para jogar.

[...]os homens brancos não fazem brinquedo com o suco do “herub”, mas grandes bolões que levam rio abaixo em seus barcos.

[...]Vimos os machados e facas que os Makuráp, receberam dos estrangeiros. Estes eram muito mais duros do que os nossos e pedra, com os quais trabalhávamos e não se quebravam com o uso. As facas também eram muito melhores só que as nossas de bambu e talo de cana com que cortávamos carne e as penas das setas. (p.146)

Queríamos também ter machados e facas, mas também medo dos estranhos. Os velhos diziam não serem estes gente, mas “Tarupá” maus espíritos, portadores da doença que mata as pessoas. (p. 147)

1928

Primeiro contato com os Tuparí (MALDI, 1991)

Por fim os estrangeiros vieram até aqui, chegaram dois homens brancos às nossas malocas. Chamavam-se Cravo e Awichi. Foram trazidos por Bipey, cacique Makuáp. Muitos Arikapú carregavam as bagagens, Ainda não havíamos visto um Tarupá e nos assustamos muito. Agarramos nossos arcos e flechas e as mulheres fugiram com as crianças para a mata, ou se esconderam na choça, gritando e chorando. (p.147)

Quando cravo este entre nós, tossia muito e punha uma mucosidade pelo nariz. Nossos homens, mulheres e crianças sentiam dores de cabeça e no peito. Muitos Tuparí morreram, também muitos capitães e pajés. Assim ficamos com medo e não queríamos mais ir trabalhar com os brancos, mas desejávamos possuir mais machados e facas (p.148)

1930

Por volta de 1930, a “Guaporé Rubber Co.” veio à falência e o barracão Paulo Saldanha foi abandonado. O preço da borracha havia baixado drasticamente (CASPAR, 2015)

1930

Intensificação do contato, principalmente no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando a demanda por borracha aumentou O contato atingiu, principalmente, os povos que habitavam os territórios situados entre os afluentes da margem esquerda do médio Guaporé na parte alta do Rio Mequéns, Colorado, São Simão, Branco e São Miguel (MALDI, 1991).

1934

Em uma visita de Snethlage aos Tuparí, encontrou uma população de 250 pessoas. Segue a narração de Waitó a Caspar.

Quando já tinha me casado e já tinha minha filha Mareóca já estava no mundo, apareceu aqui um outro Tarupá, foi o Toto Alemão” (o Dr. Alemão era o Dr. E. Heinrich Snethlage). Veio com muitos homens Jabuti, Arikapú e Wayoró e com mais Tarupá. Um deles era negro e se chamava Nicolau. O Toto Alemão trouxe

muitos presentes: facas, machados, pentes, colares, roupas e outras coisas mais. Era um homem bom, muito grande, maior do que você e do que todos daqui. O negro Nicolau ria e dançava muito com nossas mulheres e nos deu contas de vidro. Porém, o Toto Alemão estava doente. Tossia muito. Nossas mulheres começaram a tossir e muitas morreram. (p.148)

1937

Leonel Júnior (1984b) considera como ano do início do abandono dos povos do SPI, cuja responsabilidade governamental só iria ser retomada pela FUNAI em 1980.

Barracão São Luiz responsável pelo intenso contato com os indígenas da região. Trecho narrado por Waitó.

[...]Mais tarde voltamos, outra vez, aos brancos. Regino sempre nos dava de tudo que precisávamos. Ele é muito bom Rivedo também é bom, quando meu irmão pegou a tosse em São Luis e morreu ele me deu um terçado. (p. 148)

[...] Já fui cinco vezes aos Tarupá para ganhar um machado ou faca. Uma vez o Regino veio aqui e nos levou para trabalhar, O negro Pedro também veio com Severino, quando já. morávamos aqui mesmo, ficaram aqui não eram bons. Levaram-nos para trabalhar em São Luiz, dizendo que nos dariam machados, facas, camisa e calças. Mas foi tudo mentira.

1940

O governador do Território do Guaporé estimulou a transferências dos índios do Ji-Paraná para o Guaporé, visando cumprir a mão de obra perdida em decorrência das epidemias. Muitos morreram nesta transferência (MALDI, 1991).

1940-1960

Dispersão dos índios pelos seringais (CSPAR, 2015; LEONEL JUNIOR,1984b).

1943

Getúlio Vargas cria o Território do Guaporé, conforme o Decreto-lei nº 5812/43.

1946

Criação da 9ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção ao Índios (LEONEL JUNIOR, 1984b)

1948

Visita do jornalista iugoslavo Tibor *Sekelj* aos Tupari e aos remanescentes de outros povos. (CASPARE,2015, p.4), trecho narrado por Waitó.

Na última estação da chuva, vieram Tiboro, sua mulher Maria e Rosa e Ricardo (o jornalista de Buenos Aires e seus companheiros) Cantavam, dançavam e bebiam também muita chicha, não tossiam. Estava bom. Tiboro e Maria levaram muita arcs e flechas redes e muitas outras coisas e não nos deram machados e facões. Isto não é bom. (p.148)

1948

Visita de Franz Caspar aos Tuparí. Caspar observou que os Tuparí mantinham contatos esporádicos com os Arikapú. Encontrou aproximadamente duzentos indivíduos Tuparí na aldeia Tuparí, conforme o diálogo abaixo entre Waitó e Caspar.

Agora veio você. Você também não tosse. Está bom. Você trabalha e caça muitos macacos e não é mau. Você vai ficar aqui e nunca mais irpa embora. Somos agora poucos Tuparí. Temos só duas choças, a minha e a de Kuarumé. Porém trabalhamos muito e temos muito milho, amendoim, inhame, cará para nós e para nossas mulheres e filhos. E bebemos muita chicha e cantamos e dançamos. Isto é bom. Aqui onde agora moramos não morre mais muita gente. (p.149)

1948

Caspar calculou pelo menos 3000 Tuparí antes do contato (Caspar, 2015)

1949

Os Tuparí passaram a visitar São Luis cada vez mais frequentemente e demoradamente. (CASPAR, 2015), Fala de Waitó.

[...] Os Tarupá dizem que devemos ir morar no São Luis. Mas isso não é bom pra nós. Queremos ir a São Luiz só quando quisermos machado e facas. Então trabalhamos para os Tarupá e voltamos, outra vez, para as nossas malocas. Assim está bom. (p.149)

1950

Intensificação do contato dos Tuparí nos Seringais (LEONEL, 1984b)

1952

Bispo católico de Guajará-Mirim, D, Rey, deu assistência médica aos Tuparí ao instalar uma missão religiosa em 1952 mas foi impotente diante do genocídio (LEONEL, 1984).

Figura 5 – Porto da aldeia São Luiz ao fundo, ao fundo cruz da missão católica.



Foto: Fonseca, 2010.

1952

A remuneração nos seringais melhorou devido à nova administração da FUNAI e pressão de missão católica. (CASPAR, 2015)

1953

No final desse ano, os Tuparí se deixaram convencer por dois mensageiros enviados pela administração do barracão a abandonar as malocas situadas no seu território tradicional e a transladar-se para São Luís, com a notícia de que soldados maus estavam prestes a atacar suas malocas, com seus cães farejadores (CASPAR, 2015)

1953-1954

Praticamente toda população trabalhos nos seringais (LEONEL JUNIOR, 1984b)

1954

Epidemia de sarampo, fuga dos Tuparí para maloca, restou apenas uma (Caspar, 2015)

1955

Chegada de Caspar no Seringal São Luiz, ao chegar nas malocas Tuparí só restavam 66 pessoas (Caspar, 2015)

1956

O território de Guaporé parra a chamar Território de Rondônia, conf. Lei Ordinária nº 2731, de 17 de fevereiro de 1956. Nome Rondônia foi em homenagem ao sertanista Marechal Cândido Rondon(1865-1958).

1970

Por volta de 1970 foi reativado o PIRF, abrigando indígenas foragidos de Rio Branco além dos remanescentes do Ricardo Franco.

1973

João Rivoredo vende os seringais do Rio Branco ao Sr. Milton Santos- conhecido pelos massacres a aldeias Pacaás Novos.

Os índios contam, literalmente, que: O finado Rivoredo, do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) vendeu há mais de dez anos, o seringal e os índios a Milton Santos, que deveria então tomar conta da gente (LEONEL JUNIOR, 1984b, p.208)

1977

Demarcação da TIRF, segundo Leonel Júnior(1984a) deixando uma área se 28 mil hectares fora da demarcação.

1979

Milton Santos visita a sede do seringal, por algumas horas, foi a única vez que foi ao seringal.

1984

Leonel Júnior (1984a) aponta a necessidade de revisão e de um estudo antropológico a fim de garantir aos índios suas Terras.

1980

O Administrados Edgar Halaia passou a impedir que os índios abrissem suas roças na parte norte da reserva, por medo de que as roças impedissem o processo de reintegração que estava correndo na justiça. (LEONEL JUNIOR, 1984b)

1980

A Funai recontata os indígenas do Rio Branco, contando 187 indígenas na PIRB, sendo que 86 deles semiescravos pelo seringalista Milton Santos, na aldeia Moro Pelado e no Igarapé Colorado (LEONEL JUNIOR, 1984b)

Trabalho de demarcação da Terra Indígena Rio Branco

Com o reaparecimento da FUNAI no Rio Branco, foi criada uma cantina de apoio a extração de borracha a partir de dotação orçamentária de CR\$: 950.000,00 (novecentos e cinquenta mil cruzeiros). A cantina foi importante para que parte dos indígenas que atuavam nos barracões viessem para a FUNAI. Intensificam as ameaças de morte aos indígenas e contra o estímulo dado a Funai com relação as roças. (LEONEL JUNIOR, 1984b, p.206)

1981

A FUNAI ordenou a transferência dos Indígenas que viviam no palhal, mas eles não aceitaram, mesmo assim a Terra foi demarcada e a aldeia ficou fora da área demarcada.

1982

O território de Rondônia passa a categoria de Estado.

1982-1983

Processo de demarcação da Terra Indígena Rio Branco. (LEONEL JUNIOR, 1984b)

1982

A FUNAI, por portaria delimita área, assume medidas jurídicas contra o seringalista, fazendeiros e invasores.

1982

Criação da Reserva Biológica do Guaporé, com área aproximada de 600.000 há.

1983

Milton Santos retirou do PIRB cerca de 31 toneladas de borracha, pelo menos US\$ 45 mil dólares e uma quantia próxima de castanha.

1983

A FUNAI estimula duas roças comunitárias com o objetivo de venda do excedente, em São Luis e no Cajuí.

1984

Tentativa de promover a escola de forma fracassada. Os professores que são contratados não conseguem conviver com o isolamento, com a distância e com o abandono. (LEONEL JUNIOR,1984-b)

1985

Os Tuparí expulsam os últimos seringueiros da Terra Indígena Rio Branco.

1986

É homologada a Terra Indígena Rio Branco pelo Decreto Lei nº93074 de 06/08/1986, Poder Executivo Federal (D.O.U 07/08/1986)

1990

Instalação de PCHs (FONSECA, 2011)

1996

O impacto das PCHs no rio Branco. (FONSECA, 2011)

Os Tuparí viveram toda a espécie de violência, assim como os outros povos que viviam na região do que é hoje a Terra Indígena Rio Branco. Como vimos muitos povos que viviam na região do Rio Branco foram transferidos para o que é hoje a Terra Indígena Rio Guaporé (aldeia Ricardo Franco), Leonel Júnior (1984b), menciona também fugas dos indígenas fugindo das ameaças dos seringalistas. na aldeia Ricardo Franco. Por este motivo a configuração das etnias dessas duas Terras Indígenas são bem parecidas. São as etnias Tuparí, Djeromitxi, Makuráp, Aruá, Ajurú (Wajuru), Arikapu, Kampé, Sakirabiat, Djahoi.

APÊNDICE 4 – OS TUPARÍ E O ESTUDO DE SUA LÍNGUA

No ano de 2018, o professor Isaías Tuparí apresentou no I Encontro de Linguistas Indígenas do Brasil um trabalho onde ele descrevia sua trajetória de formação e o seu esforço em estudar sua língua. Percebemos que a história de sua formação segue paralelamente à constituição da escrita da língua Tuparí. Assim, com sua autorização, ampliamos sua fala e construímos uma cronologia que estamos chamando de “História da Construção da Escrita Tuparí”, que passamos a apresentar.

1992 – A convite do professor Valdemar Ferreira Neto, Isaías T. Tuparí e Nicolau Tuparí tiveram contato pela primeira vez com questões teóricas a respeito de sua língua. Nesse encontro, conheceram Poliana Maria Alves, que iniciava o trabalho com a língua Tuparí. Nesse momento, serviram de informante para os pesquisadores no estudo da língua.

1993 – O estudo da língua Tuparí foi retomado no curso de formação promovido pelo Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMA), com assessoria da professora Lucy Seki, da UNICAMP. Nesse curso os professores foram introduzidos ao estudo da fonética e fonologia de sua língua e surgiu a primeira proposta de ortografia da língua Tuparí.

1994 – Isaías Tuparí participou de um trabalho de campo na Universidade de Brasília, em função da pesquisa de mestrado de Poliana Maria Alves, como informantes da língua. Isaías afirma que essas discussões contribuíram muito para que aos poucos fosse compreendendo que, “além da fala, a língua tinha uma estrutura”.

1998 – Isaías T. Tuparí e Raul P. Tuparí participaram de um curso de linguística para indígenas na UNICAMP

Depois que Raul entrou que a gente começou novamente fazer o estudo juntamente com a Lucy Seki, aí a gente foi aprofundando mais o estudo. Em 1998 que fomos convidados para participar de formação dos professores em Linguístico para Indígena. Curso de professores indígenas que foi promovido pelo UNICAMP. Então nós ficamos lá em vinte dias mais o menos fazendo esse estudo, depois a gente foi melhorando a escrita, conhecendo mais, aí nós já definimos. (PAT AWRE, 2015, p.86)

2000 – Rosângela das Dores Reis coordenou o projeto “IU’UT’E” com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a língua, com a participação de professores e alunos Tuparí em uma perspectiva formativa. Este trabalho resultou em um material intitulado *Tupari em?ẽ*, produzido com empenho particular de Lucy Seki e publicado em parceria com a FUNAI. Também contribuiu para consolidar a ortografia da língua que vinha sendo construída.

Houve também cursos promovido pela JOCUM, que atuava na Terra Indígena Rio Branco. Deram prosseguimento ao trabalho linguístico com essa Instituição, opção dos próprios indígenas que estavam já iniciados no estudo de sua língua.

2002 – A professora Poliana Alves realiza um trabalho de campo na Terra Indígena Rio Branco para sua pesquisa de doutorado, que resultou em uma proposta de dicionário com 1.372 verbetes. Alves defendeu seu doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP, no ano de 2004, tendo como orientadora a prof. Dra. Professora Maria Tereza Biderman e como coorientador prof. Dr. Aryon Dall'igna Rodrigues.

2003 – É publicado o primeiro livro de alfabetização para subsidiar os trabalhos dos professores Tuparí “*Tupari em?ẽ*”, resultado da oficina do ano 2000.

1998 a 2004 – Os professores participaram do projeto Açai da SEDUC -RO. Apesar da importância do curso para a formação dos professores indígenas, não houve um trabalho específico com a língua Tuparí, apenas uma formação mais geral. De toda forma contribuiu para uma maior autonomia dos professores e a compreensão de que o fortalecimento da língua fortalece a cultura e vice-versa.

2005 – Participaram da formação continuada promovida pela SEDUC, que aconteceu nas aldeias. Essa formação não foi especificamente para estudar a língua Tuparí, mas contribuiu para pensar metodologias de ensino de primeira e segunda língua.

2009 – Os professores Isaias Tarimã Tuparí, Raul Pat'Awre Tuparí e a professora Alessandra Makuráp ingressaram no curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia.

2010 – Os professores Isaias e Raul procuraram a coordenação do curso trazendo a demanda de um trabalho mais específico para os professores da TIRB, mais especificamente para os professores Tuparí aprofundarem o estudo de sua língua. A principal preocupação dos professores era a de que a maioria dos professores ainda não dominava a escrita da língua e ainda havia entre eles muitas dúvidas com relação à ortografia.

Em virtude dessa solicitação, no ano de 2009 foi submetido o projeto de Extensão LEITURA E ESCRITA EM TUPARI – Formação de Professores Indígenas da Área Indígena Rio Branco. O Projeto foi desenvolvido no ano de 2010. Esse trabalho continuou no ano de 2011, com ações com grupos menores para correção dos textos, mais ainda havia muitas dúvidas com relação à ortografia.

2011– Realização de mais uma oficina de quatro dias para continuar o estudo da língua, desta vez com assessoria da professora linguista, especialista em línguas Tupí, Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral da Universidade de Brasília. Alguns problemas com relação a ortografia foram sendo discutidos e normatizados com a participação de quase todos os professores da Terra Indígena Rio Branco.

2012 – Participação de Isaias e Raul em uma oficina linguística de 1 semana, na Universidade de Brasília, com a presença da professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e do professor Aryon D. Rodrigues. Foram debatidos vários pontos da gramática Tuparí. A oficina foi muito importante para aprofundar o estudo sobre a língua.(TUPARI, 2015)

2013 – Aprovado mais um projeto de extensão universitária, por meio do Programa de Extensão Universitária – PROEXT, Coordenado Institucionalmente por mim e pelos professores Raul e Isaiás fazendo parte da equipe de coordenação. O objetivo do projeto foi o fortalecimento das línguas da Terra Indígena Rio Branco e Rio Guaporé. As atividades foram realizadas na Terra Indígena Rio Guaporé. Foram realizadas atividades com os Tuparí, Makuráp e também com Aruá e Jabuti que participaram da oficina. Depois dessa oficina realizou-se outras atividades com os professores do Rio Branco.

2013 – Raul Pat’Awre foi agraciado com o Prêmio Cultura Indígena, pelo trabalho desenvolvido com a Língua Tuparí, com projeto assessorado por Edineia Aparecida Isidoro.

2014 a 2015 – Foram realizadas oficinas da Ação Saberes Indígenas na Escola, uma delas na aldeia Colorado, com a participação de todos os professores da Terra Indígena. O grupo Tuparí iniciou a correção do dicionário, proposto por Alves (2004). Foram corrigidos mais ou menos metade do texto. Também com contribuições para o estudo da língua Tuparí, com assessoria do professor Quesler Fagundes Camargos, Fábio Pereira Couto e Edineia Aparecida Isidoro.

2015 – Os Tuparí solicitaram a contribuição do Linguista Adam Roth Singerman como retorno da sua pesquisa de doutorado para a produção de um material didático para as escolas, que consistiu na revisão da cartilha organizada sob a assessoria da profa. Dra. Luci Seki, resultado do projeto “IU’UT’E”, coordenado por Rosângela das Dores Reis nos anos 2000.

2015 e 2018 – Realização de várias oficinas e trabalhos de correção de textos que resultaram em alguns materiais para escola já publicados e outros em processo publicação. Nessas oficinas foram desenvolvidos trabalhos que contribuíram para que pudessemos aprender mais sobre a língua Tuparí.

2016 – Reunião em Alta Floresta do Oeste para corrigir os textos produzidos nas oficinas. Tivemos mais dois encontros com o mesmo objetivo. À medida que corrigíamos os textos, as dúvidas sobre a escrita eram discutidas e analisadas, adquirindo assim mais propriedade sobre a escrita.

2017 – Oficina de Revisão de texto e produção de material didático.

2018 – Realização de oficina com os professores Tuparí, na aldeia Serrinha. Nesta oficina, aprofundou-se o estudo da gramática, incluindo aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe, as discussões tiveram como interface a educação e o ensino da língua Tuparí nas escolas.

2019 – Oficina de tradução.

Todas as atividades contribuíram para as definições da ortografia e o aprendizado da língua Tuparí, além da produção de materiais para a escola.